

Autora do best-seller *Se Eu Ficar*

GAYLE FORMAN

Tudo pode acontecer em...

Apenas um Dia



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

sumário

[Capa](#)

[Sumário](#)

[Folha de Rosto](#)

[Folha de Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Epígrafe](#)

[parte um](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

parte dois

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[agradecimientos](#)

[notas](#)

GAYLE FORMAN

Apenas um Dia

Tradução
Ana Paula Doherty



Copyright © 2013 by Gayle Forman
Copyright © 2014 Editora Novo Conceito
Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, ou qualquer outro tipo de sistema de armazenamento e transmissão de informação sem autorização por escrito da Editora.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Versão digital — 2014

Produção editorial:
Equipe Novo Conceito

Este livro segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Forman, Gayle

Apenas um dia / Gayle Forman ; tradução Ana Paula Doherty. -- 1. ed. -- Ribeirão Preto, SP : Novo Conceito Editora, 2014.

Título original: Just one day.

ISBN 978-85-8163-484-5

1. Ficção norte-americana I. Título.

14-08690 | CDD-813

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura norte-americana 813



Rua Dr. Hugo Fortes, 1.885 — Parque Industrial Lagoinha

14095-260 — Ribeirão Preto — SP

www.grupoeditorialnovoconceito.com.br

Para Tamar, minha irmã, companheira de
viagem e amiga — que, por acaso, se casou com
um holandês.

O mundo inteiro é um palco, e todos os homens e mulheres, meros atores. Eles saem de cena e entram em cena, e cada um, a seu tempo, representa vários papéis.

COMO GOSTAIS, *William Shakespeare*

parte um 

UM DIA

1 

agosto

Stratford-upon-Avon, Inglaterra

E se Shakespeare entendeu tudo errado?

Ser ou não ser, eis a questão. Isso é de *Hamlet*, talvez o monólogo mais famoso de Shakespeare. Tive que decorar todo o discurso no primeiro ano de inglês do ensino médio, e até hoje consigo me lembrar de cada palavra. Na época, não pensei muito sobre o assunto. Só queria decorar direito todas as palavras e tirar meu A. Mas, e se Shakespeare, e Hamlet, estivessem fazendo a pergunta errada? E se a verdadeira pergunta não se referir a *ser*, mas a *como ser*?

O problema é que eu não sei se teria feito esse questionamento — *como ser* — se não fosse por *Hamlet*. Talvez tivesse continuado a ser a Allyson Healey que sempre fui. Fazendo o que era esperado, o que, neste caso, era assistir a *Hamlet*.

— Meu Deus, está muito calor. Achei que nunca ficasse tão quente assim na Inglaterra. — Minha amiga Melanie prende o cabelo louro num coque e abana o pescoço suado. — Por falar nisso, a que horas eles abrem as portas?

Olhei para a Sra. Foley, a quem, pelas costas, Melanie e basicamente todo o restante do grupo batizaram de Nossa Líder Destemida, mas ela estava conversando com Todd, um dos formandos de história que ajudavam a liderar a viagem, provavelmente lhe dando uma bronca por um motivo ou outro. No Teen Tours! A brochura da Extravaganza Cultural que meus pais me deram de presente por ocasião da minha formatura no ensino

médio, dois meses atrás, chamava os estudantes como Todd de “consultores históricos” do Teen Tours! No entanto, até aquele momento, Todd tinha sido mais útil estimulando as ressacas, levando todo mundo para beber quase toda noite. Tenho certeza de que esta noite todo mundo vai se jogar. Afinal, esta é nossa última parada, Stratford-upon-Avon, uma cidade repleta de cultura! O que parece se traduzir num número desproporcional de pubs com nomes que homenageiam Shakespeare e frequentados por pessoas que usam tênis brancos chamativos.

Enquanto dá bronca em Todd, a Sra. Foley está usando seus próprios tênis brancos, assim como uma calça jeans azul impecavelmente passada e uma camiseta polo do Teen Tours! Às vezes, à noite, quando todos estão na rua, ela me diz que precisa ligar para a matriz para falar sobre ele. Contudo, parece que nunca coloca isso em prática. Acho que, em parte, é porque, quando o repreende, ele flerta. Mesmo com a Sra. Foley. Principalmente com a Sra. Foley.

— Acho que começa às sete horas — respondo a Melanie. Olho para o relógio, outro presente de formatura, de ouro maciço, a frase *Pelo Mundo* gravada na parte de trás. O relógio pesa muito no meu pulso suado. — Agora são seis e meia.

— Nossa, os ingleses adoram fazer fila. Deveriam ter aprendido com os italianos, que simplesmente se aglomeram. Ou talvez os italianos devessem ter aprendido com os ingleses. — Melanie puxa a minissaia, a saia Band-Aid, como ela diz, e ajeita a miniblusa. — Meu Deus, Roma. Parece que faz um ano.

Roma? Isso foi há seis dias? Ou há 16? Toda a Europa tinha se tornado uma mistura de aeroportos, ônibus, prédios antigos e menus executivos que serviam frango com vários tipos de molho diferentes. Quando meus pais me deram esta viagem como presente de formatura do ensino médio, fiquei um pouco relutante em ir. Mas mamãe me garantiu que havia pesquisado: o Teen Tours! era muito bem cotado, conhecido por seu alto comprometimento com a educação, assim como pelo cuidado com

os estudantes. Eu estaria em boas mãos. “Você nunca estará sozinha”, prometeram meus pais. E, claro, Melanie também viria.

E eles estavam certos. Sei que todo mundo detesta os olhos de águia da Sra. Foley, mas eu gosto da maneira como ela sempre faz a contagem do grupo, gosto até de como desaprova as incursões noturnas aos bares locais, ainda que, na Europa, a maioria de nós já seja legalmente autorizada a beber; não que alguém por aqui pareça dar a mínima para essas coisas.

Eu não frequento bares. Geralmente volto para o quarto de hotel que divido com Melanie e assisto a um filme. Quase sempre é possível encontrar filmes americanos, o mesmo tipo de filme a que, em casa, Melanie e eu geralmente assistimos juntas nos fins de semana, no meu quarto ou no dela, com muita pipoca.

— Estou torrando aqui — reclama Melanie. — E ainda estamos, tipo, no meio da tarde.

Olho para cima. O sol está quente e as nuvens passam depressa pelo céu. Gosto da maneira como elas passam, com nada em seu caminho. Pelo céu, pode-se ver que a Inglaterra é uma ilha.

— Pelo menos o céu não está desabando, como no dia em que chegamos aqui.

— Você tem uma presilha? — pergunta Melanie. — Não, claro que não. Aposto que está adorando seu cabelo agora.

Minha mão vai a minha nuca, ainda esquisita, estranhamente exposta. O Teen Tours! começou em Londres, e, na tarde do segundo dia, tivemos algumas horas livres para fazer compras, o que, imagino, deve ser considerado cultura. Durante esse tempo, Melanie me convenceu a cortar o cabelo bem curto. Era tudo parte do plano de reinvenção pré-faculdade, que ela havia me explicado durante o voo de vinda:

— Ninguém na faculdade saberá que éramos como robôs de processamento automático. Quer dizer, somos bonitas demais para sermos apenas geniazinhas, e, na faculdade, todo mundo é

inteligente. Então podemos ser legais e inteligentes. Uma coisa não vai mais excluir a outra.

Aparentemente, para Melanie, essa reinvenção significava o novo guarda-roupa curtíssimo com o qual queimou na Topshop metade do dinheiro que trouxe, e a abreviação do nome de Melanie para Mel, algo que nunca me lembro de fazer, independentemente de quantas vezes ela me chute por debaixo da mesa. Para mim, acho que a reinvenção significou o corte de cabelo que ela me convenceu a adotar.

Eu surtei quando me vi. Até onde consigo me lembrar, sempre tive cabelo comprido e preto, sem franja, e a garota olhando para mim no espelho do salão não se parecia nada comigo. Àquela altura, fazia apenas dois dias que tínhamos chegado, mas eu já estava com um buraco no estômago de tanta saudade. Queria estar de volta em casa, no meu quarto com as conhecidas paredes cor de pêssego e minha coleção de despertadores *vintage*. Perguntei-me como conseguiria sobreviver à faculdade se não conseguia sequer lidar com isso.

Mas me acostumei com o cabelo, e a saudade quase passou totalmente; mesmo que não tivesse passado, o tour está quase no fim. Amanhã quase todo mundo tomará o ônibus direto para o aeroporto e voará de volta para casa. Melanie e eu vamos pegar um trem até Londres para passar três dias com a prima dela. Melanie está falando em voltar ao salão onde fiz o meu corte para fazer uma mecha cor-de-rosa no cabelo dela, e vamos assistir a *Let it Be*, no West End. No domingo, iremos para casa e logo depois começaremos a faculdade: eu, perto de Boston; Melanie, em Nova York.

— Libertem Shakespeare!

Levanto os olhos. Um grupo de aproximadamente 12 pessoas está indo e voltando pela fila, distribuindo panfletos coloridos. De cara, dá para notar que não são americanos: sem tênis brancos reluzentes ou shorts estilo cargo. São todos absurdamente altos e

magros e, de certo modo, diferentes. É como se a própria estrutura óssea deles fosse diferente.

— Ah, vou querer um desses. — Melanie estende a mão e usa o panfleto para se abanar.

— O que diz aí? — pergunto a ela, olhando para o grupo. Aqui na turística Stratford-upon-Avon eles chamam a atenção como papoulas laranja fluorescentes num campo verde.

Uma garota com o tipo de mecha rosa que Melanie está querendo vem até nós.

— Shakespeare para o povo.

Dou uma olhada no encarte. Ele diz *Will Guerrilheiro. Shakespeare sem Fronteiras. Shakespeare Libertado. Shakespeare Grátis. Shakespeare para Todos.*

— Shakespeare de graça? — lê Melanie.

— É — responde a garota de cabelo cor-de-rosa e sotaque britânico.

— Sem lucro capitalista. Como Shakespeare gostaria que fosse.

— Você não acha que, na verdade, ele gostaria de vender ingressos para ganhar dinheiro com as peças de teatro? Não estou tentando bancar a esperta, mas me lembro do filme *Shakespeare Apaixonado* e de que ele sempre devia dinheiro para um e outro.

A garota revira os olhos, e eu começo a me sentir uma idiota. Olho para o chão. Uma sombra paira sobre mim, encobrindo momentaneamente o brilho do sol. E então ouço uma risada. Ergo os olhos. Não consigo ver a pessoa na minha frente porque ela está contra o sol, ainda brilhante naquela tarde. Mas consigo ouvi-lo.

— Acho que ela está certa — diz ele. — Ser um artista morto de fome talvez não seja tão romântico quando se está realmente morrendo de fome.

Pisco algumas vezes. Meus olhos se ajustam e vejo que o cara é alto, talvez uns 30 centímetros mais alto do que eu, e magro. O

cabelo dele tem centenas de tons de louro, e os olhos são tão castanhos que quase chegam a ser negros. Preciso colocar o pescoço para trás para conseguir olhá-lo, e ele abaixa a cabeça para poder olhar para mim.

— Mas Shakespeare está morto; não está recebendo direitos autorais lá no túmulo. E nós, nós estamos vivos. — Ele abre os braços, como se fosse abraçar o universo. — O que vocês vão ver?

— *Hamlet* — respondo.

— Ah, *Hamlet*. — O sotaque dele é muito leve, quase imperceptível. — Acho que uma noite como esta não se desperdiça com tragédias. — Ele olha para mim, como se fosse uma pergunta. Então sorri. — Ou em lugares fechados. Estamos fazendo *Noite de Reis*. Ao ar livre. — Ele me passa um panfleto.

— Vamos *pensar* no assunto — comenta Melanie com sua voz de perigete.

O cara levanta um ombro e inclina o pescoço na direção dele, a orelha quase tocando a omoplata angulosa.

— Como quiser — diz ele, apesar de estar olhando para mim.

Então, caminha alegremente para se juntar ao restante de sua trupe.

Melanie os observa ir embora.

— Uau! Por que eles não estão no Teen Tours! Extravaganza Cultural? Essa é uma cultura pela qual eu poderia me interessar.

Fico olhando eles se afastarem, sentindo um estranho puxão.

— Já vi *Hamlet* antes, sabe?

Melanie olha para mim, as sobrancelhas, que ela tirou demais até formarem uma linha fina, arqueadas.

— Eu também. Foi na TV, mas até aí...

— Poderíamos ir... assistir. Quer dizer, seria diferente. Uma experiência cultural, e foi por isso que nossos pais nos mandaram

neste tour.

Melanie ri.

— Olha só quem está se revelando uma ovelha negra! Mas e a Nossa Líder Destemida? Parece que está se preparando para fazer mais uma contagem.

— Bom, o calor estava realmente a incomodando... — começo.

Melanie olha para mim por um segundo, depois a ficha cai. Ela lambe os lábios, sorri e fica vesga.

— Ah, claro. Estou com insolação. — Ela se vira para Paula, que é do Maine e está concentradíssima lendo um guia da Fodor. — Paula, estou me sentindo muito tonta.

— Está quente demais — diz Paula, concordando, com simpatia. — Você deve se hidratar.

— Acho que vou desmaiar ou sei lá. Estou vendo pontinhos pretos.

— Não exagere — cochicho.

— É bom criar um clima — murmura Melanie, agora já gostando daquilo. — Ah, acho que vou desmaiar.

— Sra. Foley — chamo.

A Sra. Foley levanta os olhos dos nomes ticados de sua lista de chamada. Ela vem até nós, o rosto tão cheio de preocupação que me sinto mal por estar mentindo.

— Acho que Melanie, quer dizer, Mel está tendo uma insolação.

— É mesmo, pobrezinha? Não deve demorar muito mais agora. E dentro do teatro está fresco e agradável.

A Sra. Foley fala de um jeito híbrido, misturando o sotaque do meio oeste com o britânico, e todos fazem piadas sobre isso, pois acham arrogante. Eu, no entanto, acho que é só porque ela é de Michigan e passa muito tempo na Europa.

— Acho que vou vomitar — continua Melanie. — Odiaria fazer isso dentro do Swan Theatre.

O rosto da Sra. Foley se enruga de nojo, embora eu não saiba dizer se era pela ideia de Melanie colocar os bofes para fora dentro do Swan ou pelo uso da palavra “vomitar” tão perto da Royal Shakespeare Company.

— Ah, querida. Acho melhor acompanhá-la até o hotel.

— Eu posso levá-la — ofereço.

— Mesmo? Ah, não. Eu não poderia. Você deveria ver *Hamlet*.

— Não, tudo bem. Eu a levarei.

— Não! É minha responsabilidade levá-la. Eu simplesmente não poderia lhe passar um fardo como este.

Consigo perceber o conflito que ela está enfrentando consigo mesma através do rosto distorcido.

— Não tem problema, Senhora Foley. Já vi *Hamlet* antes, e o hotel fica logo depois da praça.

— Mesmo? Ah, isso seria fantástico. Acreditaria se dissesse que, em todos esses anos fazendo isso, nunca vi o *Hamlet* do Bardo interpretado pela RSC?

Melanie faz um pequeno grunhido para dar um efeito especial. Pego-a gentilmente pelo cotovelo. Sorrio para a Sra. Foley.

— Então, definitivamente, a senhora não deveria perder isso aqui.

Ela concorda com a cabeça solenemente, como se estivéssemos discutindo negócios importantes aqui, a linha de sucessão do trono ou algo do tipo. Então, ela toca minha mão.

— Tem sido um prazer tão grande viajar com você, Allyson. Vou sentir sua falta. Se os jovens de hoje fossem iguais a você. Tão... — Ela faz uma pausa momentânea, procurando a palavra certa. — Tão boazinha.

— Obrigada. — Agradeço automaticamente. Mas seu elogio me deixa vazia. Não sei se por essa ser a coisa mais legal que ela consegue pensar sobre mim, ou se por não estar sendo tão boazinha assim naquele momento.

— Boazinha uma ova! — Melanie ri assim que saímos da fila e ela pode parar de fazer cena.

— Fique quieta. Não gosto de fingir.

— Bem, você é muito boa nisso. Se me perguntasse, diria que pode ter uma carreira promissora.

— Não estou perguntando. E aí, onde é o lugar? — Olho para o panfleto. — Canal Basin? O que é isso?

Melanie pega seu telefone, que, diferentemente do meu, funciona na Europa, e abre o aplicativo de mapas.

— Parece ser uma baía perto do canal.

Alguns minutos depois, chegamos à beira da água. Parece carnaval, cheio de gente para lá e para cá. Há barcas amarradas ao lado da água, barcos diferentes vendendo de tudo, desde sorvetes até pinturas. A única coisa que não existe é qualquer tipo de teatro. Ou palco. Ou cadeiras. Ou atores. Olho para o panfleto de novo.

— Será que não é em cima da ponte? — pergunta Melanie.

Caminhamos de volta até a ponte medieval cheia de arcos, mas é só mais do mesmo: turistas como nós perambulando numa noite quente.

— Eles disseram que era hoje à noite? — pergunta Melanie.

Penso naquele cara, os olhos absurdamente escuros, dizendo especificamente que *esta noite* não era muito boa para tragédias. Mas, ao olhar em volta, não há nenhuma peça aqui, obviamente. Provavelmente era algum tipo de piada: engane o turista idiota.

— Vamos tomar um sorvete, assim a noite não vai ser totalmente desperdiçada — sugiro.

Estamos entrando na fila do sorvete quando ouvimos um zumbido de guitarras acústicas e o eco das batidas de bongô. Meus ouvidos se aguçam, meu sonar sintoniza. Fico em pé em cima de um banco para olhar em volta. Não que um palco tenha magicamente aparecido, mas o que acaba de se materializar é uma multidão, bem grande, embaixo de várias árvores.

— Acho que está começando — digo, agarrando a mão de Melanie.

— Mas e o sorvete? — reclama ela.

— Mais tarde — digo, puxando-a em direção à multidão.

“Se a música é o alimento do amor, continue tocando.”

O cara que interpreta o Duque Orsino não se parece nada com um ator shakespeariano, exceto talvez na versão cinematográfica de *Romeu e Julieta* com Leonardo DiCaprio. Ele é alto, negro, com *dreadlocks* no cabelo e vestido como uma estrela do rock cheia de glamour, calça justa de vinil, sapatos de bico fino e um tipo de camiseta de redinha que deixa entrever o peito torneado.

— Ah, com certeza fizemos a escolha certa — cochicha Melanie ao meu ouvido.

Conforme Orsino faz seu monólogo de abertura ao som das guitarras e dos bongôs, sinto um arrepio me subir pela espinha.

Assistimos ao primeiro ato inteiro, seguindo os atores pela beira da água. Quando eles andam, nós andamos junto, o que dá a sensação de que fazemos parte da peça. Talvez por isso seja tão diferente. Eu já vi Shakespeare antes. Produções escolares e algumas peças no Philadelphia Shakespeare Theatre. Mas sempre me senti ouvindo algo em uma língua que não entendia muito bem. Tinha que me forçar a prestar atenção e, na metade do tempo, acabava relendo o programa vez após outra, como se aquilo pudesse me dar uma compreensão mais profunda.

Desta vez, caiu a ficha. É como se meus ouvidos tivessem sintonizado com a língua esquisita e eu tivesse sido absorvida

totalmente pela história, do mesmo modo como quando vejo um filme e consigo senti-lo. Quando Orsino se consome de desejo pela fria Olívia, sinto aquele soco no estômago por todas as vezes que me apaixonei por caras para os quais eu era totalmente invisível. E, quando Viola chora pelo irmão, sinto a solidão dela. Quando ela se apaixona por Orsino, que pensa que ela é um homem, é de fato engraçado e ao mesmo tempo tocante.

Ele não aparece até o segundo ato. Ele faz o papel de Sebastian, o irmão gêmeo de Viola, que pensavam estar morto. O que faz certo sentido, pois, quando ele entra em cena, estou começando a pensar que ele nunca existiu, que foi apenas fruto da minha imaginação.

Ao correr pela grama, perseguido pelo sempre leal Antônio, nós todos o perseguimos. Um tempo depois, tomo coragem.

— Vamos chegar um pouco mais perto — digo a Melanie.

Ela agarra minha mão, e vamos até a frente da multidão, bem na parte em que o bobo da corte de Olívia vem atrás de Sebastian e eles discutem, antes de Sebastian mandá-lo embora. Um pouco antes de sair, ele parece cruzar o olhar com o meu por meio segundo.

À medida que a luz do dia quente vai suavemente se transformando num crepúsculo e eu vou ficando cada vez mais envolvida no mundo ilusório de Illyria, sinto-me como se tivesse entrado em algum estranho espaço de outro mundo, onde qualquer coisa pode acontecer, onde as identidades podem ser trocadas como sapatos. Onde os que pensávamos estar mortos podem viver de novo. Onde todos têm o seu “felizes para sempre”. Reconheço que é meio fora de moda, mas o ar está morno e gostoso, as árvores estão frondosas e exuberantes, os grilos estão cantando e parece que, só desta vez, é possível acontecer.

Rápido demais, a peça está chegando ao fim. Sebastian e Viola se unem novamente. Viola revela a Orsino que ela é na verdade uma garota e ele, obviamente, agora quer se casar com ela. Olívia

percebe que Sebastian não é a pessoa com quem pensou ter se casado, mas não se importa: ela o ama de qualquer maneira. Os músicos estão tocando quando o bobo da corte faz o monólogo final. E então os atores vêm ao palco e agradecem, cada um fazendo algo meio bobo durante o agradecimento. Um dá cambalhotas. Outro toca guitarra. Quando Sebastian agradece, passa os olhos pela plateia e para bem em cima de mim. Abre aquele sorrisinho amarelo engraçado, tira uma das moedas falsas do bolso e a joga para mim. Está bem escuro e a moeda é pequena, mas consigo pegá-la, e agora parece que as pessoas também batem palmas para mim.

Com a moeda na mão, aplaudo. Aplauzo até minhas mãos começarem a formigar. Aplauzo como se, fazendo isso, pudesse prolongar a noite, pudesse transformar a *Noite de Reis* num *Longo Reinado*. Aplauzo para poder me agarrar a esse sentimento. Aplauzo porque sei o que acontecerá quando eu parar. A mesma coisa que acontece quando termina um filme muito bom, no qual tenha me perdido: serei jogada de volta à minha própria realidade, e algo sombrio nascerá em meu peito. Às vezes assisto a um filme várias vezes só para recapturar aquele sentimento de estar dentro de algo real. O que, eu sei, não faz o menor sentido.

Mas não há recomeço esta noite. A multidão está se dispersando, os atores, indo embora. As únicas pessoas do espetáculo ainda ali são alguns músicos passando o chapéu para doações. Pego uma nota de dez libras na carteira.

Melanie e eu ficamos em silêncio juntas.

— Uau! — diz ela.

— É mesmo. Uau! — respondo.

— Isso foi muito legal. E olha que eu odeio Shakespeare.

Eu balanço a cabeça.

— E será que sou eu ou aquele cara lindo da fila, o que fez o papel de Sebastian, estava de olho em nós?

Nós? Mas ele jogou a moeda para *mim!* Ou por acaso fui eu que a peguei? Por que ele não estaria de olho em Melanie, com seu cabelo louro e seu top estilo camisola? Mel 2.0, como ela se chamava, tão mais atraente que Allyson 1.0.

— Não deu para ver — digo.

— E ele jogou moedas para nós! Mandou bem, por falar nisso. Talvez devêssemos tentar encontrá-los. Ficar um pouco com eles ou qualquer coisa do gênero.

— Eles já foram embora.

— Sim, mas aqueles caras ainda estão aqui. — Ela aponta para os coletores de dinheiro. — Podemos perguntar onde eles ficam.

Balanço a cabeça.

— Duvido que queiram passar o tempo deles com duas adolescentes americanas idiotas.

— Não somos idiotas, e a maioria deles não parecia ser muito mais velha que um adolescente.

— Não. Além disso, a Senhora Foley pode querer dar uma olhada em nós. Precisamos voltar para o hotel.

Melanie revira os olhos.

— Por que você sempre faz isso?

— Isso o quê?

— Diz não a tudo. É como se fosse avessa à aventura.

— Não digo não sempre.

— Nove em dez vezes. Estamos prestes a ir para a faculdade. Vamos viver um pouco.

— Eu vivo o suficiente — retruco. — Além do mais, isso nunca a incomodou antes.

Melanie e eu somos amigas desde que a família dela se mudou para duas casas depois da nossa no verão antes da segunda série.

Desde então, temos feito tudo juntas: perdemos nossos dentes juntas, ficamos menstruadas na mesma época, até nossos namoros vieram em parceria. Eu comecei a sair com Evan poucas semanas depois de ela ter começado a sair com Alex (que era o melhor amigo de Evan), ainda que ela e Alex tenham terminado o namoro em janeiro enquanto Evan e eu duramos até abril.

Passamos tanto tempo juntas que quase temos uma língua secreta de piadas e olhares confidenciais. Claro, já brigamos bastante. Às vezes éramos como irmãs. Uma vez quebramos um abajur durante uma briga. Mas nunca foi como agora. Eu nem mesmo tenho certeza do que está acontecendo; desde que começamos o tour, estar com Melanie me faz sentir como se eu estivesse perdendo uma corrida na qual nem sabia que havia entrado.

— Vim aqui esta noite — expliquei, minha voz trêmula e defensiva. — Menti para a Senhora Foley para que pudéssemos vir.

— Grande coisa! E nós nos divertimos muito! Então, por que não continuamos?

Chacoalho a cabeça.

Ela remexe dentro da bolsa e tira o telefone, checa as mensagens de texto.

— *Hamlet* também acabou de terminar. Craig diz que Todd levou a turma para um pub chamado Dirty Duck. Gosto do som desse nome. Venha com a gente. Vai ser ótimo!

O fato é que eu saí com Melanie e todo mundo do tour uma vez, quando fazia uma semana que estávamos viajando. A essa altura, eles já haviam saído algumas vezes. E, apesar de Melanie conhecer esses caras havia apenas uma semana, o mesmo tempo que eu os conhecia, ela tinha todas essas piadinhas secretas com eles que eu não entendia. Fiquei sentada em volta da mesa cheia de gente, tomando conta de uma bebida, me sentindo como uma criança azarada que tem que começar numa nova escola no meio do ano.

Olho para o meu relógio, que tinha escorregado até embaixo. Puxo-o de volta para cima, cobrindo a feia marca de nascença bem no meu pulso.

— São quase onze horas, e temos que acordar cedo para pegar nosso trem. Se você não se importar, vou levar meu eu avesso a aventuras de volta para o quarto. — Com a voz cheia de rancor, pareço minha mãe falando.

— Tudo bem. Vou andando até lá com você e depois vou para o pub.

— E se a Senhora Foley for dar uma olhada em nós?

Melanie ri.

— Diga a ela que tive uma insolação. E que agora não está mais tão quente. — Ela começa a subir a rampa de volta em direção à ponte. — O quê? Está esperando alguma coisa?

Olho na direção da água, as barcas agora se esvaziando da movimentação da noite. Os coletores de lixo lá fora, numerosos, trabalhando. O dia está terminando; não tem volta.

— Não. Não estou.

Nosso trem para Londres parte às oito e quinze, ideia de Melanie para termos o maior tempo possível para fazer compras. Mas, quando o alarme começa a tocar às seis, ela cobre a cabeça com o travesseiro.

— Vamos pegar um trem mais tarde — resmunga.

— Não. Já está tudo organizado. Você pode dormir no trem. De qualquer forma, prometeu estar lá embaixo às seis e meia para se despedir de todo mundo.

E eu prometi me despedir da Sra. Foley.

Arranco Melanie da cama e a enfio embaixo do que o hotel chama de chuveiro. Faço um café instantâneo para ela e falo rapidamente com minha mãe, que havia ficado acordada até uma hora da manhã, no horário da Pensilvânia, esperando a ligação. Às seis e meia, nos arrastamos até o andar de baixo. A Sra. Foley, com seu jeans e sua camiseta polo do Teen Tours! de sempre, cumprimenta Melanie com um aperto de mão. Depois, ela me enlaça num abraço duro, me dá seu cartão de visita e diz que não devo hesitar em ligar se precisar de alguma coisa enquanto estiver em Londres. O próximo tour dela começará no domingo, e ela também estará lá até então. Nisso, me conta que agendou um táxi para as sete e meia para levar Melanie e eu até a estação de trem, me pergunta de novo se haverá alguém nos esperando em Londres (sim, haverá), me diz outra vez que sou uma boa menina e me avisa para tomar cuidado com trombadinhas no metrô.

Deixo Melanie voltar para a cama por mais meia hora, o que corresponde a dizer que ela pula seu ritual de arrumação, e às sete e meia nos enfiamos no táxi que está nos esperando. Quando nosso

trem chega, carrego nossas malas para dentro e encontro duas poltronas vazias. Melanie se joga numa delas, próximo à janela.

— Me acorde quando chegarmos a Londres.

Olho fixamente para Melanie por um momento, mas ela já está toda acomodada, encostada à janela, fechando os olhos. Suspiro profundamente, acomodo a mochila embaixo dos pés dela e coloco meu cardigã sobre a poltrona para desestimular ladrões ou velhos libidinosos. Então, caminho até o vagão da cafeteria. Perdi o café da manhã do hotel, e agora meu estômago está roncando e minha testa está começando a latejar, principiando uma dor de cabeça de fome.

Apesar de a Europa ser a terra dos trens, não tomamos nenhum durante o tour, apenas aviões para as distâncias longas e ônibus para nos levar de um lugar para o outro. Ao andar pelos vagões, as portas automáticas se abrem com um ruído macio e agradável e o trem balança suavemente sob meus pés. Do lado de fora, a paisagem verde do campo passa rapidamente.

No vagão da cafeteria, analiso as poucas opções e acabo pedindo um sanduíche de queijo, um chá e as batatas fritas com sal e vinagre nas quais me viciiei. Pego uma latinha de Coca para Melanie. Coloco a refeição num daqueles suportes de papelão e estou prestes a voltar para minha poltrona quando uma das mesas perto da janela fica disponível. Hesito por um segundo. Devo voltar para ficar com Melanie. Mas ela está dormindo; e não está nem aí, então me sento à mesa e olho pela janela. O campo parece tão tipicamente inglês, tudo verde e organizado, separado com cercas vivas, as ovelhas peludas e macias, espelhando as nuvens sempre presentes no céu.

— Este é um café da manhã bem estranho.

Aquela voz. Depois de tê-la ouvido durante quatro atos na noite passada, reconheço-a de imediato.

Levanto os olhos, e ele está bem ali, com um tipo de meio sorriso preguiçoso que o faz parecer ter acordado naquele exato segundo.

— Estranho como? — pergunto. Deveria estar surpresa, mas, por alguma razão, não estou. Tenho que morder o lábio para não sorrir.

Mas ele não responde. Vai até o balcão e pede um café. Então, com a cabeça, faz um gesto em direção à minha mesa. Eu assinto.

— De muitas maneiras — ele diz, sentando-se à minha frente. — É como um expatriado com problemas de fuso horário.

Olho para meu sanduíche, meu chá e minhas fritas.

— Isto aqui é um expatriado com problemas de fuso horário? Como você tirou *essa* conclusão olhando para *isto*?

Ele assopra o café.

— Fácil. Para começar, ainda não são nove horas da manhã. Então, o chá faz sentido. Mas sanduíche e batatas fritas... Isso é comida de almoço. E não vou nem falar da Coca. — Ele dá um tapinha na lata. — Está vendo? O fuso horário está todo misturado. Seu café da manhã está com *jet lag*.

Tenho que rir.

— As rosquinhas pareciam horríveis. — Eu aponto para o balcão.

— Com certeza. É por isso que eu trago meu próprio café da manhã. — Ele enfia a mão na mochila e começa a tirar alguma coisa de um embrulho de papel-manteiga amassado.

— Espere, isso é suspeitamente parecido com um sanduíche — comento.

— Na verdade, não é. É pão e *hagelslag*.

— Hague o quê?

— *Hach-el-slach*. — Ele abre o sanduíche para eu ver. Dentro há manteiga e um chocolate em floquinhos.

— E você chama o meu café da manhã de estranho? Está comendo sobremesa no café da manhã.

— Na Holanda, isto é café da manhã. Bem típico. Isto ou *uitsmijter*, que é basicamente ovo frito com presunto.

— Não vai cair na prova, vai? Porque não consigo nem tentar dizer isso.

— *Out. Smy. Ter.* Podemos praticar mais tarde. Mas isso me leva a um segundo ponto. Seu café da manhã se parece com um expatriado. Vá em frente, coma. Posso falar enquanto você come.

— Obrigada. Fico feliz por saber que consegue fazer várias coisas ao mesmo tempo — digo. Depois rio. E é a coisa mais esquisita do mundo, pois tudo está acontecendo tão naturalmente. Na verdade, acho que estou paquerando no café da manhã. Sobre o café da manhã. — O que realmente você quer dizer com expatriado?

— Alguém que mora fora da sua terra natal. Sabe como é, tem um sanduíche. Tipicamente americano. E o chá, tipicamente inglês. Mas então tem as batatas fritas, ou chips, ou seja lá como você as chama, e elas se encaixam dos dois lados, mas estão com sal e vinagre, o que é muito inglês, mas você as está comendo no café da manhã, o que parece ser muito americano. E a Coca no café da manhã. Coca e batatas fritas; é isso o que comem no café da manhã nos Estados Unidos?

— Como você sabe que sou dos Estados Unidos? — desafio.

— Tirando o fato de estar com um grupo de turistas americanos e falar com sotaque americano? — Ele dá uma mordida no hague-sei-lá-o-quê e bebe mais café.

Mordo o lábio para me impedir de rir novamente.

— Certo. Tirando isso.

— Essas eram as únicas pistas, na verdade. Para ser sincero, você não parece tão americana assim.

— Mesmo? — Abro o saquinho de batatas fritas, e um bafo forte de vinagre artificial se espalha pelo ar. Ofereço uma. Ele não aceita e dá outra mordida no sanduíche. — E o que parece americano?

Ele dá de ombros.

— Loura — diz. — Peitões... — Ele imita seios grandes. — Traços delicados. — Ele passa as mãos na frente do rosto. — Bonita. Como a sua amiga.

— E eu não sou assim? — Não sei por que me dou ao trabalho de perguntar. Sei muito bem como sou. Cabelo escuro. Olhos escuros. Traços mais fortes. Sem curvas, sem muita coisa no departamento de peitos. Parte do plano vai por água abaixo. Aquilo tudo foi só para dourar a pílula para que ele pudesse dar em cima de Melanie?

— Não. — Ele me espia com aqueles olhos negros. Ontem eles pareciam tão negros, mas agora que estou perto posso ver que há neles todas as cores: cinza, marrom, até um leve dourado dançando na escuridão. — Sabe com quem você se parece? Louise Brooks.

Olho para ele sem entender.

— Não a conhece? A estrela dos filmes mudos?

Balanço a cabeça. Nunca me interessei por filmes mudos.

— Ela foi uma grande estrela nos anos vinte. Americana. Atriz fantástica.

— E não era loura. — Quero que saia como uma piada, mas não funciona.

Ele dá outra mordida no sanduíche. Um pequeno floquinho de chocolate está preso no canto de sua boca.

— Temos muitas louras na Holanda. Vejo louro quando olho no espelho. Louise Brooks era morena. Ela tinha aqueles olhos incrivelmente tristes, traços muito definidos e o cabelo igual ao seu. — Ele toca o próprio cabelo, tão emaranhado quanto na noite passada. — Você se parece tanto com ela. Eu deveria chamar você de Louise.

Louise. Gosto disso.

— Não, Louise, não. Lulu. Esse era o apelido dela.

Lulu. Gosto ainda mais.

Ele estica a mão.

— Oi, Lulu, sou Willem.

A mão dele é morna, e seu toque, firme.

— Prazer em conhecê-lo, Willem. Mas acho que posso chamá-lo de Sebastian, se é que vamos assumir novas identidades.

Quando ele ri, pequenas rugas se formam em volta dos olhos.

— Não. Prefiro Willem. Sebastian é meio, qual é a palavra... passivo, se pensar bem. Ele se casa com Olívia, que realmente quer ficar com a irmã dele. Isso acontece muito com Shakespeare. As mulheres vão atrás do que querem; os homens acabam engolidos pelas coisas.

— Não sei, não. Fiquei feliz quando todo mundo teve seu final feliz ontem à noite.

— Ah, é um conto de fadas legal, mas é isso que é. Um conto de fadas. Acho que Shakespeare tem a obrigação de dar um final feliz aos personagens de suas comédias porque é muito cruel nas tragédias. Quero dizer, *Hamlet*. Ou *Romeu e Julieta*. É quase sádico. — Ele balança a cabeça. — Sebastian é legal, só não toma muito as rédeas de seu próprio destino. Shakespeare dá esse privilégio a Viola.

— Então você é dono do seu próprio destino? — pergunto. Ouço a mim mesma e mal posso acreditar. Quando era pequena, costumava ir à pista de patinação de gelo. Na minha cabeça, sempre achei que poderia rodopiar e saltar, mas, quando estava em cima do gelo, mal podia manter as lâminas dos patins em linha reta. Quando fiquei mais velha, era assim que acontecia com as pessoas: na minha cabeça, sou inteligente e objetiva, mas o que sai sempre parece ser resignado e educado. Mesmo com Evan, meu namorado durante o primeiro e quase todo o último ano do ensino médio, nunca consegui ser de fato aquela pessoa que patinava,

rodopiava e pulava que eu imaginava ser. Mas hoje, pelo visto, consigo patinar.

— Não, longe disso. Vou para onde o vento me leva. — Ele faz uma pausa para reconsiderar. — Talvez essa seja uma boa razão para eu interpretar Sebastian.

— E para onde o vento está levando você agora? — pergunto, torcendo para que ele fique em Londres.

— De Londres, pego um trem de volta para a Holanda. Ontem foi o final da temporada para mim.

Eu murcho.

— Ah!

— Você já comeu seu sanduíche. Tome cuidado, eles colocam manteiga nos sanduíches de queijo daqui. Daquela falsa, eu acho.

— Eu sei. — Coloco de lado os tomates tristes e murchos e tiro o excesso de manteiga/margarina com o guardanapo.

— Seria melhor com maionese — diz Willem.

— Só se tiver peito de peru por cima.

— Não, queijo com maionese é muito bom.

— Isso parece nojento.

— Só se você nunca comeu o tipo certo de maionese. Ouvi dizer que a que vocês têm nos Estados Unidos não é a mais apropriada.

Rio tão alto que o chá sai num jato pelo meu nariz.

— O quê? — pergunta Willem. — O quê?

— A maionese mais apropriada — repito entre uma risada e outra. — Me faz pensar que há uma maionese ovelha negra da pá virada, vagabunda e ladra, e uma maionese boazinha, educada e que cruza as pernas, e meu problema é que eu nunca fui apresentada à certa.

— Isso está correto — ele concorda. E começa a rir também.

Estamos gargalhando quando Melanie entra arrastando os pés no vagão da cafeteria, carregando as coisas dela mais o meu suéter.

— Não conseguia achar você — ela diz, em tom triste.

— Você me pediu para acordá-la em Londres. — Olho para fora da janela. A linda paisagem do campo inglês dera lugar às feias redondezas cinzentas da cidade.

Melanie olha para Willem, e os olhos dela se arregalam.

— Você não afundou com o navio, afinal — ela brinca.

— Não — ele responde, mas está olhando para mim. — Não fique brava com Lulu. É culpa minha. Eu a mantive aqui.

— *Lulu?*

— Sim, abreviação de Louise. É o meu *alter ego*, *Mel*. — Olho para ela, meus olhos implorando para não me delatar. Estou gostando de ser Lulu. Ainda não estou pronta para desistir.

Melanie esfrega os olhos, como se ainda estivesse dormindo. Então dá de ombros e se joga na cadeira ao lado de Willem.

— Tudo bem. Seja quem quiser. Eu gostaria de ser alguém com uma cabeça nova.

— Ela é novata nessa coisa de ressaca — explico a Willem.

— Cala a boca — retruca Melanie.

— O quê? Quer que eu diga que já conhece isso há muito tempo?

— Olhe só quem está sendo a senhorita atrevida esta manhã!

— Aqui. — Willem enfia a mão na mochila, tira um recipiente branco e coloca algumas bolinhas brancas na mão de Melanie. — Coloque isso debaixo da língua para dissolver. Vai se sentir melhor logo, logo.

— O que é? — ela pergunta, desconfiada.

— É de ervas.

— Tem certeza de que não é algum tipo de droga do estupro?

— Claro. Porque ele quer que você desmaie no meio do trem — ironizo.

Willem mostra a etiqueta a Melanie.

— Minha mãe é médica naturopata. Uso isso para dor de cabeça. Acho que nunca fui estuprado.

— Ei, meu pai também é médico. — conto. Mas o oposto de naturopata. Ele é pneumologista, medicina absolutamente ocidental.

Melanie olha para as pílulas por um segundo antes de finalmente enfiá-las na boca. Quando o trem entra na estação soltando estampidos, dez minutos depois, ela já está melhor.

Em um acordo não verbal, nós três desembarcamos juntos: Melanie e eu com nossas malas de rodinhas superlotadas, Willem com sua mochila compacta. Saltamos na plataforma sob o sol já quente do verão e entramos na estação Marylebone, relativamente fresca.

— Veronica passou uma mensagem, está atrasada — informa Melanie. — Ela pediu para nos encontrarmos perto da WHSmith. Seja lá o que for isso.

— É uma livraria — diz Willem, apontando para o interior da estação.

Lá dentro é bonito, de tijolinhos vermelhos, mas me decepciono por não ser uma daquelas grandes estações com os painéis de destino ruidosos pelos quais eu estava esperando. Em vez disso, há apenas um monitor de TV indicando as partidas. Vou até lá para olhá-lo. Os destinos estão longe de ser exóticos: lugares como High Wycombe e Banbury, que, até onde sei, podem ser bem agradáveis. É pura bobagem, na verdade. Acabei de fazer um tour pelas grandes cidades europeias — Roma, Florença, Praga, Viena, Budapeste, Berlim, Edimburgo — e agora estou em Londres de novo, e, na maior parte do tempo, estive contando os dias para

voltarmos para casa. Não sei por que agora, repentinamente, sou tomada pelo desejo de viajar.

— Alguma coisa errada? — pergunta Melanie.

— Ah, estava apenas esperando ver um daqueles painéis de partidas e chegadas, como em alguns aeroportos.

— A estação central de Amsterdã tem um desses — informa Willem. — Eu gosto de ficar na frente dele e imaginar que posso escolher qualquer lugar para ir.

— Isso mesmo! Exatamente!

— Qual é o problema? — pergunta Melanie, e olha para os monitores de TV. — Não gosta da ideia de Bicester North?

— Não é tão legal quanto Paris — respondo.

— Ah, pare com isso. Ainda está reclamando por causa disso? — Melanie se vira para Willem. — Era para irmos para Paris depois de Roma, mas os controladores de voo entraram em greve e todos os voos foram cancelados, e era muito longe para irmos de ônibus. Ela ficou chateada.

— Na França eles sempre estão em greve por alguma coisa — diz Willem, balançando a cabeça.

— Colocaram Budapeste no lugar de Paris — conto. — Eu gostei de Budapeste, mas não posso acreditar que estou tão perto de Paris e não vou lá.

Willem olha intensamente para mim. Ele enrola o cadarço da mochila em volta dos dedos.

— Então vá — ele diz.

— Para onde?

— Paris.

— Não posso. Foi cancelado.

— Então vá agora.

— O tour já acabou. E, de qualquer forma, eles ainda devem estar em greve.

— Você pode ir de trem. São duas horas de Londres a Paris. — Ele olha para o grande relógio na parede. — Você pode estar em Paris na hora do almoço. Os sanduíches são muito melhores lá, por falar nisso.

— Mas... eu não falo francês. Não tenho guia. Não tenho nem mesmo dinheiro francês. Eles usam euros lá, não é? — Estou dando todos esses motivos como se fossem a razão para eu não ir, como se, na verdade, Willem estivesse sugerindo que eu entrasse num foguete e fosse à Lua. Sei que a Europa é pequena e que as pessoas fazem coisas desse tipo. Mas eu, não.

Ele ainda está olhando para mim, a cabeça levemente inclinada para o lado.

— Não daria certo — concluo. — Não conheço nada de Paris.

Willem dá uma olhada no relógio na parede. E então, um segundo depois, vira-se para mim.

— *Eu* conheço Paris.

Meu coração começa a dar as reviravoltas mais ridículas do mundo, mas minha mente sempre lógica continua a ticar todas as razões para isso não dar certo.

— Não sei se tenho dinheiro suficiente. Quanto custa a passagem? — Enfio a mão na mochila para contar o dinheiro que ainda resta. Tenho algumas libras para passar o fim de semana, um cartão de crédito para emergências e uma nota de cem dólares que minha mãe me deu para emergências absolutas, se o cartão de crédito não funcionar. Mas isso está longe de ser uma emergência. E usar o cartão alertaria meus pais.

Willem enfia a mão no bolso e tira um maço de cédulas estrangeiras.

— Não se preocupe com isso. Foi um verão bom.

Olho para as notas. Será que ele faria isso mesmo? Me levaria a Paris? *Por que* ele faria isso?

— Temos ingressos para *Let it Be* amanhã à noite — diz Melanie, assumindo a voz da razão. — E vamos embora no domingo. E sua mãe surtaria. É sério, ela mataria você.

Ela olha para Willem, que dá de ombros, como se não pudesse negar a verdade.

Estou a ponto de desistir, agradecer pela oferta, mas, então, é como se Lulu tomasse o controle, pois me viro para Melanie e digo:

— Ela não pode me matar se não souber de nada.

Melanie ironiza.

— *Sua* mãe? Ela descobriria.

— Não se você me der cobertura.

Melanie não diz nada.

— Por favor. Eu lhe dei muita cobertura nesta viagem.

Melanie suspira dramaticamente.

— Isso foi no pub. Não num país totalmente diferente.

— Você *acabou* de me criticar por nunca fazer coisas desse tipo.

Eu a coloco contra a parede. Ela muda de tática.

— Como vou poder lhe dar cobertura quando ela ligar no meu telefone procurando você? Ela vai ligar, você sabe disso.

Minha mãe vai ficar furiosa pelo fato de meu celular não funcionar lá. Disseram que funcionaria, e, quando isso não aconteceu, ela ligou para a empresa dando um ataque, mas aparentemente não havia nada a ser feito, algo relacionado a estar na frequência errada. No fim, não adiantou nada. Ela tinha uma cópia do nosso itinerário e sabia como me encontrar nos quartos dos hotéis. Quando não conseguia me achar, ligava no celular de Melanie.

— Talvez você possa deixar seu telefone desligado, daí as ligações vão para a caixa postal — sugiro. Olho para Willem, que ainda está com o dinheiro escapando da mão. — Tem certeza? Achei que você fosse voltar para a Holanda.

— Também achei. Talvez os ventos estejam me levando para outra direção.

Eu me viro para Melanie. Agora está nas mãos dela. Ela semicerra os olhos verdes para Willem.

— Se você estuprar ou matar minha amiga, eu mato você.

Willem desdenha.

— Vocês americanos são tão violentos. Eu sou holandês. A pior coisa que eu posso fazer é atropelá-la com uma bicicleta.

— Enquanto está drogado! — acrescenta Melanie.

— Tudo bem, talvez — admite Willem. Então ele olha para mim, e sinto uma onda de tremor me atravessar. Vou mesmo fazer isso?

— E então, Lulu? O que me diz? Quer ir a Paris? Por um dia?

Isso é absoluta loucura. Nem o conheço. Eu poderia ser pega. E quanto de Paris se pode ver em apenas um dia? Poderia sair desastrosamente errado de tantas maneiras. Tudo verdade. Mas nada muda o fato de eu querer ir.

Desta vez, tento algo diferente.

Digo sim.

O Eurostar é um trem amarelo, sujo de lama e de nariz arrebitado. Ao embarcarmos, estou suada e sem fôlego. Desde que nos despedimos de Melanie e, apressados, trocamos informações, planos e lugares de encontro para amanhã, Willem e eu estamos correndo. Para fora de Marylebone. Pelas ruas movimentadas de Londres e para dentro do metrô, onde eu entro num tipo de briga com os portões, que se recusam três vezes a se abrir para mim, até que finalmente abrem, antes de se fecharem sobre minha mala, fazendo minha etiqueta de bagagem da Teen Tours! voar para debaixo da máquina de bilhetes automáticos.

— Acho que agora vou armar uma confusão.

Na cavernosa estação St. Pancras, Willem aponta para os painéis de informação de destinos me girando pelos braços antes de me puxar, às cotoveladas, até a fila para as passagens do Eurostar, onde joga seu charme para a vendedora e consegue trocar sua passagem de volta para casa por uma passagem para Paris, e então usa muitas de suas libras para comprar a minha passagem. Em seguida, passamos apressadamente pelo check-in, mostrando nossos passaportes. Por um segundo, fico preocupada que Willem possa ver meu passaporte, que não pertence a Lulu, mas a Allyson; não só a Allyson, mas à Allyson de 15 anos em meio a alguns problemas com acne. Mas ele não olha, e nós descemos até o saguão de embarque futurístico, bem a tempo de nos acomodarmos no andar de cima de nosso trem.

Só quando nos sentamos em nossas poltronas marcadas é que recupero o fôlego e percebo o que acabo de fazer. Estou indo para Paris. Com um estranho. Com *este* estranho.

Finjo mexer em minha mala enquanto dou umas olhadas nele. Seu rosto me faz lembrar uma daquelas roupas que só algumas

garotas com estilo conseguem usar: peças descombinadas que não funcionariam sozinhas, mas que, de alguma forma, combinam quando colocadas juntas. Os ângulos são profundos, quase agudos, mas os lábios são macios e vermelhos, e há maçãs suficientes em seu rosto para fazer uma torta. Ele parece velho e jovem ao mesmo tempo; rude e delicado. Não é bonito do mesmo jeito que Brent Harper, que foi eleito o mais belo na premiação dos formandos, o que já era previsível. Mas não consigo parar de olhar para ele.

Pelo visto, não sou a única. Algumas garotas de mochila nas costas passam pelo corredor, os olhos negros e pesados parecendo dizer *Comemos sexo no café da manhã*. Uma delas sorri para Willem ao passar e diz algo em francês. Ele responde também em francês, e a ajuda a colocar a mala no compartimento de cima. As garotas sentam-se do outro lado do corredor, uma fileira atrás da nossa, a mais baixa diz alguma coisa, e elas riem. Quero perguntar o que foi dito, mas, de repente, sinto-me incrivelmente infantil e deslocada, obrigada a me sentar à mesa das crianças no Dia de Ação de Graças.

Ah, se eu tivesse estudado francês na escola secundária. Eu quis, no começo do nono ano, mas meus pais me imploraram para fazer mandarim. “Será o século da China; você estará mais apta para o mercado se souber falar a língua”, dissera minha mãe. *Apta para quê?*, me perguntei. No entanto, estudei mandarim durante os últimos quatro anos e devo continuar no mês que vem, quando começar a faculdade.

Estou esperando Willem se sentar, mas, em vez disso, ele olha para mim e em seguida para as garotas francesas, que, tendo guardado suas coisas, andam para lá e para cá pelo corredor.

— Os trens me deixam com fome. E você nem comeu seu sanduíche — diz ele. — Vou até o café buscar alguma coisa. O que você quer, Lulu?

Lulu provavelmente gostaria de algo exótico. Morangos cobertos de chocolate. Ostras. Allyson é uma garota mais do tipo sanduíche

de pasta de amendoim. Não sei do que tenho vontade.

— Qualquer coisa está bom.

Observo-o se afastar. Pego uma revista do bolso da poltrona da frente e leio vários fatos sobre o trem: o túnel do Canal tem 50 quilômetros. Foi aberto em 1994 e levou seis anos para ser construído. A velocidade máxima do Eurostar é de 300 quilômetros por hora, o mesmo que 186 milhas por hora. Se eu ainda estivesse no tour, este seria exatamente o tipo de informação banal que a Sra. Foley leria para nós em um de seus impressos. Coloco a revista de lado.

O trem começa a se mover tão suavemente que só quando vejo a plataforma se afastar de nós, como se estivesse se movendo, e não o trem, é que percebo que partimos. Ouço o apito tocar. Do lado de fora da janela, os grandes arcos de St. Pancras dão um adeus reluzente antes de mergulharmos num túnel. Olho ao redor do vagão. Todos parecem felizes e entretidos: lendo revistas ou digitando em laptops, passando mensagens de texto, falando ao telefone ou conversando com os passageiros ao lado. As garotas francesas continuam sumidas.

Pego a revista de novo e leio a avaliação de um restaurante, sobre a qual não consigo absorver nada. Mais alguns minutos se passam. O trem agora vai mais rápido, passando arrogantemente pelos feios depósitos londrinos. O condutor anuncia a primeira parada, e o fiscal vem para pegar meu bilhete.

— Alguém aqui? — pergunta ele, apontando para a poltrona vazia de Willem.

— Sim. — O problema é que as coisas dele não estão lá. Não há nenhuma evidência de que ele já esteve naquele lugar.

Dou uma olhada no relógio. São dez e quarenta e cinco. Quase quinze minutos desde que saímos de Londres. Alguns minutos depois, paramos em Ebbsfleet, uma estação moderna e elegante. Várias pessoas embarcam. Um homem mais velho com uma pasta ao lado da poltrona de Willem, como se fosse se sentar ali, então

dá outra olhada em seu bilhete e continua a descer pelo corredor. As portas do trem bipam e se fecham, e partimos novamente. A vista da cidade de Londres dá lugar ao verde. A distância, vejo um castelo. O trem engole a paisagem vorazmente; eu o imagino deixando para trás um rastro de terra mexida pelo caminho. Agarro o encosto de braço, minhas unhas bem enfiadas como se esta fosse a primeira subida sem fim de uma das montanhas-russas de colocar o almoço para fora para as quais Melanie adora me carregar. Apesar do ar-condicionado congelante, uma linha de suor se forma na minha testa.

Nosso trem passa com um *zum* assustador por outro trem. Pulo no meu assento. Após dois segundos, o outro trem acelera e passa por nós. E eu tenho a terrível sensação de que Willem está nele. O que é impossível. Ele teria que ter ido na frente, até outra estação, para conseguir entrar nesse outro trem.

Mas isso não quer dizer que ele esteja *neste* trem.

Olho no meu relógio. Já faz vinte minutos que ele foi até o vagão da cafeteria. Nosso trem nem tinha saído da plataforma. Ele poderia ter saído do trem com aquelas garotas mesmo antes de termos partido. Ou nessa última estação. Talvez seja isto que elas tenham dito: "*Por que não se livra dessa garota americana chata e fica com a gente?*"

Ele não está neste trem.

A certeza toma conta de mim com o mesmo *zum* do trem que passou. Ele mudou de ideia. Sobre Paris. Sobre mim.

Levar-me a Paris foi como uma compra impulsiva, tipo aquelas coisas inúteis colocadas ao lado do caixa do supermercado. Quando chegamos do lado de fora da porta, nos damos conta da porcaria que acabamos de comprar.

Mas, então, outro pensamento me aflige: e se isso for algum tipo de grande plano? Encontre a americana mais ingênua que puder e fogue-a para dentro do trem, então se livre dela e mande o... sei lá... os brutamontes para roubá-la? Minha mãe gravou um episódio

sobre algo desse tipo em *20/20*. E se foi por *isso* que ele estava me olhando na noite passada, se foi por *isso* que me procurou no trem de Stratford-upon-Avon? Ele poderia ter escolhido uma presa mais fácil? Já vi o Animal Planet muitas vezes e sei que os leões sempre vão atrás das gazelas mais fracas.

Mesmo assim, por mais irreal que seja essa possibilidade, até certo ponto há algum alívio nisso tudo. O mundo faz sentido novamente. *Isso* pelo menos explicaria por que *eu* estou *neste* trem.

Algo cai sobre minha cabeça, macio e barulhento, mas, em meio ao pânico, me faz saltar.

E outra coisa cai. Pego o projétil, um pacote de batatas fritas de vinagre e sal da Walker's.

Ergo os olhos. Willem tem o sorriso culpado de um ladrão de banco, sem falar no roubo caindo de suas mãos: uma barra de chocolate, três xícaras de bebidas quentes, um garrafa de suco de laranja debaixo de um braço, uma lata de Coca-Cola debaixo do outro.

— Me desculpe pela demora. A cafeteria é na outra ponta do trem, só abriram quando saímos de St. Pancras, e já havia uma fila. Daí eu não tinha certeza se você gostava de café ou de chá, então trouxe os dois. Mas então me lembrei da sua Coca, e voltei para pegar. Aí, no caminho, trombei com um belga muito mal-humorado e derramei café em cima de mim, então tive que fazer um desvio até o banheiro, mas acho que só piorei as coisas.

Ele despenca dois dos copos de papelão e a lata de refrigerante sobre a mesinha à minha frente. Aponta para sua calça jeans, que agora tem um enorme borrão molhado bem na frente.

Não sou o tipo de pessoa que ri de piadas sobre peidos ou humor grosseiro. Quando Jonathan Spalick deixou escapar um na aula de fisiologia no ano passado e a Sra. Huberman precisou liberar a classe, histérica, mais cedo, ela me agradeceu por ter sido a única a demonstrar algum tipo de autocontrole.

Assim, não sou do tipo que perde o controle. Por causa de uma mancha molhada.

Mesmo assim, quando abro a boca para informar a Willem que, na verdade, não gosto de refrigerante, que a Coca de antes era para a ressaca de Melanie, o que sai é um grunhido. E, assim que ouço minha própria risada, acendo os fogos de artifício. Estou rindo tanto que tenho de buscar ar. As lágrimas de pânico que ameaçavam escapar dos meus olhos agora têm uma desculpa segura para rolar sobre o meu rosto.

Willem vira os olhos e dá uma olhada do tipo “tudo bem, tudo bem” para o jeans. Pega alguns dos guardanapos da bandeja.

— Não achei que estivesse tão ruim. — Ele passa o guardanapo sobre a perna. — Café mancha?

Isso me faz mergulhar ainda mais fundo no paroxismo do riso. Willem dá um sorriso torto e paciente. Ele é nobre o bastante para aceitar ser motivo de piada.

— Sinto. Muito — resfolego. — Não. Estou. Rindo. Da. Sua. Calça.

Calça. Em sua aula de inglês britânico versus inglês americano, a Sra. Foley nos informou que os ingleses chamam as roupas de baixo de *calça* e a calça de *roupas de baixo*, e deveríamos ser cuidadosos ao anunciar qualquer coisa relacionada às *calças* para evitar constrangimentos. Ela ficou vermelha ao explicar a questão.

Estou dobrada sobre as pernas agora. Quando consigo me sentar, vejo uma das garotas francesas voltando pelo corredor. Quando chega atrás de Willem, coloca a mão sobre o braço dele, e a deixa lá por um segundo. Então ela diz algo em francês antes de escorregar para sua poltrona.

Willem nem olha para ela. Em vez disso, vira-se para mim. Nos olhos negros dele se penduram pontos de interrogação.

— Achei que tivesse saído do trem. — A admissão escapa pelas borbulhas de champanhe do meu alívio.

Ah, meu Deus. Será que eu disse isso de verdade? Solto um sorriso amarelo. Tenho medo de olhar para ele. Se ele não queria me deixar no trem antes, acabo de lhe dar uma razão agora. Sinto a poltrona afundar quando Willem se senta e, ao juntar coragem para espia-lo, fico surpresa ao ver que não parece chocado nem chateado. Simplesmente tem aquele sorriso único e divertido no rosto.

Ele começa a desembulhar as porcarias e puxa uma baguete dobrada de dentro de sua mochila. Depois de colocar tudo sobre as mesinhas, olha bem nos meus olhos.

— E por que eu desceria do trem? — ele pergunta finalmente, a voz suave e brincalhona.

Eu poderia inventar uma mentira. Porque ele esqueceu alguma coisa. Ou porque se deu conta de que precisava voltar à Holanda e não havia tempo de me dizer. Algo ridículo, mas menos incriminador. Mas não invento.

— Porque mudou de ideia. — Espero pela repulsa, pelo choque, pela pena, mas ele continua encantado, agora talvez um pouco intrigado. E eu sinto essa onda inesperada, como se tivesse acabado de tomar uma droga, meu próprio elixir da verdade. Então conto o restante a ele. — Por um breve momento, achei que isto fosse parte de um golpe no qual você me venderia como escrava sexual ou coisa do tipo.

Olho para ele, me perguntando se tinha ido longe demais. Mas Willem sorri enquanto coça o queixo.

— Como eu faria isso? — pergunta.

— Sei lá. Teria que me fazer desmaiar ou algo parecido. O que é aquela coisa que eles usam? Clorofórmio? Colocam em um lenço e põem sobre o nariz, e você dorme.

— Acho que isso é só nos filmes. Para mim, provavelmente é mais fácil colocar droga na sua bebida, como sua amiga suspeitou.

— Mas você me trouxe três bebidas, uma delas sem abrir. — Eu seguro a lata de Coca. — Por falar nisso, não tomo Coca.

— Meu plano foi por água abaixo, então. — Ele dá um suspiro exagerado. — Que pena. Poderia conseguir um bom dinheiro por você no mercado negro.

— Quanto você acha que eu valho? — pergunto, surpresa ao ver a rapidez com que o medo se transformou em motivo de piada.

Ele me olha de cima a baixo, avaliando-me.

— Bem, isso dependeria de vários fatores.

— Como o quê?

— Idade. Quantos anos você tem?

— Dezoito.

Ele balança a cabeça.

— Medidas?

— Cinco vírgula quatro pés; Cento e quinze libras. Não sei em metros.

— Alguma parte do corpo incomum, cicatrizes ou membros falsos?

— Isso faz diferença?

— Fetichistas. Eles pagam a mais.

— Não, não tenho próteses ou nenhuma coisa do gênero. — Então me lembro de minha marca de nascença, que é feia, quase como uma cicatriz, que geralmente mantenho escondida sob o relógio. Mas há algo estranhamente tentador com relação a expô-la. Coloco meu relógio para baixo. — Eu tenho isto.

Ele olha, balançando a cabeça. E então pergunta casualmente:

— Você é virgem?

— Isso me faria mais ou menos valiosa?

— Tudo depende do mercado.

— Você parece saber muito sobre isso.

— Fui criado em Amsterdã — comenta ele, como se aquilo explicasse tudo.

— Então, quanto eu valho?

— Você não respondeu a todas as perguntas.

Tenho a sensação mais estranha do mundo, como se estivesse segurando o cinto de um roupão de banho e pudesse amarrá-lo mais forte ou deixá-lo cair.

— Não, não sou. Virgem.

Ele balança a cabeça, me olha de um jeito que me deixa sem graça.

— Tenho certeza de que Boris ficará decepcionado — acrescento.

— Quem é Boris?

— O brutamente ucraniano que fará o trabalho sujo. Você era só a isca.

Agora ele ri, jogando o pescoço comprido para trás. Quando volta para buscar ar, ele diz:

— Costumo trabalhar com búlgaros.

— Pode fazer piada quanto quiser, mas houve uma coisa sobre isso na TV. Lembrando que eu não conheço você.

Ele faz uma pausa, olha bem nos meus olhos e diz:

— Vinte. Um metro e noventa. Setenta e sete quilos da última vez que chequei. Isto. — Ele aponta para uma cicatriz em ziguezague no pé. Então me olha bem no olho. — E não.

Levo um minuto para perceber que ele está respondendo às mesmas quatro perguntas que me fez. Quando percebo, sinto um calor começando a subir pelo pescoço.

— Além do mais, tomamos café da manhã juntos. Geralmente conheço muito bem as pessoas com quem tomo café da manhã.

Agora as ondas gigantes de calor se transformam num rubor completo. Tento pensar em algo inteligente para dizer. Mas é difícil ser esperta quando alguém a olha desse jeito.

— Achou que eu deixaria você no trem? — pergunta ele.

A pergunta é estranhamente dissonante depois de toda a brincadeira sobre o mercado de escravos sexuais. Penso. Será que *realmente* achei que ele faria aquilo?

— Não sei — respondo. — Talvez estivesse tendo um pequeno ataque de pânico, porque fazer algo impulsivo como isso não tem nada a ver comigo.

— Tem certeza? — pergunta ele. — Afinal, você está aqui.

— Estou aqui — repito. E eu estou... aqui. A caminho de Paris. Com ele. Olho para ele. Tem aquele sorrisinho, como se houvesse algo infinitamente encantador sobre mim. E talvez seja isso, ou o balanço do trem, ou o fato de que nunca mais o verei de novo depois ou, talvez, quando se abrir a porta da honestidade, não haja caminho de volta. Ou talvez seja só porque eu quero. Mas deixo o robe cair no chão. — Achei que tivesse saído do trem porque eu estava tendo dificuldade de acreditar que estava no trem, para começar. Comigo. Sem um motivo especial.

E *essa* é a verdade. Posso ter apenas 18 anos, mas já me parece bem óbvio que o mundo está dividido em dois grupos: o dos que fazem e o dos que observam. As pessoas com as quais as coisas acontecem e o restante de nós, que meio que se arrasta sobre as coisas. As Lulus e as Allysons.

Nunca me ocorreu que *fingindo* ser Lulu eu pudesse fazer parte do outro grupo, mesmo que só por um dia.

Viro-me para Willem, para ver o que ele vai dizer, mas, antes que ele possa responder, o trem mergulha na escuridão do túnel do Canal. De acordo com o que li, em menos de vinte minutos

estaremos em Calais e, uma hora depois, em Paris. Neste momento, tenho a impressão de que o trem não está me levando a Paris, mas a algum lugar completamente novo.

4

Paris

Os problemas surgem imediatamente. O lugar para guardar as malas no subsolo da estação está fechado; os funcionários que trabalham nas máquinas de raios X, pelas quais as malas têm que passar antes de ir para o depósito, estão em greve. Consequentemente, todos os armários automáticos que comportam minha mala estão lotados. Willem diz que há outra estação não muito longe dali que podemos tentar, mas, se os operadores de bagagem estiverem em greve, poderemos ter o mesmo problema lá.

— Eu posso simplesmente puxá-la. Ou jogá-la no Sena. — Estou brincando, apesar de haver algo tentador em abandonar todos os vestígios de Allyson.

— Tenho uma amiga que trabalha numa casa noturna não muito longe daqui... — Ele enfia a mão na mochila e tira um caderninho de couro surrado. Estou prestes a fazer uma piada sobre aquele ser o pequeno livro negro dele, mas vejo todos os nomes, números e endereços de e-mail anotados ali, e ele acrescenta — Ela faz as reservas, então geralmente está lá na parte da tarde.

Depois de encontrar o número que estava procurando, Willem saca um celular antigo e pressiona a tecla “ligar” por alguns minutos.

— Está sem bateria. O seu funciona?

Balanço a cabeça.

— Inútil na Europa. Exceto pela câmera.

— Podemos caminhar. É perto daqui.

Voltamos até as escadas rolantes. Antes de passarmos pelas portas automáticas, Willem se vira para mim:

— Está pronta para Paris?

Com todo o estresse de lidar com a bagagem, eu meio que esqueci que o objetivo de tudo isso era Paris. De repente, fico um pouco nervosa.

— Espero que sim — digo baixinho.

Saímos na frente da estação, no calor escaldante. Olho de lado, como que me preparando para uma decepção cega. A verdade é que, até agora neste tour, fiquei decepcionada com quase todos os lugares a que fomos. Talvez eu assista a filmes demais. Em Roma, queria muito uma experiência do tipo Audrey Hepburn em *A Princesa e o Plebeu*, mas a Fontana di Trevi estava lotada, havia um McDonald's ao pé da escadaria da Piazza di Spagna e as ruínas cheiravam a xixi de gato por causa dos mendigos. A mesma coisa aconteceu em Praga, onde eu queria muito um pouco da boemia de *A Insustentável Leveza do Ser*. Mas não; não havia artistas fantásticos, nem caras que se parecessem remotamente com um jovem Daniel Day-Lewis. Vi um tipo meio misterioso lendo Sartre num café, mas então seu celular tocou e ele começou a falar alto, com um forte sotaque texano.

E Londres. Melanie e eu nos perdemos completamente no metrô para podermos visitar Notting Hill, mas tudo o que encontramos foi uma área sofisticada e cara, cheia de lojas de grife. Sem livrarias charmosas, sem grupos de amigos adoráveis com quem eu gostaria de sair para jantar. Parecia haver uma relação inversamente proporcional entre o número de filmes que eu já tinha visto sobre uma cidade e o nível de minha decepção ao chegar lá. E eu já vi muitos filmes sobre Paris.

A Paris que me dá as boas-vindas do lado de fora da Gare du Nord não é a Paris dos filmes. Não há nem a Torre Eiffel nem lojas

de alta-costura por aqui. É apenas uma rua comum, com vários hotéis e casas de câmbio, repleta de táxis e ônibus.

Olho ao redor. Há filas e filas de antigos prédios cinza-amarronzados. São uniformes, parecendo se encaixar um no outro, as janelas e as portas completamente abertas, flores caindo para fora. Bem na frente da estação há dois cafés, na diagonal. Nenhum dos dois é sofisticado, mas ambos estão lotados, pessoas amontoadas em volta de mesas de vidro redondas, embaixo do toldo e dos guarda-sóis. É ao mesmo tempo tão normal e tão absolutamente estrangeiro.

Willem e eu começamos a andar. Atravessamos a rua e passamos por um dos cafés. Há uma mulher sentada sozinha a uma das mesas, tomando vinho cor-de-rosa e fumando um cigarro, um pequeno buldogue arfando ao lado de suas pernas. Quando passamos, o cachorro se levanta e começa a cheirar embaixo de minha saia, enrolando a mim e a ele na coleira.

A mulher parece ter a idade de minha mãe, contudo está usando uma saia curta e sandálias anabela de salto alto que valorizam suas pernas bem torneadas. Ela repreende o cachorro e desenrosca a coleira. Eu me abaixo para coçar atrás da orelha dele, e a mulher diz alguma coisa em francês que faz Willem rir:

— O que ela disse? — pergunto, enquanto nos afastamos.

— Ela disse que o cachorro dela é como um porco farejador de trufas quando se trata de garotas bonitas.

— Verdade? — Sinto-me ruborizar de prazer. O que é realmente bobo, porque era um cachorro, e eu não sei muito bem o que é um porco farejador de trufas.

Willem e eu descemos por um quarteirão cheio de sex shops e agências de viagens, viramos uma esquina que dá num bulevar impronunciável, e, pela primeira vez na vida, entendi que *boulevard* é, na verdade, uma palavra francesa, que todas as ruas largas chamadas de bulevar, em casa, são simplesmente ruas movimentadas. Porque aqui é um *boulevard*: um rio de vida,

enorme, largo e fluido, uma praça no meio e árvores graciosas arqueando-se uma para a outra na parte de cima.

Num farol, um cara bonitinho de terno justo dirigindo uma motoneta na ciclovia para e me olha de cima a baixo, até que outra moto atrás dele buzina e o obriga a seguir em frente.

Tudo bem, isso é, tipo, duas vezes em cinco minutos. Verdade seja dita, o primeiro foi um cachorro, mas foi significativo. Durante as últimas três semanas foi Melanie que recebeu todas as cantadas, resultado do cabelo louro e do figurino "olhe para mim", assumi maliciosamente. Uma ou duas vezes bufei sobre a "objetificação" das mulheres, mas Melanie virou os olhos e disse que eu não estava entendendo.

À medida que essa alegria me estimula, me pergunto se Melanie não está certa. Talvez não tenha a ver com parecer sexy para os garotos, mas com sentir que um lugar reconheceu sua presença, piscou para você, aceitou você. É estranho porque, de todas as pessoas em todas as cidades, imaginei que eu seria invisível para os parisienses, mas, pelo visto, não. Aparentemente, em Paris, posso não apenas patinar como praticamente me qualificar para as Olimpíadas!

— É oficial — declaro. — Amo Paris!

— Foi rápido.

— Quando a gente sabe, a gente sabe. Ela acabou de se tornar a cidade que eu mais adoro no mundo.

— Ela tende a surtir esse efeito.

— Devo acrescentar que não houve muita concorrência, já que não gostei da maioria dos lugares que nós visitamos.

E, de novo, as palavras escapam. Pelo visto, quando se tem apenas um dia, pode-se dizer qualquer coisa e ver no que vai dar. *A viagem foi uma porcaria!* Que delícia finalmente admitir isso para alguém. Eu não poderia dizer aos meus pais, que pagaram pelo que pensaram ser "a viagem de uma vida". Nem à Sra. Foley, cuja

obrigação era garantir que eu tivesse “a viagem de uma vida”. Mas é verdade. Passei as últimas três semanas tentando me divertir. E não consegui.

— Acho que viajar talvez seja um talento, como assobiar ou dançar — continuo. — Algumas pessoas têm; você parece ter. Quer dizer, há quanto tempo está viajando?

— Dois anos — responde ele.

— Dois anos com interrupções?

Ele balança a cabeça.

— Dois anos desde que deixei a Holanda.

— Mesmo? E era para você ter voltado hoje? Depois de dois anos?

Ele joga os braços para cima.

— E o que é mais um dia depois de dois anos?

Acho que, para ele, não muito. Para mim, talvez seja muito.

— Isso apenas comprova o meu ponto de vista. Você tem talento para viajar. Não tenho certeza se eu tenho. Fico ouvindo todo mundo falar que as viagens ampliam os horizontes. Nem sei muito bem o que isso quer dizer, mas não ampliou nada para mim, pois não sou boa nisso.

Ele permanece em silêncio enquanto passamos por uma longa ponte sobre dezenas de trilhos de trem, grafite por todo lado. Então, ele diz:

— Viajar não é algo em que as pessoas são boas. É algo que se faz. Como respirar.

— Não acho. Eu respiro muito bem.

— Tem certeza? Já pensou sobre isso?

— Provavelmente mais do que a maioria das pessoas. Meu pai é pneumologista. Médico de pulmão.

— O que eu quero dizer é: você algum dia já pensou sobre *como* é que faz isso? Dia e noite? Enquanto dorme. Enquanto come. Enquanto fala.

— Não muito.

— Pense agora.

— Como se pensa em respirar? — Mas então, subitamente, penso. Fico enrolada em pensamentos sobre a respiração, a mecânica, como é que meu corpo sabe o que fazer mesmo quando estou dormindo, ou chorando, ou soluçando. O que aconteceria se por acaso o meu corpo esquecesse? Minha respiração fica um pouco mais ofegante, como se eu estivesse subindo uma colina, mesmo estando descendo a rampa da ponte.

— Ok, isso foi estranho.

— Está vendo? — pergunta Willem. — Pensou demais. A mesma coisa é viajar. Não se pode se esforçar demais, senão parece trabalho. Você tem que se entregar ao caos. Ao acaso.

— Tenho que entrar na frente de um ônibus para me divertir?

Willem gargalha.

— Não esse tipo de acaso. Estou falando das pequenas coisas que acontecem. Às vezes elas são insignificantes; outras vezes, mudam tudo.

— Isso tudo parece muito Jedi^[1]. Pode ser mais específico?

— Um cara dá carona para uma garota que está viajando num país distante. Um ano depois, ela fica sem dinheiro e acaba na porta dele. Seis meses depois, eles se casam. Acasos.

— Você se casou com uma mochileira ou coisa parecida?

O sorriso dele se abre como uma vela.

— Estou dando exemplos.

— Me conte um de verdade.

— Como você sabe que esse não é de verdade? — ele brinca. — Tudo bem, isso aconteceu comigo. Ano passado eu estava em Berlim, perdi o trem para Bucareste e acabei pegando um para a Eslováquia. As pessoas com quem eu estava viajando pertenciam a um grupo de teatro; um dos caras tinha acabado de quebrar o tornozelo e eles precisavam de um substituto. Na viagem de seis horas até Bratislava, decorei a parte dele. Fiquei com a trupe até o tornozelo dele melhorar e pouco depois conheci algumas pessoas da Will Guerrilheiro. Eles estavam desesperados por alguém que conseguisse fazer Shakespeare em francês.

— E *você* conseguia?

Ele concorda com a cabeça.

— Você é algum tipo de estudioso de línguas?

— Sou apenas holandês. Então me juntei à Will Guerrilheiro. — Ele estala os dedos. — Agora sou ator.

Isso me surpreende.

— Pensei que estivesse fazendo isso há muito mais tempo.

— Não. É só por acaso, apenas temporário. Até que o próximo acaso me mande para outro lugar. É assim que a vida funciona.

Algo se acelera em meu peito.

— Você acha mesmo que é assim que funciona? Que a vida pode mudar *deumahorapraoutra*?

— Acho que tudo está acontecendo o tempo todo, mas, se você não se coloca no caminho, acaba perdendo. Quando viaja, você se coloca lá. Nem sempre é bom. Às vezes é terrível. Mas outras... — Ele ergue os ombros e aponta para Paris, depois olha de esguelha para mim. — Não é tão ruim assim.

— Desde que não seja atropelado por um ônibus — digo.

Ele ri. Então me dá razão.

— Desde que não seja atropelado por um ônibus — repete.

Chegamos à boate onde a amiga de Willem trabalha; o lugar parece completamente morto, mas, quando Willem bate à porta, um homem alto com a pele quase azul de tão negra a abre. Willem fala com ele em francês, e, um minuto depois, entramos em uma enorme sala úmida com um palco pequeno, um bar estreito e várias mesas com cadeiras empilhadas sobre elas. Willem e o Gigante conversam um pouco mais em francês e então Willem se vira para mim.

— Céline não gosta de surpresas. Talvez seja melhor eu ir primeiro.

— Tudo bem. — No escuro silencioso, minha voz parece estridente e eu percebo que estou nervosa de novo.

Willem vai em direção à escadaria na parte de trás da boate. O Gigante volta ao trabalho de polir garrafas atrás do bar. Obviamente, ele não recebeu o recado de que Paris me ama. Sento-me num banco do balcão. Ele gira completamente, como os bancos do balcão da Whipple's, a sorveteria à qual eu costumava ir com meus avós. O Gigante está me ignorando, e eu fico apenas indo de um lado para o outro. Então, acho que faço um pouco mais rápido, porque começo a girar mais e o banquinho sai da base.

— Ah, merda! Ai!

O Gigante vai até onde eu estou esparramada no chão. O rosto dele é a perfeita expressão do *blasé*. Ele pega o banquinho e o encaixa de volta, então volta para detrás do bar. Fico no chão por um segundo, me perguntando o que é mais humilhante: continuar aqui embaixo ou voltar para o banquinho.

— Você é americana?

O que dá tão na cara? Eu ser atrapalhada? Será que os franceses nunca são atrapalhados? Eu, sinceramente, sou bem elegante. Fiz balé durante oito anos. Deveria mandá-lo consertar o banquinho antes que alguém abra um processo. Não. Se eu disser isso, definitivamente vou parecer americana.

— Como você sabe? — Não sei por que me dou ao trabalho de perguntar. Desde o momento em que o meu avião desceu em Londres, é como se houvesse uma placa de néon em cima da minha cabeça, piscando: TURISTA, AMERICANA, ESTRANGEIRA. Eu deveria estar acostumada. Mas desde a chegada a Paris pareceu que a luz tinha diminuído um pouco. Obviamente, não.

— Seu amigo me disse — explica ele. — Meu irmão mora em *Roché Estair*.

— Ah! — Será que eu deveria saber onde é isso? — Fica perto de Paris?

Ele ri, uma gargalhada escancarada.

— Não. É em Nova York. Perto do grande lago.

Roché Estair?

— Ah, Rochester!

— Sim. *Roché Estair* — repete. — É muito frio lá. Muita neve. O nome do meu irmão é Aliou Mjodi. Será que você o conhece?

Balanço a cabeça.

— Moro na Pensilvânia, perto de Nova York.

— Tem muita neve na *Penisvânia?*

Seguro o riso.

— Tem neve suficiente na Pen-sil-vâ-ni-a.

Ele se arrepia.

— Frio demais. Especialmente para nós. Temos sangue senegalês nas veias, apesar de termos nascido em Paris. Mas agora o meu

irmão, ele vai estudar computadores em *Roché Estair*, na universidade. — O Gigante parece orgulhoso. — Ele não gosta de neve. E ele diz que no verão os mosquitos são tão grandes quanto os do Senegal.

Eu rio.

O rosto do Gigante se abre num sorriso de abóbora de Halloween.

— Quanto tempo em Paris?

Olho no meu relógio.

— Estou aqui há uma hora, e vou ficar um dia.

— Um dia? Por que está aqui? — Ele aponta para o bar.

Eu mostro minha mala.

— Precisamos de um lugar para guardar isto.

— Leve lá para baixo. Não desperdice o seu dia aqui. Quando o sol brilha, deixe ele brilhar em cima de você. A neve está sempre esperando.

— Willem me pediu para esperar, que Céline...

— Pff — interrompe ele, abanando a mão. Ele sai de detrás do bar e içava minha mala com facilidade até o ombro. — Venha, leve lá para baixo para você.

No final da escadaria há um corredor escuro abarrotado de alto-falantes, amplificadores, cabos e luzes. No andar superior, há batidas na porta, e o Gigante volta para cima, me dizendo para deixar a mala no escritório.

Há algumas portas, então vou até a primeira e bato. Ela dá numa sala pequena com uma mesa de metal, um computador velho, uma pilha de papéis. A mochila de Willem está lá, mas ele, não. Volto para o corredor e ouço uma mulher falando rápido em francês, e então a voz de Willem, lânguido em resposta.

— Willem? — chamo. — Olá.

Ele responde algo de volta, mas eu não entendo.

— O quê?

Ele diz outra coisa, mas eu não consigo ouvi-lo, então abro um pouco a porta para encontrar uma despensa cheia de caixas e, lá dentro, Willem em pé perto da garota — Céline —, que, mesmo a meia-luz, posso ver que é bonita de um modo que nem mesmo eu fingiria ser. Está falando com Willem com a voz rouca, enquanto puxa a camiseta dele por cima da cabeça. Ele, obviamente, está rindo.

Fecho a porta com força e volto em direção à escada, tropeçando em minha mala por causa da pressa.

Ouçó algo chacoalhar.

— Lulu, abra a porta. Está presa.

Viro-me. Minha mala está enroscada embaixo da maçaneta. Ando rápido para chutá-la para fora do caminho e volto em direção às escadas quando a porta se abre.

— O que está fazendo? — pergunta Willem.

— Indo embora. — Não que Willem e eu sejamos alguma coisa um do outro, mas, mesmo assim, me deixar no andar de cima para vir dar uma rapidinha aqui embaixo?

— Volte aqui.

Já ouvi falar dos franceses. Já vi muitos filmes franceses. Muitos deles são sexy; alguns são pervertidos. Quero ser Lulu, mas nem tanto.

— Lulu! — A voz de Willem é firme. — Céline não vai guardar suas malas a não ser que eu troque de roupa — explica ele. — Ela falou que eu pareço um velho sujo saindo de um sex shop. — Ele aponta para a área entre as pernas.

Levo um minuto para entender o que ele quer dizer, e, quando entendo, ruborizo.

Céline diz algo a Willem em francês, e ele ri. E, tudo bem, talvez não fosse o que eu pensei que fosse. Mas está bem claro que eu interrompi *alguma coisa*.

Willem se vira de volta para mim.

— Eu disse que troco o jeans, mas todas as minhas outras camisetas estão sujas, então ela vai arranjar uma para mim.

Céline continua tagarelando em francês com Willem, e é como se eu não existisse.

Finalmente ela encontra o que está procurando: uma camiseta cinza-clara com um SOS vermelho gigante. Willem a pega e arranca a própria camiseta. Céline diz algo mais e estica o braço para lhe desabotoar o cinto. Ele ergue as mãos em rendição e então abre os botões por si mesmo. O jeans cai no chão e Willem fica em pé ali, metros e metros dele, vestindo nada exceto uma cueca boxer bem justa.

— *Excusez-moi* — diz ele, ao passar tão perto de mim que seu torso nu roça em meu braço. Está escuro aqui dentro, mas tenho quase certeza de que Céline pode ver que estou ruborizada e que considerou isso um ponto contra mim. Segundos depois, Willem volta com sua mochila. Enfia a mão lá dentro, procurando um jeans amassado, mas limpo. Tento não olhar quando ele veste a calça e passa o cinto de couro surrado pelos passantes. Em seguida, ele veste a camiseta. Céline me vê olhando para ele, e eu disfarço, como se ela tivesse me pegado fazendo algo errado. O que era verdade.

Vê-lo se vestir parece mais proibido do que vê-lo tirar a roupa.

— *D'accord?* — pergunta ele a Céline. Ela o elogia, as mãos nos quadris.

— *Mieux* — responde ela, parecendo um gato. Miau.

— Lulu? — pergunta Willem.

— Legal.

Finalmente, Céline reconhece minha presença. Ela diz algo, gesticulando bastante, depois para.

Como eu não respondo, uma das sobrancelhas de Céline se ergue num arco perfeito, enquanto a outra permanece na posição natural. Vi mulheres de Florença a Praga fazerem a mesma coisa. Deve ser algo que se ensina nas escolas europeias.

— Ela está perguntando se você já ouviu falar do Sous ou Sur — Willem diz, apontando para o SOS na camiseta. — É uma banda famosa de punk-rap com letras fortes sobre justiça.

Balanço a cabeça, sentindo-me duas vezes fracassada por nunca ter ouvido falar daquela famosa banda anarquista de justiça sei lá do quê.

— Me desculpe, não falo francês.

Céline parece desdenhosa. Outro americano idiota que não se deu ao trabalho de aprender nenhuma língua estrangeira.

— Falo um pouco de mandarim — ofereço, esperançosa, mas isso não impressiona.

Céline se digna a mudar para o inglês.

— Mas seu nome. Lulu é francês, *non*?

Há uma pequena pausa. Como entre as músicas num concerto. Um momento perfeito para dizer, mesmo que casualmente:

— Na verdade, meu nome é Allyson.

Willem responde por mim.

— É um apelido para Louise.

E pisca para mim.

Céline aponta para minha mala com uma unha pintada de roxo.

— Aquela é a mala?

— Sim. É aquela.

— É tão grande.

— Não é *tão* grande assim. — Penso em algumas das malas que as outras garotas trouxeram no tour, os secadores de cabelo, os adaptadores e as três trocas de roupa por dia. Olho para ela, em sua túnica de telinha que para na altura das coxas, uma saia preta minúscula pela qual Melanie teria pago muito dinheiro, e suspeito que essa ideia não a impressionaria.

— Pode ficar no depósito, não no meu escritório.

— Tudo bem. Desde que eu possa pegá-la amanhã.

— A faxineira estará aqui às dez horas. E aqui está. Temos tantas sobrando que você também pode ficar com uma — diz ela, me dando uma camiseta igual à de Willem, só que a minha é pelo menos um número maior que a dele.

Estou prestes a abrir minha mala para colocá-la lá dentro quando visualizo o conteúdo: as saias em A e as camisetas que minha mãe escolheu para mim. Meu diário de viagem, as anotações que esperava serem histórias de aventuras de tirar o fôlego, mas que acabaram parecendo uma série de telegramas: *Hoje fomos ao castelo de Praga. Ponto. Então vimos A Flauta Mágica no State Opera House. Ponto. Comemos frango no jantar. Ponto.* Os cartões-postais das Famosas Cidades Europeias em branco, pois, depois de mandar pelo correio os poucos obrigatórios aos meu pais e à minha avó, não sobrou ninguém para quem enviar. E então a bolsinha de plástico Ziploc com um único pedaço de papel dentro. Antes da viagem, minha mãe me obrigou a fazer um inventário completo de todas as coisas que estava trazendo e, então, fez cópias, uma para cada parada. Assim, a cada vez que eu arrumasse a mala, poderia checar cada item, para ter certeza de que não estava deixando nada para trás. Sobrou uma folha para minha suposta última parada em Londres.

Enfio a camiseta na bolsa.

— Vou ficar com ela. Para dormir esta noite.

Os olhos de Céline se arregalam de novo. Ela provavelmente nunca dorme de camiseta. Provavelmente dorme nua, coberta de seda, mesmo nas noites mais frias de inverno. Tenho um flash dela dormindo nua ao lado de Willem.

— Obrigada. Pela camiseta. E por guardar minha mala — digo.

— *Merci* — responde Céline, e eu me pergunto por que ela está me agradecendo, mas então percebo que ela quer que eu diga obrigada em francês, e eu digo, mas sai como se fosse *mercy*^[2].

Subimos. Céline não para de falar com Willem. Estou começando a entender por que o francês dele ficou tão fluente. Como se isso não deixasse claro que ela era o cão e Willem seu poste, quando chegamos ao andar de cima, ela enrosca os braços nele e o leva vagarosamente até a frente do bar. Quero balançar os braços e dizer “Olá! Lembra de mim?”.

Quando fazem aquela coisa de beijinho-beijinho em cada bochecha, sinto diminuir a profunda empolgação de antes. Ao lado de Céline, com seu Stiletto de meio metro, seu cabelo preto, a parte de baixo tingida de louro, seu rosto perfeitamente simétrico, ao mesmo tempo desfigurado e evidenciado por tantos piercings, eu me sinto tão pequena quanto uma anã e tão comum quanto um esfregão. E, de novo, me pergunto: por que ele me trouxe aqui? Então penso em Shane Michaels.

Durante todo o quarto ano arrastei um bonde por Shane, um aluno do último ano. Nós passávamos muito tempo juntos, ele flertava comigo e me convidava para muitos lugares, e até pagava para mim, e me contava todo tipo de segredo pessoal, inclusive, sim, as garotas com quem estava saindo. Mas aqueles relacionamentos nunca duravam mais que algumas semanas, e eu dizia a mim mesma que durante todo aquele tempo eu e ele estávamos cada vez mais próximos e um dia ele se apaixonaria por mim. Quando muitos meses se passaram e nada aconteceu entre nós, Melanie disse que nunca aconteceria. “Você sofre da Síndrome do Amigo”, disse ela. Na época, achei que ela estivesse com ciúme,

mas, obviamente, estava certa. Passo a achar que, com exceção de Evan, esse pode ser um problema para a vida inteira.

Sinto um tremor, sinto as boas-vindas que Paris me deu mais cedo desaparecendo, se é que aquilo aconteceu realmente. Que estupidez imaginar que um cachorro cheirando o meio das minhas pernas e uma olhada rápida de um cara qualquer significavam alguma coisa. Paris adora garotas como Céline. Lulus verdadeiras, não impostoras.

Então, quando estamos na porta, o Gigante sai de detrás do bar, pega minhas mãos e as beija com um garboso "*à bientôt*", porque ele queria, não porque eu estava pagando. E não deixo de notar que Willem não está mais olhando para Céline, mas me observando, uma expressão curiosa iluminando seu rosto. Não tenho certeza se são essas coisas ou algo mais, mas aquele beijo, que eu considero apenas platônico — um aperto de mão atrevido e amigável —, foi memorável. Um beijo dado por Paris.

— Lulu, temos um assunto muito importante para discutir.

Willem olha para mim solenemente, e eu sinto meu estômago revirar de ansiedade diante de outra surpresa desagradável.

— O que foi desta vez? — pergunto, tentando não parecer nervosa.

Ele cruza os braços na frente do peito e então passa a mão no queixo. Será que vai me mandar de volta? Não! Já surtei por causa disso hoje.

— O quê? — pergunto de novo, a voz ficando mais alta apesar do meu esforço.

— Perdemos uma hora vindo para a França, então já passa das duas da tarde. Hora do almoço. E esta é Paris. E só temos um dia. Assim, temos que analisar isso muito seriamente.

— Ah! — Expiro, aliviada. Será que agora está tentando mexer comigo? — Eu não ligo. Qualquer coisa, exceto chocolate e pão, por favor. Eu sei que gosta, mas não parecem muito franceses — retruco, sem ter muita certeza do motivo da minha irritação, ainda que, apesar de já termos nos afastado vários quarteirões da boate de Céline, de algum modo sinto que ela está nos seguindo.

Willem finge estar ofendido.

— Pão e chocolate não são minhas especialidades culinárias. — Ele ri. — Digo, não são as únicas. E são *muito* francesas, fique sabendo. Croissant de chocolate? Podemos comer isso amanhã, no café.

Café da manhã. Amanhã. *Depois de hoje à noite*. Céline parece estar um pouco mais distante agora.

— A não ser que você prefira sucrilhos — continua ele. — Ou panquecas. Isso é americano. Talvez sucrilhos com panquecas?

— Eu não como sucrilhos no café. De vez em quando como panquecas no jantar. Assim, sou rebelde.

— Crepes — ele diz, estalando os dedos. — Vamos comer crepes. Tipicamente francês. E você pode se rebelar.

Caminhamos um ao lado do outro, olhando os menus dos cafés até encontrarmos um, numa esquina triangular, que serve crepes. O menu está escrito a mão, em francês, mas não peço a Willem para traduzi-lo. Depois daquela história toda com Céline, minha falta de fluência me faz me sentir uma aleijada. Assim, debruço-me sobre o menu, fixando-me no *citron*, que tenho quase absoluta certeza de que significa limão, ou laranja, ou algum tipo de fruta cítrica. Escolho um *citron crêpe* e um *citron pressé* para beber, torcendo para que seja algum tipo de limonada.

— O que vai pedir? — pergunto.

Ele coça o queixo. Há um pequeno tufo dourado ali.

— Estava pensando em pedir crepe de chocolate, mas é tão parecido com chocolate e pão que tenho medo de você perder o respeito por mim. — E abre aquele meio sorriso preguiçoso.

— Eu não me preocuparia com isso. Já perdi o respeito por você quando o encontrei tirando a roupa para Céline no escritório dela — brinco.

E lá está aquele olhar: surpresa, encanto.

— Lá não era o escritório dela — ele explica devagar, desenhando as palavras. — E eu diria que era ela que estava me despindo.

— Ah, então deixa para lá. Fique à vontade, peça o chocolate.

Ele me olha demoradamente.

— Não. Para me redimir, vou pedir o meu com Nutella.

— Isso está longe de ser remissão. Nutella é praticamente chocolate.

— É feito de avelã.

— E chocolate. É horrível.

— Você só diz isso porque é americana.

— Não tem nada a ver uma coisa com a outra! Você parece ter um apetite sem fim por chocolate e pão, mas eu não acho que seja porque é holandês.

— Por que seria?

— Cacau holandês? Vocês são especialistas nisso.

Willem ri.

— Acho que você está nos confundindo com os belgas. Eu herdei meu gosto por doces da minha mãe, que nem é holandesa. Ela diz que sentiu desejo de comer doce durante toda a gravidez, e é por isso que gosto tanto de chocolate.

— Eu sabia. Agora a culpa é da mulher.

— Quem está culpando?

A garçonete vem anotar o pedido das bebidas.

— Então, a Céline — começo, sabendo que deveria deixar essa história para lá, mas, por algum motivo, não consigo. — Ela é, tipo, a *hostess*? Na boate?

— Sim.

Sei que parece ofensivo, mas fico satisfeita que seja um trabalho tão chato. Até que Willem elabora.

— Não *hostess*. Ela contrata todas as bandas, então conhece todos os músicos. — E, como se aquilo não fosse o bastante, ele acrescenta: — Ela também faz um pouco da parte artística dos pôsteres.

— Ah — digo, desanimada. — Ela deve ser muito talentosa. Você a conhece por causa do teatro?

— Não.

— Como vocês se conheceram?

Ele brinca com a embalagem do meu canudinho.

— Já entendi — digo, me perguntando por que estou me dando ao trabalho de perguntar uma coisa que é dolorosamente óbvia. — Vocês tinham um relacionamento.

— Não, não é isso.

— Ah. — Surpresa. E alívio.

E então Willem diz, muito casualmente:

— Uma vez nós nos apaixonamos.

Tomo um gole do meu *citron pressé* — e engasgo. Descubro que aquilo não é limonada, mas água com limão espremido. Willem me passa um cubinho de açúcar e um guardanapo.

— Uma vez? — pergunto quando me recupero.

— Foi um tempo atrás.

— E agora?

— Somos bons amigos. Como você viu.

Não tenho certeza do que vi, exatamente.

— Quer dizer que não está mais apaixonado por ela? — Passo os dedos pela borda do copo.

Willem me olha.

— Eu nunca disse que estava apaixonado por ela.

— Você *acabou* de dizer que vocês se apaixonaram uma vez.

— Eu me apaixonei. Existe uma enorme diferença, Lulu, entre ficar apaixonado e estar apaixonado.

Sinto meu rosto esquentar, e não tenho bem certeza do porquê.

— Não entendi.

— É preciso se apaixonar para estar apaixonado, mas se apaixonar não é o mesmo que estar apaixonado. Você já se apaixonou?

Evan e eu terminamos um dia depois de ele ter feito o depósito da matrícula da faculdade. Não foi inesperado. Não totalmente. Já tínhamos concordado em terminar quando fôssemos para a faculdade, se não acabássemos na mesma área geográfica. E ele iria para a faculdade em St. Louis. Eu iria para Boston. A única coisa que eu não esperava era o momento. Evan resolveu que era melhor “arrancar a mordaca” e terminar não em junho, quando nos formamos, ou em agosto, quando iríamos embora para a faculdade, mas em abril.

No entanto, tirando o fato de eu ter sido meio que humilhada pelas fofocas de ter levado um pé na bunda e de ter ficado decepcionada por não ir à festa de formatura, não fiquei exatamente triste por perder *Evan*. Fiquei surpreendentemente neutra com relação a terminar com meu primeiro namorado. Foi como se ele nunca tivesse estado ali. Não senti saudade, e Melanie rapidamente preencheu seja lá quais foram os vazios que ele havia deixado na agenda.

— Não — respondo. — Nunca estive apaixonada.

Neste exato momento a garçonete chega com nossos crepes. O meu é marrom-dourado, exalando o agridoce perfume do limão e do açúcar. Concentro-me naquilo, cortando um pedaço e enfiando-o na boca. Ele derrete na ponta da minha língua como um floco de neve doce e quente.

— Não foi isso que eu perguntei — diz Willem. — Perguntei se algum dia você já se apaixonou.

O tom de brincadeira na voz dele é como uma coceira que eu não posso coçar. Olho para ele me perguntando se sempre analisa a

semântica desse jeito.

Willem abaixa o garfo e a faca.

— *Isto* é se apaixonar. — Com o dedo, ele tira um pouquinho de Nutella de dentro de seu crepe e coloca uma gota do lado de dentro do meu pulso. O chocolate está quente e molenga e começa a derreter na minha pele grudenta, mas, antes de ter a chance de escorrer, Willem lambe o dedão, passa-o pela mancha de Nutella e enfia o dedo de volta na boca. Tudo acontece rapidamente, como um lagarto abocanhando uma mosca. — *Isto* é estar apaixonado. — E aqui ele toma meu outro pulso, aquele onde tenho o relógio, e mexe na pulseira até ver o que está procurando. Mais uma vez, ele lambe o dedão, só que, agora, ele o esfrega sobre a minha marca de nascença, com força, como se tentasse removê-la.

— Estar apaixonado é uma marca de nascença? — eu brinco e puxo meu braço. Minha voz, porém, tem um tremor, e o lugar onde a impressão digital do dedão dele está secando na minha pele, de algum modo, queima.

— É algo que nunca desaparece, independentemente do quanto você queira que suma.

— Está comparando o amor a... uma mancha?

Ele se encosta tão fundo em seu assento que as pernas da frente da cadeira desencostam do chão. Parece muito satisfeito, com o crepe ou consigo mesmo, não tenho certeza.

— Exatamente.

Penso na mancha de café na calça jeans. Penso em Lady Macbeth e sua "Sai, mancha maldita", outra das falas que tive de decorar para as aulas de inglês.

— "Mancha" parece ser uma palavra feia para descrever o amor — digo a ele.

Willem dá de ombros.

— Talvez em inglês. Em holandês é *vlek*. Em francês, *tache*. — Ele balança a cabeça e ri. — Não, mesmo assim é feio.

— Em quantas línguas você já se manchou?

Ele lambe o dedão de novo e estica a mão sobre a mesa para alcançar meu pulso novamente, onde deixara um pouquinho de Nutella. Desta vez tira tudo de mim.

— Nenhuma. Sempre desaparece. — Ele coloca uma garfada de crepe na boca, pegando a ponta sem corte da faca para raspar a Nutella do prato. Então passa o dedo ao redor da borda, limpando tudo o que resta.

— Certo — digo. — Por que ter uma mancha quando ficar sujo é tão mais divertido? — Sinto o gosto dos limões em minha boca novamente e me pergunto para onde foi toda a doçura.

Willem não diz nada. Apenas toma um gole do café.

Três mulheres entram no café. São todas absurdamente altas, quase tão altas quanto Willem, e magras, com pernas que parecem terminar nos seios. São como uma estranha raça de girafas humanas. Modelos. Nunca vi a espécie fora do cativo antes, mas é evidente o que elas são. Uma delas está usando short bem curto e sandálias plataforma; ela dá uma olhada em Willem, e ele lhe dá aquele meio sorrisinho, então é como se caísse a ficha, e ele olha de volta para mim.

— Sabe o que isso tudo me parece? — pergunto. — Parece que você gosta de aprontar por aí. O que não tem problema nenhum. Mas pelo menos admita isso para você mesmo. Não fique fazendo distinções idiotas entre se apaixonar e ficar apaixonado.

Ouçó minha própria voz. Pareço a Little Miss Muffet, toda certinha e cerimoniosa. Nada a ver com Lulu. E não sei por que estou tão brava. Que diferença faz se ele acredita em se apaixonar em vez de ficar apaixonado, ou se acredita que o amor é algo que a fada do dente enfia debaixo do travesseiro?

Quando levanto o rosto, os olhos de Willem estão semicerrados e sorridentes, como se eu fosse a boba da corte e estivesse ali para entretê-lo. Sinto-me enciumada, uma criança prestes a ter um chique por lhe negarem algo — um pônei — que ela sabe que não pode ter.

— Você provavelmente não acredita no amor. — Minha voz é petulante.

— Acredito, sim. — A voz dele é baixa.

— Verdade? Defina amor. O que seria “ficar manchado”? — Faço aspas no ar e viro os olhos.

Ele não faz nem uma pausa para pensar.

— Como Yael e Bram.

— Quem são? Algum tipo de Brangelina holandês? Isso não vale, porque ninguém sabe o que isso significa para eles. — Olho a tropa de modelos desaparecer dentro do café, onde, com certeza, se deliciarão com café preto e ar. Imagino-as um dia gordas e comuns, pois nada tão belo dura para sempre.

— Quem é Brangelina? — pergunta Willem, sem a menor noção. Enfia a mão no bolso para procurar uma moeda e a equilibra entre os ossinhos da mão, depois joga de um ossinho para outro.

Olho para a moeda, olho para as mãos dele. São grandes, mas os dedos são delicados.

— Deixa para lá.

— Yael e Bram são meus pais — ele responde baixinho.

— Seus *pais*?

Ele completa uma evolução com a moeda e então a joga pelo ar.

— Manchado. Gosto do jeito como você coloca. Yael e Bram, manchados por vinte e cinco anos.

Ele diz aquilo com carinho e tristeza ao mesmo tempo, e algo em meu estômago revira.

— Os seus pais são assim?

— Eles ainda são casados depois de vinte e cinco anos, mas manchados? — Não consigo fazer outra coisa além de rir. — Nem sei se um dia foram. Marcaram um encontro às escuras para eles na faculdade. Eles sempre pareceram menos um casal de pombinhos que parceiros de negócios amigáveis, dos quais eu sou o único produto.

— Única. Então você é sozinha?

Sozinha? Acho que ele deve ter querido dizer filha *única*. E nunca estou sozinha, com minha mãe e o calendário de códigos coloridos na geladeira, fazendo questão de que todo tempo livre da minha agenda seja útil para alguma coisa, fazendo questão de que cada um dos aspectos da minha vida seja administrado com sucesso. Exceto quando paro por um segundo e penso em como me sinto, em casa, à mesa de jantar, com minha mãe e meu pai falando para mim, não comigo, na escola, com um bando de pessoas que na verdade nunca foram meus amigos, compreendo que, mesmo que ele não tenha querido dizer aquilo, acabou acertando.

— Sim — digo.

— Eu também.

— Nossos pais desistiram quando estavam ganhando — comento, repetindo a fala que minha mãe e meu pai usam quando as pessoas perguntam se eu sou filha única. *Nós paramos quando estávamos ganhando.*

— Nunca consigo entender algumas expressões em inglês — retruca Willem. — Se a pessoa está na frente, por que desistiria?

— Acho que tem a ver com o jogo.

Mas Willem está balançando a cabeça.

— Acho que faz parte da natureza humana continuar avançando quando se está na frente, independentemente de qualquer coisa. Você só desiste quando se está atrás. — Então ele olha para mim

de novo, e, como se percebesse que talvez possa ter me insultado, se apressa em dizer: — Mas tenho certeza de que com você foi diferente.

Quando eu era pequena, meus pais tentaram ter mais filhos. Primeiro seguiram pelo caminho natural, depois foram pelo caminho da fertilização, minha mãe passando por vários procedimentos horríveis que nunca funcionaram. Então pensaram em adoção, e estavam no processo de preencher todos os papéis quando minha mãe engravidou. Ela ficou tão feliz... Na época, eu estava na primeira série, e ela trabalhava desde que eu era bebê, mas, quando ficou grávida de novo, iria pedir licença estendida de seu trabalho numa indústria farmacêutica, e talvez voltar trabalhando meio período. Então, no quinto mês, ela perdeu o bebê. E mamãe e papai resolveram desistir enquanto estavam ganhando. Foi isso o que me disseram. No entanto, mesmo naquela época eu já achava que aquilo era mentira. Eles queriam mais filhos, mas tiveram que se contentar só comigo, e eu tinha que ser boa o bastante para que todos fingissem que estávamos conformados.

— Talvez você tenha razão — falo para Willem agora. — Talvez ninguém realmente desista quando está ganhando. Meus pais sempre disseram isso, mas a verdade é que eles pararam em mim porque não conseguiam ter mais filhos. Não porque eu fosse suficiente.

— Tenho certeza de que *você* era suficiente.

— *Você* era?

— Talvez mais do que suficiente — ele diz, com ar misterioso. Soa quase como se ele estivesse se gabando, mas não está.

Ele começa a fazer o negócio com a moeda de novo. Enquanto sentamos em silêncio, observo a moeda, sentindo algo suspenso crescer dentro do estômago, me perguntando se ele a deixará cair. Mas ele não deixa. Apenas continua girando. Quando termina, gira-a no ar e a joga para mim, exatamente como fez na noite passada.

— Posso perguntar uma coisa? — digo depois de um minuto.

— Pode.

— Aquilo foi parte do show?

Ele pende a cabeça para o lado.

— Quero dizer, você joga uma moeda para uma garota em toda apresentação ou eu era especial?

A noite passada, depois que voltei ao hotel, passei um tempão examinando a moeda que ele havia jogado para mim. Era uma coroa tcheca que valia um centavo. Mesmo assim, coloquei-a num lugar separado na minha carteira, longe de todas as outras moedas estrangeiras. Puxo-a da carteira agora. Ela reluz sob o sol brilhante da tarde.

Willem também olha para ela. Não tenho certeza se a resposta dele é verdadeira ou não, ou apenas absurdamente ambígua, ou talvez as duas coisas. É exatamente isto o que ele diz:

— Talvez as duas coisas.

Ao sairmos do restaurante, Willem me pergunta as horas. Giro meu relógio no pulso. Parece mais incômodo do que nunca, a pele irritada e pálida pelo contato com o metal pesado durante as últimas três semanas. Não o tirei do pulso nenhuma vez.

O relógio foi um presente de meus pais, apesar de ter sido a minha mãe que me deu na noite da formatura, depois da festa no restaurante italiano com a família de Melanie, onde nos contaram sobre o tour.

— O que é isto? — perguntei. Estávamos sentados à mesa da cozinha, relaxando do estresse do dia. — Você já me deu um presente de formatura.

Ela sorriu.

— Tenho outro presente.

Abri a caixa, vi o relógio, passei os dedos pelos espessos elos dourados. Li a gravação.

— Isso é demais! — E era mesmo. Em todos os sentidos.

— O tempo não para pra ninguém — disse minha mãe, sorrindo um pouco triste. — Você merece um bom relógio para seguir em frente. — Então, ela abotoou o relógio no meu pulso, mostrou-me que havia mandado instalar um fecho extra do lado de dentro e também contou que era à prova-d'água. — Ele nunca vai cair. E você pode levá-lo para a Europa.

— Ah, não. É muito caro.

— Tudo bem. Tem seguro. Além do mais, joguei fora o seu Swatch.

— Jogou? — Eu tinha usado meu Swatch de pulseira de zebra durante toda a escola secundária.

— Agora você é adulta. Precisa de um relógio de gente grande.

Olho para o relógio. São quase quatro horas. Se estivesse no tour, eu estaria respirando aliviada, pois a parte movimentada do dia estaria terminando. Normalmente tínhamos um descanso por volta das cinco, e, na maioria das noites, às oito horas eu já podia estar de volta ao meu quarto de hotel assistindo a algum filme.

— Deveríamos começar a ver alguns dos pontos turísticos — sugere Willem. — Você já sabe o que quer fazer?

Dou de ombros.

— Poderíamos começar com o Sena. Não é este aqui? — Aponto para uma muralha de concreto, embaixo da qual há alguma coisa parecida com um rio.

Willem ri.

— Não, isso é um canal.

Caminhamos pela trilha de paralelepípedos, e Willem pega um livro grosso, o *Rough Guide to Europe*. Abre um mapa de Paris e aponta mais ou menos onde estamos, uma área chamada Villette.

— O Sena está aqui — ele diz, traçando uma linha pelo mapa.

— Ah. — Olho para o barco, agora preso entre dois grandes portões de metal; a área está se enchendo de água. Willem explica que isso é uma comporta, basicamente um elevador que suspende e abaixa os barcos em diferentes profundidades dos canais.

— Como você sabe tanto sobre tudo?

Ele ri.

— Sou holandês.

— Isso quer dizer que você é um gênio?

— Sobre canais, sim. Dizem “Deus fez o mundo, mas os holandeses fizeram a Holanda”. — E então ele começa a me contar que grande parte do país foi resgatada do mar, sobre andar de bicicleta pelos aterros baixos que mantêm a água fora da Holanda. Que andar de bicicleta é um ato de fé, com os diques acima de você, sabendo que, de alguma forma, mesmo estando abaixo do nível do mar, você não está embaixo da água. Enquanto ele fala sobre isso, parece tão jovem que quase consigo vê-lo como uma criancinha loura, olhos bem abertos olhando para os intermináveis caminhos de água, se perguntando aonde iriam dar.

— Talvez pudéssemos pegar um desses barcos — pergunto, apontando para a embarcação que acabamos de ver passar pela comporta.

Os olhos de Willem se iluminam, e, por um segundo, vejo aquele garotinho de novo.

— Não sei. — Ele olha para o guia. — Aqui realmente não há muita coisa sobre este bairro.

— Podemos perguntar?

Willem pergunta em francês para alguém que passa por ali e recebe uma resposta complicada, cheia de gestos. Vira-se para mim, claramente animado.

— Você está certa. Ele disse que há viagens de barco saindo da baía.

Seguimos lado a lado pelo caminho de paralelepípedos até que saímos num grande lago, onde as pessoas estão remando em canoas. De um lado, perto de um píer de cimento, alguns barcos estão amarrados. Mas, quando chegamos lá, descobrimos que são barcos particulares. Os barcos de turistas já saíram.

— Podemos pegar um barco perto do Sena — diz Willem. — É muito mais popular, e os barcos navegam o dia inteiro. — Os olhos dele estão baixos. Posso ver que está frustrado, como se tivesse me desapontado.

— Ah, sem problema. Não me importo.

Ele está olhando melancolicamente para a água, e vejo que *ele* se importa. Sei que não o conheço, mas posso jurar que o garotinho também está com saudade de casa. Dos barcos, dos canais e das coisas relacionadas à água. E, por um segundo, penso como deve ser estar longe de casa por dois anos, e então postergar a volta por mais um dia. Ele fez isso. Por mim.

— Na verdade, eu me importo, sim — digo. Enfio a mão na bolsa para pegar minha carteira, a nota de cem dólares dobrada lá dentro. Seguro-a no ar e grito. — Estou querendo uma viagem de barco pelos canais. E posso pagar.

A cabeça de Willem balança na minha direção.

— Lulu, o que está fazendo?

Mas estou me afastando dele.

— Alguém interessado em nos levar pelos canais? — digo. — Tenho as boas e velhas verdinhas americanas.

Um homem com a cara cheia de espinhas, traços marcantes e um cavanhaque ralo aparece ao lado de um barco com um toldo azul.

— Quantas verdinhas? — pergunta, com um sotaque francês carregado.

— Todas.

Ele pega a nota de cem e a olha bem de perto. Então a cheira.

Ela deve ter cheiro de nota verdadeira, pois ele diz:

— Se meus passageiros concordarem, eu os levarei pelo canal até Arsenal, perto da Bastilha. É onde nós atracamos para passar a noite. — Ele aponta para o fundo do barco, onde um quarteto de homens e mulheres grisalhos está sentado ao redor de uma mesa redonda, jogando bridge ou algo do gênero. Ele chama um deles.

— Ahoy, Capitão Jack — responde o homem. Deve ter 60 anos. O cabelo é branco e o rosto está queimado de sol.

— Temos uns mochileiros que querem subir a bordo conosco.

— Eles sabem jogar pôquer? — pergunta uma das mulheres.

Eu jogava pôquer de sete cartas com meu avô antes de ele morrer, para ganhar alguns trocados. Ele dizia que eu sabia blefar muito bem.

— Nem se dê ao trabalho. Ela me deu todo o dinheiro — diz o Capitão Jack.

— Quanto ele está cobrando de vocês? — pergunta um dos homens.

— Ofereci cem dólares — respondo.

— Para ir aonde?

— Para descer os canais.

— É por isso que o chamamos de Capitão Jack — explica um dos homens. — Porque ele é um pirata.

— Não. É porque meu nome é Jacques, e eu sou o capitão.

— Cem dólares, Jacques? — pergunta uma mulher com uma trança grisalha comprida e olhos azuis encantadores. — Parece um pouco demais até para você.

— Ela ofereceu isso. — Jacques dá de ombros. — Além disso, agora tenho mais dinheiro para perder para vocês no pôquer.

— Ah, essa é uma boa justificativa. — diz ela.

— Vão partir agora? — pergunto.

— Daqui a pouco.

— Quando é daqui a pouco? — Já passa das quatro horas. O dia está passando muito rápido.

— Não se podem apressar essas coisas. — Ele agita a mão pelo ar. — O tempo é como a água. Fluido.

O tempo não parece fluido para mim. Parece real, vivo e duro feito uma pedra.

— O que ele quer dizer — diz o cara com rabo de cavalo — é que a viagem até Arsenal leva um tempo e estamos a ponto de abrir uma garrafa de vinho tinto. Vamos lá, Capitão Jack, vamos zarpar. Por cem pilas você pode tomar seu vinho mais tarde.

— Vamos continuar com esse gim francês — continua a mulher de trança.

Ele dá de ombros e então enfia minha nota no bolso. Viro-me para Willem e sorrio. Então faço um sinal com a cabeça para o Capitão Jack. Ele estica a mão para me ajudar a embarcar.

Os quatro passageiros se apresentam. São dinamarqueses aposentados, e a cada ano, nos contam, alugam um barco e viajam por algum país da Europa durante quatro semanas. Agnethe é a da trança, e Karin tem o cabelo curto espetado. Bert tem um chumaço de cabelo branco, e Gustav é careca, tem um rabo de cavalo parecido com um rabo de rato e está usando a típica combinação de sandália e meia. Willem se apresenta e, quase automaticamente, eu me apresento como Lulu. É quase como se eu tivesse me transformado nela. Talvez eu tenha me transformado mesmo. Nunca, nem em um milhão de anos, Allyson teria feito o que eu acabei de fazer.

O Capitão Jack e Willem desamarram a corda, e eu estou a ponto de dizer que talvez devesse ter parte do meu dinheiro de volta se Willem for o ajudante, mas então vejo que Willem está adorando, se divertindo muito. Ele evidentemente sabe o que fazer num barco.

A embarcação solta um estampido ao sair da baía, proporcionando uma visão ampla de um prédio antigo de colunas brancas e outro moderno, com o teto prateado. Os dinamarqueses voltam ao seu jogo de pôquer.

— Não percam todo o dinheiro — diz o Capitão Jack a eles —, senão não vai sobrar nenhum para perderem para mim.

Escorrego até a proa do barco e observo o cenário passar. É mais fresco aqui nos canais, sob as passarelas arqueadas. O cheiro também é diferente. Mais velho, mais mofado, como se gerações de história estivessem guardadas nas paredes úmidas. Se essas paredes pudessem falar, imagino os segredos que contariam.

Quando chegamos à primeira barragem, Willem sobe na beirada do barco para me mostrar como o mecanismo funciona. Os portões de metal de aparência antiga, tão enferrujados quanto a cor da água salgada, se fecham atrás de nós. A água embaixo seca e os portões reabrem uma seção mais baixa.

Esta parte do canal é tão estreita que o barco toma quase toda a sua extensão. Aterros íngremes levam até as ruas e, lá em cima, salgueiros e olmos (de acordo com o Capitão Jack) formam um bosque, uma quebra suave do sol quente da tarde.

Uma ventania balança as árvores, trazendo uma cortina de folhas rolando sobre o deque.

— A chuva está vindo — informa o Capitão Jack, cheirando o ar como um coelho. Levanto o rosto e olho para Willem, depois me viro. O céu não tem nenhuma nuvem, e não chove nesta parte da Europa há dez dias.

Mais para cima, Paris segue em frente, cheia de si. As mães tomam café, mantendo os olhos nos filhos enquanto estes andam de patinete pelas calçadas. Os vendedores nas barracas do lado de fora anunciam frutas e legumes. Amantes se abraçam, sem se importar com o calor. Um clarinetista está em pé em cima da ponte, fazendo serenata para tudo.

Eu mal tirei fotos nesta viagem. Melanie me perturbava por causa disso, e eu respondia que preferia passar pela experiência em vez de guardá-la obsessivamente. No entanto, a verdade era que, diferentemente de Melanie (que queria se lembrar do vendedor de sapatos, do mímico, do garçom bonitinho e de todas as outras pessoas do tour), eu realmente não ligava para nada daquilo. No início da viagem, tirei algumas fotos dos lugares turísticos. O

Coliseu. O Palácio Belvedere. A Mozartplatz. Depois parei. As fotos nunca saíam boas e eu poderia comprar cartões-postais desses lugares.

Mas não há cartões-postais disto aqui. Da vida.

Tiro uma foto de um homem careca caminhando com quatro cachorros peludos. De uma garotinha com a saia mais absurdamente cheia de babados, arrancando pétalas de uma flor. De um casal se agarrando sem a menor vergonha na praia artificial. Dos dinamarqueses, ignorando tudo isso, mas tendo a melhor diversão da vida com o seu jogo.

— Ah, me deixe tirar uma de vocês dois — diz Agnethe, levantando-se um pouco tonta do jogo. — Ah, como são lindos! — Ela se vira para a mesa. — Bert, será que eu fui linda assim um dia?

— Você ainda é, meu amor.

— Há quanto tempo estão casados? — pergunto.

— Trinta anos — conta ela, e eu me pergunto se eles estão “manchados para sempre”, mas então ela continua. — Mas é claro que estamos divorciados há dez.

Ela vê a expressão de confusão em meu rosto.

— Nosso divórcio funciona melhor do que a maioria dos casamentos.

Olho para Willem.

— Que tipo de mancha é essa? — cochicho, e ele ri no momento em que Agnethe tira uma foto nossa.

O sino de uma igreja toca a distância. Agnethe nos devolve o celular, e eu tiro uma foto dela e de Bert.

— Vai me mandar essa aí? Todas?

— Claro. Assim que tiver sinal. — Viro-me para Willem. — Mando para você também, se me der o seu número.

— Meu telefone é tão velho... não funciona com fotos.

— Quando chegar em casa, eu passo as fotos para o computador e mando para você por e-mail — digo, apesar de não saber onde vou esconder as fotos da minha mãe; não seria surpresa ela vasculhar meu telefone ou meu computador. Mas agora me dou conta de que isso vai ser só por mais um mês, Depois disso serei livre. Assim como sou livre hoje. — Posso mandar para você por e-mail.

Willem olha demoradamente para uma das fotos. Depois olha para mim.

— Vou guardar você bem aqui. — Ele toca a testa. — Onde você nunca vai se perder.

Mordo o lábio para esconder o sorriso e finjo guardar meu telefone, mas, quando o Capitão Jack chama Willem para tomar conta do timão enquanto ele vai até a proa, puxo o celular de volta e revejo as fotos, parando naquela de nós dois que Agnethe tirou. Estou de lado, minha boca aberta. Ele está rindo. Sempre rindo. Passo a ponta do dedão sobre o rosto dele, meio que esperando que emane algum tipo de calor.

Guardo o celular e observo Paris passar, me sentindo relaxada, quase bêbada, com uma alegria sonolenta. Alguns momentos depois, Willem vem até mim. Sentamos em silêncio, ouvindo as batidas da água, o burburinho dos dinamarqueses. Willem tira uma moeda e faz aquela coisa de novo, passando-a de nó em nó dos dedos. Observo, hipnotizada pelas mãos dele, pelo balanço suave da água. Está tudo tranquilo até que os dinamarqueses começam a bater boca em voz alta. Willem traduz: aparentemente estão discutindo se uma atriz francesa qualquer já fez algum filme pornô.

— Você fala *dinamarquês* também? — pergunto.

— Não, mas é muito próximo do holandês.

— Quantas línguas você fala?

— Fluentemente?

— Ah, Deus. Desculpe por perguntar.

— Quatro fluentemente. Consigo me virar em alemão e espanhol também.

Balanço a cabeça, impressionada.

— Tudo bem, mas você disse que fala *chinês*.

— Eu não diria que falo; estou mais para “assassina”. Não tenho ouvido musical, e o mandarim é totalmente musical.

— Fale para eu ouvir.

Olho para ele.

— *Ni zhen shuai*.

— Diga outra coisa.

— *Wo xiang wen ni*.

— Agora entendi. — Ele cobre a cabeça. — Pare. Estou sangrando pelos ouvidos.

— Cale a boca ou vai sangrar de verdade! — finjo empurrá-lo.

— O que você disse? — pergunta.

Dou uma olhada para ele. Não digo nem morta.

— Você inventou tudo.

Dou de ombros.

— Você nunca vai saber.

— O que você quer dizer com isso?

Eu sorrio.

— Vai ter que procurar.

— Você também escreve? — Ele puxa seu livrinho negro e abre numa página em branco perto do final. Fuça de volta na mochila. — Tem uma caneta?

Tenho uma das canetas promocionais que roubei do meu pai, esta aqui dizendo RESPIRE MAIS FACILMENTE COM PULMOCLEAR.

Desenho o símbolo do sol, da lua, das estrelas. Willem balança a cabeça com admiração.

— Veja, eu adoro este aqui. É o símbolo da dupla felicidade:



— Reparou como as figuras são simétricas?

— Dupla felicidade — repete Willem, acompanhando as linhas com seu dedo indicador.

— É uma frase popular. E sempre aparece nos restaurantes e tal. Acho que tem a ver com sorte. Na China, aparentemente é importante nos casamentos. Provavelmente por causa da história de suas origens.

— Que é...

— Um rapaz estava viajando. Ele ia fazer uma prova importante para se tornar ministro. No caminho, ele ficou doente num vilarejo da montanha. Então o médico da montanha cuidou dele e, enquanto estava se recuperando, ele conheceu a filha do médico, e eles se apaixonaram. Um pouco antes de ele ir embora, a garota recitou para ele uma linha do verso. O rapaz foi para a capital fazer a prova e se saiu bem; o imperador ficou muito impressionado. Então, para testá-lo ainda mais, ele recitou uma linha do verso. Obviamente, o rapaz reconheceu de imediato a frase misteriosa como a outra metade da poesia que a garota lhe disse, então repetiu o que a garota tinha falado. O imperador ficou duplamente impressionado, e o rapaz conseguiu o emprego. Voltou e se casou com a garota. Daí a dupla felicidade, imagino. Ele conseguiu a garota e o emprego. Sabe como é, os chineses dão muita importância à sorte.

Willem balança a cabeça.

— Acho que dupla felicidade é quando as duas metades se encontram. Assim como nos versos.

Nunca pensei dessa forma, mas era exatamente isso.

— Você lembra como é o poema?

Confirmo com um movimento de cabeça.

— Verdes árvores contra o céu chuvoso da primavera, que deixa escuro o caminho das árvores enquanto se afasta. A brisa passa, salpicando a terra de flores vermelhas, e a terra se colore de vermelho depois do beijo.

A parte final do canal é subterrânea. As paredes são arqueadas e tão baixas que consigo esticar a mão e tocar os tijolos lisos e úmidos. É assustador aqui embaixo, silencioso, cheio de eco. Até os dinamarqueses barulhentos ficaram quietos. Willem e eu nos sentamos com as pernas penduradas sobre a beirada do barco, chutando a parede do túnel quando conseguimos.

Ele belisca meu tornozelo com o dedão do pé.

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por arranjar isto aqui. — Ele mostra o barco.

— O prazer é todo meu. Obrigada por *isto* aqui. — Eu aponto para cima, para onde, com certeza, Paris continua sua vida normal.

— Disponha. — Ele olha ao redor. — É legal isto aqui. O canal. — Ele olha para mim. — Você.

— Aposto que você diz isso de todos os canais. — E fico vermelha na escuridão mofada e penetrante.

Continuamos assim durante todo o restante da viagem, balançando as pernas ao lado do barco, ouvindo as risadinhas e a música de Paris mergulharem nas profundezas. É como se a cidade estivesse contando segredos aqui embaixo, exclusivamente para aqueles que imaginam ouvi-los.

A Marina Arsenal é como um estacionamento de barcos, milimetricamente lotada entre os dois lados de um píer de cimento. Willem ajuda Capitão Jack a levar o barco para dentro do lugar de ancoragem, saltando para amarrar as cordas em nós complicados. Nós nos despedimos dos dinamarqueses, que agora estão totalmente bêbados, eu anoto o número do celular de Agnethe, prometendo enviar uma mensagem de texto com as fotos assim que puder.

Ao desembarcarmos, o Capitão Jack nos cumprimenta com um aperto de mão.

— Me sinto mal em pegar o dinheiro de vocês — declara ele.

— Não. Não se sinta. — Lembro-me da expressão no rosto de Willem, por estar dentro do túnel. Só aquilo já valeu os cem dólares.

— E vamos tirar tudo de você rapidinho — grita Gustav.

Jacques dá de ombros. Ele beija minha mão antes de me ajudar a descer do barco e praticamente abraça Willem.

Enquanto nos afastamos, Willem dá um tapinha em meu ombro.

— Você viu o nome do barco?

Não vi. Está bem atrás, gravado com letras azuis, próximo às linhas verticais vermelha, branca e azul da bandeira francesa. *Viola Deauville*.

— Viola? Em homenagem à Viola de Shakespeare?

— Não. Jacques queria que o barco se chamasse *Voilà*, mas o primo dele pintou errado, e ele gostou do nome, então o registrou como *Viola*.

— Hummm... Isso é meio esquisito — digo.

Como sempre, Willem sorri.

— Acasos? — Imediatamente, um estranho tremor sobe pelas minhas costas.

Willem concorda com um aceno de cabeça, quase solenemente.

— Acasos — confirma ele.

— Mas o que você quer dizer? Que era nosso destino entrar *naquele* barco? Quer dizer que algo melhor ou pior teria acontecido se *não* tivéssemos entrado naquele barco? Entrar naquele barco alterou o curso da nossa vida? Será que a vida é tão aleatória assim?

Willem apenas dá de ombros.

— Ou será que significa que o primo de Jacques não sabe soletrar? — digo.

E Willem ri de novo. O som é claro e forte como o de um sino e me enche de alegria. É como se, pela primeira vez na minha vida, eu compreendesse que *este* é o verdadeiro sentido do riso: espalhar felicidade.

— Às vezes não se pode saber até descobrir — diz ele.

— Isso ajuda muito.

Ele ri e olha para mim por um momento.

— Sabe de uma coisa? Acho que, no final das contas, você é uma boa viajante.

— Sério? Não sou. Hoje está sendo é uma anomalia total. Me senti péssima durante o tour. acredite em mim, não fiz sinal para ninguém, para um barco sequer. Nem mesmo um táxi. Nem uma bicicleta.

— E antes do tour?

— Nunca viajei muito, e o tipo de viagem que eu fiz... sem muito espaço para acasos.

Willem ergue uma sobrancelha com ar questionador.

— Já estive em alguns lugares. Flórida. Esquiando. E no México, mas isso parece ser mais exótico do que realmente é. Todo ano vamos para um resort ao sul de Cancún. É para parecer um templo maia gigante, mas juro que a única coisa que faz parecer que não se está nos Estados Unidos são as canções de Natal tocadas pelos *mariachis*, junto com aquela coisa do toboágua no rio falso. Ficamos sempre no mesmo chalé. Vamos sempre à mesma praia. Comemos sempre nos mesmos restaurantes. Mal saímos do resort, e, quando o fazemos, é para visitar as ruínas, mas vamos sempre às mesmas, todo ano. É como se o calendário mudasse de página, mas nada mais muda.

— Mais do mesmo, mas diferente — conclui Willem.

— Mais do mesmo, do mesmo, mas o mesmo.

— Da próxima vez que for a Cancún, pode dar uma escapadinha para o verdadeiro México — sugere ele. — Teste a sorte. Veja o que acontece.

— Talvez — admito, só imaginando a reação de minha mãe se eu sugerisse fazer uma pequena viagem sozinha.

— Talvez um dia eu vá para o México — diz Willem. — Vou dar de cara com você e nós vamos para a selva.

— Você acha que isso aconteceria? Simplesmente daríamos de cara um com o outro, por acaso?

Willem ergue as mãos para o céu.

— Teria que haver outro acaso. E bem grande.

— Ah, então você está querendo dizer que *eu* sou um acaso?

O sorriso dele se estica como um caramelo.

— Absolutamente.

Passo a ponta do dedão pelo parapeito. Penso nas sacolinhas Ziploc. Penso na agenda com códigos coloridos, listando todas as minhas atividades, que mantenho coladas na geladeira desde que tinha mais ou menos oito anos de idade. Penso nos meus arquivos arrumados, com todo o material de solicitação de matrícula para a faculdade. Tudo em perfeita ordem. Tudo planejado. Olho para Willem, o oposto disso, de mim, hoje também o oposto daquilo.

— Acho que isso é possivelmente um dos maiores elogios que alguém já me fez. — Faço uma pausa. — Mas não sei exatamente o que diz sobre mim.

— Quer dizer que você não tem recebido elogios suficientes.

Faço uma mesura e um gesto de “seja meu convidado”.

Ele para e olha para mim, e é como se os olhos dele fossem scanners. Tenho aquela mesma sensação que tive mais cedo no trem, de que ele está me avaliando, só que desta vez não só pela beleza e pelo valor no mercado negro, mas por algo mais.

— Não vou dizer que você é bonita, porque aquele cachorro já disse. E não vou dizer que é divertida, porque você me faz rir o tempo todo desde que nos conhecemos.

Evan dizia que ele e eu éramos “tão compatíveis”, como se me parecer com ele fosse a maior forma de elogio. *Bonita e divertida* — Willem poderia parar por aí e já seria suficiente.

No entanto, ele não para por aí.

— Acho que você é o tipo de pessoa que acha dinheiro no chão, balança a nota no ar e pergunta se alguém a perdeu. Acho que chora nos filmes que nem são tão tristes porque tem um coração mole, apesar de não demonstrar. Acho que faz coisas que a assustam, e isso a faz mais corajosa do que aqueles malucos por adrenalina que saltam de *bungee-jump* das pontes.

Então ele para. Abro a boca para dizer algo, mas nada sai, e há um nó em minha garganta; por um segundo, fico com medo de começar a chorar.

Porque eu esperava por coisas cheias de frescura, elogios baratos: *Você tem um sorriso lindo. Tem pernas lindas. É sexy.*

Mas o que ele fez... Uma vez eu realmente devolvi para o segurança do shopping 40 dólares que encontrei na praça de alimentação. E chorei em todos os filmes do Jason Bourne. Com relação à última coisa que ele disse, não sei se é verdade. Mais do que tudo neste mundo, espero que seja.

— Precisamos ir andando — digo, limpando a garganta. — Se quisermos chegar ao Louvre. É muito longe daqui?

— Talvez alguns quilômetros. Mas de bicicleta é rápido.

— Quer que eu faça sinal para uma parar? — brinco.

— Não, vamos pegar uma *Vélib*. — Willem olha ao redor e caminha em direção a uma fila de bicicletas cinza. — Já ouviu falar das bicicletas brancas?

Balanço a cabeça, e Willem começa a explicar que, por um breve tempo na Amsterdã dos anos sessenta, havia bicicletas brancas, e elas eram de graça, em todo lugar. Quando alguém queria uma bicicleta, pegava uma, e, quando tivesse acabado de usar, largava em algum lugar. Mas não funcionava, porque não havia bicicletas suficientes e as pessoas as roubavam.

— Em Paris, você pode emprestar uma bicicleta de graça por meia hora, mas tem que trazê-la de volta e trancá-la, senão paga.

— Ah, eu li que acabaram de começar algo desse tipo nos Estados Unidos. Então é de graça?

— Você só precisa de um cartão de crédito para depósito.

Não tenho cartão de crédito; bem, não um que não esteja ligado à conta dos meus pais, mas Willem está com o cartão de débito dele, apesar de dizer que não tem certeza se há dinheiro suficiente. Quando ele passa o cartão pelo pequeno teclado, uma das bicicletas se destrava, mas, quando ele tenta de novo para uma segunda bicicleta, o cartão é recusado. Não fico completamente

decepcionada. Andar de bicicleta por Paris, sem capacete, me parece vagamente suicida.

Mas Willem não devolve a bicicleta. Ele a carrega até onde eu estou, erguendo o assento. Ele me olha. Então dá um tapinha no selim.

— Espere aí. Você quer que *eu* ande na bicicleta?

Ele balança a cabeça.

— E você faz o quê? Corre do meu lado?

— Não. Vou sentar em cima de você. — As sobrelanceiras dele se levantam e eu fico vermelha. — Da bicicleta — esclarece.

Eu me sento no selim largo. Willem dá um passo na minha frente.

— Onde exatamente você vai ficar? — pergunto.

— Não se preocupe com isso. Apenas se acomode — diz ele, como se fosse possível, na atual situação, com as costas dele a alguns centímetros do meu rosto, tão perto que sou capaz de sentir o calor emanando dele, tão perto que posso sentir o aroma de roupa nova da camiseta se misturando com o leve cheiro de perfume no seu suor. Ele coloca um pé num dos pedais. Então, se vira com um sorrisinho travesso no rosto. — Me avise se vir a polícia. Isto não é exatamente permitido.

— Espere aí, o que não é permitido?

Mas ele já foi. Fecho os olhos. Isto é uma loucura. Vamos morrer. E depois os meus pais vão me matar de verdade.

Um quarteirão depois, ainda estamos vivos. Espio com um dos olhos. Willem está totalmente debruçado sobre o guidão, em pé nos pedais, sem fazer o menor esforço, enquanto eu me inclino para trás, minhas pernas uma de cada lado da roda de trás. Abro meu outro olho, solto a mão que estava agarrada à barra da camiseta dele. A marina está bem atrás de nós, que estamos numa rua normal, na ciclofaixa, andando juntamente com todas as outras bicicletas cinza.

Entramos numa rua obstruída, abarrotada de construções, metade da avenida bloqueada por andaimes e barreiras, e eu estou olhando para os grafites; tem um SOS, igual ao da camiseta da banda Sous ou Sur, rabiscado lá. Estou a ponto de mostrá-lo a Willem, mas então me viro na outra direção e lá está o Sena. E lá está Paris! A Paris do cartão-postal! A Paris de *Surpresas do Coração*, de *Meia-Noite em Paris*, de *Charada* e de todos os outros filmes de Paris que já vi. Fico boquiaberta diante do Sena, ondulando sob a brisa e cintilando sob o sol do início da tarde. Descendo por sua extensão, consigo ver várias pontes arqueadas, colocadas como pulseiras caras num pulso elegante. Willem aponta para a Catedral de Notre-Dame, erguendo-se ali, no centro de uma ilha no meio de um rio, como se não fosse nada. Como se hoje fosse qualquer outro dia e ela não fosse a magnífica Notre-Dame! Passamos por outro prédio, uma construção estilo bolo de casamento que parecia abrigar a realeza. Mas não, era apenas a prefeitura.

É engraçado como, no tour, geralmente víamos pontos turísticos como esse enquanto passávamos apressados dentro do ônibus. A Sra. Foley ficava em pé na frente do ônibus, microfone na mão, e nos contava fatos sobre a catedral ou o teatro. Às vezes nós parávamos e entrávamos, mas, com uma ou duas cidades por dia, na maioria das vezes, só passávamos.

Agora também estou passando por eles. Porém, de alguma forma, é diferente. Como se, estando aqui, ao ar livre, na garupa da bicicleta dele, com o vento nos cabelos, e os sons cantando nos ouvidos e os paralelepípedos seculares estalando sob o meu traseiro, eu não estivesse perdendo nada. Muito pelo contrário; estou inspirando, devorando, me transformando em tudo.

Não tenho certeza de como explicar a mudança, todas as mudanças de hoje. É Paris? É Lulu? Ou é Willem? É a proximidade dele que faz a cidade tão intoxicante ou a cidade que faz a proximidade dele tão irresistível?

Um assovio alto atravessa meu sonho, e a bicicleta para subitamente.

— A viagem acabou — diz Willem. Eu salto, e ele começa a carregar a bicicleta pela rua.

Um policial de bigode fino e expressão fechada começa a vir atrás de nós. Começa a gritar para Willem, gesticulando, balançando o dedo para mim. O rosto dele está ficando vermelho-vivo, e, quando puxa seu caderninho e começa a apontar para mim e para Willem, eu fico nervosa. Pensei que Willem estivesse brincando sobre aquela coisa de ser ilegal.

Então Willem diz algo ao policial, e isso interrompe a bronca de uma vez.

O policial começa um falatório, e eu não entendo uma só palavra, mas tenho quase certeza de que ele diz “Shakespeare!” enquanto levanta o dedo em um movimento *aha!* Willem concorda com um movimento de cabeça e o tom de voz do policial fica mais baixo. Ele ainda está balançando o dedo para nós, mas o caderninho volta para a bolsa. Com um toque na ponta de seu chapeuzinho engraçado, ele se afasta.

— Você acabou de citar Shakespeare para um policial? — pergunto.

Willem assente.

Não sei o que é mais louco: que Willem tenha feito isso ou que os policiais aqui conheçam Shakespeare.

— O que você disse?

— *La beauté est une enchanteresse, et la bonne foi qui s'expose à ses charmes se dissout en sang* — responde ele. — É de *Muito Barulho por Nada*.

— O que quer dizer?

Willem me olha daquele jeito dele, lambe os lábios, sorri.

— Você vai ter que procurar.

Caminhamos margeando o rio e entramos numa rua principal cheia de restaurantes, galerias de arte e butiques high-tech. Willem estaciona a bicicleta no estande e saímos debaixo de um pórtico comprido, então viramos aqui e ali até chegarmos, a princípio, ao que parece ser uma residência presidencial ou um palácio real, Versalhes ou algo do gênero. Os prédios são tão enormes e grandiosos. Então vejo a pirâmide de vidro no meio do pátio e sei que acabamos de chegar ao Louvre.

Está lotado. Milhares de pessoas saindo dos edifícios, como se o estivessem evacuando, segurando canudos com pôsteres e sacolas de compras brancas e pretas. Alguns estão animados, falantes, mas muitos outros parecem exaustos, cansados, petrificados depois de um dia inteiro ingerindo porções épicas de cultura! Conheço essa expressão! *O Teen Tours!* gabava-se de oferecer “aos jovens uma experiência de imersão completa na Europa! Apresentaremos ao adolescente o maior número de culturas diferentes num curto período de tempo, ampliando a visão de história, língua, arte, patrimônio e culinária”. Era para ser uma experiência instrutiva, mas era basicamente cansativa.

Assim, quando descobrimos que o Louvre acaba de fechar, na verdade, fico aliviada.

— Sinto muito — diz Willem.

— Ah, eu, não. — Não tenho certeza se isso se qualifica ou não como acaso, mas estou feliz de qualquer jeito.

Viramos 180 graus, passamos por cima de uma ponte e chegamos à outra margem do rio. Margeando a barragem há todo tipo de ambulante vendendo livros e revistas antigas, exemplares velhíssimos, da *Paris Match* com Jackie Kennedy na capa e velhas publicações com capas sensacionalistas, com títulos em inglês e francês. Há um vendedor com muitos badulaques, vasos antigos, joias falsas e, numa caixa ao lado dele, uma coleção de despertadores *vintage* empoeirados. Dou uma mexida e encontro um antigo SMI de baquelite.

— Vinte euros — informa a vendedora com um lenço no pescoço.

Tento manter a cara de paisagem. Vinte euros é aproximadamente 30 dólares. O relógio vale, facilmente, 200 dólares.

— Você quer? — pergunta Willem.

Minha mãe ficaria louca se eu trouxesse aquilo para casa, e nunca ficaria sabendo de onde veio. A mulher dá corda no relógio, para me mostrar que funciona, mas, ouvindo-o bater, lembro-me do que Jacques disse sobre o tempo ser fluido. Olho para o Sena, que agora está brilhando em tons de rosa, refletindo as nuvens que estão chegando. Coloco o relógio de volta na caixa.

Saímos da beirada do rio e entramos num emaranhado de ruas estreitas e tortuosas, que Willem informa ser o Quartier Latin, onde os estudantes moram. Aqui é diferente. Não há tantas avenidas grandes nem bulevares, mas passagens que parecem becos, estreitos a ponto de mal caberem os Smarts, carros para duas pessoas, modernos e minúsculos, indo e vindo por todo lado. Pequenas igrejas, cantos escondidos, vielas. É uma Paris totalmente diferente. E tão encantadora quanto a outra.

— Vamos beber alguma coisa? — sugere Willem.

Eu concordo.

Atravessamos uma avenida movimentada, cheia de cinemas, cafés ao ar livre, todos lotados, e alguns hoteizinhos, não muito caros a julgar pelos preços mostrados nos cavaletes. A maioria dos anúncios diz *complet*, que tenho certeza de que significa lotado, mas alguns, não, e poderíamos pagar alguns dos quartos se trocássemos o restante do meu dinheiro, mais ou menos 40 libras.

Ainda não consegui levantar esse assunto com Willem. Onde vamos ficar. Ele não pareceu muito preocupado com isso, o que me deixa preocupada ao pensar que nossa alternativa é Céline. Passamos por uma agência de câmbio. Digo a Willem que quero trocar meu dinheiro.

— *Eu* ainda tenho algum dinheiro — diz ele. — E você acabou de pagar o barco.

— Mas eu não tenho nenhum euro. E se eu quiser, sei lá, comprar um cartão-postal? — Paro para rodar um carrinho de cartões-postais. — E também tem as bebidas, e o jantar, e vamos precisar de algum para, para... — tropeço nas palavras antes de tomar coragem para terminar — hoje à noite. — Sinto meu pescoço esquentar.

A pergunta parece pairar ali, como se eu esperasse pela resposta de Willem, alguma pista sobre o que ele está pensando. No entanto, ele está olhando para um dos cafés, onde um grupo de garotas a uma mesa parece estar acenando para ele. Finalmente, se vira de volta para mim.

— Perdão? — diz ele.

As garotas continuam acenando. Uma delas está olhando para ele de cima a baixo.

— Você as conhece?

Ele olha para o café, então de volta para mim, então de volta para o restaurante.

— Pode esperar aqui um minuto?

Sinto um peso no meu estômago.

— Claro, sem problemas.

Ele me deixa na loja de suvenires, onde eu giro a gôndola de cartões-postais e espio. Ao se aproximar do grupo de garotas, eles fazem aquela coisa do beijinho, beijinho — três vezes, em vez de duas, como ele fez com Céline. Ele se senta ao lado da garota que estava acenando. É evidente que se conhecem; ela fica colocando a mão sobre o joelho dele. Ele olha de vez em quando na minha direção, e espero que acene para mim, mas ele não faz isso, e, depois de cinco minutos intermináveis, a garota pegajosa escreve algo num pedacinho de papel e entrega a ele. Ele enfia o papel no

fundo do bolso. Então fica em pé, fazem aquela coisa do beijinho, beijinho de novo, e ele caminha de volta até mim, onde estou fingindo um profundo interesse num cartão-postal de Toulouse-Lautrec.

— Vamos — diz ele, ao pegar no meu cotovelo.

— Amigas suas? — pergunto, correndo para acompanhar seu longo passo.

— Não.

— Mas você as conhece?

— Conheci um dia.

— E, por acaso, encontrou com elas aqui?

Ele se vira para mim e, pela primeira vez hoje, está irritado.

— É Paris, Lulu, a cidade mais turística do mundo. Acontece.

Acasos, penso eu. Mas eu sinto ciúme, posse, não só pela garota, cujo número, suspeito, ele agora tem no bolso de trás da calça, se é que já não o transcreveu para seu livrinho negro, mas pelos acasos. Porque hoje parecia que os acasos pertenciam apenas a nós dois.

Willem se acalma.

— São pessoas que eu conheço da Holanda.

Algo no comportamento geral de Willem mudou, como o filamento de uma lâmpada que vai diminuindo antes de queimar. E é então que percebo o modo definitivo e frustrado como ele diz *Holanda* e me dou conta de que, o dia inteiro, ele não disse nenhuma vez que voltaria para *casa*. Então, outro pensamento me ocorre. Hoje era para ele ter voltado para casa — ou para a Holanda, de onde ele é — pela primeira vez em dois anos.

Em três dias eu irei para casa, e haverá uma multidão no aeroporto. Em minha casa haverá uma faixa de boas-vindas, e um jantar comemorativo que provavelmente não comerei por estar com

problemas de fuso horário. Depois de apenas três semanas num tour no qual fui levada a todo canto como um pônei de competição, receberei as boas-vindas como uma heroína.

Ele está fora há dois anos. Por que Willem não receberá as boas-vindas como um herói? Será que pelo menos alguém está esperando por ele?

— Quando estávamos na Céline — pergunto a ele agora —, você ligou para alguém?

Ele se vira para mim, os olhos escuros enrugados e confusos.

— Não, por quê?

Então como alguém sabe que você está atrasado? Como sabem que terão que adiar suas boas-vindas de herói até amanhã?

— Tem alguém esperando você? — pergunto.

Algo muda no rosto dele, durante um brevíssimo momento, a queda da máscara de alegria, que eu não percebi ser uma máscara até ver o quanto ele estava cansado, inseguro, o quanto se parecia comigo embaixo dela.

— Sabe o que eu acho? — pergunta Willem.

— O quê?

— Deveríamos nos perder.

— Tenho novidades: estive perdida o dia todo.

— Isso é diferente. É se perder de propósito. É algo que eu faço toda vez que chego a uma cidade nova. Entro no metrô ou no trem e escolho aleatoriamente uma parada.

Percebo o que ele está fazendo. Está mudando o cenário, mudando de assunto. E entendo que, de alguma forma, ele precisa fazer isso. Então, deixo para lá.

— Como se fosse aquela brincadeira de “colocar o rabo no burro” para viajantes?

Willem me dá um olhar inquisidor. O inglês dele é tão bom que às vezes me esqueço de que nem tudo faz sentido.

— Isso tem a ver com acasos? — pergunto.

Ele olha para mim e, por meio segundo, a máscara cai de novo. Mas, na mesma hora, está de volta no lugar. Não tem problema. Ela caiu, e eu vi. E compreendo. Willem está sozinho, assim como eu estou sozinha. E agora esta dor, que não consigo distinguir como sendo minha ou dele, se abriu dentro de mim.

— Sempre tem a ver com acasos — diz ele.

Escolho o destino.

Usando a estratégia do “rabo do burro”, fecho os olhos, giro em frente ao mapa do metrô e aterrisso meu dedo sobre o som agradável de Château Rouge.

Ao sairmos do metrô, estamos numa Paris completamente diferente, e não há castelo, nem vermelho nem nada parecido à vista.

As ruas são estreitas, como no Quartier Latin, porém mais prosaicas. Músicas estridentes e cheias de percussão escapam pelas janelas das lojas, e há uma profusão tão grande de cheiros que meu nariz não sabe o que inalar primeiro: curry vindo das *pâtisseries*, o fedor forte e metálico do sangue das carcaças de animas sendo carregadas pelas ruas, o cheiro doce e exótico da fumaça de incenso, a fumaça dos carros e das motos, o cheiro onipresente de café, apesar de não haver tantos dos grandes cafés aqui, do tipo que ocupa uma esquina inteira, mas cafés menores, diversos, mesas de bistrô colocadas nas calçadas. E todos estão abarrotados com homens fumando e tomando café. As mulheres, algumas vestindo véus completamente negros que deixam ver apenas os olhos através de uma fenda, outras em vestidos coloridos, os bebês dormentes amarrados às costas, entram e saem das lojas. Somos os únicos turistas na área, e as pessoas olham para nós, não de maneira ameaçadora, mas com curiosidade, como se estivéssemos perdidos. E estamos. E é exatamente por essa razão que eu nunca, nem em um milhão de anos, teria feito isso sozinha.

Mas Willem está amando aqui. Então eu tento imitá-lo e relaxo, e apenas olho, estupefata, para esta parte de Paris que se encontra com o Oriente Médio que se encontra com a África.

Passamos por uma mesquita, em seguida por uma igreja desajeitada, cheia de torres pontiagudas e arcos, que parecia ter aterrissado no barro do mesmo jeito que nós. Viramos aqui e ali até chegarmos a um tipo de parque: um quadrado de grama, passeios e quadras de handebol espremidas entre os prédios de apartamentos. Está lotado de garotas com véus na cabeça brincando de alguma versão de amarelinha e garotos nas quadras de handebol, e pessoas andando com os cachorros e jogando xadrez e sentadas do lado de fora para fumar ao final de uma tarde de verão.

— Tem alguma ideia de onde estamos? — pergunto a Willem.

— Estou tão perdido quanto você.

— Ah, então estamos *muito* ferrados. — Mas eu rio. É bom estar perdida junto com ele.

Jogamo-nos embaixo de um conjunto de árvores num canto silencioso do parque, sob um mural com crianças brincando nas nuvens. Tiro as sandálias. Tenho linhas escuras de sujeira e suor nos pés.

— Acho que meus pés estão acabados.

Willem também arranca os chinelos de dedo. Vejo uma cicatriz em zigue-zague subir pelo seu pé esquerdo.

— Os meus também.

Deitamos de costas enquanto o sol lança sombras entre as nuvens que agora começam realmente a chegar com a brisa fresca, trazendo com elas o cheiro elétrico da chuva. Talvez Jacques, ao final, estivesse certo.

— Que horas são? — pergunta Willem.

Fecho os olhos e estico o braço para que ele possa olhar.

— Não me diga. Não quero saber.

Ele pega meu braço, olha as horas. Mas, então, não solta o braço. Examina meu pulso, girando-o para a frente e para trás, como se

fosse um objeto raro, o primeiro pulso que já viu na vida.

— Este relógio é muito bonito — comenta ele, finalmente.

— Obrigada — respondo educadamente.

— Você não gosta?

— Não. Não é isso. Quer dizer, foi um presente muito generoso que ganhei dos meus pais, que já tinham me dado o tour, e é um relógio muito caro. — Paro. É Willem, e algo me obriga a dizer a verdade a ele. — Mas, não, para falar a verdade, não gosto.

— Por que não?

— Não sei. É pesado. Faz meu pulso suar. E faz barulho, como se sempre estivesse tentando me fazer lembrar de que o tempo está passando. Como se, algum dia, eu pudesse esquecer o tempo.

— Então por que você usa?

É uma pergunta tão simples. Por que eu uso um relógio que odeio? Mesmo aqui, a milhares de quilômetros de casa, sem ninguém para me ver usá-lo, por que ainda o uso? Porque meus pais o compraram para mim na melhor das intenções. Porque não posso decepcioná-los.

Sinto a pressão suave dos dedos de Willem em meu pulso novamente. O fecho se abre e o relógio cai, deixando uma sombra branca fantasmagórica. Consigo sentir a brisa refrescante fazer cócegas em minha marca de nascença.

Willem examina o relógio, a gravação "Pelo Mundo".

— Para onde exatamente você vai?

— Ah, você sabe. Europa. Para a faculdade. Para a escola de medicina.

— Escola de medicina? — Há um tom de surpresa na voz dele.

Balanço a cabeça. Isso sempre foi o plano desde a oitava série, quando apliquei a manobra Heimlich em um cara que estava engasgando com um pedaço de carneiro na mesa ao lado. Papai

estava lá na frente, atendendo uma ligação de trabalho, quando vi o cara ao nosso lado ficar roxo. Então, me levantei e calmamente pus os braços ao redor do diafragma dele e empurrei até o pedaço de carne ser lançado para fora. Mamãe ficou pra lá de impressionada. E começou a falar sobre eu me tornar médica, como meu pai. Depois de um tempo, eu mesma comecei a falar sobre isso também.

— Quer dizer que você vai cuidar de mim?

A voz de Willem tem o costumeiro tom de brincadeira, daí eu acho que ele está brincando, mas essa onda toma conta de mim. E quem toma conta dele agora? Olho para ele, que faz tudo parecer fácil, mas me lembro daquele sentimento de antes, da certeza de que ele é sozinho.

— Quem cuida de você agora?

A princípio, não tenho certeza de ter dito em voz alta, e, caso tenha, de ele ter me ouvido, porque não responde durante um longo tempo. Mas, então, finalmente diz:

— Eu cuido de mim.

— Mas e quando não consegue? Quando está doente?

— Não fico doente.

— Todo mundo fica doente. O que acontece quando você está na estrada e pega uma gripe ou algo do gênero?

— Fico doente. E melhora — ele responde, afastando a pergunta.

Apoio-me sobre o cotovelo. Esse estranho sentimento de abismo se abriu no meu peito, fazendo minha respiração ficar curta e minhas palavras dançarem como folhas ao vento.

— Fico pensando na história da dupla felicidade. O garoto estava viajando sozinho e ficou doente, mas alguém cuidou dele. É isso que acontece quando você fica doente? Ou fica sozinho em algum quarto nojento de hotel? — Tento visualizar Willem num vilarejo na montanha, mas tudo o que consigo ver é uma imagem dele num

quarto escuro. Penso em meu estado quando fico doente, aquela tristeza profunda, aquela solidão que toma conta; e tenho uma mãe e um pai para cuidar de mim. E ele? Alguém lhe traz sopa? Alguém lhe conta sobre as verdes árvores contra o céu chuvoso da primavera?

Willem não responde. A distância, consigo ouvir o estouro da bola de handebol batendo na parede, o som oferecido da risada das mulheres. Penso em Céline. Nas garotas do trem. Nas modelos no café. O pedaço de papel no bolso dele. Provavelmente não faltam garotas querendo brincar de enfermeira. Tenho uma sensação esquisita no estômago. Fiz a curva errada, como quando estou esquiando e, sem querer, acabo entrando na pista mais difícil, cheia de obstáculos.

— Desculpe — digo. — Provavelmente é só a médica em mim que está aflorando. Ou a mãe judia.

Willem me dá um olhar curioso. Outra curva errada. Sempre esqueço que na Europa não há muitos judeus, então piadas como essa não fazem sentido.

— Sou judia e, aparentemente, isso significa que, quando ficar mais velha, estou fadada a falar sobre a saúde de todo mundo — explico apressadamente. — É esse o significado de “mãe judia”.

Willem deita-se de costas e segura o relógio em frente ao rosto.

— É estranho você falar sobre a história da dupla felicidade. Às vezes eu fico doente e acabo vomitando ajoelhado em banheiros imundos, e não é muito legal.

Pisco os olhos ao pensar nisso.

— Mas houve uma vez... Eu estava viajando do Marrocos para a Argélia de ônibus e tive uma diarreia muito forte. Tão forte que não tive escolha a não ser descer do ônibus no meio do nada. Era uma cidadezinha às margens do Saara, que nem aparecia nos livros. Estava desidratado, tendo alucinações, acho eu, tropeçando para lá e para cá, procurando um lugar para ficar, quando vi um hotel e um

restaurante chamado Saba. Saba era como eu costumava chamar meu avô. Pareceu um sinal, como se ele estivesse dizendo “venha aqui”. O restaurante estava vazio. Fui direto para o banheiro vomitar de novo. Quando saí, havia um homem com uma barba curta grisalha vestindo uma *djellaba* comprida. Pedi um pouco de chá de gengibre, que é o que a minha mãe sempre usa para dor de estômago. Ele balançou a cabeça e me disse que eu estava no deserto e que teria que usar remédios do deserto. O homem desapareceu cozinha adentro e voltou com um limão grelhado, cortado ao meio. Jogou sal no limão e me disse para espremer o suco dentro da boca. Achei que fosse perder o controle de novo, mas em vinte minutos meu estômago estava bom. Ele me deu um chá horrível que tinha gosto de casca de árvore e me mandou para o andar de cima, onde dormi quase dezoito horas. Todo dia eu descia e ele me perguntava como eu estava me sentindo e então preparava uma refeição especificamente baseada nos meus sintomas. Depois disso, conversávamos, do mesmo jeito que eu fazia com Saba quando era criança. Fiquei lá por uma semana, nessa cidadezinha na ponta do mapa, que nem mesmo tenho certeza se existe. É bem parecido com sua história de antes.

— Exceto pelo fato de ele não ter uma filha — digo. — Ou você agora estaria casado.

Estamos de lado, cara a cara, tão próximos que eu consigo sentir o calor emanando dele, tão próximos que é como se estivéssemos respirando o mesmo ar.

— Você seria a filha. Fale aquele trecho de novo — diz ele.

— Verdes árvores contra o céu chuvoso da primavera, que deixa escuro o caminho das árvores enquanto se afasta. A brisa passa, salpicando a terra de flores vermelhas, e a terra se colore de vermelho depois do beijo.

A última palavra, *beijo*, paira no ar.

— Da próxima vez que eu ficar doente você pode me dizer isso. Você pode ser minha garota das montanhas.

— Tudo bem — concordo. — Serei sua garota da montanha e cuidarei de você.

Ele sorri, como se fosse mais uma piada, outra jogada de nosso flerte, e eu sorrio também, ainda que não esteja brincando.

— E, em troca, eu a livrarei do peso do tempo.

Ele coloca meu relógio em seu pulso ossudo, onde ele não parece tanto uma algema de prisão.

— Por ora, o tempo não existe. É o que Jacques disse... fluido?

— Fluido — repito, como um encantamento. Se o tempo pode ser fluido, então talvez algo que seja apenas um dia possa continuar para sempre.

Pego no sono. E então acordo, e tudo parece diferente. O parque está silencioso agora. O som das risadas e os ecos das bolas de handebol desapareceram no crepúsculo longo e melancólico. Nuvens de chuva gordas e cinza tomaram conta do céu escurecido.

No entanto, algo mais mudou, algo menos quantificável, mas, ao mesmo tempo, elementar. Sinto assim que acordo; os átomos e as moléculas se rearranjaram, oferecendo uma mudança irrevogável ao mundo.

E é neste momento que percebo a mão de Willem.

Willem também pegou no sono; seu corpo longo está curvado num espaço ao redor do meu, como um ponto de interrogação. Não estamos nos tocando, exceto pela mão dele, que está casualmente enfiada embaixo da curva do meu quadril, como um cachecol caído, como se tivesse sido soprada até lá pela brisa suave do sono. Mas agora que está lá é como se fizesse parte dali. Como se sempre tivesse estado lá.

Permaneço absolutamente imóvel, ouvindo o vento passar por entre as árvores, a respiração ritmada de Willem, para dentro e para fora. Concentro-me na mão dele, que sinto como se estivesse passando uma linha de eletricidade das pontas dos dedos para alguma parte dentro de mim que até agora nem eu mesma sabia existir.

Willem se mexe dormindo, e eu me pergunto se ele também está sentindo aquilo. Como não poderia? A eletricidade é tão real, tão palpável, que, se alguém pusesse um medidor em volta, o ponteiro giraria.

Ele se mexe de novo, e as pontas dos seus dedos se enfiam bem ali na carne macia da curva do meu quadril, provocando um choque

e um arrepio tão deliciosamente intensos que dou um pulo, chutando a perna dele atrás de mim.

Juro que, de algum modo, posso sentir os cílios dele batendo para se abrir, seguido do calor de seu hálito contra minha nuca.

— *Goeiemorgen* — diz ele, a voz ainda embargada de sono.

Viro-me para olhá-lo de frente, agradecida pela mão dele ainda continuar solta sobre meu quadril. As bochechas avermelhadas têm algumas marquinhos da grama, como cicatrizes de iniciação tribal. Quero tocá-las, sentir as dobras da pele macia de antes. Quero tocar cada parte dele. É como se o corpo dele fosse um sol gigante, irradiando sua própria força gravitacional.

— Acho que isso quer dizer bom-dia, apesar de tecnicamente ainda ser de tarde. — Minhas palavras saem ofegantes. Esqueci como falar e respirar ao mesmo tempo.

— Você esqueceu? O tempo não existe mais. Você o deu para mim.

— Eu dei o tempo a você — repito. Há uma entrega tão deliciosa nessas palavras, e eu me sinto escorregando até ele. Alguma pequena parte de mim me aconselha contra isso. Isto é apenas um dia. Sou apenas uma garota. No entanto, a parte que consegue resistir, que deveria resistir, desta eu finalmente me libertei ao acordar.

Willem pisca para mim, seus olhos escuros, preguiçosos e sexy. Já consigo nos ver beijando. Consigo sentir os lábios dele sobre mim. Consigo sentir a saliência dos ossos dos quadris dele contra mim. O parque está quase deserto. Há algumas garotas mais jovens de jeans e lenços na cabeça conversando com rapazes. Mas estão no canto deles. E eu não estou nem aí com a questão da propriedade.

Meus pensamentos devem ser como um filme projetado numa tela. Ele observa tudo. Posso dizer pelo seu sorriso sagaz. Chegamos um pouquinho mais perto um do outro. Sob o canto das

cigarras, praticamente consigo ouvir a energia vibrando entre nós, como as linhas de transmissão de energia que vibram nos campos.

Mas, então, ouço outra coisa. A princípio não sei como definir, de tão dissonante que é dos sons dentro dessa bolha de eletricidade que estamos gerando. Em seguida ouço pela segunda vez, frio, cortante e poderosamente claro, e sei exatamente o que é. O medo não precisa de tradução. Um grito é um grito em qualquer língua.

Willem dá um salto. Eu salto.

— Fique aqui — ordena.

Antes de saber o que aconteceu, ele está se afastando a passos largos com aquelas pernas longas dele, deixando-me presa entre o desejo e o terror.

Há outro grito. Um grito de mulher. E então tudo parece tão devagar como uma cena de filme em câmera lenta. Vejo as garotas, as que estavam com os lenços na cabeça, duas delas, só que agora uma não está mais usando o lenço. O lenço está no chão, revelando uma mecha de cabelo negro despenteado e arrepiado, como se o cabelo da garota também estivesse assustado. Ela está agachada com a outra garota, como se tentassem fugir dos garotos. Quem eu vejo agora estão longe de serem garotos: são homens do tipo que tem a cabeça raspada, uniformes de combate e botas pretas imensas. O erro essencial *desses* homens com *essas* garotas neste parque agora silencioso me ocorre de uma vez. Pego a mochila de Willem, que ele abandonou ali, e me arrasto para mais perto.

Ouço o choro baixinho das garotas e a risada gutural dos homens. Então eles falam de novo. Nunca imaginei que o francês pudesse soar tão feio.

No momento em que estou me perguntando onde ele está, Willem se coloca entre os homens e as garotas e começa a dizer alguma coisa. Ele está falando baixo, mas consigo ouvi-lo até aqui, o que deve ser algum truque de ator. Mas também está falando em francês, então não faço ideia do que está dizendo. Seja o que for o

que ele diz, chama a atenção dos skinheads. Eles respondem de volta, em vozes altas e marcantes que ecoam pelas quadras vazias. Willem retruca com uma voz tão calma e baixa quanto a brisa, e eu me esforço para entender pelo menos uma palavra, mas não consigo.

Ficam no vaivém, e, enquanto isso, as garotas se aproveitam dessa cobertura, como era previsto, e fogem. Os skinheads nem percebem. Ou não se importam. É em Willem que eles estão interessados agora. A princípio, imagino que os poderes do charme de Willem não conheçam fronteiras. Que ele até faça amizade com os skinheads. No entanto, meus ouvidos sintonizam no tom do que ele está dizendo, e não nas palavras. E eu reconheço o tom, porque me acostumei a ele. Ele está fazendo piada. Está tirando sarro deles de uma maneira que nem mesmo eu sei se eles conseguem perceber completamente. Pois há três deles e um Willem, e, se soubessem o que ele está fazendo, não estariam mais ali conversando.

Consigo sentir o cheiro doce e enjoativo de bebida e o cheiro forte e ácido da adrenalina, e, ao mesmo tempo, posso *sentir* o que farão com Willem. Posso sentir como se fossem fazer comigo mesma. E isso deveria me paralisar de medo. Mas, não. Em vez disso, me enche de alguma coisa quente, carinhosa e cruel.

Quem cuida de você?

Sem pensar, estou enfiando a mão dentro da mochila de Willem, pegando a coisa mais pesada que consigo encontrar, o *Rough Guide*, e andando a passos largos na direção deles. Ninguém percebe que estou chegando, nem mesmo Willem, então tenho o elemento surpresa do meu lado. Além disso, aparentemente, a força de matar ou morrer. Quando atiro o livro no cara mais perto de Willem, o que está segurando uma garrafa de cerveja, atinjo-o com tanta força que ele derruba a garrafa. E, quando ele coloca a mão na sobancelha, há um fio de sangue aflorando, como uma flor vermelha.

Sei que deveria estar assustada, mas não estou. Estou estranhamente calma, feliz por estar de volta à presença de Willem depois daqueles minutos intermináveis em que ficamos separados. Willem, porém, está me encarando com olhos bem abertos e de queixo caído. Os skinheads estão olhando por cima de mim, analisando o parque, como se não conseguissem realmente acreditar que eu pudesse ser a fonte daquele ataque.

É o momento de confusão deles que nos salva, porque neste exato instante a mão de Willem encontra a minha. E corremos.

Fora do parque, passamos pela igreja e voltamos à louca mistura do bairro, passamos pelas lojas de chá, pelos cafés e pelas carcaças de animais. Saltamos por cima das sarjetas lotadas, pelo encontro de motocicletas e pelos suportes de bicicletas, esquivando-nos das vans de entrega que despejam araras de roupas pesadamente bordadas com glitter e vidrilho.

Os moradores do bairro param para nos olhar, abrindo-se para nos deixar passar como se fôssemos atletas com público num evento olímpico — A Corrida dos Brancos Malucos.

Eu deveria estar assustada. Estou sendo seguida por skinheads furiosos; a única pessoa que um dia correu atrás de mim antes foi meu pai, quando fomos correr. Consigo ouvir a batida das botas em sincronia com as batidas do meu coração na cabeça. Mas não estou assustada. Sinto minhas pernas magicamente se esticarem, me permitindo acompanhar os passos largos de Willem. Sinto o chão ondulando sob meus pés, como se ele também estivesse do nosso lado. Sinto como se mal estivéssemos tocando o chão, como se pudéssemos sair voando pelo céu e correr por cima dos tetos de Paris, onde ninguém nunca poderá nos tocar.

Ouçó-os gritando atrás de nós. Escuto o som de vidro se quebrando. Ouço algo passando zunindo pela minha orelha e então algo molhado em meu pescoço, como se minhas glândulas sudoríparas tivessem sido abertas e colocadas para fora de uma vez

só. E então ouço mais risadas e as pisadas de botas param abruptamente.

Mas Willem continua a correr. Ele me puxa pelas ruelas de quebra-cabeça até elas se abrirem num grande bulevar. Atravessamos apressadamente enquanto as luzes dos faróis mudam, passando correndo por um carro de polícia. Está movimentado agora. Tenho quase certeza de que não estamos sendo perseguidos. Estamos em segurança. Mesmo assim, Willem continua correndo, me puxando aqui e ali por um conjunto de ruas mais silenciosas até que, como uma prateleira revelando uma porta secreta, uma passagem emerge na paisagem da rua. É uma pequena passagem para um daqueles condomínios de apartamentos. Um velho com um carrinho sai do pátio interno no momento em que Willem nos puxa para dentro da entrada. Nosso *momentum* foi de 60 a zero quando batemos juntos contra uma parede de pedra no exato instante em que a porta se fecha atrás de nós.

Ficamos parados ali, nossos corpos grudados, menos de um centímetro nos separando. Consigo sentir a batida rápida e constante do coração dele, a respiração pesada, para dentro e para fora. Consigo ver o fio de transpiração escorrendo pelo seu pescoço. Sinto meu sangue latejando, como um rio prestes a inundar suas bordas. É como se meu corpo não pudesse mais me conter. De algum modo, me tornei muito grande para ele.

— Willem — começo. Há tanta coisa que preciso dizer a ele.

Ele coloca um dedo no meu pescoço, e eu fico em silêncio, o toque dele é ao mesmo tempo tranquilizador e energizante. Então ele tira o dedo, que está vermelho de sangue. Ergo o braço para tocar meu pescoço. Meu sangue.

— *Godverdomme!* — xinga ele, num sussurro. Com uma mão, estica o braço até a mochila para procurar um lenço e, com a outra, lambe o sangue do dedo.

Ele segura o lenço contra o lado do meu pescoço. Estou definitivamente sangrando, mas não muito. Nem mesmo tenho certeza do que aconteceu.

— Jogaram uma garrafa quebrada em você. — A voz de Willem é pura fúria.

Mas não dói. Não estou machucada. Não de fato. É só um cortezinho.

Ele está em pé muito perto de mim agora, pressionando suavemente o lenço contra o meu pescoço. E, de repente, o corte no meu pescoço não é o ponto de saída para o sangue, mas o ponto de entrada para essa estranha linha de eletricidade que está surgindo entre nós.

Eu o quero, por inteiro. Quero sentir o gosto de sua boca, a boca que acabou de experimentar meu sangue. Me encosto nele.

Mas ele me empurra e se afasta para trás. A mão dele cai do meu pescoço. O lenço, agora endurecido de sangue, continua lá, frouxo.

Então ergo os olhos até dentro dos olhos dele. Toda a cor foi drenada, de forma que eles parecem apenas negros. No entanto, mais desconcertante é o que vejo neles, algo instantaneamente reconhecível: medo. E, mais do que qualquer outra coisa, quero fazer algo, afastar aquilo. Deveria estar assustada. Hoje, porém, não estou.

— Está tudo bem — começo. — *Eu* estou bem.

— O que você estava *pensando*? — ele interrompe, a voz gélida como a de um estranho. E talvez isso ou talvez seja só alívio, mas agora sinto que vou chorar.

— Eles iam machucar você — digo. Minha voz falha. Olho para ele, para ver se me compreende, mas a expressão apenas se intensifica, o medo se uniu ao seu irmão gêmeo, o ódio. — E eu prometi.

— Prometeu o quê?

Um instante se passa de novo pela minha cabeça: não houve troca de socos. Eu nem mesmo fui capaz de entender o que eles estavam dizendo. Mas eles iriam, sim, machucá-lo. Eu podia sentir em meus ossos.

— Que eu cuidaria de você. — Minha voz silencia à medida que a certeza se afasta de mim.

— Cuidar de mim? Como *isso* pode ser cuidar de mim? — Ele abre a mão, que está manchada com o meu sangue.

Ele dá um passo grande para se afastar de mim. Com o crepúsculo agora brilhando entre nós, compreendo que estive profundamente errada em relação a isso. Não apenas invadi as pistas de esqui mais difíceis, como saí voando pelo desfiladeiro. Foi uma *piada* aquele pedido para cuidar dele. Quando é que um dia eu tomei conta de alguém? E ele certamente nunca disse que precisava ser cuidado.

Ficamos parados ali, o silêncio coagulando ao nosso redor. O último raio de sol se vai, e então, quase como se estivesse esperando pela escuridão entrar, a chuva começa a cair. Willem olha para o céu e, em seguida, para o relógio dele, o meu relógio, ainda preso ao seu pulso.

Penso naqueles 20 quilos que deixei para trás. Imagino um quarto de hotel limpo e silencioso. Penso em nós dois dentro dele, não como imaginei uma hora antes naquele parque em Paris, mas apenas em silêncio, escutando a chuva. *Por favor, imploro em silêncio. Vamos a algum lugar fazer isso ficar melhor.*

Logo depois Willem está enfiando a mão dentro da mochila para procurar a tabela de horários do Eurostar. Em seguida está desabotoando meu relógio. E, então, me dou conta, está me devolvendo o tempo. O que, na verdade, significa que o está tirando de mim.

Há mais dois trens para Londres hoje à noite. Willem me diz que já passa das nove da noite, então provavelmente não há muito tempo para trocar minha passagem e embarcar no próximo, mas definitivamente eu consigo pegar o último trem. Porque eu ganho uma hora voltando para a Inglaterra, e devo estar em Londres um pouco antes de o metrô parar de circular. Willem me diz tudo isso de um jeito amigável e prático, como se eu fosse uma estranha que o parou na rua para pedir informação. E eu concordo com a cabeça, como se fosse o tipo de pessoa que de fato pegasse o metrô sozinha, de dia ou de noite.

Ele está estranhamente formal ao abrir a porta do hall de entrada do prédio para mim, como se estivesse levando o cachorro para fazer o xixi da noite. É tarde, o início da noite de um longo crepúsculo de verão, e a Paris na qual entro parece muito diferente daquela da qual saí meia hora atrás, apesar de, mais uma vez, eu saber que não é por causa da chuva ou de todas as luzes que se acenderam. Algo mudou. Ou talvez eu tenha voltado a ser o que era. Ou talvez, para começar, nada jamais tenha mudado e eu só estivesse me enganando.

Mesmo assim, ver esta nova Paris me traz lágrimas aos olhos, transformando todas as luzes numa grande cicatriz vermelha. Limpo o rosto com meu cardigã ensopado, meu relógio devolvido ainda na minha mão. Por algum motivo, não suporto a ideia de colocá-lo de volta no pulso. Parece que ele vai me machucar, muito mais do que o corte no meu pescoço. Tento caminhar à frente de Willem, para deixar um espaço entre nós.

— Lulu — ele me chama.

Não respondo. Aquela não sou eu. Nunca foi.

Ele aperta o passo para me alcançar.

— Acho que a Gare du Nord é para lá.

Ele me leva pelo cotovelo, e eu me protejo contra a atração, mas, assim como ficar tenso ao receber uma injeção de um médico, aquilo só piora as coisas.

— Só me diga como chegar lá.

— Acho que tem que seguir esta rua alguns quarteirões e depois virar à esquerda. Mas antes precisamos ir até a boate de Céline.

Certo. Céline. Ele está agindo de um jeito tão normal agora, não normal como Willem, mas normal comparado a como estava vinte minutos atrás, sem medo nos olhos, agora substituído por algum tipo de alívio. O alívio de se livrar de mim. Eu me pergunto se o plano sempre foi esse. Me deixar e dar meia-volta até Céline para o turno da noite. Ou talvez seja a outra garota, aquela cujo número está guardado confortavelmente no bolso da calça dele. Com tantas opções, por que ele me escolheria?

Você é uma boa garota. Isso foi o que o meu paquera, Shane Michaels, me disse quando cheguei o mais próximo possível de admitir meus sentimentos por ele. *Você é uma boa garota.* Esta sou eu. Sempre achei que aquilo significasse alguma coisa. E então ele desapareceu com outra garota e fez coisas que realmente tinham significado.

Seguimos por um grande bulevar em direção à estação, mas, depois de alguns quarteirões, entramos de volta às ruas menores. Eu procuro a boate, mas este não é um bairro industrial. É residencial, cheio de prédios de apartamentos, as caixinhas de flores nos absorvendo a chuva, os gatos gordos tirando uma soneca gostosa do lado de dentro das vidraças. Há um restaurante na esquina, as janelas embaçadas brilhando. Mesmo do outro lado da rua, consigo ouvir o som das risadas e dos talheres batendo nos pratos. Pessoas secas e aquecidas apreciando um jantar em uma quinta-feira à noite em Paris.

A chuva está caindo mais forte agora. A água do meu suéter chega até minha camiseta. Puxo as mangas por cima dos punhos. Meus dentes começam a bater; prendo a mandíbula para evitar demonstrar, mas aquilo simplesmente desvia o tremor para o restante do corpo. Tiro o lenço do pescoço. O sangramento parou, mas meu pescoço agora está sujo de sangue e suor.

Willem olha para mim com desânimo, ou talvez repulsa.

— Precisamos limpar você.

— Tenho roupas limpas na minha mala.

Willem dá uma olhada no meu pescoço e faz uma careta. Então pega meu cotovelo, atravessa a rua e abre a porta do restaurante. Lá dentro, luzes de vela tremeluzem, iluminando garrafas de vinho enfileiradas num bar de zinco e os menus escritos numa lousa. Paro na passagem da porta. Não pertencemos a este lugar.

— Podemos limpar seu corte aqui. Vou ver se eles têm um kit de emergência.

— Faço isso no trem. — Minha mãe colocou um kit de primeiros socorros na mala, obviamente.

Ficamos ali, um na frente do outro. Um garçom aparece. Imaginei que fosse ficar bravo por termos deixado entrar o ar frio, ou por parecermos maltrapilhos sujos e ensanguentados. No entanto, ele se apressa em me puxar para dentro, como se fosse o anfitrião de uma festa, e eu, a convidada de honra. Examina, de longe, o meu pescoço, e seus olhos se arregalam. Willem diz algo em francês, e ele concorda prontamente, indicando uma mesa no canto.

O restaurante está quente, o ar cheirando forte a cebola e baunilha e eu estou cansada demais para resistir. Jogo-me numa cadeira, cobrindo o corte com uma mão. Minha outra mão relaxa e solta meu relógio sobre a toalha de mesa branca, fazendo um tique-taque malevolente.

O garçom volta com uma caixinha branca de primeiros socorros e um cardápio de lousa. Willem abre o kit e tira uma gaze umedecida

com remédio, mas eu a arranco da mão dele.

— Eu posso fazer isso sozinha! — declaro.

Passo pomada no machucado e o cubro com um curativo enorme. O garçom volta para olhar meu trabalho. Ele balança a cabeça em aprovação. Então diz algo para mim em francês.

— Ele está perguntando se você quer pendurar seu suéter na cozinha para secar — traduz Willem.

Tenho que lutar contra a vontade de mergulhar meu rosto no avental longo, branco e impecável dele e chorar de gratidão pela sua bondade. Em vez disso, entrego meu suéter ensopado. Por baixo, minha camiseta molhada gruda em mim; há manchas de sangue na gola. Tenho a camiseta que Céline me deu, a mesma camiseta obscura da banda legal-demais-para-escola que Willem está usando, mas prefiro desfilhar de sutiã a vesti-la. Willem diz algo mais em francês, e, minutos depois, uma grande garrafa de vinho tinto é colocada sobre nossa mesa.

— Achei que você tivesse que pegar o trem.

— Tenho tempo para comer uma coisinha. — Willem serve um copo de vinho e o entrega a mim.

Tecnicamente, tenho idade para beber em toda a Europa, mas não bebi nem mesmo quando, em alguns almoços pré-pagos, o vinho foi oferecido como parte da refeição e algumas pessoas roubaram copos quando a Sra. Foley não estava olhando. Esta noite eu não hesito. O vinho reluz nuances de sangue sob a luz da vela, e bebê-lo é como receber uma transfusão. A mornidão vai da minha garganta ao meu estômago antes de começar a ter efeito sobre o frio que tomou conta dos meus ossos. Bebo metade do copo num só gole.

— Vá com calma — avisa Willem.

Engulo o restante e mostro o copo como se fosse o dedo do meio. Willem me observa por um segundo, depois enche o copo até a borda.

O garçom volta e faz uma apresentação formal, nos entregando o cardápio de lousa e uma cesta de pão com uma travessinha prateada.

— *Et pour vous, le pâté.*

— Obrigada — digo. — Quer dizer, *merci*.

Ele sorri.

— *De rien.*

Willem corta um pedaço de pão, espalha a pasta marrom por cima e o oferece a mim. Eu apenas olho fixamente para ele.

— Melhor do que Nutella — ele brinca, com uma voz quase cantante.

Talvez seja o vinho ou a perspectiva de se livrar de mim, mas Willem, o Willem que eu vi hoje durante o dia inteiro, está de volta. E, por alguma razão, isso me deixa furiosa.

— Não estou com fome — digo, embora esteja faminta. Não comi nada desde aquele crepe. — E isso parece comida de cachorro — acrescento, com bons modos.

— Apenas experimente.

Ele segura o pão com patê na altura da minha boca. Arranco das mãos dele, dou uma mordidinha. O sabor é ao mesmo tempo delicado e intenso, como manteiga de carne. Mas eu me recuso a lhe dar a satisfação de me ver gostando daquilo. Dou uma mordidinha e faço uma careta. Em seguida, empurro a mão dele para baixo.

O garçom volta, vê nossa garrafa de vinho quase vazia e aponta para ela. Willem balança a cabeça. O homem volta com uma cheia.

— O linguado está... *est finis* — diz ele em inglês, apagando a opção da lousa. Olha para mim. — Você está com frio e perdeu sangue. Recomendo alguma coisa com *force*. — Ele fecha o punho. — O bife *bourguignon* está excelente. Também temos o *pot au feu*, caçarola de peixe.

— Continue trazendo — digo, apontando para o vinho.

O garçom franze levemente o cenho e olha para mim, depois para Willem, como se eu estivesse, de algum modo, sob a responsabilidade dos dois.

— De entrada, sugiro uma salada com aspargos e salmão grelhado.

Meu estômago traidor se contorce. Willem concorda, então faz o pedido para nós dois, os dois pratos que o garçom recomendou. Ele nem se dá ao trabalho de me perguntar o que eu quero. E não há problema nenhum, pois neste momento tudo o que eu quero é vinho. Estico a mão para outro copo, mas Willem cobre a boca da garrafa.

— Primeiro precisa comer alguma coisa — diz ele. — O patê é de pato, não de porco.

— E daí? — Enfio um pedaço inteiro de baguete com patê na boca, mastigando barulhenta e desafiadoramente, escondendo qualquer tipo de satisfação que esteja realmente sentindo. Então estico a mão com o copo.

Willem me olha demoradamente. Então, faz o favor de encher o copo novamente e me dá aquele meio sorriso demorado. Em apenas um dia passei a amar aquele sorriso. E agora quero acabar com ele.

Sentamos em silêncio até o garçom voltar trazendo a salada com uma mesura apropriada ao lindo prato: uma natureza-morta de salmão cor-de-rosa, aspargos verdes, molho de mostarda amarelo e pontinhos de torradas espalhados ao redor do prato, como flores. Minha boca se enche de água, e é como se meu corpo estivesse acenando com a bandeira branca, me dizendo para desistir, desistir enquanto estou ganhando, aceitar o dia agradável que tive e que, na verdade, é muito mais do que eu tinha o direito de desejar. Mas há outra parte de mim que ainda está faminta, faminta não só por comida, mas por tudo o que me foi apresentado hoje. Em nome dessa garota faminta, eu recuso a salada.

— Você ainda está brava — diz ele. — Não foi tão ruim quanto eu pensei. Nem vai ficar cicatriz.

Sim, vai ficar. Mesmo que sare na semana que vem, vai ficar uma cicatriz, ainda que não da maneira como ele está falando.

— Você acha que eu estou brava por causa *disto*? — Toco o curativo no meu pescoço.

Ele não olha para mim. Sabe muito bem que não estou brava por causa daquilo.

— Vamos apenas comer alguma coisa, está bem?

— Você está me mandando de volta. Faça o que tem que fazer, mas não me peça para ficar feliz com isso.

Sobre a luz sibilante da vela, vejo as expressões passarem pelo rosto dele como nuvens: surpresa, encantamento, frustração e carinho — ou talvez seja pena.

— Você iria embora amanhã, então que diferença faz? — Ele tira algumas migalhas de pão de cima da toalha.

A diferença, Willem? A diferença é a noite.

— Tanto faz. — É minha resposta brilhante.

— Tanto faz? — pergunta Willem. Ele passa o dedo pela borda do copo, faz um som abafado, como uma buzina de neblina. — Você pensou no que poderia acontecer?

É tudo em que tenho pensado, e tudo em que tenho tentado não pensar: o que aconteceria hoje à noite.

Mas, de novo, não o entendo direito.

— Você pensou no que poderia ter acontecido se eles tivessem nos pegado? — continua.

Eu senti o que eles queriam fazer com ele. Sentir o gosto da violência em minha própria boca.

— Foi por isso que joguei o livro neles; eles queriam machucar você — explico. — O que você disse a eles para ficarem tão bravos?

— Eles já estavam bravos — diz ele, fugindo da minha pergunta.
— Eu só lhes dei uma razão diferente.

No entanto, pela resposta e pela expressão do seu rosto, posso dizer que não estou errada. Eles iam machucá-lo. O que eu senti, pelo menos, foi real.

— Consegue imaginar se eles nos pegassem? Você? — A voz de Willem está tão baixa que tenho que me inclinar para ouvi-lo. — Veja o que eles fizeram. — Ele estica o braço para tocar meu pescoço, então o puxa de volta.

Na adrenalina da perseguição e na estranha euforia que seguiu, não pensei neles *me* pegando. Talvez por não parecer possível. Tínhamos asas nos pés; eles tinham botas pesadas. Mas agora, aqui com Willem sentado à minha frente, estampando sua expressão estranha e sombria, com seu lenço ensanguentado amassado numa bola do lado da mesa, consigo ouvir aquelas botas chegando mais perto, consigo ouvi-las batendo, consigo ouvir ossos se quebrando.

— Mas eles não nos pegaram. — Engulo o tremor na minha voz com outro gole de vinho.

Ele termina o vinho e olha fixamente para o copo vazio por um momento.

— Não foi para isso que eu trouxe você aqui.

— Para *que* você me trouxe aqui? — Ele nunca respondeu a essa pergunta. Nunca disse por que me convidou para vir a Paris com ele por um dia.

Willem esfrega os olhos com as costas das mãos. Ao tirar as mãos, ele, de algum modo, parece diferente. Completamente livre de todas as máscaras.

— Não para as coisas saírem de controle.

— Bem, é tarde demais para isso. — Estou tentando ser sarcástica, inteligente, juntar todos os sedimentos de Lulu que ainda me restam. Porém, ao falar, a verdade daquilo me dá um soco no estômago. Nós, ou pelo menos eu, há muito tempo já passamos do ponto de não ter mais volta.

Olho de novo para ele. Seus olhos estão presos aos meus. A corrente elétrica está de volta.

— Acho que é — concorda Willem.

Talvez Jacques estivesse certo, e o tempo seja realmente fluido. Enquanto comemos, meu relógio está lá sobre a mesa e parece se dobrar ao meio e se retorcer como uma pintura de Salvador Dalí. E então, a certa altura, em algum lugar entre o bife *bourguignon* e o *crème brûlée*, Willem o alcança e olha para mim por um longo tempo antes de colocá-lo de volta no pulso. Sinto uma profunda sensação de alívio. Não apenas por não estar sendo mandada de volta para Londres hoje à noite, mas por ele estar tomando o controle do tempo novamente. Minha entrega agora é completa.

Já é tarde quando saímos pelas ruas, e Paris se transformou numa fotografia em sépia. É muito tarde para conseguir um hotel ou um albergue, e, de qualquer forma, não há nenhum dinheiro sobrando. Dei o restante do meu dinheiro, as 40 libras, para ajudar Willem a pagar o jantar. O garçom protestou quando eu paguei, não porque lhe demos um saquinho de euros e libras, mas porque lhe demos uma gorjeta equivalente a 25 dólares.

— Demais — protestou ele.

Totalmente insuficiente, pensei.

E agora aqui estou eu: sem dinheiro; sem lugar para ficar. Deveria ser o meu pior pesadelo. Mas eu não estou nem aí. É engraçado como você pensa que tem medo de algumas coisas até que elas estejam na sua frente, e daí você não tem mais medo.

E, assim, nós caminhamos. As ruas estão silenciosas. Parece sermos apenas nós e os varredores de rua em seus macacões verdes brilhantes, suas vassouras parecendo perucas verdes fluorescentes, como se tivessem sido tiradas de uma floresta mágica. Há a luz dos faróis à medida que os carros e táxis param,

espalhando a água das poças deixadas mais cedo pela tempestade, que agora não passa de um chuvisco nebuloso.

Caminhamos ao longo dos canais silenciosos e em seguida pelo parque com o lago onde pegamos nosso barco hoje. Caminhamos por baixo dos trilhos elevados dos trens.

Finalmente, chegamos a uma pequena Chinatown. Está fechada, mas os luminosos ainda estão todos acesos.

— Veja — digo a Willem, apontando para um. — É a dupla felicidade.

Willem para e olha para o letreiro. O rosto dele é lindo, mesmo refletido no brilho reluzente do neon.

— Dupla felicidade. — Ele sorri. E então pega minha mão.

Meu coração dispara.

— Para onde estamos indo?

— Você não teve tempo de ver nenhuma arte.

— É uma hora da manhã.

— É Paris!

Enveredamos para dentro de Chinatown, cortando as ruas para cima e para baixo até Willem encontrar o que está procurando: uma fileira de prédios altos e dilapidados, com janelas cobertas. Todos parecem iguais, exceto pelo prédio no canto à direita; está coberto com uma armação vermelha da qual se pendura uma série de retratos modernos e bem distorcidos. A porta da frente está completamente coberta com grafites e panfletos coloridos.

— Que lugar é este?

— Um *art squat*.

— O que é isso?

Willem me explica sobre os *squats*, prédios abandonados de que artistas ou músicos ou punks ou ativistas tomam conta.

— Geralmente eles deixam passar a noite. Nunca dormi aqui, mas já estive lá dentro uma vez, e era bem legal.

Quando Willem tenta abrir o aço pesado da porta da frente, ela está trancada e acorrentada pelo lado de fora. Ele dá um passo para trás a fim de olhar para as janelas, mas todo o lugar, assim como toda a vizinhança, já está fechado para a noite.

Willem olha para mim se desculpando.

— Achei que fosse ter alguém aqui hoje. — Ele suspira. — Podemos ficar com Céline. — Mas mesmo ele parece menos do que feliz diante dessa perspectiva.

Balanço a cabeça. Eu preferiria caminhar a noite toda embaixo da chuva pesada. E, de qualquer forma, a chuva já parou. Um pedacinho estreito da lua está fazendo dribles para fora e para dentro das nuvens. Parece tão tipicamente parisiense ela estar sobre os tetos inclinados que é difícil acreditar que esta seja a mesma lua que brilha em meu quarto lá em casa esta noite. Willem acompanha meu olhar para o céu. Então o olhar dele se prende em alguma coisa.

Ele caminha de volta em direção ao prédio, e eu o sigo. Em um canto, uma parte de um andaime chega até um peitoril que dá numa janela aberta. Uma cortina balança com a brisa.

Willem olha para a janela. Em seguida, olha para mim.

— Você consegue escalar?

Ontem eu teria dito não. Muito alto. Muito perigoso. Hoje, todavia, eu disse:

— Posso tentar.

Penduro minha bolsa no ombro e piso na escada que Willem fez entrelaçando as mãos. Ele me iça a meio caminho, e eu me equilibro num entalhe no gesso, usando o andaime para chegar até o peitoril. Eu meio que atravesso de barriga para baixo e agarro o corrimão ao lado da janela, mergulhando de cabeça.

— Estou bem! — grito. — Estou bem!

Coloco a cabeça para fora da janela. Willem está em pé bem embaixo. Tem aquele sorrisinho peculiar de novo. E então, tão suavemente quanto um esquilo, ele escala, pisa por cima do peitoril, atravessa-o com os braços abertos como um malabarista que anda sobre cordas, dobra os joelhos e se enfia para dentro da janela.

Demoro alguns minutos para me acostumar à escuridão, mas, assim que consigo, vejo branco por todo lado: paredes brancas, prateleiras brancas, escrivaninha branca, esculturas de argila branca.

— Alguém nos deixou uma chave — informa Willem.

Estamos os dois em silêncio. Gosto de pensar que é o momento de agradecer pela providência do acaso.

Willem liga uma pequena lanterna.

— Vamos explorar?

Balanço a cabeça. Iniciamos a exploração, examinando a escultura que parece ser feita de marshmallows, uma série de fotos em branco e preto de garotas gordas nuas, uma série de pinturas a óleo de garotas magras nuas.

Ele coloca a luz da lanterna sobre uma escultura gigante, bem futurista, metal e tubos, toda retorcida e revirada, como a tradução de um artista de uma estação espacial.

Descemos suavemente pelos degraus barulhentos até chegarmos a uma sala com paredes pretas e fotografias enormes de pessoas flutuando em água azul profunda. Fico parada ali e consigo sentir a água suave, o jeito como as ondas acariciam quando eu, às vezes, vou nadar no México à noite para fugir das multidões.

— O que você acha? — pergunta Willem.

— Melhor do que o Louvre.

Voltamos para o andar de cima. Willem apaga a lanterna.

— Sabe de uma coisa? Um dia um desses aqui poderá estar no Louvre — diz ele, tocando uma escultura branca elíptica que parece brilhar no escuro. — Você acha que Shakespeare algum dia pensou que a Will Guerrilheiro estaria fazendo suas peças quatrocentos anos depois? — Ele ri um pouco, mas há algo em sua voz que soa quase reverente. — Nunca se sabe o que vai perdurar.

Ele já disse aquilo antes, sobre os acasos, sobre nunca saber o que é uma curva no caminho ou o que é uma encruzilhada, sobre nunca saber se sua vida está mudando até que realmente aconteça.

— Acho que às vezes dá para saber — digo, minha voz embargada de emoção.

Willem se vira para mim, os dedos na alça da minha bolsa a tiracolo. Por um segundo, não consigo me mover. Não consigo respirar. Ele levanta minha bolsa e a joga no chão. Um redemoinho de poeira se levanta e faz cócegas no meu nariz. Eu espirro.

— *Gezondheid* — diz Willem.

— *Hagelslag* — digo de volta.

— Você se lembra disso?

— Eu me lembro de tudo que aconteceu hoje. — Tenho um nó na garganta assim que compreendo o quanto aquilo é verdade.

— Do que você vai se lembrar? — Ele joga a mochila ao lado da minha bolsa carteiro. As duas se encostam como velhas companheiras de guerra.

Eu me encosto na escrivaninha. O dia passa à frente dos meus olhos como um flash: desde a voz brincalhona de Willem no café da manhã no primeiro trem até minha alegria diante da estranha recepção a ele no trem seguinte; do beijo amigável do Gigante na boate até a saliva fria e grudenta de Willem em meu pulso no café; do som dos segredos subterrâneos de Paris ao alívio que senti quando tirei o relógio; da eletricidade que senti quando a mão de Willem encontrou a minha, do medo avassalador do grito da garota à reação corajosa e imediata de Willem; de nosso voo sobre Paris,

que senti exatamente assim, como um voo; os olhos dele: a maneira como me observam, brincam, me provocam e, ainda assim, de alguma forma, me compreendem.

É isso que vejo diante dos *meus* olhos quando penso neste dia.

Tem a ver com Paris, mas, sobretudo, tem a ver com a pessoa que me trouxe aqui. E com a pessoa que ele permitiu que eu me tornasse aqui. Estou muito emocionada para explicar tudo, então, em vez disso, digo uma palavra que engloba tudo:

— De *você*.

— E disto aqui? — Ele toca o curativo no meu pescoço. Sinto um arrepio que não tem nada a ver com a ferida.

— Não estou nem aí para isso — sussurro.

— Eu estou — sussurra de volta.

O que Willem não sabe, o que ele não pode saber, porque não me conhecia antes de hoje, é que nada disso importa.

— Eu não estava em perigo hoje — digo a ele com a voz engasgada. — Escapei do perigo. — E eu realmente escapei. Não apenas fugindo dos skinheads. Sinto que o dia inteiro foi como um choque elétrico, conectado diretamente ao meu coração, me tirando do torpor da vida inteira no qual nem eu mesmo sabia estar mergulhada. — Escapei — repito.

— Escapou. — Ele chega mais perto, como uma torre diante de mim.

Minhas costas estão pressionadas contra a escrivaninha, e meu coração começa a bater forte, pois não há escapatória. Não quero escapar disso.

Como se desconectada do restante do meu corpo, minha mão se levanta no ar e se encaminha para tocar o rosto dele. Mas, antes de tocá-lo, a mão de Willem se movimenta rapidamente e agarra meu pulso. Durante um segundo confuso, acho que entendi mal a situação de novo e estou prestes a ser rejeitada.

Willem segura meu pulso por um longo momento, olhando para a marca de nascença. Então o ergue até a boca. E, apesar de seus lábios serem macios e seu beijo, carinhoso, sinto-o como se fosse uma faca sendo enfiada no soquete da tomada. Sinto como se fosse o momento em que fui conectada à vida.

Willem beija meu pulso, então continua mais para cima, seguindo por dentro do meu braço até o sulco do cotovelo, onde tenho cócegas, até as axilas, até lugares que nunca me pareceram merecer ser beijados. Minha respiração fica cada vez mais ofegante enquanto os lábios dele agora cobrem minhas omoplatas, parando para matar a sede na piscina de minha clavícula antes de focar a atenção na pele do meu pescoço, a área ao redor do curativo, e então, carinhosamente, em cima do curativo. Partes do meu corpo que nunca percebi existirem tomam vida à medida que o circuito se conecta.

Quando ele finalmente beija minha boca, tudo fica estranhamente quieto, como o momento de silêncio entre o raio e o trovão. Um Mississippi. Dois Mississippi. Três Mississippi. Quatro Mississippi. Cinco Mississippi.

Bang.

Nós nos beijamos novamente. O beijo seguinte é do tipo que abre o céu. Rouba meu fôlego e depois o devolve. Mostra-me que qualquer outro beijo que já dei na vida foi um erro.

Enrosco as mãos em seu cabelo e o puxo na minha direção. Willem coloca as mãos na minha nuca, passa os dedos pelas protuberâncias da minha coluna. Ping. Ping. Ping, fazem os choques elétricos.

As mãos dele envolvem minha cintura enquanto me levantam e me colocam sobre a escrivaninha, e agora estamos cara a cara, beijando-nos com força. Meu cardigã some. Em seguida, minha camiseta. Depois a dele. Seu peito é liso e delineado, e eu enterro minha cabeça nele, beijando o sulco na linha do centro. Estou

desabotoando o cinto dele, puxando sua calça para baixo com um desejo que não reconheço.

Minhas pernas se enroscam ao redor da cintura dele. Suas mãos estão sobre mim, migrando para baixo, para a curva dos meus quadris, onde ficaram durante nossa soneca. Emito um som que não parece sair de mim.

Uma camisinha se materializa. Minha calcinha é arrancada por cima dos meus pés ainda calçando sandálias e minha saia está enrolada como uma anágua ao redor de minha cintura. A cueca de Willem vai para baixo. Em seguida ele me tira de cima da mesa. E então percebo que estava enganada antes. Só agora minha entrega é completa.

Depois de tudo, caímos no chão. Willem de costas, eu deitada ao lado dele. Os dedos dele roçam minha marca de nascença, e ela parece pegar fogo, e os meus dedos fazem cócegas no pulso dele, os pelos tão macios contra os elos pesados do meu relógio.

— Então é *assim* que você cuidaria de mim? — brinca ele, apontando para a marca vermelha no pescoço onde imagino que eu o tenha mordido.

Assim como faz com tudo, ele transformou minha promessa em algo engraçado, algo para tirar sarro de mim. Mas não estou com vontade de rir, não agora, não sobre isso, não depois disso.

— Não — respondo. — Não é assim.

Parte de mim quer desfazer toda a promessa. Mas não o farei. Porque ele me perguntou se eu cuidaria dele, e, mesmo que fosse uma brincadeira, fiz a promessa de que cuidaria, e não foi uma brincadeira. Quando eu disse que seria sua garota da montanha, sabia que não iria vê-lo de novo. Aquela não era a questão. Queria que ele soubesse que, quando se sentisse sozinho no mundo, eu também estaria lá.

Mas aquilo foi ontem. Com um aperto no peito que me faz compreender de verdade o que significa "coração partido", me

pergunto se é o fato de ele estar sozinho que me preocupa.

Willem passa o dedo sobre a fina camada de argila branca que cobre meu corpo.

— Você parece um fantasma — diz ele. — Logo vai desaparecer.

A voz dele é suave, mas, quando tento olhá-lo nos olhos, ele desvia o rosto.

— Eu sei. — Tenho um nó na garganta. Se continuarmos conversando sobre isso, vai virar choro.

Willem limpa um pouquinho da poeira e minha pele bronzeada pelo tour reaparece. No entanto, percebo agora, outras coisas não desaparecem tão rapidamente. Pego o queixo de Willem com as duas mãos e o viro para que me encare. Sob o brilho titubeante das luzes da rua, seus contornos e seus ângulos são tanto encobertos quanto iluminados. E então ele me olha, de verdade, e a expressão no rosto dele é triste e melancólica e doce e desejosa, e me diz tudo o que eu preciso saber.

Minha mão treme quando a levanto até a boca. Lambo meu dedão e o esfrego contra meu pulso, contra minha marca de nascença. Então esfrego de novo. Levanto o rosto, olho direto nos olhos dele, que agora estão tão negros quanto esta noite, que desejo que nunca termine.

O rosto de Willem hesita por um momento, então fica mais solene, do jeito que estava quando fomos perseguidos. Em seguida, ele levanta a mão e esfrega minha marca de nascença. *Não vai desaparecer*, é o que ele está me dizendo.

— Mas você parte amanhã — ele diz.

Consigo ouvir as batidas do meu coração ecoarem nas minhas têmporas.

— Não tenho que ir.

Por um segundo, ele parece confuso.

— Posso ficar mais um dia — explico.

Mais um dia. Isso é tudo o que estou pedindo. Apenas *mais um* dia. Não consigo pensar além disso. Além das coisas que são complicadas. Voos atrasam. Pais enlouquecem. Apenas mais um dia. Mais um dia em que eu possa ir e vir sem me preocupar muito, sem chatear ninguém exceto Melanie. Que compreenderá. Um dia.

Parte de mim sabe que mais um dia não servirá para nada além de postergar o coração partido. Mas outra parte de mim pensa diferente. Nascemos em um dia. Morremos em um dia. Podemos mudar em um dia. E podemos nos apaixonar em um dia. Qualquer coisa pode acontecer em apenas um dia.

— O que você acha? — pergunto a Willem. — Mais um dia?

Ele não responde. Em vez disso, me rola para debaixo dele. Mergulho no chão de cimento, submissa ao peso dele. Até algo pontudo se enfiar na minha costela.

— Ai!

Willem passa a mão embaixo de mim e tira um pequeno cinzel de metal.

— Deveríamos procurar outro lugar para ficar — digo. — *Não* com Céline.

— Psiu. — Willem me cala com seus lábios.

Mais tarde, depois de termos aproveitado o tempo explorando cada sulco escondido no corpo um do outro, depois de termos beijado, lambido, sussurrado e rido até nossos braços e pernas estarem pesados e o céu lá fora ter começado a arroxear com a luz de antes do amanhecer, Willem puxa uma lona por cima de nós.

— *Goeienacht*, Lulu — diz ele, seus olhos quase se fechando de exaustão.

Eu traço as linhas de seu rosto com os dedos.

— *Goeienacht*, Willem — respondo. Chego perto do ouvido dele, coloco de lado o tufo de cabelo embaraçado e sussurro: — Allyson. Meu nome é Allyson.

No entanto, ele já pegou no sono. Descanso minha cabeça no espaço entre o braço e o ombro dele, desenhando as letras de meu nome verdadeiro em seu antebraço, onde imagino que o traçado ficará até de manhã.

Depois de dez dias de calor, estou acostumada a acordar suada, mas, hoje, acordo com uma brisa fresca soprando atrás da janela aberta. Estico o braço procurando um cobertor, mas, em vez de pegar algo quente e cheio de plumas, alcanço algo duro e crepitante. Uma lona. E, naquele espaço anuviado entre o despertar e o dormir, tudo volta à minha mente. Onde estou. Com quem estou. A felicidade me aquece de dentro para fora.

Procuro Willem, mas ele não está lá. Abro os olhos, espiando através da luz acinzentada, fugindo do branco reluzente das paredes do estúdio.

Instintivamente, olho meu relógio, mas meu pulso está nu. Espio pela janela, enrolando a saia em volta de meu peito nu. As ruas estão silenciosas, as lojas e os cafés, ainda fechados. Ainda é cedo.

Quero chamá-lo, mas há um silêncio sepulcral. Interrompê-lo parece errado. Willem deve estar no andar de baixo, talvez no banheiro. Acho que poderia usá-lo também. Visto minhas roupas e desço as escadas na ponta dos pés. Mas Willem também não está no banheiro. Faço xixi bem rápido, jogo água no rosto e tento beber um pouco para tentar tirar o início da ressaca.

Ele deve estar explorando os estúdios à luz do dia. Ou talvez tenha voltado para a escada. Fique calma, digo a mim mesma. Ele provavelmente já está de volta lá em cima.

— Willem? — chamo.

Não há resposta.

Corro de volta para o andar de cima do estúdio onde dormimos. Está bagunçado. No chão está minha bolsa, o conteúdo esparramado para fora. Mas a mochila, as coisas dele, não estão lá.

Meu coração começa a bater forte. Corro até minha bolsa e a abro, procurando minha carteira e meu passaporte, meu pouco dinheiro. Imediatamente me sinto uma idiota. Ele pagou para que eu viesse até aqui. Ele não iria me roubar. Lembro a mim mesma da vergonha em que me meti ontem no trem.

Subo e desço as escadas, agora chamando o nome dele, que ecoa de volta como se as paredes estivessem rindo de mim.

— Willem, Willem!

O pânico está chegando. Tento afastá-lo com a lógica. Ele saiu para buscar alguma coisa para comer. Para encontrar um lugar para dormir.

Fico em pé ao lado da janela e espero.

Paris começa a acordar. O gradil das lojas começa a subir, as calçadas são varridas. As buzinas dos carros começam a roncar, as bicicletas, a buzinar, o som de passadas sobre o pavimento molhado de chuva se multiplica.

Se as lojas estão abertas, devem ser nove horas, certo? Dez? Logo os artistas chegarão, e o que farão quando me encontrarem escondida no esconderijo deles, como a Cachinhos Dourados?

Resolvo esperar do lado de fora. Calço meus sapatos, penduro a bolsa sobre o ombro e vou em direção à janela aberta. No entanto, à luz fria do dia, sem vinho para me dar coragem ou Willem para me ajudar, a distância entre o segundo andar e o chão parece ser grande demais para levar um tombo.

Você subiu, consegue descer, puno a mim mesma. Mas, quando coloco o pé sobre o parapeito e alcanço o andaime, minha mão escorrega e me sinto tonta. Imagino meus pais recebendo a notícia de minha morte ao cair de um prédio em Paris. Caio de volta para dentro do estúdio, hiperventilando dentro da cavidade de minhas mãos.

Onde ele está? Onde, pelo amor de Deus, ele está? Minha mente bate e volta nas razões do atraso dele. Ele foi buscar dinheiro. Foi

buscar minha mala. E se ele caiu ao sair pela janela? Fico em pé de um salto, cheia do otimismo retorcido de que o encontrarei estatelado no chão debaixo da calha, ferido mas bem, e então posso cumprir minha promessa de cuidar dele. Mas não há nada embaixo da janela, exceto uma poça de água suja.

Mergulho de volta no chão do estúdio, sem fôlego de tanto medo, que agora está numa escala Richter totalmente diferente da que estava no trem.

Mais tempo passa. Abraço meus joelhos, tremendo na manhã úmida. Eu me arrasto para o andar de baixo. Tento a porta da frente, mas está trancada por fora. Tenho a sensação de que ficarei trancada aqui para sempre, que envelhecerei, sequei e morrerei trancada neste lugar.

Até que horas os artistas dormem? Que horas são? No entanto, não preciso de um relógio para saber que já faz muito tempo que Willem saiu. A cada minuto que passa as explicações que continuo tramando se tornam mais e mais evasivas.

Finalmente, escuto o barulho da corrente e das chaves se encaixando nos cadeados, mas, quando a porta se abre, é uma mulher com duas longas tranças carregando um monte de telas de pintura enroladas. Ela me olha e começa a falar comigo em francês, mas eu simplesmente passo por ela.

Lá fora, na rua, procuro Willem, mas ele não está aqui. Parece que ele nunca esteve aqui, neste pedaço horrível com restaurantes chineses baratos e oficinas e bloco de apartamentos, tudo cinza na chuva cinzenta. Por que um dia achei que este lugar era bonito?

Corro para a rua. Os carros buzina para mim; as buzinas, um som estranho e estrangeiro, soam como se falassem outra língua. Rodo em círculos, não fazendo a menor ideia de onde estou, sem a menor ideia de para onde ir, mas querendo desesperadamente estar em casa. Em casa na minha cama. Segura.

As lágrimas dificultam a visão, mas, de algum modo, tropeço pela rua, pela calçada, indo de quarteirão em quarteirão. Desta vez ninguém está me perseguindo. Desta vez, porém, estou com medo.

Corro por vários quarteirões, subo vários degraus até chegar a um tipo de pátio com um daqueles suportes para bicicletas cinza e brancas, uma imobiliária, uma farmácia, um café, na frente do qual há uma cabine telefônica. Melanie! Posso ligar para Melanie! Respiro fundo várias vezes, engulo o choro e sigo as instruções para conseguir falar com a telefonista internacional. Mas a ligação vai direto para a caixa postal. Claro que vai. Melanie desligou o telefone para evitar as ligações de mamãe.

Uma telefonista aparece na linha para me dizer que não posso deixar recado porque a ligação é a cobrar. Começo a chorar. A telefonista me pergunta se deveria ligar para a polícia para mim. Eu soluço um “não” e então ela me pergunta se poderia ligar para mais alguém. E é então que eu me lembro do cartão da Sra. Foley.

Ela atende com um ríspido “Pat Foley”. A telefonista tem que perguntar três vezes se ela aceita a ligação a cobrar porque eu começo a chorar ainda mais no minuto que ela atende, e ela não consegue escutar a pergunta.

— Allyson. Allyson. Qual é o problema? Está machucada? — a Sra. Foley pergunta pelo telefone.

Estou assustada demais, anestesiada demais para sentir qualquer dor. Isso virá depois.

— Não — digo com a voz mais baixa de todas. — Preciso de ajuda.

A Sra. Foley consegue tirar o básico de mim. Que fui para Paris com um garoto que conheci no trem. Que estou presa aqui, perdida, sem dinheiro, sem a menor ideia de onde estou.

— Por favor — suplico. — Só quero ir para casa.

— Vamos tentar trazer você de volta para a Inglaterra, está bem? — diz ela calmamente. — Você tem passagem de trem?

Willem comprou para mim uma passagem de ida e volta, eu acho. Fuço dentro da bolsa e tiro meu passaporte. O bilhete ainda está dobrado cuidadosamente dentro dele.

— Acho que sim — digo à Sra. Foley com a voz estremeçada.

— Para quando está marcada a volta?

Olho a passagem. Os números e datas todos se misturam.

— Não sei dizer.

— No canto esquerdo na parte de cima. O horário aparece naquele formato de vinte e quatro horas.

E então eu vejo.

— Treze e trinta.

— Treze e trinta — repete a Sra. Foley naquela voz agradavelmente eficiente dela. — Excelente. Isso é uma e meia. Passa um pouco do meio dia, então você tem tempo para pegar o trem. Consegue chegar a uma estação de trem? Ou ao metrô?

Não tenho ideia. E não tenho dinheiro.

— Não.

— E um táxi? Consegue pegar um táxi até a Gare du Nord?

Chacoalho a cabeça. Não tenho nenhum euro para pagar o táxi. Digo isso à Sra. Foley. Consigo ouvir a desaprovação no silêncio dela. Como se nada que já tivesse dito a ela pudesse diminuir a consideração dela por mim, mas vir a Paris sem dinheiro suficiente? Ela respira fundo.

— Posso conseguir um táxi daqui e fazer o pré-pagamento para levá-la até a estação de trem.

— Dá para fazer isso?

— Apenas me diga onde está.

— Não sei onde estou — grito bem alto. Não prestei absolutamente nenhuma atenção para onde Willem estava me

trazendo ontem. Eu me entreguei.

— Allyson! — A voz dela é um tapa na cara, e teve exatamente o efeito pretendido. Faz parar meu chororô — Calma. Agora coloque o telefone de lado por um momento e vá anotar o cruzamento mais próximo.

Enfio a mão na bolsa para procurar uma caneta, mas não tem nenhuma. Coloco o telefone de lado e memorizo os nomes das ruas.

— Estou na Avenue Simon Bolivar com a Rue de l'Equerre. — Estou assassinando a pronúncia. — Em frente a uma farmácia.

A Sra. Foley repete a informação, então me diz para não sair do lugar, que um carro estará aqui dentro de meia hora e que é para eu ligar de volta para ela se ele não chegar. Que, se não receber notícias minhas, presumirá que eu estarei no trem da uma e meia para St. Pancras, e que vai me encontrar em Londres bem na ponta da plataforma às duas e quarenta e cinco. Não posso ir embora da estação sem ela.

Quinze minutos depois, uma Mercedes preta para na esquina. O motorista segura uma placa e, quando vejo meu nome, Allyson Healey, sinto-me tanto aliviada quanto desolada. Lulu, seja lá de onde veio, definitivamente já era.

Escorrego para o banco de trás e saímos para o que acabou sendo uma viagem de dez minutos até a estação de trem. A Sra. Foley havia combinado com o motorista que ele me levaria até lá dentro, para me mostrar exatamente onde embarcar. Estou em choque enquanto percorremos nosso caminho até a estação, e é só quando estou enfiada no assento e vejo as pessoas carregando as malas pelos corredores que me dou conta de que deixei a minha na boate. Todas as minhas roupas e todos os suvenires da viagem estão lá. E eu não me importo. Perdi algo muito mais valioso em Paris.

Mantenho o controle até o trem entrar no túnel. E talvez seja a segurança da escuridão ou a lembrança da jornada de ontem

embaixo d'água que faz tudo desandar, mas, assim que saímos de Calais e as janelas escurecem, começo a soluçar de novo, minhas lágrimas salgadas e infinitas como o mar que estou atravessando.

Em St. Pancras, a Sra. Foley me acompanha até o café, me coloca a uma mesa de canto e compra um chá que esfria na xícara. Conto-lhe tudo agora: a peça de teatro de Shakespeare clandestina em Stratford-upon-Avon. Encontrar Willem no trem. A viagem a Paris. O dia perfeito. O misterioso desaparecimento dele nesta manhã, que eu ainda não compreendo. Meu ataque de pânico.

Espero que ela seja rígida, desaprovadora, por eu tê-la enganado, por ser uma garota nem tão boazinha assim, mas, em vez disso, ela é solidária.

— Ah, Allyson — diz ela.

— Simplesmente não sei o que pode ter acontecido com ele. Esperei e esperei pelo menos por algumas horas, e fiquei tão assustada. Entrei em pânico. Sei lá, talvez devesse ter esperado mais tempo.

— Poderia ter esperado até o próximo Natal, e não posso imaginar como isso teria sido de alguma valia — declara a Sra. Foley.

Olho para ela. Consigo sentir meus olhos implorando.

— Ele é ator, Allyson. *Ator*. São os piores de todos.

— A senhora acha que a coisa toda foi uma encenação? Uma mentira? — Balanço minha cabeça. — Ontem não foi uma mentira. — Minha voz é enfática, apesar de não ter mais certeza de a quem estou tentando convencer.

— Eu ousaria dizer que foi verdadeiro naquele momento — explica ela, medindo as palavras. — Mas os homens são diferentes das mulheres. As emoções deles são caprichosas. E os atores se ligam e se desligam rapidamente.

— Não foi uma encenação — repito, mas meu argumento está perdendo a força.

— Você dormiu com ele?

Por um segundo, ainda consigo senti-lo em mim. Afasto o pensamento, olho para a Sra. Foley e assinto.

— Então ele conseguiu o que queria. — As palavras dela são objetivas, mas não indelicadas. — Imagino que ele não tenha planejado mais do que uma paquera de um dia. Foi exatamente isso que ele propôs, afinal.

E foi mesmo. Até não ser. A noite passada nós declaramos nossos sentimentos um ao outro. Estou prestes a contar isso à Sra. Foley. Mas, então, paro de súbito: declaramos mesmo alguma coisa? Ou eu simplesmente sonhei muito alto?

Penso em Willem. Penso nele de verdade. O que realmente sei sobre ele? Apenas alguns fatos: a idade, a altura, o peso, a nacionalidade, e, na verdade, não sei nem isso, pois ele disse que sua mãe não era holandesa. Ele é um viajante. Um itinerante, para ser sincera. O acaso é a força motriz da vida dele.

Não sei a data do aniversário dele. Ou sua cor favorita, ou o livro favorito, ou o tipo preferido de música. Ou se teve um animal de estimação quando era pequeno. Não sei se algum dia já quebrou algum osso. Ou como conseguiu a cicatriz no pé, ou por que está fora de casa há tanto tempo. Não sei nem mesmo o sobrenome dele! E isso é ainda mais do que ele sabe sobre mim. Ele nem mesmo sabe o meu primeiro nome!

Dentro desse pequeno café horrível, sem o brilho romântico de Paris transformando tudo numa beleza cor-de-rosa, começo a ver as coisas como elas realmente são: Willem me convidou para ir a Paris por um dia. Nunca me prometeu nada mais. A noite passada tinha até tentado me mandar para casa. Ele sabia que Lulu não era o meu nome verdadeiro, e não fez nenhum tipo de tentativa para saber quem eu era de fato. Quando sugeri passar mensagens de

texto ou um e-mail com a foto de nós dois, ele sabiamente se recusou a me dar seus detalhes de contato.

Não que ele tivesse mentido. Willem disse que tinha se apaixonado muitas vezes, mas nunca ficara apaixonado. Ele se entregava ao sacrifício. Penso nas garotas do trem, em Céline, nas modelos, na garota do café. E isso foi somente em um dia juntos. Quantas de nós estavam por aí? Em vez de aceitar minha parte e curtir meu dia e seguir em frente, finquei os saltos. Disse a ele que estava apaixonada. Que queria cuidar dele. Implorei por mais um dia, assumi que ele também queria. Mas ele não me respondeu. Ele, de fato, nunca disse sim.

Ah, meu Deus! Tudo faz sentido agora. Como eu pude ter sido tão ingênua? *Me apaixonar? Em um dia?* Foi tudo uma mentira. Tudo uma ilusão. À medida que a realidade se cristaliza, a vergonha e a humilhação me deixam tão enjoada que me sinto tonta. Coloco a cabeça entre as mãos.

A Sra. Foley estica o braço para dar um tapinha em minha cabeça.

— Isso, isso, querida. Coloque para fora. Previsível, sim, ainda que seja brutal. Ele podia pelo menos ter levado você até a estação de trem, dito adeus e nunca mais ligar. Um pouco mais civilizado. — Ela aperta minha mão. — Isso também vai passar. — Ela faz uma pausa, inclina-se para mais perto. — O que aconteceu com o seu pescoço, querida?

Minha mão voa até meu pescoço. O curativo sai e o corte nojento está começando a coçar.

— Nada — digo. — Foi um... — Estou prestes a dizer acaso, mas paro. — Uma árvore.

— E onde está o seu lindo relógio? — pergunta ela.

Abaixo os olhos até o meu pulso. Vejo minha marca de nascença, feia, nua, chamativa. Puxo a manga do suéter para cobri-la.

— Está com ele.

Ela morde a língua.

— Eles fazem isso às vezes. Levam coisas como um tipo de troféu. Como assassinos em série. — Ela engole o último gole do chá. — Que tal levarmos você até Melanie?

Passo para a Sra. Foley o pedaço de papel com o endereço de Veronica, e ela pega um guia *London A-Z* para encontrar o caminho. Pego no sono no metrô, minhas lágrimas contidas com força, a brancura da exaustão é o único conforto que tenho agora. A Sra. Foley me chacoalha para me acordar na estação de destino e me leva à casa vitoriana de tijolinhos vermelhos onde fica o flat dela.

Melanie vem correndo até a porta, já vestida para o passeio desta noite ao teatro. O rosto dela está brilhando de expectativa, esperando para ouvir uma história maravilhosa. Mas, então, ela vê a Sra. Foley, e sua expressão muda repentinamente. Sem saber de nada, ela sabe tudo: Melanie disse adeus a Lulu na estação ontem, e é Allyson quem lhe é devolvida, como uma mercadoria com defeito. Balança a cabeça um pouquinho, como se nada disso fosse surpresa para ela. Então tira os saltos altos e abre os braços para mim; quando entro dentro deles, a humilhação e o coração partido me fazem cair de joelhos. Melanie afunda no chão ao meu lado, os braços dela me abraçando com força. Atrás de mim, ouço os passos da Sra. Foley se retirando. Deixo-a ir embora sem dizer uma palavra. Não a agradeço. E já sei que jamais a agradecerei, e que isso é errado, considerando a grande gentileza que fez por mim. Mas, se eu quiser sobreviver, nunca, jamais poderei me lembrar deste dia de novo.

parte dois 

UM ANO

14 

setembro

Faculdade

— Allyson. Allyson. Você está aí?

Puxo o travesseiro para cima da cabeça e fecho os olhos com força, fingindo dormir.

A chave vira na fechadura quando minha colega de quarto, Kali, abre a porta.

— Eu gostaria que você não *trancasse a porta* quando está aqui. E eu sei que não está dormindo. Está fingindo de *morta*. Como *Buster*.

Buster é o cachorro de Kali. Um lhasa apso. Ela tem fotos dele entre as dúzias pregadas na parede. Contou-me tudo sobre Buster em julho passado, quando fizemos nosso telefonema de apresentação dos colegas de quarto. Na época achei Buster fofinho, e achei esquisito que o nome de Kali tivesse sido dado em homenagem ao Estado onde morava, e o jeito como ela conversava — como se estivesse, de algum modo, cuspiando as palavras — me pareceu meigo.

— Okaay, Allyson. *Tudo bem*. Não responda, mas veja bem, será que pode ligar para os seus pais? Sua *mãe* ligou no meu celular procurando *você*.

De debaixo dos travesseiros, abro os olhos. Imaginei quanto tempo poderia deixar meu celular descarregado antes de alguma coisa acontecer. Já há uma entrega misteriosa da UPS. Eu meio que

estava esperando um pombo-correio chegar. Mas ligar para minhas colegas de quarto?

Escondo-me debaixo dos travesseiros, enquanto Kali veste uma roupa para sair, se maquia e se borrifa com aquele perfume com cheiro de baunilha que gruda em tudo. Depois que ela sai, tiro o travesseiro de cima da cabeça e balanço as pernas ao lado da cama. Coloco de lado meu livro de química, a caneta marca-texto deixada na dobra, destampada, sempre com a esperança de ser usada antes que seque de tanto desprezo. Localizo o celular morto na minha gaveta de meias e dou um chute na pilha de roupas sujas dentro do meu closet, procurando o carregador. Quando o celular carrega, de volta, a caixa postal me diz que tenho trinta e duas novas mensagens. Verifico as chamadas não atendidas. Dezoito são dos meus pais. Duas de minha avó. Uma de Melanie e uma da secretária.

— Oi, Allyson, é sua mãe. Só estou ligando para saber se está tudo bem. Ligue para mim.

— Oi, Allyson. É a mamãe. Estou com o catálogo da Boden e tem algumas saias bem bonitinhas. E calças de veludo canelado, bem quentes. Vou pedir algumas coisas e as levarei no fim de semana dos pais. Me ligue de volta!

Em seguida há uma ligação do papai.

— Sua mãe quer saber onde deveríamos fazer a reserva para o fim de semana dos pais: italiano ou francês ou talvez japonês. Eu disse a ela que você ficaria grata por qualquer coisa. Não consigo imaginar que a comida do dormitório tenha melhorado tanto nos últimos vinte e cinco anos.

Então voltamos para a mamãe.

— Allyson, seu telefone está quebrado? Por favor, não me diga que o perdeu também. Por favor, pode dar notícias? Estou tentando organizar o fim de semana dos pais. Pensei em ir às aulas com você...

— Oi, Ally, é a vovó. Agora estou no Facebook. Não tenho muita certeza de como funciona, então me aceite como amiga. Ou pode me ligar. Mas quero fazer do jeito que vocês jovens fazem.

— Allyson, é o papai. Ligue para sua mãe. Estamos tentando fazer reservas no Prezzo...

— Allyson, está doente? Porque não consigo pensar em nenhuma outra explicação para essa falta de comunicação...

As mensagens continuam aparecendo, a mamãe agindo como se fizesse três meses, e não três dias, desde que nos falamos pela última vez. Acabo apagando a última leva sem nem mesmo escutar, parando apenas para ouvir Melanie contar sobre a escola e os caras sexy de Nova York e sobre a superioridade da pizza.

Olho para a hora no meu telefone. São seis horas. Se ligar para casa, talvez a mamãe esteja fora e acabarei na secretária eletrônica. Não tenho certeza do que ela faz com seus dias agora. Quando eu tinha sete anos, ela acabou por deixar o emprego, mesmo não tendo tirado a licença-maternidade, depois de tudo. O plano era voltar ao trabalho assim que eu fosse para a faculdade, mas isso ainda não tinha decolado.

Ela atende ao segundo toque.

— Allyson, por onde esteve? — A voz de mamãe é desagradável, um pouco impaciente.

— Fugi para entrar em uma seita. — Há uma breve pausa, como se ela realmente considerasse essa possibilidade. — Estou na faculdade, mamãe. Estou ocupada. Tentando me ajustar à carga de trabalho.

— Se acha que isso é ruim, espere até chegar à escola de medicina. Espere até sua residência! Eu mal conseguia ver seu pai!

— Então já deveria estar acostumada com isso!

Mamãe faz uma pausa. Esse meu cinismo é novo. Papai diz que, desde que voltei da Europa, tive um caso de "adolescentice"

atrasada. Nunca agi dessa forma antes, mas agora aparentemente tenho um mau comportamento e um péssimo corte de cabelo e um veio de irresponsabilidade, conforme evidenciado pelo fato de eu ter perdido não só minha mala e todo o conteúdo como também meu relógio de formatura, ainda que, de acordo com a história que Melanie e eu contamos a eles, a mala e o relógio que estava dentro dela tenham sido roubados na estação de trem. O que, teoricamente, deveria me isentar da culpa. Mas não é assim. Talvez porque eu não seja inocente.

Mamãe muda de assunto.

— Recebeu o pacote? Uma coisa é você me ignorar, mas sua avó gostaria muito de receber um agradecimento.

Chuto as roupas azedas amarrotadas à procura da caixa da UPS. Embalados em plástico bolha estão um despertador antigo de Betty Boop e uma caixa de biscoitos black & white da Shriner's, uma padaria de nossa cidade. O bilhete grudado nos biscoitos diz "Esses são da vovó".

— Achei que o relógio seria perfeito para sua coleção.

— Ahã. — Olho para as caixas ainda embaladas em meu closet, onde minha coleção de despertadores e todas as minhas coisas supérfluas de casa ainda estão.

— E também pedi um monte de roupas novas. Devo mandá-las ou só levá-las?

— Só traga, acho.

— Falando do fim de semana dos pais, estamos finalizando os planos para sábado à noite. Estamos tentando fazer reservas no Prezzo. Domingo é o brunch, e, depois disso, antes de voltarmos para casa, seu pai tem um encontro de ex-alunos, então pensei em gastar em um spa para nós. Ah, e no sábado de manhã, antes do almoço, vou tomar café com a mãe de Kali, Lynn. Temos trocado e-mails.

— Por que está mandando e-mails para a mãe da minha colega de quarto?

— Por que não? — A voz de minha mãe é impertinente, como se não houvesse razão para eu questionar isso, como se não houvesse razão para ela não estar presente em todos os aspectos da minha vida.

— Bem, será que dá para você não ligar para o celular da Kali? É meio esquisito.

— É meio esquisito que sua filha fique incomunicável por uma semana.

— Três dias, mamãe.

— Então você também está contando. — Ela faz uma pausa, marcando um ponto. — Se me deixasse instalar uma linha fixa, não teríamos este tipo de problema.

— Ninguém mais tem linha fixa. Todos nós temos celulares. Nossos próprios números. Por favor, não ligue no número dela.

— Então retorne minhas ligações, Allyson.

— Vou retornar. Acabei de perder meu carregador — minto.

Seu suspiro forçado do outro lado da linha me faz perceber que escolhi a mentira errada.

— Será que precisaremos amarrar seus pertences a você? — pergunta ela.

— Eu o emprestei a minha colega de quarto, e estava nas coisas dela.

— Você quer dizer Kali?

Kali e eu mal dividimos um sabonete.

— Certo.

— Estou ansiosa para conhecer ela e sua família. Eles parecem adoráveis. Eles nos convidaram para ir a La Jolla.

Quase perguntei à minha mãe se ela realmente queria ser amiga de pessoas que batizaram a filha de Kali em homenagem à Califórnia.

Minha mãe tem uma coisa com nomes; odeia apelidos. Quando eu estava crescendo, ela era meio fascista em relação a isso, sempre tentando evitar que qualquer pessoa diminuísse meu nome para Ally ou Al. Minha avó a ignorou, mas todo o restante, até os professores na escola, seguiram à risca. Nunca entendi por quê; se isso a incomodava tanto, tinha que ter me dado um nome que não pudesse ser abreviado, mesmo Allyson sendo um nome tradicional na família. Não digo nada sobre Kali porque, se for muito arrogante, posso acabar com meu disfarce de Universitária Feliz. E minha mãe, especialmente, cujos pais não tiveram dinheiro para mandá-la para a faculdade que escolheu, e que precisou trabalhar durante a faculdade e, mais tarde, sustentar papai enquanto ele cursava a escola de medicina, tem a nítida intenção de que eu seja uma Universitária Feliz.

— Preciso ir — digo. — Vou sair com minhas colegas hoje à noite.

— Ah, que gostoso! Aonde vão?

— A uma festa.

— Uma festa de estudantes?

— Talvez um filme.

— Acabei de ver um ótimo com a Kate Winslet. Você deveria ver esse.

— Ok. Vou ver.

— Me ligue amanhã. E deixe seu telefone ligado.

— Os professores fazem cara feia para celulares ligados nas aulas. — A arrogância vem à tona novamente.

— Amanhã é sábado. E eu conheço sua agenda, Allyson. Todas as aulas são na parte da manhã.

Ela com certeza conhece minha agenda. Ela basicamente a criou. Todas essas aulas são na parte da manhã, pois ela disse que seriam menos frequentadas e eu teria mais atenção e então teria o restante do dia para estudar. Ou, como acaba sendo, para dormir.

Depois de desligar, enfio o despertador numa caixa no meu closet, tiro os biscoitos e trago para o *lounge*, onde o restante de minhas colegas já começou a beber um fardo de seis cervejas. Estão todas arrumadas e prontas para sair.

Quando as aulas começaram, todas elas estavam muito animadas. Eram realmente as Universitárias Felizes. Jenn fez brownies orgânicos e Kendra desenhou uma plaquinha em nossa porta com nossos nomes e um slogan, "Quarteto Fantástico", em cima. Kali, por sua vez, nos deu cupons para uma sessão de bronzamento, a fim de evitar a inevitável doença que afeta a estação.

Agora, depois de um mês, as três são uma unidade sólida. E eu sou a chata. Quero dizer a Kendra que não tem problema se ela quiser tirar a placa ou substituí-la por uma que diga "Trio Fantástico e Allyson".

Ando pelo *lounge*.

— Aqui — digo, entregando os biscoitos a Kali, apesar de saber que ela conta calorias e que os black & white sejam meus favoritos.
— Sinto muito pela minha mãe.

Kendra e Jenn cacarejam em apoio, mas Kali estreita os olhos.

— Não quero ser chata ou coisa do gênero, mas já é ruim o bastante ter que driblar meus próprios pais, ok?

— Ela está passando pela Síndrome do Ninho Vazio ou algo do tipo. — É isso que meu pai fica me dizendo. — Ela não vai fazer isso de novo — acrescento com mais confiança do que realmente tenho.

— Minha mãe transformou meu quarto num ateliê dois dias depois que eu saí de casa — conta Jenn. — Pelo menos eles sentem sua falta.

— Ahã.

— Que tipo de biscoito é esse? — pergunta Kendra.

— Black & white.

— Como nós — brinca Kendra. — Ela é negra, ou afro-americana; nunca tenho certeza de qual está correto, e ela usa os dois.

— A harmonia racial dos biscoitos — digo.

Jenn e Kendra riem.

— Você deveria vir com a gente hoje à noite — convida Jenn.

— Vamos a uma festa no Henderson, e há um bar na Central que aparentemente tem uma política de identificação muito liberal — diz Kendra, enrolando seu cabelo negro recém-alisado num coque; depois pensa duas vezes e o solta. — Muitas espécies masculinas.

— E espécies femininas também, se isso faz a sua cabeça — acrescenta Jenn.

— Não faz minha cabeça. Quer dizer, nada disso faz minha cabeça.

Kali me dá um sorrisinho arrogante.

— Acho que você se matriculou na escola *errada*. Parece que tem um *convento* em Boston.

Algo revira em meu estômago.

— Eles não aceitam judeus.

— Parem com isso, vocês duas — diz Kendra, sempre a diplomata. Ela se vira para mim. — Vamos sair só por algumas horinhas.

— Química. Física. — A sala fica em silêncio. Elas todas são graduandas na área de artes ou negócios, de forma que invocar ciências as faz se calarem.

— Bom, é melhor eu voltar para o quarto. Tenho um encontro com a Terceira Lei da Termodinâmica.

— Parece sexy — diz Jenn.

Sorrio para mostrar que entendi a piada, então volto para meu quarto, onde diligentemente pego os Fundamentos da Química, mas, quando o Trio Fantástico está saindo pela porta, meus olhos já têm bolsas de areia dentro deles. Pego no sono em cima de uma montanha de ciência não lida. E então tem início outro fim de semana na vida da Universitária Feliz.

15 

outubro

Faculdade

Adio o máximo que posso meus pensamentos sobre o fim de semana dos pais e, na quinta-feira anterior à chegada deles, dou uma olhada no meu dormitório e o vejo não como eu vejo — paredes, uma cama, uma escrivaninha, uma cômoda —, mas como meus pais o verão. Este não é um quarto de uma Universitária Feliz. Há roupa suja saindo de cada gaveta, e meus papéis estão por todo lado. Minha mãe tem horror a coisas amontoadas. Matei aula e passei o dia fazendo limpeza. Carreguei toda a roupa suja até a máquina de lavar e fiquei lá sentada, enquanto girava e rodava. Tirei o pó das superfícies empoeiradas. No closet, escondi todos os meus trabalhos, as planilhas de mandarim empilhadas como jornais não lidos, os testes de química e física de Scantron com notas ameaçadoramente baixas rabiscadas em vermelho; os relatórios do laboratório com comentários do tipo “Precisa ser mais cuidadosa” e “Preste atenção nos cálculos!” e o abominável “Venha me ver”. No lugar deles coloco uma porção de anotações e gráficos do início do curso, antes de, obviamente, eu começar a tomar bomba. Desembrulho o edredom que compramos na Bed, Bath & Beyond no verão passado e o coloco sobre a colcha simples debaixo da qual tenho dormido. Pego algumas das fotos de dentro das caixas e as espalho pelo quarto. Passo na livraria da faculdade e compro um daqueles banners estúpidos com o nome da faculdade e o coloco em cima da cama. *Voilà*. Espírito universitário.

Mas, por alguma razão, me esqueço dos relógios. E isso me delata.

Quando mamãe entra no quarto, depois de arrulhar sobre o tamanho precário do *lounge*, encanta-se com as fotos de Buster de Kali e então olha para minha parede relativamente vazia e engasga. Pela expressão de horror dela, alguém poderia pensar que eu a havia decorado com fotos de cenas de crime.

— Onde está sua coleção?

Apono para as caixas fechadas dentro do closet.

— Por que estão lá?

— São muito barulhentos — minto rapidamente. — Não quero incomodar Kali com eles. — Sem comentários quanto ao fato de Kali ligar o rádio no último volume às sete da manhã.

— Você poderia colocá-los e não dar corda — diz ela. — Os despertadores são a sua cara.

São mesmo? Não lembro quando comecei a colecioná-los. Mamãe gostava de ir ao mercado de pulgas nos fins de semana e então, um dia, me transformei numa colecionadora de despertadores. Eu realmente me envolvi durante um tempo, mas não me lembro do momento em que vi um velho despertador e pensei “Quero colecionar”.

— A sua metade parece terrivelmente sem vida perto da de Kali — comenta minha mãe.

— Deveria ter visto o meu dormitório — diz papai, perdido em sua névoa de nostalgia. — Meu colega de quarto punha papel laminado nas janelas. Parecia uma nave espacial. Ele o chamava de Dormitório do Futuro.

— Eu estou mais na linha do Dormitório Minimalista.

— Tem certo charme penitenciário — diz papai.

— É como o antes e o depois num daqueles programas de decoração. — Mamãe aponta para a metade de Kali, onde cada milímetro do espaço da parede está coberto ou com pôsteres ou

com estampas artísticas ou com fotos. — Você é o antes — continua ela. Como se eu já não tivesse entendido.

Seguimos para um dos workshops especiais, algo insanamente chato sobre a mudança dos aspectos tecnológicos na sala de aula. Mamãe, por incrível que pareça, está anotando. Papai comenta cada pequena coisa de que se lembra e cada coisa que é nova. Foi isso que ele fez quando fizemos um tour pela escola no ano passado; tanto ele quanto mamãe estavam muito animados com a expectativa de minha vinda para cá. Criar um legado. De algum modo, naquela época, eu também estava animada.

Depois do workshop, papai se encontra com outros pais em busca de um legado, e mamãe toma café com a mãe de Kali, Lynn. Elas parecem se dar excepcionalmente bem. Ou Kali não contou à mãe o quanto eu sou fracassada ou, se contou, a mãe dela teve a bondade de se calar sobre o assunto.

Antes do almoço com o presidente, todos os membros do Quarteto Fantástico e suas respectivas famílias se encontram na suíte e os pais se apresentam e falam sobre o tamanho diminuto de nossos quartos e admiram o que fizemos com nosso pequeno *lounge* e tiram fotos da placa "Quarteto Fantástico dá as boas-vindas ao Octógono Fantástico" feita pelo restante do grupo. Em seguida, caminhamos juntos até o pátio e fazemos um tour pelo campus, percorrendo o trajeto mais longo para mostrar alguns dos prédios mais velhos e mais suntuosos, a hera avermelhada subindo pelos velhos tijolos. E aparentamos estar bem, juntas, com saias de flanela e botas de cano alto e suéteres de caxemira e jaquetas de camurça, enquanto passamos com passos barulhentos pelas folhas do outono. Nós realmente parecemos as Universitárias Felizes dos catálogos.

O almoço estava razoável e chato, frango borrachudo e discursos borrachudos em um hall grande, frio e cheio de eco. É só depois do almoço que o mito do Quarteto Fantástico começa a se revelar. Sutilmente, as famílias de Kendra, Jenn e Kali se juntam. Tenho certeza de que estão conversando sobre o Natal, o Dia de Ação de

Graças, a semana do saco cheio, reuniões ocasionais e coisas desse tipo. Minha mãe dá uma olhada neles, mas não diz nada.

Ela e papai voltam para o hotel e se preparam para o jantar. Mamãe me diz que o lugar é sofisticado e sugere que eu use meu vestido envelope vermelho e preto. E que lave meu cabelo, que parece engordurado.

Quando voltam para me buscar, há um momento de estranheza quando minha família se encontra com o restante do Quarteto Fantástico e a família delas, que estão indo juntos para um grande jantar em grupo em um famoso restaurante de frutos do mar no centro de Boston. Há um tipo de embate com meus pais encarando os outros pais. O restante das minhas colegas, com o rosto enrubescendo, mostra um grande interesse no tapete cinza sintético. Finalmente, o pai de Jenn intervém e faz um convite tardio para que nos juntemos a eles.

— Tenho certeza de que podemos acomodar mais três pessoas.

— Ah, isso não será necessário — diz mamãe, com sua voz mais esnobe. — Temos reservas no Prezzo, em Back Bay.

— Uau! Como conseguiram? — pergunta Lynn. — Tentamos e não tinham lugar até o mês que vem. — Prezzo, de acordo com a minha mãe, é o restaurante mais famoso da cidade.

Mamãe sorri misteriosamente. Ela não diz, mas papai me contou que um de seus amigos do golfe tinha um amigo docente no hospital em Boston e ele mexeu uns pauzinhos para conseguir a reserva para nós. Mamãe ficou muito feliz, mas posso ver agora que a vitória está desonrada.

— Aproveitem o seu *chowdah* — diz ela. Só papai e eu notamos quanto ela está sendo condescendente.

O jantar é terrível. Mesmo sentados neste lugar cheio de frescura com os bostonianos mais ilustres, posso ver que mamãe, e, por tabela, papai se sentem rejeitados. E não são. É a minha rejeição que estão sentindo.

Eles perguntam sobre as minhas aulas, e eu, obedientemente, conto a eles sobre química, física, biologia e mandarim, escondendo o quanto é difícil ficar acordada nas aulas, independentemente de quão cedo eu vá para a cama, ou o quanto estou indo mal nas matérias em que costumava tirar A na escola. Conversar ou não conversar, tudo isso me deixa tão cansada que eu quero enfiar a cabeça dentro da minha salada de 30 dólares.

Quando as entradas chegam, mamãe pede um copo de Chardonnay e papai, um Shiraz. Tento não olhar para o modo como a luz da vela dança nas cores do vinho. Até isso machuca. Abaixo os olhos para o meu prato de ravióli. O cheiro é bom, mas não tenho vontade de comê-lo.

— Será que está querendo dizer alguma coisa? — pergunta mamãe.

Por um minúsculo momento, me pergunto o que aconteceria se eu lhes contasse a verdade. Que a escola não é nada do que eu imaginei que seria. Que nem de longe eu sou a garota do catálogo. Que eu não sou uma Universitária Feliz. Não sei quem eu sou. Ou talvez saiba quem sou e simplesmente não queira mais ser.

Mas isso não é uma opção. Mamãe ficaria ainda mais triste, decepcionada, como se minha infelicidade fosse algum tipo de insulto à criação dela. E então me culparia por ser tão sortuda. Isso é a faculdade! A experiência de faculdade que ela não teve oportunidade de ter. E essa foi uma das razões pelas quais ela passou quase todo o meu ensino médio sendo um general do Exército, planejando minhas atividades extracurriculares, arrumando tutores para as matérias nas quais eu ia mal, me matriculando nos preparatórios do SAT.

— Só estou cansada — explico. Isso, pelo menos, não é mentira.

— Provavelmente deve estar passando tempo demais na biblioteca — intervém papai. — Está tomando sol suficiente? Isso pode afetar seriamente seu ritmo circadiano.

Balanço a cabeça. Isso também é verdade.

— Tem corrido? Há algumas pistas bem legais por aqui. E não é muito longe do rio.

Acho que a última vez que corri foi com papai, alguns dias antes de partir para o tour.

— Sairemos amanhã de manhã, antes do brunch. Queimar o jantar. Colocar um pouco de ar nesses pulmões.

Só de pensar já fico exausta, mas aquilo é mais uma ordem que um convite, e os planos estão sendo feitos antes mesmo de eu concordar com eles.



Na manhã seguinte, o restante das garotas está sentado no *lounge* tomando café, conversando animadamente sobre o jantar, o que incluía um pequeno incidente com um garçom bonitinho e um martelo de lagosta que já estava virando uma lenda chamada “A machadinha e o gostosão”. Elas se entreolham ao me verem de calça de ginástica e moletom, procurando meus tênis de corrida. Nosso dormitório tem uma sala de ginástica de última geração na qual Kendra e Kali são viciadas, e Jenn é puxada para lá com elas, mas eu até agora nunca pus os pés lá.

Eu esperava só meu pai, mas minha mãe também está aqui, toda alegre em sua calça de lã preta e com uma capa de caxemira.

— Pensei que nos encontraríamos no brunch — digo.

— Ah, eu só queria passar um tempinho com você no alojamento. Vai me ajudar a ter uma ideia de onde você está quando não estou por perto. — Ela se vira para Kali. — Se não for incomodar vocês. — A voz de mamãe é tão educada que Kali talvez nunca perceba a arrogância contida nela.

— *Eu acho muito meigo* — diz Kali.

— Está pronta, Allyson? — pergunta papai.

— Quase. Não consigo achar meus tênis de corrida.

Mamãe me dá uma olhada, como se eu obviamente perdesse tudo o tempo todo.

— Qual o último lugar onde os deixou? — papai pergunta. — Tente lembrar. É assim que se encontram coisas perdidas.

Esse conselho é antigo, mas geralmente funciona. E, claro, ao pensar nos meus tênis, ainda empacotados na mala debaixo na cama, é exatamente lá que estão.

Quando chegamos lá embaixo, papai faz alguns alongamentos, indiferentemente.

— Vamos ver se lembro como fazer isso — brinca. Ele não é um corredor, mas está sempre mandando seus pacientes fazerem exercícios, assim tenta praticar aquilo que prega.

Saímos por uma trilha em direção ao rio. É um verdadeiro dia de outono, claro e fresco com uma pegada forte de inverno no ar. Eu não amo correr, não no início, mas geralmente, depois de mais ou menos uns dez minutos, aquela coisa toma conta e eu meio que saio de órbita e esqueço o que estou fazendo. Hoje, no entanto, toda vez que começo a me perder, é como se minha mente fosse automaticamente de volta para aquela outra corrida, a melhor corrida de todas, a corrida da minha vida, a corrida *pela* minha vida. E então minhas pernas se transformam em troncos encharcados, e todas as lindas cores do outono ficam cinza.

Depois de mais ou menos dois quilômetros tenho que parar. Digo que estou com cãibra. Peço para voltar, mas papai quer ir até o centro da cidade ver o que mudou, e então vamos. Paramos num café para tomar cappuccinos, e papai me pergunta sobre minhas aulas e tem lembranças nostálgicas de seus dias de química orgânica. Então me conta quanto tem estado ocupado, que a mamãe está passando por uma fase difícil e que eu deveria pegar leve com ela.

— Não era para ela voltar a trabalhar? — pergunto.

Papai olha para o relógio.

— Hora de ir — responde.

Papai me deixa no dormitório para eu me trocar antes do brunch. Assim que ponho os pés lá dentro, sei que há algo errado. Ouço o tique-taque. E então olho ao redor, e, por um segundo, fico confusa, pois o dormitório não parece mais o meu dormitório, mas sim o meu quarto de casa. Mamãe tirou todos os pôsteres do meu closet e os colocou exatamente na mesma configuração de casa. Mexeu nas fotos, e elas são a imagem espelhada do meu antigo quarto. Ela arrumou a cama com um monte de almofadas, as almofadas que eu especificamente disse que não queria trazer porque odeio almofadas. É preciso tirá-las e reorganizá-las todos os dias. Em cima da cama estão as roupas, que mamãe está dobrando em pilhas perfeitas e organizando para mim, exatamente como fazia quando eu estava na quarta série.

E, nos parapeitos das janelas e nas prateleiras, estão todos os meus despertadores. Todos eles funcionando e fazendo tique-taque.

Mamãe levanta os olhos enquanto arranca as etiquetas de uma calça que ainda nem experimentei.

— Você me pareceu deprimida a noite passada. Achei que pudesse animá-la se isto aqui se parecesse mais com a nossa casa. Está tão mais alegre agora — declara.

Começo a protestar. No entanto, não tenho certeza sobre o que protestar.

— E conversei com Kali, e ela acha o barulho dos relógios calmante. Como uma máquina de ruído branco.

Eles não me acalmam nem um pouco. Soam como centenas de bombas-relógio esperando para explodir.

16 

novembro

Nova York

A última vez que vi Melanie, ela tinha mechas cor-de-rosa desbotadas no cabelo louro e estava usando seu microuniforme vulgar da Topshop, com sandálias plataforma titubeantes que tinha comprado na liquidação de final de estação da Macy's. Então, quando ela vem em minha direção na esquina de uma rua movimentada de Chinatown, assim que sou vomitada para fora do ônibus, mal a reconheço. Agora já não tem mais a mecha; o cabelo dela é castanho-escuro com um toque avermelhado. Ela tem uma franja curtíssima, e o restante do cabelo está preso para trás em um coque com um par de palitos esmaltados. Está usando um vestido estranho, fashion e florido, e botas de cowboy surradas; tem óculos de vovó estilo gatinha. Seus lábios estão pintados de vermelho-sangue. Está fantástica, mesmo não se parecendo em nada com a minha Melanie.

Pelo menos, quando me abraça, ela ainda tem o cheiro da minha Melanie: condicionador e talco de bebê.

— Meu Deus, como você está magra — diz ela. — Era para você ganhar sete quilos, não perder.

— Já almoçou no bandeirão?

— Claro. *Hello*, sorvete à vontade. Só isso já faz a mensalidade valer a pena!

Afasto-me. Olho para ela novamente. Tudo é novo. Incluindo os óculos de grau.

— Você está usando óculos?

— São falsos. Veja. Não têm lentes. — Ela enfia um dedo no ar, através da armação, direto no olho, para demonstrar. — Faz parte do meu look bibliotecária punk-rock. Os caras que são músicos adoram! — Ela tira os óculos, solta o cabelo. Risadas.

— E adeus cabelo louro.

— Quero que as pessoas me levem mais a sério. — Ela coloca os óculos de volta e agarra o puxador da minha mala. — E então, como está quase-Boston?

Quando escolhi minha faculdade, Melanie tirou sarro pelo fato de ela ficar uns dez quilômetros fora de Boston, assim como a cidade onde crescemos, que fica a 40 quilômetros da Filadélfia. Ela disse que eu estava na órbita da vida urbana. Ela, por sua vez, mergulhou de cabeça. A faculdade dela é no centro de Manhattan.

— Quase bom — respondo. — Como está Nova York?

— Pra lá de bom! Tanta coisa para fazer! Tipo hoje à noite temos opções: uma festa no dormitório, uma boate legal para maiores de dezoito anos, no Lafayette, ou um amigo de um amigo nos convidou para uma festa num loft em Greenpoint, onde uma banda maravilhosa vai tocar. Ou podemos tentar comprar um ingresso de última hora na Times Square e ver um show da Broadway.

— Tanto faz. Só vim aqui ver você.

Sinto uma pontada de tristeza ao dizer isso. Mesmo sendo tecnicamente verdade que estou aqui para vê-la, não é totalmente verdade. Eu iria ver Melanie de qualquer maneira, em casa, no feriado de Ação de Graças dentro de alguns dias, mas, quando meus pais agendaram as passagens, disseram que eu teria que pegar o trem porque não dava para confiar nos voos além de estes serem muito caros num fim de semana de feriado.

Ao imaginar seis horas dentro de um trem, eu quase passei mal. Seis horas tentando afastar lembranças. Foi então que Melanie mencionou que os pais dela viriam de carro na terça-feira antes do

feriado de Ação de Graças para fazer compras e levá-la de volta; daí eu tive a brilhante ideia de tomar um ônibus barato de Chinatown até Nova York e pegar uma carona até em casa com Melanie. Na volta, tomo um ônibus para Boston.

— Ah, também estou feliz por ver você de novo. Será que já tínhamos ficado tanto tempo sem nos encontrar?

Balanço minha cabeça. Não desde que nos conhecemos.

— Ok, então, festa no dormitório, show na Broadway, boate ou banda da pesada no Brooklyn?

O que eu realmente quero fazer é voltar para o quarto dela e assistir a alguns filmes, e ficarmos juntas como nos velhos tempos, mas suspeito de que, se sugerir isso, Melanie vai me acusar de ser avessa a aventuras. A festa no Brooklyn me parece a menos tentadora e, provavelmente, é o que Melanie quer fazer, então, provavelmente, é o que eu deveria escolher. E é a que eu escolho.

É como se eu tivesse escolhido a resposta certa numa prova de tanto que os olhos dela se iluminaram.

— Que máximo! Alguns dos meus amigos da faculdade vão. Primeiro vamos comer, depois voltamos, deixamos suas coisas, nos aprontamos e vamos nos aventurar juntas. Parece bom?

— Ótimo!

— Já estamos em Chinatown, e meu restaurante vietnamita favorito é perto daqui.

Enquanto passamos pelas ruas retorcidas e movimentadas, cheias de lanternas vermelhas, guarda-chuvas de papel e templos falsos, tento manter os olhos na calçada. Há placas por todo lado. E uma delas inevitavelmente mencionará a dupla felicidade. Paris está a mais de 1.500 quilômetros, mas as lembranças... Uma delas vem à tona; eu a afasto. Mas, então, outra aparece. Nunca sei quando surgirá uma lembrança. Elas estão enterradas em todo lugar, como minas terrestres.

Entramos num pequeno restaurante, com luzes fluorescentes e mesas de fórmica, e nos sentamos no canto. Melanie pede rolinhos primavera, frango e chá, depois dobra os óculos e os coloca numa caixinha (para melhor proteger as lentes imaginárias?). Depois de servir chá para nós duas, ela olha para mim e diz:

— E aí, está se sentindo melhor?

É mais uma ordem do que uma pergunta. Melanie me viu no estado mais deplorável. Quando voltei de Paris e perdi completamente o controle, ela me deixou chorar a noite toda, xingando Willem por ter sido um canalha barato, como ela havia suspeitado desde o início. Na viagem de volta para casa, dava olhares fatais a qualquer um que olhasse para mim de forma estranha, enquanto eu chorava o tempo todo, as oito horas de voo. Quando, em algum lugar por cima da Groenlândia, comecei a hiperventilar, me perguntando se eu não tinha cometido um erro épico, se alguma coisa teria acontecido, se alguém o pegou, ela me colocou de volta no lugar.

— Com certeza. Ele foi. Alguém o pegou, sim. Você! E depois desapareceu.

— Mas e se... — eu começava.

— Allyson, qual é? Num dia você o viu ser despido por uma garota, pegar um bilhete secreto de outra, e só Deus sabe o que aconteceu no trem com aquelas meninas; como você acha que ele conseguiu aquela mancha na calça?

Eu nem tinha pensado nisso.

Ela me levou para o minúsculo banheiro do avião e enfiou a camiseta do Sous ou Sus no lixo. Então demos descarga na moeda que ele tinha me dado, e eu a imaginei caindo todos aqueles milhares de metros, afundando no oceano lá embaixo.

— Pronto, destruimos todos os vestígios dele — disse ela.

Bem, quase todos. Eu não tinha contado a ela sobre a foto no meu celular, a que Agnethe tirou de nós dois. Eu ainda não a havia

apagado, apesar de não ter olhado para ela nem uma vez.

Quando chegamos em casa, Melanie estava pronta para deixar a viagem para trás e se concentrar no próximo capítulo: a faculdade. Eu entendia. Eu também deveria estar empolgada. Só que não estava. Todo dia nós nos arrastávamos até a Ikea, a Bed, Bath & Beyond, a American Apparel e a J. Crew com nossas mães. Mas era como se eu estivesse com um problema permanente com o fuso horário; tudo o que eu queria fazer era dormir na cama dos mostruários. Quando Melanie partiu para a faculdade, dois dias antes de mim, caí no choro. Todo mundo pensou que eu estivesse chorando por me separar da minha melhor amiga, mas Melanie sabia que não era isso, e talvez tenha sido por esse motivo que ela pareceu um pouco impaciente ao me abraçar e sussurrar no meu ouvido:

— Foi apenas um dia, Allyson. Vai passar.

Assim, quando Melanie me pergunta, agora, se eu estou melhor, não posso decepcioná-la.

— Sim — digo. — Estou ótima.

— Que bom. — Ela bate palmas e pega o telefone. Manda uma mensagem de texto. — Tem um cara que vai estar lá hoje, um amigo do meu amigo Trevor. Acho que você vai gostar dele.

— Ah, não. Eu acho que não.

— Você acabou de dizer que já se recuperou do puto holandês.

— E é verdade.

Ela olha fixamente para mim.

— Os três primeiros meses de faculdade são os mais loucos que se pode ter na vida. Pelo menos você reparou em algum cara?

— Eu basicamente mantive os olhos fechados durante todas as orgias selvagens.

— Ah, tá. Boa tentativa. Mas você se esquece de que eu a conheço melhor do que qualquer um. Aposto que nem beijou

alguém.

Tiro o recheio esquisito do rolinho primavera, limpando o excesso de gordura num guardanapo de papel.

— E daí?

— E daí que o cara que eu quero que conheça hoje à noite... ele é muito mais seu tipo.

— O que isso quer dizer? — Apesar de saber o que significa. Foi absurdo achar que *e/e* pudesse ser meu tipo. Ou eu o dele.

— Legal. Normal. Mostrei sua foto e ele me disse que você parecia sombria e misteriosa. — Ela estica a mão para tocar meu cabelo. — Mas você deveria cortar seu cabelo curto de novo. Agora está precisando de um trato.

Não corto o cabelo desde Londres, e ele está na altura dos ombros, como uma cortina bagunçada.

— Esse é o look que eu estou buscando.

— Bem, está conseguindo. Mas, então, ele é muito legal, o Mason...

— Mason? Que tipo de nome é esse?

— Vai julgar a pessoa pelo nome? Está parecendo sua mãe.

Resisto à vontade de enfiar um palito de madeira nos olhos dela.

— De qualquer forma, quem se importa? Talvez o nome dele seja realmente Jason, mas ele se chama de Mason. — Melanie continua. — Falando nisso, ninguém me chama de Melanie aqui. Me chamam de Mel ou Lainie.

— Dois nomes pelo preço de um.

— É a faculdade, Allyson. Ninguém sabe quem você foi. Não há época melhor para se reinventar. Você deveria tentar. — Ela me lança um olhar fustigante.

Quero dizer a ela que tentei. Mas não consegui.



Mason acabou não sendo tão ruim. Ele é inteligente e levemente nerd, e do Sul, o que explica o nome, eu acho, e fala com um sotaque arrastado do qual ele mesmo tira sarro. Quando chegamos à festa, num trecho desolado de uma rua descampada, a quilômetros do metrô, ele brinca que é do programa *Fashion Police* e me pergunta se eu tenho tatuagens suficientes para estar nesta parte da cidade. É nesse momento que Trevor exhibe sua tribal em volta do braço e Melanie começa a falar sobre a tatoos que está pensando em fazer no tornozelo ou no bumbum ou outros lugares nos quais as garotas fazem, e Mason olha para mim e vira levemente os olhos.

Na festa, um elevador se abre diretamente dentro de um loft, que é ao mesmo tempo enorme e desgastado, com pinturas gigantes nas paredes e cheiro de tinta a óleo e terebintina. O mesmo cheiro do *squat*. Outra mina terrestre. Eu a chutei antes que explodisse.

Melanie e Trevor ficam falando sem parar sobre a tal banda maravilhosa, cujo vídeo chamuscado eles me mostram no celular de Melanie. Estão se parabenizando por estarem assistindo a eles num lugar como este antes que o mundo os descubra. Quando a banda começa a tocar, Melanie — Mel, Lainie, ou sei lá quem — e Trevor correm para a frente e começam a dançar feito loucos. Mason fica lá atrás comigo. Tem muito barulho para tentar uma conversa e eu fico feliz com isso, mas também fico feliz por alguém ter ficado perto de mim. Sinto meu sinal luminoso de turista piscando, e estou em território nativo.

Depois do que pareceu ser uma eternidade, a banda finalmente faz uma pausa; o barulho nos meus ouvidos é tão alto que parece que ainda está tocando.

— Está a fim de uma libação alcoólica?

— Hein? — Ainda estou meio surda.

Ele faz mímica de beber algo.

— Ah, não, obrigada.

— Eu... Volto... Logo — ele diz, exagerando as palavras para facilitar a leitura labial.

Enquanto isso, Melanie e Trevor estão fazendo a sua própria leitura labial. Estão jogados num sofá, se pegando. É como se não percebessem mais ninguém no ambiente. Não quero ir assistir ao show, mas não consigo parar. Vê-los se beijarem me deixa fisicamente enjoada. É difícil me desvencilhar dessa lembrança. A mais difícil de todas. E é por isso que está enterrada no lugar mais fundo.

Mason volta com uma cerveja para ele e uma água para mim. Olha para Melanie e Trevor.

— Era para acontecer — diz ele. — Esses dois estão rodando em volta um do outro há semanas, feito dois cachorros no cio. Eu estava curioso para saber qual seria o detonador.

— Álcool e música pesada — digo, fazendo aspas no ar.

— Férias. É mais fácil começar algo quando se sabe que não tem que ver alguém por um tempo. Alivia a pressão. — Ele dá uma olhada para os dois. — Dou duas semanas para eles, no máximo.

— Duas semanas? Isso é muito generoso de sua parte. Alguns caras não dariam mais que uma noite. — Mesmo com todo o barulho, consigo ouvir minha amargura. Posso senti-la em minha boca.

— Eu daria mais do que uma noite para você — diz Mason.

E, ah, é a coisa tão certa para dizer. Quem sabe? Talvez ele esteja sendo sincero, apesar de eu já saber que não posso confiar em mim mesma para distinguir entre sinceridade e falsidade.

Mesmo assim, quero superar isso. Quero que todas as lembranças desapareçam ou sejam suplantadas por outra coisa, que parem de me assombrar. Assim, quando Mason se inclina para me beijar, fecho os olhos e deixo que o faça. Tento me perder naquele beijo,

tento não me preocupar se a amargura em minha boca pode ter causado mau hálito. Tento ser beijada por outra pessoa, tento *ser* outra pessoa.

Mas então Mason toca meu pescoço bem no lugar do corte daquela noite, que, desde então, já cicatrizou, e eu me afasto.

Ao final, ele estava certo; o corte não deixou cicatriz, apesar de parte de mim desejar que tivesse deixado. Pelo menos eu teria alguma evidência, alguma justificativa para essa continuidade. As manchas são ainda piores quando se é a única pessoa que consegue vê-las.

17 

dezembro

Cancún, México

Ao desembarcarmos no México, já havia virado tradição para Melanie e eu tirarmos a roupa e vestirmos nossos maiôs assim que chegamos ao condomínio, e correr até a praia para nosso mergulho inaugural. É como se fosse o nosso batismo de férias. Fizemos isso em cada um dos últimos nove anos que viemos aqui.

Mas neste ano, enquanto Melanie procura um biquíni dentro da mala, eu vou até a pequena escrivaninha perto da cozinha, que normalmente não tem nada exceto livros de receita, e apoio meus livros abertos. Todos os dias, das quatro às seis, tenho que estudar. Tenho o dia de Ano-Novo de folga, mas é só. Esses são os termos da minha liberdade condicional.

Mantive minhas notas em segredo durante todo o semestre. Então, quando os relatórios apareceram ao final, foi um choque. Eu tentei. De verdade. Depois que minhas provas do meio do semestre foram tão sinistras, tentei com mais empenho, mas minhas notas ruins não eram o resultado de eu ser negligente. Ou de matar aulas. Ou de ir a festas.

No entanto, bem que eu poderia ter ido a festas, considerando o quanto estava cansada. Não fazia diferença se eu dormisse dez horas na noite anterior; assim que colocava os pés dentro do auditório e o professor começava a falar monotonamente sobre movimentos ondulares, escrevendo equações no quadro, os números começavam a dançar na frente dos meus olhos e eu sentia

as pálpebras ficarem pesadas... acordava com outros alunos pulando minhas pernas para ir para a próxima aula.

Durante a Semana da Leitura, tomei tanto café expresso que não dormi nada, como se estivesse usando todos os créditos das sonecas tiradas nas aulas. Preparei-me o máximo que pude, mas, àquela altura, estava tão atrasada que não tinha mais como.

Diante de tudo isso, foi um milagre terminar o semestre com 2,7.

Nem precisa dizer que meus pais têm uma opinião diferente.

Quando minhas notas saíram, na semana passada, eles enlouqueceram. E quando meus pais enlouquecem eles não gritam; ficam quietos. No entanto, a decepção e a fúria deles são ensurdecedoras.

— O que você acha que devemos fazer com relação a isso, Allyson? — perguntaram eles, enquanto nos sentávamos à mesa da sala de jantar, como se estivessem realmente perguntando minha opinião. Então, apresentaram uma lista de opções. Podíamos cancelar a viagem, o que seria terrivelmente injusto com o restante deles, ou eu poderia concordar em ir, sob algumas condições.

Melanie me lança olhares de compaixão ao desaparecer para colocar o biquíni. Parte de mim gostaria que ela boicotasse a praia em solidariedade, mesmo sabendo que isso é egoísta. Parece algo do tipo que a velha Melanie faria.

Mas esta é a nova Melanie. Ou a nova, novíssima Melanie. Desde a Ação de Graças ela parece totalmente diferente. De novo. Cortou o cabelo todo assimétrico e cheio de pontas e colocou uma argola no nariz, pelo que os pais dela deram a maior bronca até ela lhes dizer que ou era aquilo ou uma tatuagem. Agora que colocou o biquíni, vejo que deixou crescer os pelos embaixo do braço, mas o pelo dela é tão fino e louro que mal aparece.

— Tchau — ela diz, ao sair pela porta da frente. A mãe dela, Susan, enfia um tubo de protetor solar fator 40 em suas mãos. Minha mãe está mexendo na mala, procurando suas lupas especiais

para procurar pulgas em todos os colchões. Quando encontra, caminha até mim e finge olhar para meu livro de química com elas. Me lança um olhar irritado.

— Você acha que eu quero ser seu cão de guarda? Pensei que agora teria todo esse tempo livre, com você na faculdade, mas é como se manter você na linha já fosse um trabalho de período integral.

E quem pediu para você me manter na linha? — digo, irritada. Em minha cabeça. Mas mordo o lábio, abro meu livro de química e releio os capítulos obedientemente, conforme minha mãe me instruiu, para conseguir me recuperar. Eles não são mais inteligíveis agora do que foram da primeira vez em que os li.

Naquela noite, nós seis saímos para jantar num restaurante mexicano, um dos oito anexos ao resort. Temos o hábito de vir aqui todo ano em nossa primeira noite. Os garçons usam sombreros gigantes, e há uma banda itinerante de *mariachis*, mas a comida tem o mesmo gosto do El Torrito, perto de casa. Quando o garçom anota as bebidas, Melanie pede uma cerveja.

Os pais dela ficam boquiabertos.

— Pela lei, nós podemos aqui — diz ela, despreocupada.

Mamãe dá uma olhada para Susan.

— Não acho uma boa ideia — diz mamãe.

— Por que não? — desafio.

— Se quer minha opinião, tem menos a ver com a idade do que com a expectativa. Você cresceu sabendo que a idade para beber seria vinte e um anos, então não está necessariamente preparada para beber agora. — É a resposta terapêutica de Susan.

— Desculpe, você não foi para a faculdade? — pergunto. — Imagino que não tenha mudado tanto assim. Lembra que tudo o que as pessoas fazem o tempo todo é beber?

Meus pais se entreolham, depois olham para Susan e Steve.

— É isso o que está acontecendo com você? Está bebendo muito na faculdade? — pergunta papai.

Melanie ri tanto que a água especial que mamãe pediu sai pelo seu nariz.

— Sinto muito, Frank, mas será que conhecem Allyson? — Eles continuam a olhar. — No nosso tour no verão passado, todo mundo bebeu. — Há um momento de choque silencioso. — Ah, me poupem! A idade legal para beber na Europa é dezoito anos! Bom, todo mundo bebeu, exceto Allyson. Ela é totalmente certinha. E vocês perguntando se ela está enchendo a cara na faculdade. Isso é ridículo.

Papai olha para mim, depois para Melanie.

— Estamos apenas tentando entender o que está acontecendo com ela. Por que ela teve um GPA de 2,7.

Agora é a vez de Melanie ficar boquiaberta.

— Você teve 2,7? — Ela coloca a mão sobre os lábios e balbucia: — Desculpe. — O olhar que lança para mim é parte surpresa, parte respeito.

— Melanie teve 3,8 — reclama mamãe.

— Sim, Melanie é um gênio e eu, uma idiota. É oficial.

Melanie parece magoada.

— Vou para a Gallatin School. Todo mundo tira A — diz ela, desculpando-se.

— E Melanie provavelmente bebe — digo, sabendo muito bem que ela o faz.

Ela parece nervosa por um segundo.

— Claro que bebo. Não desmaio nem nada. Mas estou na faculdade. Eu bebo. Todo mundo bebe.

— Eu, não — declaro. — E Melanie tem média A, e eu tenho C, então talvez eu deva tomar uns drinques e as coisas vão melhorar.

Talvez seja uma ideia melhor que essa sessão de estudos idiota em que vocês me colocaram.

Mergulho de vez nisso, o que é meio louco, pois nem quero tomar cerveja. Uma das poucas coisas de que gosto neste restaurante são as margaritas virgens, feitas de frutas frescas.

Mamãe se vira para mim, a boca preparada para engolir algumas moscas.

— Allyson, você tem problemas com bebida?

Bato a mão na testa.

— Mãe, você tem problemas de audição? Acho que não ouviu uma palavra do que acabei de dizer.

— Acho que ela está querendo dizer que você deve pegar mais leve e deixá-las tomar uma cerveja com o jantar — explica Susan.

— Obrigada! — digo a Susan.

Minha mãe olha para meu pai.

— Deixe as meninas tomarem uma cerveja — diz ele expansivamente, enquanto faz sinal para o garçom e pede algumas Tecate.

É meio que uma vitória. Exceto pelo fato de eu, na verdade, não gostar de cerveja; então, ao final, tenho que fingir beber a minha à medida que ela fica suada em cima da mesa, e não peço a margarita virgem que realmente queria.



No dia seguinte, Melanie e eu estamos sentadas à beira de piscina gigante. É a primeira vez que conseguimos ficar sozinhas desde que chegamos aqui.

— Acho que deveríamos fazer alguma coisa diferente — ela diz.

— Eu também acho — respondo. — Todo ano nós fazemos as mesmas coisas. Vamos às malditas ruínas. Tulum é legal, mas nós

podíamos dar uma saída. Convencer nossos pais a ir a algum lugar diferente.

— Tipo nadar com os golfinhos? — pergunta Melanie.

Nadar com os golfinhos é diferente, mas não é o que eu procuro. Ontem, eu estava olhando um mapa da península de Yucatán na recepção do hotel, e algumas das ruínas são no continente, mais para dentro da trilha já conhecida. Talvez pudéssemos conhecer um pouco mais do verdadeiro México.

— Estive pensando que podíamos ir a Coba ou Chichén-Tzá. Ruínas diferentes.

— Ah, você é tão aventureira — brinca Melanie. Ela toma um gole do chá gelado. — Bom, mas estou falando da noite de Ano-Novo.

— Ah. Quer dizer que você não vai querer dançar a macarena com Johnny Maximo? — Johnny Maximo é um ex-ator de cinema que agora tem um emprego no resort. Todas as mães o amam por ele ser bonito e másculo e estar sempre dizendo que parecem ser nossas irmãs.

— Qualquer coisa menos a macarena! — Melanie abaixa seu livro, algo de Rita Mae Brown que parece ser para a escola, mas ela diz que não. — Um dos atendentes do bar me falou sobre uma festança na praia de Puerto Morelos. É uma coisa local, apesar de ele ter dito que muitos turistas aparecem, mas pessoas como nós. Jovens. Haverá uma banda de reggae, o que parece bizarro. De um jeito bom.

— Você só está querendo arrumar um cara com menos de sessenta anos com quem se agarrar quando chegar a meia-noite.

Melanie dá de ombros.

— Menos de sessenta anos, sim. Um cara? Talvez, não.

Ela me encara.

— O quê?

— Eu meio que tenho encarado essa coisa de garotas.

— O quê? — Sai como um grito. — Desculpe. Desde quando?

— Logo depois da Ação de Graças. Conheci uma menina na aula de teoria do cinema. Nós éramos amigas, uma noite saímos e simplesmente aconteceu.

Olho para o novo corte de cabelo, a argola no nariz, as axilas peludas. Tudo faz sentido.

— Quer dizer que agora você é lésbica?

— Prefiro não rotular — responde ela, um tanto hipócrita, querendo dizer que *eu* preciso rotular tudo. É ela quem está sempre se rotulando: Mel, Mel 2.0, bibliotecária punk-rock. Pergunto o nome da namorada. Ela me diz que as duas não se definem dessa forma, mas o nome da menina é Zanne.

— Com Z?

— Z. Apelido de Suzanne.

Será que ninguém mais usa o nome de verdade?

— Não conte para os meus pais, ok? Você conhece a minha mãe. Ela nos faria analisar o assunto e discuti-lo como se fosse uma fase do meu desenvolvimento. Quero ter certeza de que é mais do que uma paquera antes de me fazer passar por isso.

— Por favor, não precisa falar para mim sobre as análises que os pais fazem.

Ela empurra os óculos mais para trás no nariz e se vira para mim.

— Claro. Então, o que significa tudo isso?

— O que você quer dizer? Já conhece meus pais. Existe alguma parte da minha vida na qual eles *não* estejam envolvidos? Eles devem estar surtados por não terem os dedos, literalmente, em todos os aspectos do que estou fazendo.

— Eu sei. Quando ouvi falar sobre o lugar de estudo, imaginei que fosse isso. Pensei que você talvez tivesse tirado B. Mas 2,7 foi demais!

— Não comece você também.

— Não vou começar. Só estou surpresa. Você sempre foi uma aluna tão maravilhosa. Não entendo. — Ela dá um gole grande no chá gelado. — A terapeuta disse que você está deprimida.

— Sua mãe? Ela disse isso?

— Eu a ouvi dizendo para a sua mãe.

— O que minha mãe respondeu?

— Que você não estava deprimida. Que estava fazendo bico porque não estava acostumada a ser punida. Às vezes tenho vontade de socar sua mãe.

— Você e eu.

— Então, depois minha mãe me perguntou se *eu* achava que você estava deprimida.

— E o que você respondeu?

— Falei que muita gente tem dificuldade no primeiro ano de faculdade. — Ela me dá uma olhada penetrante por trás dos óculos escuros. — Eu não podia contar a verdade, podia? Que eu achava que você ainda está sofrendo por um cara com quem teve uma transa de uma noite em Paris?

Faço uma pausa, ouvindo o gritinho de uma criança saltando do trampolim. Quando Melanie e eu éramos pequenas, costumávamos dar as mãos e saltar juntas muitas vezes.

— Mas e se não for ele? Se não for Willem? — É estranho dizer o nome dele em alto e bom som. Depois de silenciá-lo durante tanto tempo. *Willem*. Eu mal me permito pensar nisso.

— Não me diga que outro cara ferrou com você!

— Não! Estou falando de *mim*.

— De você?

— É, tipo, do eu que era naquele dia. De alguma forma, eu era diferente.

— Diferente? Como?

— Eu era Lulu.

— Mas era só um nome. Só faz de conta.

Talvez fosse. Mesmo assim, aquele dia inteiro, estar com Willem, ser Lulu, me fez perceber que toda a minha vida eu estive num quartinho, sem janelas nem porta. E eu estava bem. Até feliz. Eu pensei que estivesse. Então alguém apareceu e me mostrou que havia uma porta no quarto. Uma porta que eu nunca vira antes. E ele a abriu para mim. Segurou minha mão enquanto eu a atravessava. E, durante um dia perfeito, fiquei do outro lado. Estava em outro lugar. Era outra pessoa. Depois ele sumiu, e eu fui jogada de novo dentro do meu quartinho. E agora, independentemente do que eu faça, parece que não consigo encontrar aquela porta.

— Para mim não foi um faz de conta — declaro a Melanie.

Melanie faz uma expressão de solidariedade.

— Ah, querida. É porque você estava toda envolvida pela fumaça da paixão cega. E por Paris. Mas as pessoas não mudam da noite para o dia. Principalmente você. Você é a Allyson. Você é firme. Isso é uma das coisas que eu amo em você: o quanto é confiável.

Quero protestar. E as transformações? E a reinvenção sobre a qual ela sempre falava? São reservadas somente a ela? Existe um padrão diferente para mim?

— Sabe do que você precisa? De um pouco de Ani DiFranco.

Ela pega o iPhone e enfia os fones nos meus ouvidos, e, à medida que Ani fala sobre encontrar sua própria voz e ser ouvida, sinto-me muito decepcionada comigo mesma. Como se quisesse puxar minha pele, abri-la e sair de dentro dela. Esfrego os pés no chão de cimento e suspiro, desejando que houvesse alguém a quem

pudesse explicar isso. Alguém que pudesse entender o que estou sentindo.

E, por um segundo, imagino a pessoa com quem eu poderia conversar sobre encontrar essa porta e me perder. Ele entenderia.

Mas essa porta precisa ficar trancada.

De alguma forma, usando o mesmo argumento vocês-têm-que-nos-tratar-como-adultas do jantar da cerveja, além de prometermos pegar um táxi credenciado do hotel durante toda a noite, Melanie e eu conseguimos autorização para ir à tal festa de Ano-Novo. O cenário é uma faixa de areia estreita em forma de lua crescente, toda iluminada com tochas Tiki, e às dez da noite já está bombando. Há um pequeno palco onde a famosa banda de reggae mexicana vai tocar, mas agora um DJ está tocando techno.

Pilhas gigantescas de sapatos estão por toda a parte. Melanie tira seus chinelos de dedo laranja reluzente. Eu hesito antes de tirar minhas sandálias pretas menos chamativas, esperando poder encontrá-las de novo, pois, se perder mais alguma coisa, tenho certeza de que nunca mais terei paz.

— Parece uma bacanal! — comenta Melanie, com aprovação, cumprimentando com a cabeça os caras de sunga que estão segurando garrafas de tequila pelo gargalo, as garotas de canga com seus cabelos recém-trançados. Há até mexicanos verdadeiros aqui, os caras elegantemente vestidos em camisas brancas leves, cabelo alisado para trás, e as garotas com vestidos de festa enfeitados até os joelhos, as pernas longas e bronzeadas.

— Primeiro dançar ou beber?

Não quero dançar. Então respondo “beber”. Entramos na fila do bar lotado. Atrás de nós está um grupo falando francês, o que me faz olhar duas vezes. Quase não há outras nacionalidades, exceto americanos, em nosso hotel, mas obviamente pessoas de todos os lugares do mundo vêm ao México.

— Aqui. — Melanie coloca um drinque em minha mão. Está dentro de um abacaxi sem miolo. Dou uma cheirada. Parece loção

bronzeadora. É doce, morno e queima levemente à medida que vai descendo. — Boa menina.

Penso na Sra. Foley.

— Não me chame assim.

— Menina má.

— Também não sou isso.

Ela parece irritada.

— Menina nada!

Tomamos nossos drinques em silêncio, absorvendo a festa, que fica cada vez mais agitada.

— Vamos dançar — diz Melanie, me puxando em direção ao cercado de areia transformado em pista de dança.

Balanço a cabeça.

— Talvez mais tarde.

E há aquele suspiro de novo.

— Vai ficar assim a noite toda?

— Assim como? — Penso no que ela me chamou no tour, *avessa à aventura*, e ao que ela me disse na piscina. — Assim *eu* mesma? Achei que fosse isso que você *amasse* em mim.

— Qual é o seu problema? Está com a cara azeda a viagem inteira! Não é culpa minha que sua mãe é uma nazista das aulas particulares.

— Não, mas a culpa é sua por eu me sentir uma porcaria por não querer dançar. Odeio techno. Sempre odiei techno, então você deveria saber disso, já que sou tão confiantemente eu mesma.

— Tudo bem. Então você fica aí confiante e de lado enquanto eu danço.

— Tudo bem.

Ela me larga perto do círculo e começa a dançar com várias pessoas diferentes. Primeiro com um cara de cabelo rastafári, depois com uma garota de cabelo bem curto. Ela parece estar se divertindo ali, girando, virando, e eu me pego a pensar que, se já não fôssemos amigas, ela não seria alguém de quem eu me tornaria amiga.

Fico observando-a por pelo menos vinte minutos. Entre uma música techno monótona e outra, ela conversa com outras pessoas, ri. Depois de meia hora, estou ficando com dor de cabeça. Tento capturar o olhar dela, mas ao final desisto e me afasto.

A festa se estende até a curva da água e para dentro dela. Várias pessoas mergulham peladas no mar iluminado pela lua. Um pouco mais distante, a festa fica mais tranquila, com uma fogueira e gente ao redor tocando violão. Coloco-me a alguns metros de distância da fogueira, perto o bastante para sentir o calor e ouvir os estalidos da madeira. Enfio o pé na areia; a camada de cima está fria, mas embaixo ainda está morno do sol que brilhou durante o dia.

Na praia, o techno para, e a banda de reggae sobe ao palco. O bump-bump-tump mais melodioso é agradável. Dentro da água, uma garota começa a dançar em cima do ombro de um cara, arranca a parte de cima do biquíni e fica lá, metade nua, como uma sereia iluminada pelo luar, antes de mergulhar silenciosamente. Atrás de mim, os caras com os violões começam *Stairway to Heaven*. Mistura-se estranhamente bem com o reggae.

Deito-me na areia e levanto os olhos para o céu. A partir desta perspectiva vantajosa é como se eu tivesse toda a praia para mim. A banda termina uma música, e o cantor anuncia que falta meia hora para o Ano-Novo.

— Ano-Novo. *Año Nuevo*. É uma folha em branco. Hora de “*hacer borrón y cuenta nueva*” — recita ele. — Uma chance para recomeçar.

Será mesmo possível fazer isso? Recomeçar? Será que eu iria querer? Será que, se eu pudesse, apagaria todo o ano passado?

— Folha em branco. — repete o cantor. — Uma nova chance de recomeçar. Comece do zero, baby. Corrija os erros. Faça mu-mu-mudanças. Seja quem você quer ser. Esta é a sua chance. Hoje pode ser o dia em que tudo muda.

Será? É uma ideia legal, mas por que 1º de janeiro? Alguém poderia dizer que 19 de abril fosse o dia em que tudo muda. Um dia é apenas um dia. Não significa nada.

— Nas badaladas da meia-noite, faça um desejo. “¿*Que és tu deseo?*” Para você mesmo. Para o mundo.

É o Ano-Novo. Não um bolo de aniversário. E eu não tenho mais oito aninhos. Não acredito em desejos que se realizam. Mas, caso acreditasse, o que eu desejaria? Desfazer aquele dia? Vê-lo de novo?

Normalmente tenho muita força de vontade. Assim como uma pessoa que faz regime resiste a um biscoito, eu nem me permito chegar a esse ponto. Mas, durante o mais breve segundo, o faço. Vejo-o bem ali, caminhando pela praia, o cabelo refletindo nas chamas, olhos escuros e brilhantes e cheios de humor, e tantas outras coisas. E, por um segundo, quase sou capaz de enxergá-lo.

Ao me abrir para a fantasia, aguardo o solavanco da dor. Mas ele não vem. Em vez disso, minha respiração diminui e algo se aquece dentro de mim. Abandono o cuidado e todo o bom senso e me envolvo nos pensamentos sobre ele. Minhas mãos circundam meu peito, como se ele estivesse me abraçando. Por um momento, tudo parece perfeito.

— Pensei que nunca a encontraria!

Levanto os olhos. Melanie está vindo a passos largos na minha direção.

— Eu estava bem aqui.

— Estive procurando você pela última meia hora! Para cima e para baixo na praia. Não fazia ideia de onde você estava.

— Eu estava bem aqui.

— Procurei você em todo lugar. A festa está saindo totalmente do controle, a ponto de haver Boa Noite, Cinderela no ponche. Uma garota acabou de vomitar a dez centímetros do meu pé, e os caras estão dando em cima de mim com as piores cantadas do mundo. Já me beliscaram a bunda tantas vezes que perdi a conta, e um cara charmoso acabou de me perguntar se eu queria uma mordida do sanduíche dele; e não estava falando de comida! — Ela balança a cabeça como se estivesse tentando deslocar a memória. — Era para cuidarmos uma da outra!

— Sinto muito. Você estava se divertindo, e acho que perdi a noção do tempo.

— Perdeu a noção do tempo?

— Acho que sim. Sinto muito que tenha ficado tão preocupada. Mas eu estou bem. Quer voltar para a festa?

— Não. Já deu! Vamos embora.

— Não precisamos ir. — Olho para a fogueira. As labaredas dançando, tornando difícil afastar meus olhos. — Não me importo de ficar. — Pela primeira vez em muito tempo estou tendo um momento bom, estou bem onde estou.

— Bem, eu me importo. Passei a última meia hora em pânico, e agora estou sóbria, e este lugar já deu o que tinha que dar. É como uma festa da fraternidade do Telemundo.

— Ah, ok. Então, vamos.

Sigo-a de volta até a pilha de sapatos, onde ela leva séculos para encontrar os chinelos de dedos; e então entramos no táxi que estava à nossa espera. Quando penso em olhar para o relógio do painel, já passam vinte minutos da meia-noite. Não acredito de verdade no que o cantor disse sobre os desejos da virada de ano, mas, já que perdi a chance, sinto que devo tentar antes que a janela de oportunidade se feche.

Seguimos de volta em silêncio, exceto pelo motorista do táxi cantando baixinho junto com o rádio. Ao estacionarmos nos portões do resort, Melanie dá algumas notas a ele, e, por um minuto, tenho uma ideia.

— Melanie. E se contratássemos esse cara por um ou dois dias para nos levar a algum lugar longe dos turistas?

— E por que deveríamos fazer isso?

— Sei lá. Para ver o que aconteceria se tentássemos algo diferente. Com licença, *señor*, quanto custaria para o contratarmos por um dia?

— *Lo siento. No hablo inglés.*

Melanie olha para mim.

— Acho que você vai ter que se satisfazer com sua única grande aventura.

A princípio achei que ela estivesse falando da festa, mas então percebo que está se referindo às ruínas. Porque eu realmente consegui fazer nossas famílias visitarem uma ruína diferente. Fomos a Coba em vez de Tulum. E, exatamente como eu esperava, paramos numa pequena vila ao longo do caminho e, por um momento lá, me animei, achando que sim, que finalmente eu tinha escapado para dentro do verdadeiro México. Tudo bem, minha família inteira estava comigo, mas aquele era um vilarejo maia. No entanto, Susan e minha mãe ficaram loucas comprando joias com pedras, e os moradores do vilarejo tocaram tambores para nós, e fomos todos convidados a dançar num círculo e, então, houve até uma tradicional limpeza espiritual. Mas todo mundo filmou tudo e, após sua limpeza, meu pai "doou" dez dólares colocados despretensiosamente à nossa frente, e percebi que aquilo não era diferente de estar num tour.

O condomínio está silencioso. Os pais estão todos na cama, mas, assim que a porta se fecha, mamãe sai do quarto dela.

— Chegaram cedo — diz ela.

— Eu estava cansada — mente Melanie. — Boa noite. Feliz Ano-Novo. — Ela caminha com passos leves em direção ao nosso quarto, mamãe me dá um beijo de Ano-Novo e volta para o quarto dela.

Estou longe de estar cansada, então me sento na sacada e ouço os sons longínquos da festa do hotel. No horizonte, uma tempestade de raios está se formando. Enfio a mão na bolsa para pegar meu telefone e, pela primeira vez em meses, abro o álbum de fotos.

O rosto dele é tão lindo, faz meu estômago revirar. Mas ele parece irreal, não alguém que eu um dia conheci. Então olho para mim, a pessoa que está na foto, e também mal a reconheço, e não apenas pelo fato de o cabelo estar diferente, mas porque ela parece diferente. Aquela não sou eu. Aquela é Lulu. Ela se foi, assim como ele.

Página *em branco*. Foi o que o cantor de reggae disse. Talvez eu não consiga realizar meu desejo, mas posso tentar começar de novo, passar por cima disso.

Permito-me olhar para a foto de Willem e Lulu em Paris por um longo minuto.

— Feliz Ano-Novo — digo a eles.

Em seguida, apago-os.

19 

janeiro

Faculdade

Meio metro de neve cai em Boston enquanto estou no México e a temperatura nunca sobe acima de zero. Então, quando volto, duas semanas depois, o campus parece uma tundra cinza deprimente. Chego alguns dias antes de as aulas começarem, com a desculpa de me preparar para o novo semestre, mas, na verdade, não aguentava ficar em casa nem mais um dia sob os olhos observadores da guardiã. Foi ruim o suficiente em Cancún, mas em casa, sem Melanie para me distrair — ela partiu para Nova York no dia seguinte ao que chegamos, antes de termos a chance de resolver a estranheza que se instalou entre nós —, ficou insustentável.

O Trio Fantástico volta dos feriados cheio de histórias e piadinhas entre si. Passaram o Ano-Novo juntas no condomínio da família de Kendra, em Virginia Beach, e foram nadar enquanto nevava, agora estavam encomendando camisetas de urso-polar. Elas até foram simpáticas, perguntando sobre a viagem, mas tenho dificuldade para respirar em meio a toda essa camaradagem. Empilho meus suéteres e parcas e me arrasto até a biblioteca da faculdade para pegar meu novo livro de mandarim.

Estou na seção de línguas estrangeiras quando meu telefone toca. Não preciso nem olhar para o identificador de chamadas. Mamãe tem me ligado pelo menos duas vezes por dia desde que voltei.

— Oi, Mãe.

— Allyson Healey. — A voz do outro lado da linha é alta e agradável, o oposto da de mamãe.

— Sim, aqui é Allyson.

— Ah, olá, Allyson. Aqui é Gretchen Price, do escritório de apoio.

Eu paro, respirando por causa da sensação nauseante em meu estômago.

— Sim?

— Gostaria de saber se você pode dar uma passada no meu escritório. Pra dizer “oi”.

Agora sinto que vou vomitar bem em cima das pilhas de *Buongiorno Italiano*.

— Minha mãe ligou para você?

— Sua mãe? Acho que não. — Ouço o som de algo cair. — Porcaria. Espere um pouco. — Há mais vaivém e, em seguida, ela está de volta à linha. — Veja, peço desculpas por ser tão em cima da hora, mas essa parece ser a minha sina esses dias. Eu adoraria que pudesse vir antes de o semestre começar.

— Humm, as aulas começam depois de amanhã.

— É verdade. Que tal hoje, então?

Eles vão me expulsar. Joguei tudo pelos ares em apenas um semestre. Sabem que não sou uma Universitária Feliz. Não faço parte do catálogo. Nem daqui.

— Estou metida em algum tipo de encrenca?

Aquela risada aguda de novo.

— Não comigo. Por que não passa aqui... espere um pouco. — Há mais barulho de papel. — Que tal às quatro?

— Tem certeza de que minha mãe não ligou?

— Sim, Allyson, eu tenho absoluta certeza. Então, às quatro?

— Sobre o que é?

— Ah, só para nos conhecermos melhor. Vejo você às quatro.

O escritório de Gretchen Price fica numa esquina movimentada de um dos prédios administrativos cobertos de hera. Pilhas de livros, papéis e revistas estão espalhadas por toda parte, sobre a mesa redonda e pelas cadeiras perto da janela, sobre a namoradeira e em cima de sua escrivaninha bagunçada.

Ela está ao telefone quando me pede, apressadamente, para entrar, então eu fico em pé no meio da porta. Ela gesticula para eu entrar.

— Você deve ser Allyson. Tire uma pilha de cima das cadeiras e se sente. Estarei com você em um segundo.

Retiro uma boneca Raggedy Ann suja, com uma das tranças cortada, e uma pilha de arquivos de uma das cadeiras. Alguns dos arquivos têm um post-it neles: *Sim. Não. Talvez.* Relatórios escapam de um deles. É a cópia de uma solicitação de matrícula, como a que enviei um ano atrás. Enfio-a de volta dentro do arquivo e o coloco na outra cadeira.

Gretchen desliga o telefone.

— Então, Allyson, como estão as coisas?

— Tudo bem. — Dou uma olhada para as solicitações de matrícula, todas as pessoas que querem uma vaga como a minha.

— *Fantásticas*, para falar a verdade.

— É mesmo? — Ela pega um arquivo, e eu tenho a nítida impressão de que a casa caiu.

— Claro — digo com toda a empolgação que consigo demonstrar.

— Veja bem, o negócio é que eu dei uma olhada em suas notas do primeiro semestre.

Sinto lágrimas brotarem nos meus olhos. Ela me fisgou até aqui com falsas intenções. Ela disse que eu não estava encrencada, que

seria apenas um encontro para nos conhecermos melhor. E eu não bombei. Só tirei C!

Ela olha para o meu rosto transtornado e faz um gesto com as mãos para eu me acalmar.

— Relaxe, Allyson — ela diz, com uma voz tranquilizadora. — Não estou aqui para acabar com você. Só queria saber se está precisando de ajuda, e oferecê-la, se for o caso.

— É só o meu primeiro semestre. Eu estava me adaptando. — Usei tanto essa desculpa que quase cheguei ao ponto de acreditar nela.

Ela se reclina na cadeira.

— Sabe, as pessoas tendem a achar que as matrículas da faculdade são basicamente injustas. Que não se podem julgar as pessoas por um papel. Mas o negócio é que o papel pode, na verdade, dizer muita coisa. — Ela toma um gole de uma dessas xícaras de café pintadas por crianças. A dela está coberta com impressões digitais em tom pastel borrado. — Já que eu não a conheço e estou avaliando pelo que vejo no papel, eu diria que você está tendo um pouco de dificuldade.

Ela não está me perguntando *se* eu estou tendo dificuldades. Não está perguntando *por quê*. Ela simplesmente sabe. As lágrimas vêm, e eu as deixo vir. O alívio é mais poderoso do que a culpa.

— Deixe-me ser bem clara — continua Gretchen, me passando uma caixa de lenços de papel. — Não estou preocupada com o seu GPA. A escorregada no primeiro semestre é tão comum quanto os quinze quilos dos calouros. Ah, meu Deus, você deveria ter visto o GPA do meu primeiro semestre. — Ela balança a cabeça e ri. — Geralmente, os estudantes com dificuldades aqui estão em duas categorias: aqueles que estão se adaptando à liberdade, talvez passando tempo demais nas festas regadas a cerveja e pouco tempo na biblioteca. Eles geralmente entram na linha depois de um ou dois semestres. — Ela olha para mim. — Tem tomado muitas doses de Jägermeister, Allyson?

Balanço a cabeça, mesmo sabendo que, pelo tom da pergunta, ela parece já saber a resposta.

Ela assente.

— Então, o outro padrão é um pouco mais traiçoeiro. Mas é, na verdade, uma previsão para desistentes. E é por isso que eu quis vê-la.

— Você acha que eu vou desistir?

Ela me olha duro.

— Não. Mas, olhando para seus relatórios da escola secundária e do seu primeiro semestre, acho que você se encaixa nessa categoria. — Ela passa a mão sobre um fichário, que obviamente contém meu histórico escolar completo. — Alunas como você, moças principalmente, vão extraordinariamente bem na escola secundária. Veja suas notas. São excelentes, de ponta a ponta. Aulas especiais, aulas de ciências, aulas de humanas, tudo A. Notas de SAT extremamente altas. Então elas entram na faculdade, que era na verdade a razão pela qual estudaram tanto, correto?

Assinto.

— Daí chegam aqui e desabam. Você não imagina quantos alunos que só tiram A, alunos CDFs, acabam desistindo. — Ela balança a cabeça, desanimada. — Odeio quando isso acontece. Ajudo a escolher quem vem para cá. Reflete muito mal em mim se eles desistem.

— É como um médico perder um paciente.

— Ótima analogia. Vê o quanto você é inteligente?

Ofereço um sorriso triste.

— A questão, Allyson, é que a faculdade é para ser...

— Os melhores anos da minha vida?

— Eu ia dizer algo nutritivo. Uma aventura. Uma exploração. Estou olhando para você e não me parece muito nutrida. E estou

olhando para a sua programação... — Ela dá uma olhada rápida para a tela do computador. — Biologia. Química. Física. Mandarin. Laboratório. É muito ambicioso para o seu primeiro ano.

— Sou candidata à escola de medicina. Tenho que ter essas aulas.

Ela não diz nada. Toma outro gole de café. Então diz:

— Essas são as aulas que você *quer* frequentar?

Faço uma pausa. Ninguém nunca me perguntou isso. Quando recebemos o catálogo do curso pelo correio, simplesmente presumi que teria que dar uma pincelada em todos os pré-requisitos de medicina. Minha mãe sabia o que eu deveria fazer e quando. Olhei algumas matérias opcionais, mas foi a mesma coisa que dizer que estaria me formando em trançar cestas debaixo d'água.

— Não sei o que quero fazer.

— Por que não dá uma olhada e pensa em mudar um pouco as coisas? O processo de matrícula ainda está em curso, e pode ser que eu tenha que mexer uns pauzinhos. — Ela para e empurra o catálogo pela mesa. — Mesmo que acabe sendo uma candidata de medicina, tem quatro anos para frequentar essas aulas, e também tem muitos pré-requisitos de humanas para fazer. Não precisa juntar tudo de uma vez. Aqui não é a escola de medicina.

— E os meus pais?

— O que é que tem os seus pais?

— Não posso decepcioná-los.

— Mesmo que isso signifique decepcionar a si mesma? Duvido que eles fossem querer isso para você.

As lágrimas vêm novamente. Ela me passa outro lenço de papel.

— Entendo que queira agradar a seus pais, deixá-los orgulhosos. É um impulso nobre, e eu a parabenizo por isso. Mas, no fim, é a sua educação, Allyson. Você precisa tomar posse dela. E deveria apreciá-la. — Ela faz uma pausa, engole um pouco mais de café. —

E, de alguma forma, imagino que seus pais ficarão mais felizes se virem seu GPA subir.

Ela tem razão quanto a isso. Concordo com um balanço de cabeça. Ela se vira para a tela do computador.

— Então, faz de conta que vamos dar uma mudada nas aulas. Alguma ideia do que gostaria de fazer?

Balanço a cabeça.

Ela pega o catálogo e o folheia.

— Vamos lá. É um bufê intelectual. Arqueologia. Salsa. Desenvolvimento infantil. Pintura. Introdução às finanças. Jornalismo. Antropologia. Cerâmica.

— Isso é tipo trabalho com argila? — interrompo.

— É. — Ela arregala os olhos e digita no computador. — Cerâmica iniciante, terça-feira às onze. Tem vaga. Ah, mas é no mesmo horário do seu laboratório de física. Que tal deixarmos o laboratório, e talvez física, para o próximo semestre?

— Pode cortá-los. — Dizer isso é maravilhoso, como soltar um monte de balões de gás e observá-los desaparecer no céu.

— Viu? Já está pegando o jeito da coisa — diz Gretchen. — Que tal algumas de humanas para balancear? Você vai precisar delas de qualquer maneira para se formar, como parte de seu currículo principal. Tem mais interesse em história antiga ou moderna? Há uma pesquisa maravilhosa sobre a Europa. E um seminário fantástico sobre a Revolução Russa. E uma aula fascinante sobre a pré-revolução norte-americana, que pode ser muito bem aproveitada por estarmos tão perto de Boston. Ou poderia começar com algumas de nossas aulas de literatura. Você passou no teste avançado para os requisitos de escrita. Sabe como é, poderíamos ser diabólicas e colocá-la em alguns seminários mais interessantes. — Ela dá uma olhada no computador. — Poesia de Beat. Literatura do Holocausto. Política em prosa. Poesia medieval. Declamação de Shakespeare.

Sinto algo subir pelas costas. Um velho disjuntor há muito esquecido sendo testado e faiscando no escuro.

Gretchen deve ter visto minha expressão, pois começa a me explicar que não é qualquer aula de Shakespeare, como o professor Glennly tem opiniões contundentes sobre a maneira como Shakespeare deve ser ensinado e que tem uma seita que o segue no campus.

Não consigo fazer outra coisa a não ser pensar *nele*. E então penso na folha em branco. A resolução que fiz na noite de Ano-Novo. O fato de ser candidata à escola de medicina.

— Acho que não posso fazer essa aula.

Isso a faz sorrir.

— Às vezes, a melhor maneira de descobrirmos o que temos que fazer é fazendo a coisa que não é para fazermos. — Ela digita no teclado. — Está lotada, como sempre, então você vai ter que brigar na lista de espera. Por que não tentar? Deixe por conta do destino.

Destino. Acho que essa é outra palavra para *acaso*.

Palavras nas quais eu não acredito mais.

No entanto, deixo-a me matricular na aula, de qualquer forma.

Entrar na sala de aula de declamação de Shakespeare é como entrar numa escola absolutamente diferente daquela que eu frequentei nos últimos quatro meses. Em vez de um enorme auditório, que é onde todos os meus cursos de ciências aconteciam, ou mesmo numa grande sala de aula como a de mandarim, essa aula é uma sala pequena, do tipo que tínhamos na escola secundária. Há, talvez, umas 25 carteiras dispostas em U, em volta de um púlpito central. E os alunos sentados nelas também parecem diferentes. Argolas nos lábios e cabelos pintados com cores em geral não encontradas naturalmente em cabeças humanas. É um mar de alienação bem cuidado. A turma das artes, imagino. Quando entro e procuro um lugar para sentar, todos estão concentrados, ninguém olha para mim.

Sento-me no chão, perto da porta, para escapar mais fácil. Eu talvez não pertença à aula de química, mas também não faço parte disto aqui. Quando o professor Glenny entra com passos largos, cinco minutos atrasado e parecendo um astro do rock — cabelo grisalho desgrenhado, botas de couro surradas e até os lábios carnudos de Mick Jagger —, ele pisa em cima de mim. Com passos literários sobre minha mão. Por pior que minhas outras aulas tenham sido, ninguém nunca pisou em mim. Um começo não muito promissor, e eu quase me retiro naquele exato momento, mas meu caminho está agora bloqueado pelo fluxo excessivo de outros alunos.

— Levantem as mãos — começa o professor Glenny, depois de ter deixado sua bolsa de couro artisticamente surrada em cima do púlpito. — Quantos de vocês já leram uma peça de Shakespeare por puro prazer? — Ele tem sotaque britânico, mas não do tipo do Masterpiece Theatre.

Aproximadamente metade das mãos na classe se levanta. Por um minuto, quase considero levantar a minha, mas é uma mentira muito deslavada, e não faz sentido tirar vantagem se não vou ficar.

— Excelente. Pergunta de segunda ordem: quantos de vocês já pegaram no sono enquanto tentavam ler uma peça de Shakespeare por conta própria?

A classe fica em silêncio. Nenhuma mão se levanta. Então o professor Glenny olha diretamente para mim, e eu fico pensando como ele sabe, mas então percebo que ele não está olhando para mim, mas para o cara atrás de mim, que é a única pessoa que levantou a mão. Juntamente com todo o restante da classe, eu meu viro e olho para o cara. Ele é um dos dois estudantes afro-americanos, o único a usar uma tiara afro coberta de presilhas enfeitadas e gloss rosa chiclete nos lábios. Fora isso, ele está vestido como uma mãe de classe média, com uma calça de moletom e botas Uggs cor-de-rosa. Num campo onde a estranheza é cuidadosamente cultivada, ele é uma flor selvagem, ou talvez uma erva daninha.

— Qual foi a peça que o fez dormir? — pergunta o professor Glenny.

— Pode escolher. *Hamlet*. *Macbeth*. *Otelo*. Dormi nas melhores delas.

A classe reprime o riso, como se pegar no sono ao estudar fosse baixo demais.

O professor Glenny balança a cabeça.

— Então por que, por favor, me desculpe, seu nome?...

— D'Angelo Harrison, mas meus amigos me chamam de Dee.

— Serei presunçoso e o chamarei de Dee. Dee, por que fazer esta aula? A não ser que esteja aqui para recuperar o sono.

De novo, a classe ri.

— Pelas minhas contas, esta aula custa mais ou menos cinco mil o semestre — declara Dee. — Posso dormir de graça.

Tento fazer o cálculo. Será que é isso que uma aula custa?

— Muito prudente — responde o professor Glenny. — Então, de novo, por que fazer esta aula, dado o custo e o histórico soporífico de Shakespeare?

— Bem, na verdade, não estou ainda na classe. Estou em sua lista de espera.

Neste ponto, não consigo dizer se ele está protelando ou desviando um golpe do professor, mas, de um jeito ou de outro, fico impressionada. Todo mundo aqui parece ansioso para dar a resposta certa, e este cara está levando o professor na lábia. Para a sorte dele, o professor Glenny parece mais surpreso do que irritado.

— A questão é, Dee, para que tentar?

Há uma longa pausa. É possível ouvir as luzes fluorescentes zunindo, alguns alunos que evidentemente tinham a resposta pronta limpando a garganta. E então Dee continua:

— Porque o filme *Romeu e Julieta* me faz chorar mais do que qualquer outra coisa toda vez que o vejo.

De novo, a classe ri. Não é uma risada bondosa. O professor Glenny se vira na direção do púlpito e tira um papel e uma caneta de sua bolsa. É uma lista. Olha para ela ameaçadoramente e então risca um nome, e eu me pergunto se esse tal Dee acabou de conseguir sair da lista de espera. Em que tipo de aula Gretchen Price me colocou? Shakespeare Gladiador?

Em seguida o professor Glenny se vira para uma garota com tranças esquisitas, cor-de-rosa, com o nariz enfiado num exemplar da obra compilada de Shakespeare, o tipo de garota que provavelmente nunca se dignou a assistir à versão de Leo e Claire de *Romeu e Julieta* nem nunca pegou no sono ao ler *Macbeth*. Ele se agiganta sobre ela por um momento. A garota levanta os olhos para ele e sorri timidamente, tipo, ah-você-me-pegou-lendo-meu-

livro. Ele dá um sorriso de mil watts de volta para ela. E então fecha o livro com toda a força. É um livro grande. Faz um barulho estrondoso.

O professor Glenny volta para o púlpito.

— Shakespeare é um personagem misterioso. Há tanta coisa escrita sobre esse homem, de quem nós verdadeiramente sabemos tão pouco. Às vezes acho que só Jesus teve mais tinta gasta em seu nome com resultados menos frutíferos. Assim, resisto a fazer caracterizações sobre o homem. Mas me arriscarei a dizer o seguinte: Shakespeare não escreveu suas peças para que as pessoas se sentassem numa sala fechada da biblioteca e as lessem em silêncio. — Ele faz uma pausa, deixa aquilo ser absorvido antes de continuar. — Dramaturgos não são romancistas. Eles criam obras que precisam ser atuadas, interpretadas. Para serem reinterpretados através dos séculos. Graças à sua genialidade, Shakespeare nos deu um material tão cru que realmente pôde sobreviver através dos tempos, resistindo à miríade de reinterpretações que damos a ele. Porém, para apreciarmos Shakespeare de fato, para compreender por que ele sobreviveu ao tempo, devemos lê-lo em voz alta, ou, melhor ainda, vê-lo sendo interpretado, quer seja num traje de época ou absolutamente nu, um prazer dúbio que tenho tido. Ainda que uma boa produção cinematográfica possa fazer o truque, como nosso amigo Dee demonstrou de forma tão apropriada. Aliás, Senhor Harrison — ele olha para Dee novamente —, obrigado por sua honestidade. Eu também já peguei no sono enquanto lia Shakespeare. Meu livro de faculdade ainda tem marcas de baba. O senhor não está mais na lista de espera.

Caminhando a passos largos de volta ao quadro branco, o professor Glenny rabisca *Inglês 317: Shakespeare declamado*.

— O nome desta aula não é acidental. É bem deliberado. Nesta aula, não lemos Shakespeare em silêncio para nós mesmos ou na privacidade de nossos quartos ou bibliotecas. Nós o *interpretamos*. Nós o vemos ser interpretado. Lemos em voz alta, em sala de aula

ou com nossos parceiros. Cada um de nós se tornará um ator nesta aula, intérpretes um do outro, um em frente ao outro. Àqueles que não estão preparados para isso ou que preferem uma abordagem mais convencional, esta ilibada instituição oferece vários cursos de pesquisa de Shakespeare; sugiro que façam uso de algum deles.

Ele faz uma pausa, como dando às pessoas a oportunidade de escapar. Aqui está minha chance de sair, mas algo me enraíza no lugar.

— Se vocês sabem alguma coisa sobre esta aula, é que eu coordeno nossas leituras para combinarem com qualquer que seja a peça de Shakespeare interpretada durante o semestre, seja ela por um grupo comunitário ou por uma companhia de teatro profissional. Espero que estejam presentes em todas as peças, e posso conseguir excelentes preços para grupos. Na verdade, este inverno e primavera estão com uma seleção de peças maravilhosas.

Ele começa a distribuir o programa de estudos e, antes que um chegue até mim, antes que ele termine de escrever a ordem das peças no quadro, sei que aquela estará entre elas; mesmo Shakespeare tendo escrito mais de trinta peças, sei que aquela estará em nossa lista.

O programa de estudos está na metade do caminho, depois de *Henrique V* e *Conto de Inverno* e antes de *Como Gostais*, *Cimbelino* e *Medida por Medida*. Mas, lá na página, ela parece saltar aos meus olhos como um quadro de avisos. *Noite de Reis*. E querer fazer este curso ou não é irrelevante. Não posso ficar em pé aqui e ler aquelas linhas. Isso é o oposto da folha em branco.

O professor Glenny fala um pouco sobre as peças, apontando para elas uma a uma com a mão, apagando a tinta com seu entusiasmo.

— A coisa de que mais gosto nesta aula é que nós, de fato, deixamos que os temas nos escolham ao deixar que as peças nos escolham. No início, o reitor ficou um pouco cético em relação a essa academia do acaso, mas sempre pareceu funcionar. Peguem

este exemplo. — Ele aponta para a lista novamente. — Será que alguém poderia supor o tema deste semestre baseado nestas peças em particular?

— São todas comédias? — pergunta a garota da frente com tranças rosa.

— Boa pergunta. *Conto de Inverno*, *Medida por Medida* e *Cimbelino*, apesar de todas terem muito humor, não são consideradas comédias, mas peças problemáticas, uma categoria que discutiremos mais tarde. E *Henrique V*, ainda que tenha diversas partes engraçadas, é uma peça muito séria. Alguém mais se aventura?

Silêncio.

— Vou lhes dar uma pista. É absolutamente óbvio que *Noite de Reis* ou *Como Gostais* são comédias, mas nem por isso deixam de ser também peças bem comoventes.

Mais silêncio.

— Vamos lá. Alguns de vocês, alunos de alto nível, devem ter visto uma dessas. Quem aqui já viu *Como Gostais* ou *Noite de Reis*?

Não me dou conta de ter erguido a mão até ser tarde demais. Até que o professor Glenny tenha me visto e balançado a cabeça com aqueles olhos brilhantes e curiosos dele. Quero dizer que cometi um erro, que foi outra versão de Allyson, aquela que costumava erguer a mão na aula, que reapareceu temporariamente. Mas não posso, então coloco para fora que vi *Noite de Reis* no verão.

O professor Glenny fica lá em pé, esperando eu terminar meu pensamento. Mas era só aquilo; aquilo era tudo que eu tinha a dizer. Há um silêncio estranho, como se eu tivesse declarado que sou alcoólatra numa reunião das Filhas da Revolução Americana.

No entanto, o professor Glenny se recusa a desistir de mim.

— E qual era a principal fonte de tensão e humor nessa peça em particular?

Por um átimo de segundo não estou nesta sala de aula superaquecida numa manhã de inverno. É a noite quente inglesa, e estou na baía do canal em Stratford-upon-Avon. E então estou num parque em Paris. E então estou de volta aqui. Em todos os três lugares, a resposta permanece a mesma:

— Ninguém é quem parece ser.

— Obrigado?...

— Allyson — termino. — Allyson Healey.

— Allyson. Talvez seja uma leve generalização, mas, para nossos objetivos, toca exatamente no ponto. — Ele volta para o quadro e rabisca. *Mudança de identidade. Mudança de realidade.* Então risca outra coisa de sua folha de papel.

O professor Glenny continua.

— Agora, antes de tomarmos nossos caminhos, uma última peça de lição de casa. Não teremos tempo de ler cada peça inteira em sala de aula, ainda que façamos um grande esforço. Acredito que eu tenha deixado claro meu ponto sobre lermos sozinhos para nós mesmos, então gostaria que lessem as partes restantes com seus parceiros. Isso não é opcional. Por favor, formem seus pares agora. Se estiverem na lista de espera, encontrem um parceiro que também esteja na lista de espera. Allyson, você não está mais na lista de espera. Como vocês podem ver, a participação em classe é premiada aqui.

Há uma confusão enquanto todos tentam encontrar um par. Olho em volta. Ao meu lado está uma garota relativamente normal com óculos estilo gatinho. Eu poderia perguntar a ela.

Ou poderia me levantar e sair da sala. Mesmo tendo saído da lista de espera, eu poderia simplesmente desistir da aula, deixar meu lugar para outra pessoa.

Mas, por alguma razão, não faço nem uma coisa nem outra. Afasto-me da garota de óculos e olho para trás. Aquele cara, Dee, está sentado lá, como o garoto franzino e malquisto que sempre

acaba sobrando durante a escolha do time para os jogos de futebol da escola. Ele tem um olhar distraído, como se soubesse que ninguém irá chamá-lo e estivesse poupando o transtorno a todos. Assim, quando eu pergunto se quer ser meu parceiro, sua expressão astuta se desfaz por um momento, e ele parece genuinamente surpreso.

— Que bom que minha lista do baile não está lotada no momento.

— Isso é um sim?

Ele assente.

— Que bom. Eu tenho uma condição. É mais um favor. Dois favores, na verdade.

Ele franze o cenho, então arqueia as sobrancelhas delineadas tão para o alto que elas desaparecem na auréola do cabelo.

— Não quero ler *Noite de Reis* em voz alta. Você pode fazer todas as partes, se quiser, e eu vou só ouvir, depois leio uma das outras peças. Ou podemos alugar uma versão em filme e ler enquanto assistimos. Eu só não quero ter que ler essa. Absolutamente nenhuma palavra.

— Como vai conseguir fugir disso na sala de aula?

— Darei um jeito.

— O que tem contra *Noite de Reis*?

— Isso é a outra coisa. Não quero falar sobre o assunto.

Ele suspira como se estivesse considerando a proposta.

— Você é esquisita ou é uma diva? Divas eu consigo levar, mas não tenho tempo para gente esquisita.

— Não acho que seja nenhuma das duas coisas. — Dee parece cético. — É só essa peça específica, juro. Tenho certeza de que existe um DVD dela.

Ele me olha por um longo minuto, como tentando perscrutar meu eu verdadeiro. Então, ou ele resolve que sou ok ou reconhece que não tem opção, pois vira os olhos e suspira alto.

— Na verdade, há várias versões de *Noite de Reis*. — De repente, a voz e a dicção dele mudam completamente. Até mesmo sua expressão se torna professoral. — Há uma versão para o cinema com Helena Bonham Carter, que é espetacular. Mas, se vamos mentir desse jeito, devemos alugar a versão do teatro.

Eu o encaro por um momento, boquiaberta. Ele me olha de volta, e então sua boca se abre num sorrisinho mínimo. Então percebo que o que eu disse antes estava certo: *Ninguém é quem parece ser*.

21 

fevereiro

Faculdade

Durante as primeiras semanas de aula, Dee e eu tentamos nos encontrar na biblioteca, mas as pessoas nos olharam feio, especialmente quando Dee começou a fazer suas vozes. E ele tinha muitas vozes: sotaque inglês solene quando fazia Henrique; sotaque irlandês esquisito — o jeito dele de fazer o sotaque galês, acho — como Fluellen; sotaque francês exagerado quando faz personagens franceses. Não ligo para sotaques. Para mim, pronunciar as palavras corretamente já é suficiente.

Depois de levarmos muitas broncas na biblioteca, mudamos para o centro acadêmico, mas Dee não conseguia me ouvir com todo aquele barulho. Ele projetava a voz tão bem que se poderia pensar que fosse um aluno de graduação de teatro ou algo parecido. Mas acho que ele estuda história ou ciência política. Não que ele tenha me dito isso; não conversamos sobre nada além de nossa leitura. Mas já dei uma olhada nos livros dele, e são todos sobre história do movimento trabalhista ou tratados sobre o governo.

Assim, um pouco antes de começarmos a ler nossa segunda peça, *Conto de Inverno*, sugiro mudarmos para o meu quarto, onde é geralmente silencioso durante as tardes. Dee me lança um olhar desconfiado, mas concorda. Digo a ele para vir depois das quatro.

Naquela tarde, coloco um prato com os biscoitos que vovó não para de me mandar, mas esta é a primeira vez que recebo alguém em meu quarto; não tenho certeza se o que estou fazendo se qualifica como entretenimento ou se Dee é mesmo uma companhia.

Quando Dee vê os biscoitos, me dá um sorrisinho engraçado. Então tira o casaco e o pendura no closet, apesar de o meu estar jogado sobre uma cadeira. Ele tira as botas. Então dá uma olhada no meu quarto.

— Você tem relógio? Meu telefone está sem bateria.

Eu me levanto e mostro a ele uma caixa de despertadores, que coloquei de volta no closet.

— Pode escolher.

Ele demora bastante tempo para escolher e finalmente opta por um de mogno art déco dos anos quarenta. Eu o ensino a dar corda. Ele me pergunta como se faz para programar o despertador, e eu lhe mostro. Então o programa para as cinco e meia, explicando que tem que estar no trabalho no refeitório às seis. A leitura geralmente não leva mais que meia hora, então não tenho certeza de por que ele está programando o despertador. Mas não digo nada. Sobre aquilo. Ou sobre o emprego dele, apesar de estar curiosa.

Ele se senta na cadeira da escrivaninha. Eu me sento na cama. Ele pega um tubo de ensaio com moscas-das-frutas da escrivaninha e o examina com uma expressão levemente surpresa.

— São drosófilas — explico. — Estou cultivando para a aula.

Ele balança a cabeça.

— Se ficar sem, pode ir buscar mais na cozinha da minha mãe.

Quero perguntar a ele onde é a cozinha. De onde ele é. Mas ele parece cauteloso. Ou talvez seja eu. Talvez fazer amigos seja uma habilidade especial, e eu tenha faltado a essa aula.

— Ok, hora de trabalhar. Vejo vocês mais tarde, minhas “dropisilas” — diz ele aos insetos. Eu não corrijo a pronúncia dele.

Lemos uma cena excelente no início de *Conto de Inverno*, quando Leontes enlouquece e acha que Hermione o está traindo. Quando chegamos ao final, Dee guarda seu livro, e acho que ele vai

embora, mas, em vez disso, ele puxa um livro de alguém chamado Marcuse. Me lança um olhar muito rápido.

— Vou fazer mais chá — digo.

Estudamos juntos em silêncio. É gostoso. Às cinco e meia, o alarme começa a tocar, e Dee guarda tudo para ir trabalhar.

— Quarta-feira? — pergunta.

— Com certeza.

Dois dias depois, passamos pela mesma rotina, biscoito, chá, olá para as “dropisilas”, Shakespeare declamado e estudo em silêncio. Não conversamos. Apenas trabalhamos. Na sexta-feira, Kali entra no quarto. É a primeira vez que ela vê Dee, que vê qualquer um no quarto comigo, então olha para ele demoradamente. Eu apresento os dois.

— Oi, *Dee*. Prazer em *conhecê-lo* — diz ela, com uma voz estranhamente charmosa.

— Ah, o prazer é todo meu — responde ele, a voz exageradamente animada.

Kali olha para ele e sorri. Em seguida, vai até o closet e tira um casaco de camurça e um par de botas marrom-amareladas.

— Dee, posso lhe perguntar uma coisa? O que acha destas botas com esta jaqueta? Muito “combinadinho”?

Olho para Dee. Ele está usando uma calça de moletom azul-celeste e uma camiseta com letras brilhantes formando EU ACREDITO. Não tenho certeza de como pode parecer “especialista em moda” para Kali.

Mas Dee mergulha de cabeça.

— Ah, garota, essas botas são legais. Talvez eu tenha que roubá-las de você.

Olho para ele, meio chocada. Quer dizer, achei que Dee fosse gay, mas nunca antes o ouvi falar tão cheio de trejeitos.

— Ah, não, não vai, não — responde Kali, a estranha mania dela com as palavras quebradas agora se misturando a alguma tendência patricinha. — Elas custaram, tipo, *quatrocentos dólares*. Pode pegar emprestadas.

— Ah, você é uma bonequinha. Mas tem pés de Cinderela, e o Deezinho aqui é como uma das irmãs de Cinderela.

Kali ri, e eles continuam assim por algum tempo, falando de moda. Me sinto um pouco mal. Acho que nunca percebi que Dee fosse tão interessado nesse tipo de coisa. Kali percebeu logo de cara. É como se ela tivesse algum tipo de radar, que diz como perceber as coisas nas pessoas, como fazer amigos. Eu, sinceramente, não ligo para moda, mas, esta noite, quando o despertador toca e Dee pega as coisas para ir embora, mostro a ele a última saia que minha mãe me mandou e pergunto se acha muito arrumadinha. No entanto, ele mal olha para ela.

— É legal.

Depois daquilo, Kali começa a aparecer mais vezes, e ela e Dee fazem todo um *Project Runway*, e Dee sempre muda para aquela voz. Eu acho que aquilo é apenas uma coisa de moda. Mas então, alguns dias depois, quando estamos saindo, Kendra entra e eu os apresento. Kendra olha Dee de cima a baixo, do jeito que faz com as pessoas, estampa no rosto seu sorriso de aeromoça e pergunta de onde ele é.

— Nova York — ele responde.

Eu anoto. Conheço-o há quase três semanas e estou acabando de saber o básico.

— De onde em Nova York?

— Da cidade.

— Onde?

— Do Bronx.

O sorriso de aeromoça desaparece, substituído por uma linha cerrada que parece que foi desenhada.

— Ah, tipo o sul do Bronx? Bem, deve estar muito feliz por estar vivendo aqui.

Agora é Dee quem dá o troco a Kendra. Estão se olhando como cães, e me pergunto se é por serem ambos negros. Então, ele muda para uma voz diferente daquela que usa com Kali ou comigo.

— Você é do sul do Bronx?

Kendra se encolhe um pouco.

— Não! Sou de Washington!

— Tipo, onde tem aquela chuva e a merda toda?

Chuva e merda?

— Não, não o Estado, o Distrito de Colúmbia.

— Ah. Tenho alguns primos em Washington. Perto de Anacostia. Puta merda, aqueles projetos habitacionais nojentos. Piores até que dos de onde eu venho. Tem tiroteio na escola dele toda maldita semana.

Kendra parece horrorizada.

— Nunca estive em Anacostia. Moro em Georgetown. E estudei em Sidwell Friends, onde as filhas do Obama estudam.

— Eu estudei na Escola Secundária do Sul do Bronx. A pior escola dos Estados Unidos. Já ouviu falar dela?

— Não, infelizmente nunca ouvi falar. — Ela me dá uma olhada rápida. — Bem, tenho que ir. Vou me encontrar com Jeb daqui a pouco. — Jeb é o novo namorado dela.

— Vejo você mais tarde, amiga — diz Dee enquanto Kendra desaparece para dentro do quarto. Quando pega a mochila para ir embora, ele está morrendo de rir.

Resolvo acompanhá-lo até o refeitório, talvez comer por ali para mudar um pouco de ares. Comer sozinha é horrível, e há um limite para o número de burritos de micro-ondas que uma garota consegue engolir. Quando chegamos embaixo, pergunto a ele se realmente frequentou a Escola Secundária do Sul do Bronx.

Ao voltar a falar, ele soa como Dee. Ou o Dee que eu conheço.

— Acho que nem existe uma Escola Secundária do Sul do Bronx. Frequentei uma escola pública independente. Depois fiz um curso intensivo para os exames preparatórios (coisas de bolsas de estudo) numa escola particular que é até mais cara que Sidwell Friends. Engula isso, Senhorita Thang.

— Por que simplesmente não contou a ela que escola frequentou?

Ele me olha e, voltando à voz que usou com Kendra, diz:

— Se as suas amigas querem me ver como um lixo do gueto — ele para e muda para sua voz sibilante e arrogante — ou como uma bicha de bunda grande — agora ele muda para a voz mais grave de Shakespeare —, não cabe a mim desmenti-las.

Ao chegarmos ao refeitório, sinto como se precisasse dizer algo a ele. Mas não tenho certeza do quê. Por fim, apenas pergunto se da próxima vez ele prefere biscoitos de chocolate ou de manteiga. Vovó me mandou os dois.

— Eu trarei os biscoitos. Minha mãe mandou alguns de melaço e gengibre feitos em casa.

— Que legal.

— Nada de legal nisso. É um convite para um duelo. Ela não quer ser desbancada pela avó de ninguém.

Eu rio. É um som estranho, como o da partida de um carro velho depois de um longo tempo na garagem.

— Não contaremos isso à minha avó. Se ela aceitar o desafio e assar seus próprios biscoitos, talvez tenhamos intoxicação alimentar. Ela é a pior cozinheira do mundo.



Assim, aquilo vira uma rotina. Todas as segundas, quartas e sextas: biscoitos, chá, despertador, Shakespeare, estudo. Ainda não conversamos muito sobre nós mesmos, mas pequenas coisas vão escapando. A mãe dele trabalha num hospital. Ele não tem irmãs ou irmãos, mas tem um zilhão de primos. Tem bolsa de estudo integral. Tem uma queda enorme pelo professor Glenny. Está se graduando ao mesmo tempo em história e literatura, e talvez num curso técnico em ciências políticas. Ele cantarola quando está de saco cheio, e, quando está realmente envolvido na leitura, torce o cabelo bem apertado em volta do dedo indicador, até ele ficar cor-de-rosa. E, exatamente como eu suspeitei naquele primeiro dia de aula, ele é inteligente. Isso ele não me diz, mas é óbvio. Ele é o único da classe inteira a tirar um A na primeira redação do professor Glenny sobre *Henrique V*; o professor Glenny anuncia para a classe e lê em voz alta trechinhos da redação de Dee como exemplo do que o restante de nós deveria almejar. Dee parece aterrorizado, e eu me sinto meio mal, mas os puxa-sacos de Glenny olham Dee com uma inveja tão descarada que quase vale a pena. Eu, de minha parte, recebo um sólido B por minha redação sobre Perdita e outros temas sobre achados e perdidos.

Conto a Dee algumas coisinhas sobre mim, contudo, na metade do tempo me pego censurando o que quero dizer. Gosto dele. De verdade. Mas estou tentando cumprir minha promessa da folha em branco. Mesmo assim, meio que desejo poder perguntar a opinião de Dee sobre Melanie. Mandei para ela a primeira peça que fiz em minha aula de cerâmica, juntamente com um bilhete dizendo que tinha mudado completamente minha carga horária. Mandei por correspondência rápida, mas uma semana se passou e não tive notícias. Então liguei para saber se ela tinha recebido a encomenda — era uma tigela feiosa, feita à mão, mas tinha uma linda camada de verniz craquelado turquesa —, e ela se desculpou por não ter respondido, alegando estar ocupada.

Contei a ela sobre minhas novas aulas e sobre os malabarismos que estava fazendo para que meus pais não descobrissem: não só lhes mandando testes de biologia com notas melhores (minhas sessões de estudo com Dee estão valendo a pena), mas também enviando os testes do meu antigo parceiro do laboratório de química com meu nome neles. Achei que ela fosse rir muito disso, mas sua voz permaneceu inalterada, e ela me avisou sobre o tipo de problema em que estaria metida se fosse descoberta — como se eu já não soubesse disso. Então mudei de assunto, contando tudo sobre o professor Glenny e Dee e declamar e quanto imaginei ser horrível ler em frente à classe e como todos fazem e não é tão ruim assim. Esperei que ela fosse ficar animada por mim, mas a voz dela permaneceu inalterada, e eu me peguei ficando muito brava. Não nos falamos ou trocamos e-mails durante algumas semanas, e eu estou tanto chateada quanto aliviada por isso.

Tenho vontade de contar isso a Dee, mas não tenho certeza de como fazê-lo. Tirando Melanie, nunca tive um amigo íntimo de verdade e não estou certa sobre como é. É uma coisa boba, eu sei. Já vi outras pessoas fazerem isso. E fazem tudo parecer tão fácil: se divertir, se abrir, compartilhar histórias. Mas como fazer isso quando a única história que realmente quero contar é a que devo apagar? Além disso, a última vez que me abri com alguém... bem, é exatamente por isso que preciso da folha em branco, para começar. Simplesmente parece mais seguro manter as coisas assim — amigáveis, cordiais, agradáveis e simples.



Ao final de fevereiro meus pais vêm para o fim de semana do Dia do Presidente. É a primeira vez que eles me visitam desde o fim de semana dos pais, e, tendo aprendido minha lição, faço malabarismos para manter a imagem que eles esperam de mim. Coloco meus relógios para fora das caixas. Sublinho páginas dos meus livros de química sem usar e copio fórmulas do livro do meu antigo parceiro de laboratório. Faço muitos planos para nós em

Boston, para nos manter longe do campus, longe das provas incriminatórias e do Trio Fantástico (que agora se transformou mais na Dupla Dinâmica, pois Kendra está sempre com o namorado). E informo a Dee, com quem eu agora estudo às vezes nos fins de semana, que não estarei por lá e que não poderei me encontrar com ele nem na sexta nem na segunda-feira.

— Você está me trocando pelo Drew? — Drew é o segundo melhor leitor de Shakespeare da classe.

— Não. Claro que não — respondo, minha voz presa e assustada. — É que tenho uma daquelas viagens com minha turma de cerâmica na sexta. — Isso não é totalmente mentira. Minha turma de cerâmica faz algumas viagens de campo de vez em quando. Estamos fazendo experimentações com vitrificação, usando tipos diferentes de materiais orgânicos na fornalha e, às vezes, até queimando nossa cerâmica do lado de fora em fornos de terra que construímos. Eu tenho viagens de campo, só que não nas próximas duas semanas.

— E eu provavelmente vou trabalhar num texto neste fim de semana. — Outra mentira; a única aula em que faço redações é na de Shakespeare. É surpreendente como fiquei boa em mentir. — Vejo você na quarta-feira, ok? Trarei os biscoitos.

— Diga à sua avó para mandar mais daqueles torcidos com sementes de papoula.

— Rugelach.

— Não consigo falar. Só comer.

— Direi.



O fim de semana com meus pais foi bem decente. Fomos ao Museu de Artes, ao Museu da Ciência. Fomos esquiar no gelo (não consigo manter minhas lâminas em linha reta). Fomos ao cinema. Tiramos milhares de fotos. Houve alguns momentos estranhos quando

mamãe tirou um catálogo do ano seguinte e começou a passar os programas de aulas comigo e a me perguntar sobre meus planos para o verão, e eu simplesmente ouvi as sugestões dela como sempre faço e não disse nada. Ao término do fim de semana, me senti absolutamente sem energia, do mesmo modo que me sinto depois de uma maratona de leitura de Shakespeare e de tentar ser todas aquelas pessoas diferentes.

No domingo à tarde, estamos de volta ao dormitório, antes do jantar, quando Dee aparece. Apesar de eu não ter dito uma só palavra sobre minha família, nem mesmo que eles vinham, quanto mais o que eles sabiam sobre mim, ele aparece usando uma calça jeans normal e um suéter, algo que nunca o vi vestir antes. Seu cabelo está puxado para trás dentro de um boné, e ele não está usando batom. Quase não o reconheço.

— Então, como vocês dois se conheceram? — pergunta mamãe depois de eu apresentá-los com nervosismo.

Eu congelo, em pânico.

— Somos parceiros do laboratório de biologia. — diz Dee, sem pestanejar. — Estamos criando as drosófilas juntos. — É a primeira vez que o vejo pronunciar a palavra corretamente. Ele pega o tubo. — Criando todo tipo de anormalidade genética aqui.

Meu pai ri.

— Nos mandaram fazer a mesma experiência quando eu estava aqui. — Ele olha para Dee. — Também é candidato à escola de medicina?

As sobrancelhas de Dee se levantam, uma pequena ruga de surpresa.

— Ainda não me decidi.

— Bem, não há pressa — diz mamãe. O que quase me faz rir alto.

Papai se volta para colocar o tubo de volta perto de um cilindro de cerâmica que me esqueci de esconder.

— O que é isto?

— Ah, *eu* fiz isso — fala Dee, pegando a peça. E então começa a explicar que está fazendo as aulas de cerâmica e que neste ano estão fazendo experimentos com tipos diferentes de vitrificação e métodos de queima; para essas peças, queimaram tudo numa fornalha de barro alimentada por restos de vaca.

— Restos de vaca? — pergunta mamãe. — Quer dizer... fezes?

Dee concorda.

— Sim. Fomos a fazendas locais e perguntamos se podíamos coletar o estrume das vacas. Sinceramente, não cheira tão mal assim. São vacas que se alimentam de grama.

E então percebo que Dee está usando outra voz, mas, desta vez, a pessoa a quem está enganando sou eu. Eu lhe contei tudo sobre as fezes de vaca, o cheiro de terra, a coleta das fazendas, apesar de que, enquanto eu contava, ele estava se matando de rir ao pensar em nós, crianças ricas em nossa escola de 40 mil dólares por ano, pagando por uma aula na qual íamos a fazendas e coletávamos bosta de vaca. Pelo visto, contei mais a Dee sobre mim mesma do que pude perceber. E ele ouviu. Prestou atenção, absorveu um pouco de mim. E agora está salvando a minha pele com isso.

— Fezes de vaca. Que fascinante — diz minha mãe.



No dia seguinte, meus pais vão embora e, na quarta-feira, nossa aula de Shakespeare começa com *Noite de Reis*. Dee pegou duas versões diferentes do centro de mídia para assistirmos. Ele considera isso uma penitência por não termos feito nossa lição de casa; deveríamos pelo menos assistir a algumas versões. Ele me passa a versão do teatro enquanto ligo meu laptop.

— Obrigada por pegá-las — digo. — Eu ia fazer isso.

— Eu já estava no centro de mídia.

— Bem, obrigada. E também obrigada por ter sido absolutamente fantástico com meus pais. — Pauso por um segundo, mais do que envergonhada. — Como sabia que eles viriam?

— Minha amiga Kali. Ela me conta. Ela me conta *tudo*, porque somos *melhores amigas*. — Ele semicerra os olhos. — Vê? Não tinha necessidade de esconder a Senhorita Dee do pessoal. Me saí bem.

— Ah, certo. Sinto muito por isso.

Dee olha fixamente para mim, esperando mais.

— De verdade. São só meus pais. Há muita... bem, é complicado.

— Não é tão complicado. Entendo perfeitamente. Tudo bem desprezar Dee, mas não gastar os cobres com ele.

— Não! Você entendeu errado! — exclamo. — Não estou desprezando. Gosto mesmo de você.

Ele cruza os braços e me encara.

— Como foi sua viagem de campo? — ele pergunta acidamente.

Quero explicar, de verdade. Mas como? Como faço isso sem me entregar? Porque estou tentando. Estou tentando ser uma nova pessoa aqui, uma pessoa diferente, folha em branco. Mas, se explicar sobre meus pais, sobre Melanie, sobre Willem, se mostrar quem eu realmente sou, será que não estarei presa de volta onde comecei?

— Desculpe por ter mentido. Juro que não tem nada a ver com você. Não posso dizer o quanto estou agradecida pelo que fez.

— Não foi grande coisa.

— Não, de verdade. Você foi maravilhoso. Meus pais adoraram você. E você foi tão sutil com tudo. Eles não suspeitaram de nada.

Ele saca o batom do bolso e, com uma precisão cirúrgica, aplica-o primeiro no lábio de cima, depois no de baixo. Então gruda um no outro, barulhento, como em tom de censura.

— O que há para suspeitar? Não sei de nada sobre ninguém. Sou só o ajudante.

Quero consertar as coisas. Para que ele saiba que gosto dele. Que não sinto vergonha dele. Que está seguro comigo.

— Sabe — começo —, não precisa fazer isso comigo. As vozes. Pode simplesmente ser você mesmo.

Eu quis dizer aquilo como um elogio, assim ele saberá que gosto dele como é. No entanto, Dee não entende dessa forma. Ele franze os lábios e balança a cabeça.

— Este sou eu, querida. Todos os meus eus. Sou cada um deles. Sei quem estou fingindo ser e quem eu sou. — O olhar que me lança é seco. — Você sabe?

Eu, de propósito, tentei manter tudo aquilo escondido dele, mas Dee — esperto e perspicaz — descobriu. Estou tão envergonhada que nem sei o que dizer. Momentos depois, ele coloca *Noite de Reis* no meu computador. Assistimos a tudo em silêncio, sem vozes, sem comentários, sem risadas, apenas quatro olhos olhando fixamente para a tela. E é assim que eu descubro que “pisei na bola” com Dee.

Fico tão triste com isso que me esqueço de ficar chateada com Willem.

22 

março

Faculdade

O inverno se arrasta, independentemente da rotina. Dee para de vir durante as tardes, aparentemente porque não estamos lendo *Noite de Reis* em voz alta, mas eu sei que não é por causa disso. Os biscoitos de minha avó se acumulam. Contraio uma gripe daquelas, da qual pareço não conseguir me livrar, apesar de ter o benefício de me isentar de ler qualquer parte de *Noite de Reis* na frente da classe. O professor Glenny, que também está com o nariz entupido, me dá um pacote de algo chamado Lemsips e me diz para me recuperar logo a fim de fazer um turno dobrado como Rosalinda em *Como Gostais*, uma de suas peças favoritas.

Terminamos *Noite de Reis*. Achei que fosse me sentir aliviada, como se tivesse me desviado de uma bala. Mas, não. Com Dee fora da minha vida, sinto-me como se tivesse levado um tiro, mesmo sem ler a peça. A folha em branco foi o movimento correto. Fazer essa aula foi o movimento errado. Agora tenho que aguentar até o final. Estou me acostumando com isso.

Passamos para *Como Gostais*. Em seu discurso inicial, o professor Glenny fala que esta é uma das peças mais românticas de Shakespeare, a mais sexy, e isso faz todos os puxa-sacos de Glenny sentados à frente da sala suspirarem. Eu tomo notas esparsas enquanto ele delineia a trama: Rosalinda, a filha de um duque destituído, e um cavalheiro chamado Orlando se apaixonam à primeira vista. Mas o tio de Rosalinda a expulsa de casa, e ela foge com sua prima Célia para a Floresta das Ardenas. Lá, Rosalinda

assume a identidade de um garoto chamado Ganimedes. Orlando, que também fugiu para as Ardenas, encontra Ganimedes, e os dois iniciam uma amizade. Rosalinda, como Ganimedes, usa seu disfarce e a amizade deles para testar o amor que Orlando diz sentir por ela. Enquanto isso, vários personagens assumem identidades diferentes e se apaixonam. Como sempre, o professor Glenny pede para prestar atenção aos temas e passagens específicas, principalmente o fato de Rosalinda se tornar corajosa quando é Ganimedes e o de aquilo modificar a ela e a sua corte com Orlando. Tudo parece um seriado, e eu tenho que me concentrar muito para entender tudo.

Dee e eu começamos a ler juntos de novo, mas agora estamos de volta ao centro acadêmico, e ele empacota tudo assim que terminamos o nosso compromisso. Ele parou de fazer todas aquelas vozes malucas, o que me faz perceber o quanto elas ajudam a interpretar as peças, porque, agora, com os dois lendo no mesmo tom, as palavras meio que passam por mim como se fossem uma língua estrangeira. Poderíamos muito bem estar lendo para nós mesmos, de tão chato que aquilo se tornou. As únicas vezes em que Dee usa suas vozes agora é quando tem que falar comigo. Eu recebo uma, duas ou três vozes diferentes todo dia. A mensagem é clara: fui rebaixada de posto.

Quero desfazer isso. Fazer direito. Mas não tenho ideia de como. Eu pareço não saber me abrir com as pessoas sem ter uma porta batendo na minha cara. Por isso, não faço nada.



— Hoje vamos ler uma das minhas cenas favoritas de *Como Gostais*, o início do quarto ato — diz o professor Glenny, num dia de março frio de congelar os ossos que nos faz imaginar que estamos entrando no inverno, e não saindo dele — Orlando e Ganimedes/Rosalinda se encontram novamente na Floresta das Ardenas, e a química entre eles chega ao ponto de ebulição. O que é meio confuso e surpreendente, dado que Orlando acredita estar

falando com Ganimedes, que é homem. No entanto, é igualmente confuso para Rosalinda, que está num tipo de tormenta deliciosa, dividida entre duas identidades, o homem e a mulher, e os dois desejos: o desejo de se proteger e permanecer como igual de Orlando, e o desejo cortante de simplesmente se entregar. — À frente da classe, os puxa-sacos parecem emitir um pequeno suspiro em uníssono. Se Dee e eu ainda fôssemos amigos, seria o tipo de coisa que nos faria olhar um para o outro e virar os olhos. Mas não somos mais, então nem olho para ele.

— Então, Orlando vem ao encontro de Ganimedes na floresta e os dois juntos interpretam um tipo de teatro kabuki e, fazendo isso, se apaixonam ainda mais, ainda que não saibam inteiramente por quem estão se apaixonando — continua o professor Glenny. — A linha entre o verdadeiro e o falso eu está encoberta nos dois lados, o que eu penso ser uma metáfora muito útil para se apaixonar. Então, hoje é um bom dia para a leitura. Quem gostaria? — Ele analisa a classe. As pessoas estão, de fato, com as mãos levantadas. — Drew, por que não lê Orlando? — Há uma salva de palmas quando Drew caminha até a frente da sala. Ele é um dos melhores leitores da classe. Normalmente, o professor Glenny o junta com Nell ou Kaitlin, duas das melhores garotas. Mas não hoje. — Allyson, acho que está me devendo uma Rosalinda.

Eu me arrasto até a frente da sala, juntamente com os outros leitores que ele escolheu. Nunca gostei dessa parte da aula, mas pelo menos antes podia sentir Dee torcendo por mim. Assim que somos escalados, o professor Glenny se transforma em diretor — aparentemente o que ele era antes de se tornar um acadêmico. Ele nos dá dicas:

— Drew, nestas cenas, Orlando é ardente e decidido, completamente apaixonado. Allyson, seu Ganimedes está dividido: apaixonado, mas também brincando com Orlando, como gato e rato. O que faz esta cena tão fascinante para mim é que, quando Ganimedes questiona Orlando, desafiando-o a provar seu amor, pode-se sentir a barreira entre Rosalinda e Ganimedes desmoronar.

Adoro esse momento nas peças de Shakespeare. Quando as identidades e falsas identidades se tornam um lamaçal de emoções. Ambos os personagens o sentem aqui. Fica bem carregado. Vamos ver como vocês dois se saem.

A cena começa com Rosalinda/Ganimedes/eu perguntando a Orlando/Drew por onde ele esteve, por que levou tanto tempo para vir me ver — estou “fingindo” ser Rosalinda. Esse é o efeito. Rosalinda tem fingido ser Ganimedes, que agora deve fingir ser Rosalinda. E ela tenta convencer Orlando a não amar Rosalinda, apesar de realmente ser Rosalinda e apesar de também amá-lo. Tentar manter o controle de todas as mentiras faz minha cabeça girar.

Drew/Orlando responde que veio com uma hora de atraso em relação à hora prometida. Eu digo que mesmo só uma hora de atraso, quando se fez uma promessa em nome do amor, põe em dúvida a veracidade deste. Ele me implora perdão. Nós nos provocamos um pouco mais e então eu, como Rosalinda como Ganimedes fingindo ser Rosalinda, pergunto:

— O que diria a mim agora se eu fosse a sua Rosalinda?

Drew faz uma pausa, e eu me pego mesmo prendendo o fôlego, esperando por uma resposta dele.

E então ele responde:

— Eu beijaria antes de falar.

Os olhos de Drew são azuis, nada como os *dele*, mas, por um segundo, são os olhos escuros dele que eu vejo. Vibrantes e cheios de energia, um pouco antes de ele me beijar.

Fico um pouco mexida ao falar minhas próximas falas, aconselhando a Orlando que deveria falar antes de beijar. Vamos para a frente e para trás, e, quando chegamos à parte em que Orlando diz que se casaria comigo — com ela —, não sei quanto a Rosalinda, mas eu estou me sentindo tonta. Por sorte, Rosalinda tem mais força do que eu. Ela, como Ganimedes, diz:

— Bem, em nome dela, digo que não o aceitarei.

Drew, em seguida, diz:

— Sendo assim, como eu mesmo, morro.

E então algo em mim simplesmente se desfaz. Não consigo encontrar a linha certa nem a página certa. E pareço ter perdido algo mais também. A compreensão de mim mesma, deste lugar. Do tempo. Não tenho certeza de quanto tempo se passa enquanto fico lá em pé, petrificada. Ouço Drew limpar a garganta, esperando que eu diga a próxima fala. E ouço o professor Glenny se mexer na cadeira. Drew sussurra minha fala para mim, e eu a repito e, de algum modo, consigo recobrar meu controle. Continuo a questionar Orlando. Continuo a lhe pedir que prove seu amor. Mas não estou mais interpretando, não estou mais fingindo.

— Diga-me... Quanto tempo pretendes ficar com ela depois que ela for tua? — pergunto como Rosalinda. Minha voz já não soa como minha. Está encorpada e ressonante de emoção, plena de perguntas que eu deveria ter feito quando tive a chance.

Ele responde:

— Para sempre e mais um dia.

Todo o fôlego me escapa. Essa é a resposta de que preciso. Mesmo que não seja verdade.

Tento ler a próxima fala, mas não consigo. Não consigo respirar. Ouço o barulho do vento nos meus ouvidos, e pisco para impedir que as palavras dançam sobre a página. Depois de alguns momentos, consigo colocar a sentença para fora, antes de minha voz falhar.

— Diga “um dia” e se esqueça do “para sempre”.

Porque Rosalinda compreende. Diga *um dia* e se esqueça do *para sempre*. Que depois de um dia vem o coração partido. Não é à toa que ela não lhe dirá quem realmente é.

Sinto as lágrimas quentes em meus olhos e, através da névoa, vejo a classe, silenciosa, boquiaberta diante de mim. Derrubo meu livro no chão e corro em direção à porta. Corro pelo corredor, passo pelas salas de aula e entro no banheiro feminino. Encolhida numa cabine do canto, respiro profundamente e ouço o zumbido das luzes fluorescentes, tentando desesperadamente lutar contra esse abismo que ameaça me engolir viva.

Tenho uma vida plena. Como posso me sentir tão vazia? Por causa de um cara? Por causa de um dia? Mas, ao evitar que minhas lágrimas caiam, vejo meus dias antes de Willem. Vejo a mim mesma com Melanie na escola, sentindo-me toda enclausurada e convencida, fofocando sobre garotas que nem nos dávamos ao trabalho de conhecer, ou, mais tarde, no tour, fazendo uma pantomima de amizade a todo vapor. Vejo-me com meus pais, à mesa do jantar, mamãe com seu calendário sempre presente, marcando aulas de dança ou cursos preparatórios do SAT ou algum outro tipo de atividade enriquecedora, folheando catálogos à procura de um novo par de botas de neve, falando uma para a outra, mas não uma com a outra. Vejo-me com Evan, depois de termos dormido juntos pela primeira vez, e ele me dizendo algo sobre aquilo significar que éramos as pessoas mais próximas uma da outra, e foi uma coisa carinhosa, mas pareceu que havia tirado de um livro. Ou talvez tenha me parecido daquela maneira porque não sentia daquele jeito, porque comecei a suspeitar que só estávamos juntos porque Melanie tinha começado a namorar o melhor amigo dele. Quando comecei a chorar, Evan achou que fossem lágrimas de alegria, o que piorou ainda mais as coisas. Mesmo assim, continuei com ele.

Tenho estado vazia há muito tempo. Muito antes de Willem entrar na minha vida e sair dela tão abruptamente.

Não tenho certeza de quanto tempo estou ali até ouvir o rangido da porta. Então vejo a réplica das Uggs cor-de-rosa de Dee por baixo da cabine.

— Você está aqui? — pergunta baixinho.

— Não.

— Posso entrar?

Eu destranco a cabine. Lá está Dee, segurando todas as minhas coisas.

— Sinto muito — digo a ele.

— Sente muito? Você foi magnífica. Foi ovacionada.

— Sinto muito por não lhe dizer que meus pais vinham para cá. Sinto muito por ter mentido para você. Sinto muito por ter estragado tudo. Não sei como ser uma amiga. Não sei ser nada.

— Você sabe ser Rosalinda — diz ele.

— É por ser uma grande mentirosa. — Limpo uma lágrima com a mão. — Sou tão boa em mentir que nem sei quando o estou fazendo.

— Ah, querida, será que não aprendeu nada com essas peças? Não há uma linha divisória entre fingir e ser. — Ele abre os braços, e eu dou um passo para dentro deles. — Também sinto muito — diz. — Acho que exagerei na reação. Eu posso ser bem dramático, caso você não tenha notado.

Eu rio.

— Jura?

Dee segura meu casaco, e eu me enfio dentro dele.

— Não gosto que mintam para mim, mas agradeço pelo que tentou me dizer. As pessoas nunca souberam o que pensar de mim, nem no meu bairro, nem no ensino médio, nem aqui, então estão sempre tentando descobrir e me dizer quem eu sou.

— Sim, eu entendo um pouco como é isso.

Olhamos um para o outro durante um longo tempo. Muita coisa é dita naquele silêncio. Então Dee pergunta:

— Quer me contar o que foi aquilo lá dentro?

E eu quero. Tanto que meu peito está apertado. Quero contar isso a ele, e tudo sobre mim, há semanas. Balanço a cabeça e concordo.

Dee me oferece o braço, e eu enrosco o meu, e saímos do banheiro quando duas garotas entram e nos dão uma olhada esquisita.

— Bem, teve um cara... — começo.

Ele balança a cabeça e estala a língua suavemente, como uma querida avó repressora.

— Sempre tem.



Levo Dee de volta ao meu quarto. Sirvo meu estoque de biscoitos. E conto tudo. Ao terminar, tínhamos comido as meias-luas e a manteiga de amendoim. Ele tira os farelos do colo e me pergunta se já pensei sobre *Romeu e Julieta*.

— Nem tudo leva de volta a Shakespeare.

— Sim, é claro que leva. Já pensou no que teria acontecido se eles não tivessem sido tão impacientes? E se Romeu tivesse parado por um segundo e chamado um médico, ou esperado Julieta acordar? Se ele não tivesse tirado conclusões apressadas e se envenenado achando que ela estivesse morta, quando ela estava apenas dormindo?

— Dá para ver que você já pensou. — E dá mesmo. Ele está bem empolgado.

— Já vi aquele filme tantas vezes, e, a cada maldita vez, é como gritar para a garota num filme de terror. “Pare. Não vá para o porão. O assassino está lá!” Com *Romeu e Julieta* eu grito “Não tire conclusões apressadas”. Mas esses tolos alguma vez me ouvem? — Ele balança a cabeça, desanimado. — Sempre me pergunto o que teria acontecido se eles tivessem esperado. Julieta teria acordado. Eles já estariam casados. Eles poderiam ter se mudado para longe

dos Montecchio e dos Capuleto, teriam um castelinho lindo só para eles. Com uma decoração bem legal. Talvez tivesse sido como *Conto de Inverno*. Pensando que Hermione estivesse morta, Leontes teve tempo para parar de agir como um idiota e, então, depois, ficou muito feliz ao descobrir que ela estava viva. Talvez os Montecchio e os Capuleto também descobrissem, mais tarde, que seus amados filhos não estavam mortos, e que era estúpida a rixa entre as famílias, e todos seriam felizes. Talvez tivessem transformado a tragédia toda em uma comédia.

— *Conto de Inverno* não é uma comédia; é uma peça problemática.

— Ah, cale a boca. Você sabe aonde quero chegar com isso.

E eu entendo. Talvez não tenha pensado nisso como *Romeu e Julieta*, mas já tinha chegado ao ponto de “e se?” com relação a Willem e eu. No trem de volta à Inglaterra, e depois no voo para casa, tive dúvidas. E se algo tivesse acontecido a ele? Mas, nas duas vezes, verbalizei minhas dúvidas, primeiro para a Sra. Foley, depois para Melanie, e nas duas vezes elas me colocaram no devido lugar. Willem não era Romeu. Ele era um galanteador. E eu não sou Julieta. Digo isso a Dee. Enumero todos os exemplos de Willem como um jogador, começando pelo fato de ter escolhido uma garota qualquer num trem e, uma hora depois, a convidado para passar o dia em Paris.

— Pessoas normais não fazem isso — digo.

— Quem disse algo sobre normal? E talvez você não tenha sido escolhida por acaso. Talvez significasse algo para ele também.

— Mas ele nem me conhecia. Eu era outra pessoa naquele dia. Era Lulu. Era dela que ele gostava. Além disso, fazendo de conta que alguma coisa aconteceu, ele não me deu o fora. Eu só sei o primeiro nome dele. Ele nem mesmo sabe o meu. Ele mora em outro continente, do outro lado do mundo. Está tudo irrevogavelmente perdido. Como se encontra alguém como ele?

Dee olha para mim como se a resposta fosse óbvia.

— É só procurar.

NOME: Willem

NACIONALIDADE: Holandês

IDADE: 20 anos em agosto passado

CRESCER EM AMSTERDÃ

PAIS: Yael e Bram. Mãe não é holandesa. Mãe é médica naturopata.

Um metro e noventa, o que são aproximadamente seis pés e três polegadas; 75 quilos, o que são aproximadamente 165 libras.

Integrou a trupe de teatro Will Guerrilheiro no verão passado.

Essa é a lista completa de fatos biográficos concretos que tenho de Willem. Toma mais ou menos um terço de uma página de um dos meus cadernos de laboratório abandonados. Quando termino, a lista é como um tapa na cara sarcástica da realidade. *Você acha que se apaixonou por alguém e isso é tudo o que sabe sobre ele? Oito coisas?* E como eu o encontraria com essas oito coisas? Esqueça aquela história de procurar uma agulha no palheiro. Isso é fácil. Pelo menos a agulha sobressairia. Eu estou procurando uma agulha específica numa fábrica de agulhas.

Oito coisas. É humilhante. Olho para a folha e estou prestes a rasgá-la e amassá-la.

No entanto, em vez disso, viro a página e começo a escrever uma lista diferente. Coisas aleatórias. Como o olhar surpreso no rosto dele quando eu admiti ter achado que ele fosse um sequestrador. E o jeito como me olhou no café quando descobriu que eu era filha única e me perguntou se eu era sozinha. A felicidade boba enquanto ajudava no barco com o Capitão Jack. O quanto me senti bem ao pensar que era a responsável por ele estar daquele jeito. O

jeito de Paris sob o canal. A visão dele por detrás da bicicleta. A fúria em seus olhos quando saiu correndo para ajudar aquelas garotas no parque. A segurança da mão dele agarrando a minha enquanto corríamos pelas ruas de Paris. A expressão sensível em seu rosto quando perguntei por que tinha me levado para lá. E, mais tarde, no ateliê, como ele olhou para mim e me fez sentir tão grande e forte e capaz e corajosa.

Deixei as memórias me inundarem à medida que preenchia a página. Então outra. E então não estou mais escrevendo sobre ele. Estou escrevendo sobre mim. Sobre todas as coisas que senti naquele dia, incluindo o pânico e o ciúme, mas, acima de tudo, sobre sentir que o mundo não era nada além de possibilidades.

Preencho três páginas. Nada do que estou escrevendo vai me ajudar a encontrá-lo. Mas, ao escrever, me sinto bem; não, não apenas bem, plena. De algum modo, centrada. É um sentimento que não tenho há muito, muito tempo, e é isso, mais do que qualquer outra coisa, que me convence a procurá-lo.



A coisa mais concreta na lista é Will Guerrilheiro, então eu começo dali. Eles têm um site bem básico, que me deixa animada até eu ver o quanto está desatualizado. As notícias são de dois verões atrás. Mesmo assim, há um ícone de contato com um endereço de e-mail. Passo horas compondo dez e-mails diferentes e, então, finalmente apago todos em favor de um mais simples:

Olá,

Estou tentando encontrar um cara holandês chamado Willem, 20 anos, que participou de Noite de Reis na temporada do verão passado. Eu assisti à peça e o conheci em Stratford-upon-Avon; fui a Paris com ele em agosto. Se alguém sabe onde ele está, por favor, avise que Lulu, também conhecida como Allyson Healey, gostaria que ele entrasse em contato. Isto é muito importante.

Listo todas as minhas informações de contato e então paro ali por um momento, imaginando os uns e zeros ou seja lá o que for de que os e-mails são feitos, viajando pelos oceanos e montanhas, aterrissando em algum lugar, na caixa de mensagens de alguém. Quem sabe? Talvez até dele mesmo.

Em seguida aperto “Enviar”.

Trinta segundos depois, minha caixa de mensagens apita. Será? Será que seria tão rápido? Tão fácil? Alguém sabe onde ele está. Ou talvez ele tenha procurado por mim durante todo esse tempo.

Minha mão treme ao abrir a caixa de mensagens. Mas tudo o que há ali é a mensagem que acabei de mandar, sendo devolvida. Verifico o endereço. Mando-a novamente. Ela volta.

— Primeiro golpe — conto para Dee antes da aula no dia seguinte. Explico sobre o e-mail que voltou.

— Não entendo de metáforas esportivas, mas tenho certeza de que os jogos de beisebol são bem longos.

— O que quer dizer...

— Vá fundo até conseguir.

O professor Glenny entra silenciosamente e começa a falar sobre *Cimbelino*, a peça que estamos prestes a começar, e anuncia a última chamada para os ingressos de *Como Gostais* antes de dar um breve aviso para começarmos a pensar nas apresentações orais para o fim do ano.

— Podem trabalhar sozinhos ou com seus parceiros, fazer uma apresentação básica ou algo mais teatral.

— Faremos uma teatral — sussurra Dee.

— É o jeito de Glenny.

E então olhamos um para o outro como se ambos tivéssemos tido a mesma ideia. Depois da aula, vamos até o púlpito, onde o grupo de puxa-sacos está sorrindo com afetação.

— Olá, Rosalinda. Veio para comprar seu ingresso para *Como Gostais?*

Ruborizo.

— Já comprei o meu. Na verdade, estou tentando encontrar alguém com quem perdi contato e de quem não tenho muitas pistas, mas a única que tenho é através de uma trupe shakespeariana a que assisti em Stratford-upon-Avon no ano passado; eles têm um site, mas o e-mail voltou. Sei que encenaram uma peça há menos de um ano...

— Em Stratford-upon-Avon?

— É. Mas não num teatro. Era uma coisa meio underground, um grupo. Era chamado Will Guerrilheiro. Eles se apresentaram na baía do canal. Eram muito bons. Na verdade, eu deixei de ver o *Hamlet* da RSC para assistir a *Noite de Reis* com eles.

O professor Glenny gosta disso.

— Entendo. E você perdeu um Sebastian, não foi? — Eu engasgo e fico vermelha, mas então percebo que ele estava se referindo à peça. — Tenho um velho amigo no escritório de turismo de lá. Will Guerrilheiro, você disse?

Balanço a cabeça.

— Verei o que consigo encontrar.

Na semana seguinte, um pouco antes da semana do saco cheio, o professor Glenny me passa um endereço.

— Isto é o que meu amigo encontrou. É dos arquivos da polícia. Aparentemente os seus amigos da Will Guerrilheiro têm o hábito de se apresentar sem licença, e isto aqui se refere a uma detenção antiga. Não tenho certeza se está atualizado.

Olho para o endereço. É de uma cidade na Inglaterra chamada Leeds.

— Obrigada — digo.

— De nada. Depois me conte como termina.

À noite, imprimo a cópia do e-mail que enviei à Will Guerrilheiro, mas então mudo de ideia e escrevo uma carta à mão para Willem.

Querido Willem,

Há nove meses tenho tentado me esquecer de você e do dia que passamos em Paris, mas, como você pode ver, não estou me saindo bem. Acho que, mais do que qualquer coisa, quero saber: você simplesmente foi embora? Se for isso, tudo bem. Quer dizer, não, mas, se eu souber a verdade, vou conseguir superar. E, se você não foi embora, não sei o que dizer a não ser que sinto muito por eu ter ido.

Não sei qual será sua reação ao receber esta carta, vinda de um fantasma do passado. Mas, independentemente do que tenha acontecido, espero que você esteja bem.

Assino Lulu e Allyson e deixo todos os detalhes dos meus vários contatos. Coloco-a num envelope e escrevo: *A Willem, aos cuidados de Will Guerrilheiro*. Na noite antes da semana do saco cheio, coloco-a no correio.



Passo um feriado entediante em casa. As férias de Melanie não coincidem com as minhas, e eu sinto saudade e ao mesmo tempo alívio por não ter que vê-la. Eu me enfio no quarto, posiciono os livros de ciências ao meu redor e passo o tempo fazendo buscas no Facebook e no Twitter e todo tipo de pesquisa imaginável nas redes sociais, mas, ao fim e ao cabo, ter só o primeiro nome é um pouco problemático. Principalmente porque Willem é um nome bem comum na Holanda. Mesmo assim, entro em centenas de páginas, olhando para fotos de todos os tipos diferentes de Willems, mas nenhum é ele.

Crio um perfil no Facebook como Lulu com fotos de Louise Brooks e minhas. Mudo o status todo dia, para algo que apenas ele entenda. *Você acredita em acasos do universo? Nutella é chocolate? Apaixonar-se é a mesma coisa que estar apaixonado?* Recebo solicitações de amizade de malucos new age. Recebo solicitações de pervertidos. Recebo solicitações de um fã-clube de Nutella em Minnesota (quem poderia imaginar?). Mas nada dele.

Tento procurar os pais dele. Faço buscas combinadas: Willem, Bram, Yael e então só Bram, Yael. Mas, sem um último nome, não consigo nada. Pesquiso cada site holandês de naturopatia que consigo encontrar, buscando uma Yael, mas nada aparece. Faço uma pesquisa no Google com o nome de Yael, e é um nome hebreu. A mãe dele é judia? Israelense? Por que não pensei em fazer essas perguntas a ele quando tive a chance? Eu sei por quê. Porque, quando estava com ele, sentia como se já o conhecesse.

O feriado da semana do saco cheio termina, e na aula de Shakespeare começamos a ler *Cimbelino*. Dee e eu estamos na metade, na parte realmente mais interessante, quando Póstumo, marido de Imogênia, vê Giacomo com o bracelete secreto que ele havia dado a Imogênia e imagina que aquela é a prova de que ela o traiu, mas, obviamente, o bracelete tinha sido roubado por Giacomo, precisamente para que pudesse vencer a aposta feita com Póstumo de que poderia convencer Imogênia a traí-lo.

— Outra conclusão precipitada — afirma Dee, olhando para mim objetivamente.

— Bem, ele teve uma boa razão para suspeitar — digo. — Giacomo sabia muitas coisas sobre ela: como era seu quarto, que ela tinha uma verruga no seio.

— Porque ele a espiava quando ela estava dormindo — retruca Dee. — Havia uma explicação.

— Eu sei. Eu sei. Assim como você diz que deve haver uma boa explicação para Willem ter desaparecido. Mas sabe como é, às vezes você tem que aceitar a evidência como ela é. Em um único dia, vi Willem flertar, ser despido e pegar o telefone de pelo menos três garotas além de mim. Isso me soa como “jogador”. E eu fui trapaceada.

— Para um jogador, o garoto falava demais em se apaixonar.

— Se apaixonar, não ficar apaixonado — digo. — E por Céline. — Apesar de que, ao falar dos pais, de ficar manchado para sempre, lembro-me da expressão do rosto dele, de evidente melancolia. E então sinto o calor em meu pulso, como se a saliva dele ainda estivesse lá.

— Céline — repete Dee, estalando os dedos. — A gostosona francesa.

— Ela não era tão gostosa assim.

Dee revira os olhos.

— Por que não pensamos nisso? Qual o nome da boate em que ela trabalhava? Onde você deixou sua mala?

— Não faço ideia.

— Tudo bem. Onde era?

— Perto da estação de trem.

Eu dou de ombros. Eu meio que bloqueei tudo.

Dee pega meu laptop.

— Agora você está sendo teimosa. — Ele digita. — Se veio de Londres, desembarca na Gare du Nord. — Ele pronuncia *Gari dú Norde*.

— E não é que você é esperto?

Ele entra no Google Maps e digita alguma coisa. Uma penca de bandeiras vermelhas aparece.

— Aqui.

— O quê?

— Essas são as boates perto da Gare du Nord. Você pode ligar para elas. Com certeza Céline trabalha numa delas. Encontre-a, e o encontrará.

— É, talvez na mesma cama.

— Allyson, você acabou de dizer que precisa manter os olhos bem abertos.

— E preciso. Só que não quero ver Céline nunca mais.

— Você quer mesmo encontrá-lo de verdade? — pergunta Dee.

— Não sei. Acho que, mais que qualquer outra coisa, quero saber o que aconteceu.

— Uma razão ainda maior para ligar para essa tal de Céline.

— Quer dizer que terei que ligar para todas essas boates e perguntar por ela? Esqueça. Eu não falo francês.

— Será que é tão difícil assim? — Ele para e arruma o rosto numa expressão com os lábios e sobrancelhas enrugados. — *Bon lacroix monsoir oui, tres, chic chic croissant French Ho-bag.* — Ele ri. — Vê? Fácil, fácil.

— Isso é francês também?

— Não, isso é latim. E pode perguntar pelo outro cara também, o africano.

O Gigante. Com ele eu não me importaria de conversar, mas, claro, nem sei o seu nome.

— Você faz isso. Você é muito melhor do que eu em tudo.

— O que está dizendo? Eu estudei espanhol.

— Eu quis dizer que é melhor com as vozes, no faz de conta.

— Vi você fazer Rosalinda. E passou um dia inteiro fingindo ser Lulu, e está, no momento, fingindo para seus pais ser uma candidata à escola de medicina.

Eu abaixo os olhos, cutuco a unha.

— Isso apenas faz de mim uma mentirosa.

— Não, não faz. Está apenas testando identidades diferentes, como todos aqueles nas peças de Shakespeare. E as pessoas que fingimos ser já estão dentro de nós. É por isso que fingimos ser essas pessoas, para começar.



Kali está fazendo o primeiro ano de francês, então pergunto a ela, tão casualmente quanto possível, como faço para perguntar sobre Céline ou sobre um garçom senegalês cujo irmão vive em Rochester. A princípio ela me olha chocada. Provavelmente é a primeira vez que lhe pergunto algo mais íntimo do que “Essas meias são suas?” desde que as aulas começaram.

— Bem, isso *dependeria* de vários *fatores* — responde ela. — Quem *são* essas pessoas? Qual é o seu *relacionamento* com elas? O francês é uma língua de *nuances*.

— Humm, será que podem apenas ser pessoas com quem quero falar ao telefone?

Kali semicerra os olhos para mim e volta ao trabalho.

— Tente um programa de tradução na internet.

Inspiro profundamente, expiro uma lufada.

— Tudo bem. Elas são, respectivamente, uma vagabunda linda e um cara muito legal que encontrei uma vez. Os dois trabalham numa boate parisiense e sinto que talvez eles tenham a chave para a minha... minha felicidade. Será que isso ajuda com a sua *nuance*?

Kali fecha o livro e se vira para mim.

— Sim. E não. — Ela pega um pedaço de papel e o bate na ponta do queixo. — Por acaso sabe o nome do irmão de Rochester?

— Ah, meu Deus, eu nem pensei nisso. Talvez possa lembrar e tentar isso também. Obrigada!

— Coisas surpreendentes acontecem quando se pede ajuda. — Ela me olha, enfática.

— Quer saber da história toda?

As sobrancelhas levantadas dela dizem “*Macaco quer banana?*”.

E então conto a ela, Kali, a confidente mais improvável, uma breve versão da saga.

— Ah, meu Deus. Isso explica tudo.

— Explica o quê?

— Você sempre ser tão *sozinha*, sempre dizendo não. Achamos que você nos odiasse.

— O quê? Não! Não odeio vocês. Só me senti rejeitada e muito mal por vocês terem que me engolir.

Kali vira os olhos.

— Eu terminei com meu namorado um pouco antes de chegar aqui, e Jenn terminou com a namorada. Por que acha que tenho tantas fotos de Buster? Todo mundo estava triste e com saudade. É por isso que íamos a tantas festas.

Balanço a cabeça. Eu não sabia. Nem pensei em saber. E então rio.

— Tenho a mesma amiga desde que tinha sete anos. Ela é a única amiga com quem eu realmente ficava, então, é como se eu tivesse perdido todos os anos de aprendizado de como fazer amizade com as pessoas.

— Não perdeu *nada*. A não ser que tenha pulado o jardim de infância.

Olho para ela com desânimo. Claro que fui ao jardim de infância.

— Se frequentou o jardim de infância, aprendeu a fazer amigos. É, tipo, a primeira coisa que eles ensinam. — Ela me olha fixamente. — Para *fazer* amigos... — começa.

— É preciso ser um amigo... — termino, me lembrando dos dizeres ensinados durante as aulas da Sra. Finn. Ou talvez tenham sido do *Barney*.

Ela sorri enquanto pega uma caneta.

— Acho que será mais simples se você perguntar somente por essa perua Céline e pelo barman do Senegal. Deixe o irmão de fora... quantos barmen senegaleses existem por aí? Então, se conseguir o barman, pode perguntar se ele tem um irmão em Rochester.

— *Roché Estair* — corrijo. — É assim que ele falava.

— Posso entender por quê. É muito mais classudo desse jeito. Aqui. — Ela me passa um pedaço de papel. *Je voudrais parler à Céline ou au barman qui vient du Senegal, s'il vous plaît.* Ela escreveu tanto o francês como a transcrição fonética. — É assim que você vai perguntar por eles. Se quiser ajuda para fazer as ligações, me avise. Amigas fazem isso.

Je voudrais parler à Céline ou au barman qui vient du Senegal, s'il vous plaît. Uma semana depois, eu tinha pronunciado tantas vezes essa frase, primeiro para praticar, depois numa série de ligações cada vez mais desanimadoras, que juro que a recitei durante o sono. Faço vinte e três ligações. *Je voudrais parler à Céline ou au barman qui vient du Senegal, s'il vous plaît...* É o que eu digo. E então uma das três coisas acontece: Um: desligam na minha cara. Dois: recebo algum tipo de *non*, e depois desligam. Esses eu riscó da lista, um *não* definitivo. Mas a terceira coisa é quando as pessoas disparam a falar francês, ao que não consigo responder. *Céline? Barman? Senegal?* Repito ao telefone, as palavras afundando como barcos salva-vidas defeituosos. Não faço ideia do que estão dizendo. Talvez estejam dizendo que Céline e o Gigante saíram para almoçar e voltarão logo. Ou talvez que Céline está aqui, mas está lá embaixo fazendo sexo com um holandês alto.

Aceito a oferta de Kali para ajudar, e às vezes ela consegue descobrir que não há nenhuma Céline, nenhum garçom senegalês, mas, geralmente, ela fica tão perdida quanto eu. Enquanto isso, ela e Dee começam a procurar no Google todo nome potencialmente senegalês em Rochester. Fazemos algumas ligações embaraçosas, mas saímos de mãos vazias.

Depois da 24ª ligação terrível, não tenho mais boates em nenhum lugar próximo às redondezas da Gare du Nord. Então me lembro do nome da banda na camiseta que Céline estava usando na boate, a que deu a Willem e a mim. Pesquiso *Sous ou Sur* no Google e olho todas as datas das apresentações. Mas, se eles tocaram na boate de Céline, foi há muito tempo, e agora são bem

famosos, se apresentando em grandes ginásios, teatros gigantescos, não em boates.

A esta altura, mais de três semanas se passaram desde que enviei minha carta. Também estou perdendo as esperanças nesse front. As chances de encontrá-lo, que nunca foram grandes, diminuem. No entanto, a coisa mais estranha é que aquele sentimento de estar fazendo a coisa certa não diminui. Ao contrário, aumenta cada vez mais.



— Como vai a sua busca por Sebastian? — pergunta o professor Glenny certo dia depois da aula, quando estamos fazendo fila para pegar de volta nossos relatórios sobre *Cimbelino*. Os puxa-sacos olham para mim com inveja. Desde que lhe contei sobre Will Guerrilheiro, ele tem um novo tipo de respeito por mim. E, claro, ele sempre amou Dee.

— Não muito bem — digo a ele. — Não tenho mais pistas.

Ele franze o cenho.

— Sempre há mais pistas. O que é mesmo que os detetives dos filmes dizem? “É preciso pensar fora da caixa.” — Ele diz a última parte com um sotaque nova-iorquino horroroso. Entrega meu relatório. — Bom trabalho.

Olho para o relatório, para o grande A- em vermelho, e sinto um enorme fluxo de orgulho. Enquanto Dee e eu caminhamos até nossa próxima aula, fico olhando para ele, para ter certeza de que não se transformará num C, apesar de saber que não vai. Mesmo assim, não consigo parar de olhar. E sorrir. Dee me pega no pulo e ri.

— Para alguns de nós, essas notas A são novidade — digo.

— Ah, não venha com chororô. Vejo você às quatro?

— Ficarei contando os minutos.

Quando Dee chega, às quatro horas, está pulando de felicidade.

— Esqueça essa história de pensar fora da caixa; temos que olhar dentro da caixa. — Ele segura dois DVDs do centro de mídia. O título num deles diz *A Caixa de Pandora*, e há a foto de uma linda mulher com olhos tristes e escuros e um elegante capacete de cabelo preto. Imediatamente sei quem ela é.

— Como isso vai nos ajudar?

— Não sei. Mas, quando se abre a Caixa de Pandora, nunca se sabe o que vai sair. Podemos assistir hoje à noite. Depois que eu sair do trabalho.

Balanço a cabeça.

— Farei pipoca.

— Levarei alguma sobra de bolo do refeitório.

— Sabemos como fazer uma festa numa sexta à noite.

Mais tarde, enquanto estou me aprontando para encontrar Dee, vejo Kali na sala. Ela olha para a pipoca.

— Está se empanturrando de porcaria?

— Dee e eu vamos assistir a alguns filmes. — Nunca convidei Kali para nada. E ela quase sempre sai nas noites de fim de semana. Mas penso na oferta que ela me fez, e no que ela disse sobre ser uma amiga, então a convido para se juntar a nós. — É meio uma missão de assistir a um filme/encontrar fatos. Você poderia nos ajudar. Foi tão esperta com sua ideia de tentar encontrar o irmão em Rochester.

Os olhos dela se arregalam.

— *Eu adoraria* ajudar. Estou tão *cansada* dessas festas regadas a cerveja. Jenn, quer assistir a um *filme* com *Allyson* e *Dee*?

— Antes de dizer sim, tome cuidado. São filmes mudos.

— Legal — diz Jenn. — Nunca vi um antes.

Nem eu, e no final acaba sendo como assistir a Shakespeare. É preciso se ajustar a ele, pegar o ritmo. Não há palavras, mas também não é como um filme estrangeiro, onde todos os diálogos têm legenda. Só pedaços importantes dos diálogos são transcritos. O restante você tem que adivinhar a partir das expressões dos atores, do contexto, do aumento do volume da música orquestrada. É preciso se esforçar um pouco.

Assistimos a *Caixa de Pandora* inteiro, que fala sobre uma linda garota de programa chamada Lulu, que pula de homem em homem. Primeiro ela se casa com o amante, então dá um tiro nele na noite do casamento. É acusada de assassinato, mas foge da cadeia, indo para o exílio com o filho do assassinado. Ela acaba vendida como escrava sexual. O filme termina com ela sendo assassinada na noite de Natal, por ninguém menos que Jack, o Estripador. Nós todos assistimos ao filme como se assiste a um trem bater em câmera lenta.

Depois que terminamos, Dee pega o próximo filme, *Diário de uma Garota Perdida*.

— Este aqui é uma comédia — brinca ele.

Não é tão ruim assim. Lulu, apesar de não ter esse nome nesse filme, não morre no final. Mas é seduzida, tem um filho fora do casamento, o bebê é tirado dela, acaba à margem da sociedade e jogada num reformatório terrível. Ela também se envolve com a prostituição.

São quase duas horas da manhã quando acendemos as luzes. Olhamos uns para os outros, olhos turvos.

— Então? — pergunta Jenn.

— Eu gosto das roupas — diz Kali.

— As roupas eram o máximo, mas não exatamente esclarecedoras. — Dee se volta para mim. — Alguma pista?

Olho em volta.

— Não peguei nada. — E, de fato, não peguei. Todo esse tempo fiquei pensando que era como Lulu. No entanto, não sou *nada* como a garota nos filmes. Nem gostaria de ser.

Jenn boceja, abre um laptop e acessa uma página sobre Louise Brooks, que aparentemente teve uma vida tão tumultuada quanto a de Lulu, indo de estrela de cinema de primeira categoria a atendente da Saks, passando por amante sustentada por um homem e finalmente vivendo em reclusão.

— Mas diz aqui que ela sempre foi uma rebelde. Sempre fez as coisas do seu jeito. E teve um caso com Greta Garbo! — Jenn sorri diante disso.

Kali pega o computador e lê.

— Além disso, ela foi a *pioneira* do corte de cabelo curto.

— Eu tinha acabado de cortar meu cabelo curto quando nos conhecemos. Eu deveria ter mencionado isso.

Kali coloca o computador de lado e desmancha meu rabo de cavalo, dobrando meu cabelo na altura do queixo.

— Humm. Com o cabelo curto você se parece um pouco com ela.

— É, foi o que ele me disse. Que eu me parecia com ela.

— Se ele a viu desse jeito — diz Jenn —, significa que achou você muito bonita.

— É. Talvez. Ou talvez isso tudo tenha sido um jogo para ele. Ou me chamar de Lulu foi um jeito de se distanciar, assim ele nunca teria que saber nada sobre mim.

No entanto, à medida que me desfaço dos cenários menos românticos, e, sejamos honestos, mais prováveis, não sinto aquele aperto costumeiro de vergonha e humilhação. Com esse bando me dando cobertura, nada parece tão estressante.

Kendra passará a noite com Jeb, então Kali oferece sua cama para Dee, e ela se joga na cama de Kendra. Quando todos nós nos aconchegamos debaixo das cobertas, dizemos boa-noite um para o

outro, como se estivéssemos num acampamento de verão ou algo parecido, e sinto aquela sensação de normalidade mais forte do que nunca.

Dee começa a roncar logo de cara, mas eu demoro para pegar no sono, pois ainda estou me questionando sobre Lulu. Talvez tenha sido só o nome. Talvez tenha sido apenas faz de conta. Naquele dia, eu realmente me transformei em Lulu. Talvez não a Lulu do filme ou a verdadeira Louise Brooks, mas minha própria ideia do que Lulu representava. Liberdade. Ousadia. Aventura. Dizer sim.

Percebo que não estou só em busca de Willem; também estou procurando Lulu.

25 

abril

Miami Beach

Meus pais estão me esperando no portão do aeroporto de Miami; mamãe programou para que o voo deles chegasse meia hora antes do meu. Eu esperava poder me safar do Seder de Pessach deste ano. Acabei de vê-los no feriado da semana do saco cheio, não faz muito tempo, e vir para o Seder significa perder um dia na escola. Mas sem chance. Tradição é tradição, e o Pessach é a única época do ano em que vamos à casa da vovó.

Amo a vovó, e, ainda que os sedarim sejam extremamente maçantes e ponham a própria vida em risco de tanto comer a comida caseira da vovó, não é por isso que tenho horror a eles.

Vovó deixa mamãe enlouquecida, o que significa que, toda vez que a estamos visitando, mamãe nos enlouquece. Quando vovó nos visita em casa, dá para levar numa boa. Mamãe pode sair, reclamar com Susan, jogar tênis, organizar o calendário, ir ao shopping comprar um novo guarda-roupa do qual eu não preciso. Mas, quando estamos na casa de vovó, no condomínio de idosos em Miami Beach, é como estar enclausurado numa ilha geriátrica.

Mamãe já começa a me irritar na esteira de bagagem, me cutucando por não ter enviado bilhetes de agradecimento pelos presentes de aniversário, o que quer dizer que ela deve ter perguntado a vovó e a Susan se receberam os delas. Porque, além de Jenn e Kali — que fizeram um bolo para mim — e Dee — que me levou ao seu trailer de lanches favorito em Boston —, não havia mais ninguém para quem enviar bilhetes de agradecimento.

Melanie não me mandou nada. Apenas postou um cumprimento para mim no Facebook.

Assim que entramos no táxi (o segundo, já que mamãe rejeitou o primeiro porque o ar-condicionado estava muito fraco; ninguém escapa de mamãe quando ela está em "clima" de vovó), ela começa a falar comigo sobre meus planos de verão.

Em fevereiro, quando trouxemos isso à tona pela primeira vez, ela perguntou o que eu faria durante o verão, e eu disse que não fazia ideia. Então, algumas semanas depois, no fim da semana do saco cheio, ela anunciou que tinha feito algumas perguntas em meu nome e usado algumas conexões e agora tem duas ofertas promissoras. Uma é trabalhar no laboratório de uma indústria farmacêutica perto da Filadélfia. A outra é trabalhar no consultório de um dos amigos do papai, um proctologista chamado Dr. Baumgartner (Melanie costumava chamá-lo de Dr. Bunda-Gardner). Nenhum dos dois trabalhos seria remunerado, explicou, mas ela e papai tinham conversado sobre aquilo e resolveram que poderiam repor a perda com uma mesada generosa. Ela parecia tão satisfeita consigo mesma. Ambos os trabalhos seriam fantásticos em meu currículo, seriam excelentes para balancear com aquilo a que ela se refere como o "desastre" do meu primeiro semestre.

Fiquei tão irritada que quase respondi que não poderia aceitar esses estágios porque não era qualificada; não era uma candidata à escola de medicina. Só para provocá-la. Só para ver a expressão no rosto dela. Mas fiquei com medo. Tinha tirado A em Declamação de Shakespeare. A em mandarim, o meu primeiro. Um sólido B em minha aula de biologia e laboratório e A em cerâmica. Percebi que estava, de fato, orgulhosa do quanto estava me saindo bem em minhas aulas e não queria que a inevitável e eterna frustração de mamãe estragasse isso. Mas isso aconteceria independentemente de qualquer coisa, ainda que eu me ativesse ao plano A: mostrar a ela minhas notas finais quando fizesse o anúncio.

Mas ainda faltam três semanas para as provas finais, e mamãe está bufando no meu pescoço agora sobre esses trabalhos. Então,

assim que estacionamos dentro do arranha-céus da vovó, digo a mamãe que ainda estou ponderando sobre aquilo e saio do táxi para ajudar papai com as malas.

É tão estranho. Mamãe é a pessoa mais formidável que conheço, mas, quando vovó abre a porta, ela parece encolher, como se vovó fosse algum tipo de ogro em vez de uma lourinha de um metro e meio com uma calça de moletom amarela e um avental dizendo BEIJE A COZINHEIRA MALUCA. Vovó me agarra com um abraço apertado que cheira a Shalimar e gordura de frango.

— Ally! Deixe-me olhar para você! Está fazendo algo diferente com seu cabelo! Vi as fotos no Facebook!

— Você está no Facebook? — pergunta mamãe.

— Ally e eu somos amigas, não é? — Ela pisca para mim.

Vejo mamãe se contrair. Não tenho certeza se é porque vovó e eu somos amigas no FB ou porque vovó insiste em encurtar meu nome.

Entramos. O namorado de vovó, Phil, está dormindo no grande sofá florido. O barulho de um jogo de basquete emana da imensa televisão.

Vovó toca meu cabelo. Está na altura dos ombros agora. Não o corto desde o verão passado.

— Estava mais curto antes — digo. — Agora está na fase intermediária.

— Está melhor do que estava. Aquele corte curto era horrível! — declara mamãe.

— Era curto, mãe. Não um moicano.

— Eu sei o que era. Mas fazia você parecer um garoto.

Viro-me para vovó.

— Será que ela ficou traumatizada com um corte ruim de cabelo na juventude? Porque ela não consegue deixar isso de lado.

Vovó bate palmas.

— Ah, Ally, você deve estar certa. Quando ela tinha dez anos, assistiu a *O Bebê de Rosemary* e implorou para que eu a levasse ao cabeleireiro. Ela fez a mulher cortar cada vez mais curto até acabar com todo o cabelo. Quando estávamos saindo do salão, outra mãe apontou Ellie para seu filho e disse: “Por que você não corta o cabelo como o daquele garotinho?”. — Ela olha para a mamãe, sorrindo. — Não sabia que isso ainda a incomodava, Ellie.

— Não me incomoda porque isso nunca aconteceu, mãe. Eu nunca vi *O Bebê de Rosemary*. E, se tivesse visto com dez anos, teria sido absolutamente inapropriado, não é?

— Posso lhe mostrar as fotos!

— Isso não será necessário.

Vovó olha para o cabelo de mamãe.

— Você deveria tentar aquele corte joãozinho de novo agora. Acho que tem usado o mesmo estilo desde que Bill Clinton era presidente. — Vovó dá outro sorrisinho malicioso.

Mamãe parece encolher alguns centímetros ao tocar seu cabelo — liso, castanho, preso num rabo de cavalo baixo. Vovó a deixa lá desse jeito e me puxa para a cozinha.

— Quer alguns biscoitos? Tenho *macaroons*.

— *Macaroons* não são biscoitos, vovó. São substitutos de biscoitos de coco. E são horríveis. — Vovó não tem nada com farinha em casa durante o Pessach.

— Deixe-me ver o que mais eu tenho. — Sigo vovó cozinha adentro. Ela me serve um pouco de sua limonada diet. — Sua mãe está passando por uma fase difícil — diz vovó. Quando mamãe não está no campo de visão, ela é simpática, quase defensora dela, como se fosse eu quem a tirasse do sério.

— Não entendo por quê. Ela tem uma vida ótima.

— Engraçado, é isso o que ela diz sobre você toda vez que acha que está sendo mal-agradecida. — Vovó abre a porta do forno para verificar algo. — Está tendo dificuldade para se adaptar com você fora de casa. Você é tudo o que ela tem.

Vovó serve um prato daqueles doces de gelatina nojentos aos quais nunca consigo resistir.

— Eu disse a ela que deveria ter tido outro filho para ter alguma coisa para fazer.

Cuspo minha limonada.

— Ela tem quarenta e sete anos.

— Podia adotar. — Vovó gesticula. — Um daqueles órfãos chineses. Lucy Rosenbaum tem uma netinha que é uma graça.

— Eles não são cachorros, vovó!

— Sei disso. Mesmo assim, ela poderia pegar um mais velho. Seria um verdadeiro *mitzvá*.

— Você já disse isso a mamãe?

— Claro que sim.

Vovó sempre traz à tona coisas que o restante de nós não faz. Como o fato de acender uma vela em memória do bebê que mamãe perdeu num aborto que sofreu há anos. Isso também deixa mamãe furiosa.

— Ela precisa fazer alguma coisa se não vai voltar a trabalhar. — Vovó dá uma olhada em direção à sala de estar. Sei que mamãe e vovó discutem sobre mamãe não trabalhar. Uma vez, vovó mandou um *clipping* de revista de notícias sobre o quanto ex-esposas de médicos se davam bem nos divórcios. Elas não conversaram durante meses depois disso.

Mamãe entra na cozinha. Dá uma olhada para o doce de gelatina.

— Mamãe, será que poderia dar comida de verdade a ela, por favor?

— Ah, fique tranquila. Ela sabe comer sozinha. Já tem dezenove anos. — Ela pisca para mim, então se vira para mamãe. — Por que não tira alguns frios da geladeira?

Mamãe fuça na geladeira de vovó.

— Onde está o peito defumado? São quase duas horas. Vamos servir logo.

— Ah, já está cozinhando — diz vovó.

— A que horas o colocou no forno?

— Não se preocupe. Peguei uma receita gostosa do jornal.

— Quanto tempo faz? — Mamãe dá uma olhada dentro do forno. — Não é tão grande assim. Não deveria demorar mais do que três horas. E você tem que cobrir com papel-alumínio. Além disso, está com a temperatura muito alta. O peito de boi é para ser cozido em fogo baixo. Vamos começar o Seder às cinco? Quando colocou no forno?

— Deixa para lá.

— Vai ficar seco como couro.

— Por acaso eu lhe ensino a cozinhar na sua cozinha?

— Sim. O tempo todo. Mas eu não escuto. E já escapamos de muitos casos de intoxicação alimentar por causa disso.

— Já chega de seu falatório!

— Acho que vou trocar de roupa — anuncio. Mas nenhuma das duas está prestando atenção em mim.

Vou para o quarto vago e encontro papai escondido ali, olhando melancolicamente para uma camiseta de golfe.

— Quais são as chances de eu escapar para uma rodada?

— Primeiro você teria que jogar algumas pragas no faraó. — Olho pela janela para a faixa azul-prateada do mar.

Ele coloca a camiseta de golfe de volta na mala. Como nos rendemos a mamãe com tanta rapidez? O Seder não significa nada para ele. Papai nem mesmo é judeu, apesar de celebrar todos os feriados com mamãe. Dizem que vovó ficou furiosa quando mamãe ficou noiva dele, apesar de, após a morte de vovô, ela ter começado a se relacionar com Phil, que também não é judeu.

— Eu estava brincando — digo, ainda que não estivesse. — Por que simplesmente não vai?

Papai balança a cabeça.

— Sua mãe precisa de apoio.

Eu bufo. Como se a mamãe precisasse de alguma coisa de alguém.

Papai muda de assunto.

— Encontramos Melanie no fim de semana passado.

— Ah, é mesmo?

— A banda dela tinha um show na Filadélfia, então ela deu o ar da graça.

Ela está numa *banda* agora? Ela realmente pode se tornar Mel 4.0, e eu tenho que continuar a mesma *eu* confiável de sempre? Dou um sorriso firme para meu pai, fingindo saber disso.

— Frank, não consigo achar meu prato do Seder — chama vovó.
— Mandei-o para polir.

— Tente visualizar o último lugar onde o colocou — diz papai. Então balança os ombros levemente e vai ajudar. Depois que o prato do Seder é localizado, ele ajuda vovó a descer as louças para servir, e eu ouço mamãe lhe pedir que faça companhia a Phil, e então ele se senta e assiste ao jogo de basquete, com Phil tirando uma soneca. Tanta coisa pelo golfe. Saio na sacada e escuto os sons do bate-boca entre mamãe e vovó e do jogo na TV. Minha vida parece tão pequena que chega a coçar, como um suéter de lã apertado.

— Vou caminhar um pouco — anuncio, apesar de não haver mais ninguém na sacada além de mim. Calço os sapatos, saio pela porta e caminho até a praia. Tiro os sapatos e ando para cima e para baixo pela orla. A batida ritmada dos meus pés na areia molhada parece causar uma ebulição dentro de mim, saindo através do suor por minha pele grudenta. Depois de um tempo, paro, me sento e olho para a água. Do outro lado está a Europa. E lá, em algum lugar, está ele. Lá, em algum lugar, se encontra uma versão diferente de mim.



Quando volto, mamãe pede para eu tomar banho e colocar a mesa. Às cinco, nos sentamos, preparando-nos para uma longa noite de encenação da fuga dos judeus da escravidão no Egito Antigo, que é para ser um ato de libertação, mas, de algum modo, com minha mãe e minha avó olhando com raiva uma para a outra, sempre acaba sendo mais um ato de opressão. Pelo menos os adultos podem ficar bêbados. Bebem mais ou menos quatro taças de vinho durante uma noite. Eu, obviamente, bebo suco de uva, em meu próprio copo de cristal. Geralmente é isso o que acontece. Desta vez, quando vou tomar meu primeiro gole de suco depois da primeira bênção, quase engasgo. É vinho. Acho que é um erro, mas minha avó me olha e pisca.

O Seder prossegue como sempre. Mamãe, que em todos os outros aspectos da vida é respeitosa, veste o manto da adolescente rebelde. Quando vovó lê a parte sobre os judeus vagando pelo deserto por quarenta anos, mamãe solta que é porque Moisés era um homem que se recusava a pedir informações. Quando a conversa muda para Israel, mamãe toca na questão política, mesmo sabendo que isso deixa vovó enlouquecida. Quando tomamos a sopa com *matzá*, elas discutem sobre a quantidade de colesterol dos bolinhos.

Papai já conhece aquilo e fica em silêncio. E Phil brinca com seu aparelho de audição, entrando e saindo do estado de consciência.

Eu encho meu copo de “suco” muitas e muitas vezes.

Duas horas depois, chegamos ao peito defumado, o que significa que podemos parar de falar do Êxodo por um tempo, o que é um alívio, mesmo que o peito defumado não seja. Ele está tão seco quanto carne-seca e tem gosto de queimado. Eu o mexo pelo prato, enquanto vovó tagarela sobre o clube de bridge e o cruzeiro que ela e Phil farão. Então ela pergunta sobre nossa viagem de verão anual a Rehoboth Beach; ela geralmente se junta a nós durante um período.

— O que mais você planejou para o verão? — ela me pergunta, com ar casual.

Na verdade, é uma pergunta retórica. Na linha de “como vai?” ou “quais são as novidades?”. Estou prestes a responder “Ah, isso e aquilo”, quando mamãe interrompe para dizer que vou trabalhar num laboratório. Então ela conta tudo a vovó. Um laboratório de pesquisa numa indústria farmacêutica. Aparentemente, aceitei o trabalho hoje.

Não que eu não soubesse que ela faria isso. Não que ela não tenha feito isso minha vida inteira. Não que eu não tenha permitido que ela o fizesse.

A fúria toma conta de mim, quente e fria, líquida e metálica, forrando minhas entranhas como um segundo esqueleto, mais forte do que o meu próprio. Talvez seja isso que me permite dizer:

— Não vou trabalhar num laboratório neste verão.

— Bem, é tarde demais — retruca minha mãe. — Já liguei para o Doutor Baumgartner para recusar a oferta dele. Se você tinha uma preferência, teve três semanas para dizê-la.

— Também não vou trabalhar com o Doutor Baumgartner.

— Você arrumou outra coisa? — pergunta meu pai.

Mamãe bufa, como se aquilo fosse impensável. E talvez seja. Nunca tive um emprego. Nunca precisei de um. Nunca tive que

fazer nada por mim mesma. Sou impotente. Sou inválida. Uma decepção. Minha impotência, minha dependência, minha passividade, sinto-as transformando-se numa bola de fogo, e eu tenho controle dessa bola, em algum lugar me perguntando como algo feito de fraqueza pode ser tão forte. Mas a bola fica cada vez mais quente, tão quente que a única coisa que posso fazer é atirá-la. Nela.

— Acho que seu laboratório não me aceitaria mais, já que larguei a maioria dos cursos de ciências e vou largar o restante no outono — informo, ódio gotejando de minha voz. — Veja bem, não sou mais candidata à escola de medicina. Sinto muito por *decepcioná-la*.

Meu sarcasmo paira no ar úmido e então, como vapor, flutua para longe quando eu percebo que, pela primeira vez na vida, não lamento por desapontá-la. Talvez seja o ódio falando, talvez o vinho secreto de vovó, mas estou quase feliz por isso. Estou tão cansada de evitar o inevitável, porque sinto que a tenho decepcionado por tanto tempo.

— Você não é mais uma candidata à escola de medicina? — A voz dela é baixa, aquela mistura letal de ódio e dor que sempre me aniquila como uma bala no coração.

— Esse sempre foi o *seu* sonho, Ellie — diz vovó, protegendo-me. Ela se vira para mim. — Você ainda não respondeu à minha pergunta, Ally. O que *você* vai fazer neste verão?

Mamãe parece tão frágil e tão zangada, e eu sinto minha determinação começando a se quebrantar, sinto-me começando a desistir. Então escuto uma voz, a minha voz, anunciando o seguinte:

— Vou voltar para Paris.

Aquilo sai como se a ideia estivesse completamente formada, algo planejado durante meses, quando, de fato, simplesmente escapou, da mesma maneira que todas as coisas que admiti para Willem. Mas, ao escapar, sinto-me mil quilos mais leve, minha raiva

agora totalmente dissipada, substituída pela felicidade que passa por mim como a luz do sol e o ar.

Foi *assim* que me senti naquele dia em Paris com Willem. E é *assim* que eu sei que é a coisa certa a ser feita.

— Também estou aprendendo francês — acrescento. E, por alguma razão, esse anúncio faz a mesa virar um pandemônio. Minha mãe começa a gritar comigo sobre mentir para ela e jogar fora o meu futuro. Papai está gritando em relação a trocar as aulas de graduação e sobre quem pagará meu programa de intercâmbio para Paris. Vovó está gritando com mamãe por estragar mais um Seder.

Com toda essa comoção, é um pouco estranho que alguém consiga ouvir Phil, que mal tinha dito uma palavra desde a sopa, quando ele solta:

— Voltar a Paris, Ally? Achei que Helen tivesse dito que sua viagem a Paris tinha sido cancelada por estarem em greve. — Ele balança a cabeça. — Parece que sempre estão em greve por lá.

A mesa fica em silêncio. Phil pega um pedaço de *matzá* e começa a mastigá-lo. Mamãe, papai e vovó olham fixamente para mim.

Eu poderia facilmente acobertar tudo. O volume do aparelho de audição de Phil foi abaixado. Ele tinha ouvido errado. Eu poderia dizer que queria ir para Paris porque não havia ido até lá na última viagem. Já tinha contado tantas mentiras. E daí se contasse mais uma?

No entanto, não quero mentir. Não quero mais tapar o sol com a peneira. Não quero mais fingir. Porque naquele dia com Willem eu até posso ter fingido ser alguém chamado Lulu, mas nunca fui tão honesta na vida.

Talvez essa seja toda a questão com a liberdade. Ela vem com um preço. Quarenta anos vagando pelo deserto. Ou encarando a fúria de dois pais muito enfezados.

Respiro fundo. Tomo coragem.

— *Voltar* a Paris — admito.

26 

maio

Em casa

Faço uma nova lista.

Passagem aérea para Paris: 1.200 dólares;

Aula de francês na faculdade comunitária: 400 dólares;

Dinheiro para gastar em duas semanas na Europa: mil dólares

Ao todo, são 2.600 dólares. Esse é o dinheiro de que eu vou precisar para ir à Europa. Mamãe e papai não ajudarão na viagem, obviamente, e se recusam a me deixar usar minha poupança, formada pelos presentes recebidos ao longo dos anos, pois esta é para propósitos educacionais, e eles são os responsáveis pela conta, então não posso argumentar. Além disso, foi apenas pela intervenção de vovó, juntamente com a minha ameaça de ir morar com Dee durante o verão, que mamãe concordou em me deixar morar em casa. A fúria dela chegou a esse ponto. Ela está brava assim mesmo sem saber da história inteira. Eu contei a eles que fui a Paris. Não disse por quê. Ou com quem. Ou por que precisava voltar, exceto que deixei algo importante lá; eles acham que é minha mala.

Não tenho certeza do que a deixa mais furiosa: a mentira do verão passado ou o fato de eu não lhe contar tudo sobre ele. Ela se recusou a falar comigo depois do Seder e quatro semanas se passaram quase sem nenhuma palavra. Agora que estou de volta em casa para o início do verão, ela basicamente me evita. O que é

tanto um alívio quanto um pouco assustador, pois ela nunca fez isso antes.

Dee diz que 2.600 dólares é muito para juntar em dois meses, mas não impossível. Ele sugere descartar as aulas de francês. Mas sinto que preciso fazer isso. Sempre quis aprender francês. E não voltarei a Paris, não para encarar Céline, sem saber falar.

Pois é, 2.600 paus. Factível. Se eu arrumar um emprego. Mas a questão é que eu nunca tive um emprego antes. Nem algo remotamente parecido com um emprego, além de cuidar de crianças e ajudar no consultório de papai, o que mal preenche o novo currículo elegante que acabei de imprimir num lindo papel-cartão. Talvez isso explique por que, depois de deixá-lo em todos os estabelecimentos da cidade que tinham vagas, não recebo nenhuma resposta.

Resolvo vender minha coleção de despertadores. Levo-os a um negociante de antiguidades na Filadélfia. Ele me oferece 500 paus. Eu, com certeza, gastei o dobro disso nos relógios ao longo dos anos, mas ele apenas me olha e diz que talvez eu consiga algo melhor no eBay. Mas isso levaria meses, e eu só quero me livrar deles. Assim, entrego os relógios, exceto o de Betty Boop, que mando para Dee.

Quando mamãe descobre o que eu fiz, balança a cabeça com um desgosto tão profundo, como se eu tivesse vendido o próprio corpo, e não os relógios. A desaprovação se intensifica. Reverbera pela casa como uma nuvem de radiação. Não há lugar seguro para se esconder.

Tenho que conseguir um emprego. Não só para ganhar o dinheiro, mas para sair desta casa. Recorrer a Melanie não é uma opção. Número um, não estamos nos falando, e número dois, ela está num programa de música no Maine durante a primeira metade do verão, de acordo com meu pai.

— Você precisa continuar tentando — aconselha Dee quando eu ligo para ele de nossa linha fixa, atrás de dicas para trabalho. Como

parte de minha punição, minha linha de celular foi desligada, e a senha de internet da família está protegida, de modo que tenho que pedir a eles para me conectar à internet ou ir à biblioteca. — Deixe seu currículo em todos os estabelecimentos da cidade, não apenas nos que estão contratando, pois geralmente os lugares que estão desesperados o bastante para contratar alguém como você não têm tempo de fazer propaganda.

— Muito obrigada.

— Quer um emprego? Engula seu orgulho. E entregue seu currículo em todo lugar.

— Até no lava-rápido? — brinco.

— É. Até no lava-rápido. — Dee não está brincando. — E peça para falar com o gerente do lava-rápido e o trate como o rei dos lava-rápidos.

Imagino-me esfregando calotas. Mas então penso em Dee, trabalhando numa fábrica de travesseiros neste verão ou lavando louças no refeitório. Ele faz o que tem que fazer. Então, no dia seguinte, imprimo outros cinquenta currículos e vou de porta em porta, da livraria ao ateliê de costura e ao supermercado, do escritório de contabilidade à loja de bebidas e, sim, ao lava-rápido. Eu não apenas deixo o meu currículo. Peço para falar com os gerentes. Às vezes os gerentes aparecem. Perguntam sobre minha experiência. Perguntam por quanto tempo quero ficar empregada. Eu ouço minhas próprias respostas: não tenho experiência de verdade. Dois meses. E entendo por que ninguém me contrata.

Estou quase sem currículos quando passo em frente ao Café Finlay. É um pequeno restaurante na ponta da cidade, com decoração anos cinquenta, chão xadrez em preto e branco e mesas de fórmica descombinadas. Toda vez que passo em frente, ele parece estar fechado.

Mas hoje a música lá dentro está tão alta que as janelas estão vibrando. Empurro a porta, e ela se abre um pouco. Grito um olá. Ninguém responde. As cadeiras estão todas empilhadas sobre as

mesas. Há uma pilha de toalhas lavadas num dos bancos. O cardápio de ontem está rabiscado numa lousa na parede. Coisas do tipo halibute com tequila de laranja e jalapeño com beurre blanc e kiwi. Mamãe diz que a comida é “eclética”, o código dela para esquisita, e é por isso que nunca comemos aqui. Não conheço ninguém que coma aqui.

— Trouxe o pão?

Eu me viro. Há uma mulher, tão alta e larga quanto uma amazona, com o cabelo ruivo desgrenhado escapando por debaixo de um lenço azul.

— Não — respondo.

— Filha da puta! — Ela balança a cabeça. — O que você quer? — Eu entrego um currículo. Ela gesticula no ar para ele. — Já trabalhou numa cozinha?

Eu nego com a cabeça.

— Sinto muito. Não — diz ela.

Ela olha para o relógio de Marilyn Monroe na parede.

— Vou matar você, Jonas! — Ela ergue o pulso em direção à porta.

Viro-me para ir embora, mas então paro.

— Qual é o pedido de pão? — pergunto. — Posso ir buscá-lo para você.

Ela dá outra olhada no relógio e suspira dramaticamente.

— No Grimaldi’s. Preciso de dezoito baguetes francesas, seis pães de fôrma do tipo Harvest, integral. E alguns brioques dormidos por um dia. Pegou tudo?

— Acho que sim.

— *Acho* que sim não vai passar manteiga no pão, querida.

— Dezoito baguetes. Seis pães de fôrma do tipo Harvest e alguns brioques dormidos.

— Garanta que sejam brioques envelhecidos. Não dá para fazer pudim com pão fresco. E pergunte pelo Jonas. Diga a ele que é para Babs e que pode me dar o brioche de graça e tirar vinte por cento do restante porque o garoto de entrega dele não apareceu de novo. Além disso, faça questão de que eu não receba nenhum com fermento. Odeio essa porcaria.

Ela pega um punhado de notas de uma caixa registradora vintage. Pego o dinheiro dela e caminho apressada até a padaria, o mais rápido que consigo, chamo Jonas, grito o pedido e volto correndo com ele. Carregar vinte pães é mais difícil do que parece.

Respiro ofegante enquanto Babs avalia o pedido de pão.

— Sabe lavar louça?

Concordo com a cabeça. Isso eu sei fazer.

Ela balança a cabeça, resignada.

— Vá para o fundo e peça ao Nathaniel para apresentá-la a Hobart.

— Hobart?

— É. Vocês duas vão ficar íntimas.

Hobart acaba sendo o nome de uma lava-louças industrial, e, assim que o restaurante abre, passo horas com ela, passando água na louça com uma mangueira gigante, colocando-as dentro de Hobart, retirando-a enquanto ainda está escaldante e repetindo o negócio todo. Por algum milagre, consigo manter o controle do fluxo interminável de louça e não derrubar nada nem queimar muito meus dedos. Quando as coisas estão mais calmas, Babs me pede para cortar pão ou bater creme à mão (ela insiste que o sabor fica melhor desse jeito) ou varrer o chão ou encontrar os filés numa das geladeiras nas quais é possível entrar. Passo a noite num fluxo de adrenalina, achando que estou prestes a estragar tudo.

Nathaniel, o cozinheiro iniciante, me ajuda o máximo que pode, dizendo onde as coisas estão, ajudando a esfregar as frigideiras quando fico muito ocupada.

— Espere até o fim de semana — avisa ele.

— Achei que ninguém comesse aqui. — Levo a mão à boca instintivamente ao me lembrar de que Babs ficaria furiosa ao ouvir aquilo.

Mas Nathaniel apenas ri.

— Está brincando. Babs é adorada pelos gourmets da Filadélfia. Eles se dão ao trabalho de vir aqui só por causa dela. Ela ganharia muito mais dinheiro se mudasse para Fili, mas diz que seu cachorro odiaria a cidade. Por cachorros eu acho que ela quer dizer *nós*.

Quando o último cliente vai embora, os funcionários da cozinha e os garçons parecem todos soltar o fôlego juntos. Alguém coloca um velho Rolling Stones. Várias mesas são juntadas e todos se sentam. Já passa muito da meia-noite e eu tenho um longo caminho até em casa. Começo a juntar minhas coisas, mas Nathaniel faz um sinal para que eu me junte a eles. Sento-me à mesa, me sentindo tímida mesmo depois de ter suado a camisa com esse pessoal a noite toda.

— Quer uma cerveja? — pergunta ele. — Temos que pagar, mas é preço de custo.

— Ou pode beber o vinho refugado que os distribuidores trazem — informa uma garçonete chamada Gillian.

— Vou querer vinho.

— Parece que alguém morreu em cima de você — diz um dos garçons. — Olho para baixo. A saia elegante e a camiseta, minha roupa boa de procurar emprego, estão cobertas de molhos que lembram vagamente fluidos corporais.

— Eu é que me sinto como se tivesse morrido — digo. Não me lembro de algum dia ter ficado tão cansada. Meus músculos doem.

Minhas mãos estão vermelhas da água quase escaldante. E meus pés? Nem me faça falar.

Gillian ri.

— Falou como uma verdadeira escrava da cozinha.

Babs aparece com grandes travessas de macarrão e alguns pedaços da sobra de peixe e bife. Meu estômago solta um grunhido. As travessas são passadas por todos. Não sei se o jeito de ela cozinhar é “ecclético”, mas a comida é fantástica, o molho de tequila jalapeño tem um leve sabor de laranja e é mais defumado que apimentado. Limpo meu prato, e então raspo o que sobrou do molho com um pedaço do pão sem fermento de Jonas.

— Então? — pergunta Babs quando termino.

Todos os olhos se viram para mim.

— É a segunda melhor refeição que já comi em toda a minha vida — digo. E é verdade.

Todo mundo faz uma expressão de surpresa, como se eu tivesse acabado de insultar Babs. Mas ela apenas dá um sorrisinho.

— Aposto que a primeira foi com um amante — diz ela, e eu fico tão vermelha quanto o cabelo dela.

Babs me instrui a voltar no dia seguinte às cinco horas, e a rotina começa novamente. Trabalho mais duro do que jamais trabalhei na vida, como uma refeição maravilhosa e me jogo na cama. Não faço ideia se estou substituindo alguém ou apenas sendo testada. Babs grita comigo constantemente, por usar sabão em sua frigideira de ferro ou por não tirar as marcas de batom das xícaras de café antes de elas irem para a Hobart, ou por fazer o chantilly muito duro, ou por não adicionar a quantidade certa de extrato de baunilha. Mas, na quarta noite, já estou aprendendo a não levar tanto para o lado pessoal.

Na quinta, antes do rush do jantar, Babs me chama no fundo, perto da geladeira onde se pode entrar. Ela está tomando vodca no

gargalo, o que costuma fazer antes de o rush começar. O batom dela deixa manchas. Por um segundo, acho que é isso, que ela vai me mandar embora. Mas, em vez disso, ela me passa uma pilha de documentos.

— Formulários de imposto — explica. — Pago um salário mínimo, mas você terá as gorjetas. O que me faz lembrar que tem se esquecido de pegar as suas. — Ela enfia a mão embaixo do balcão e tira um envelope com meu nome.

Abro o envelope. Há um rolo de dinheiro lá dentro. Facilmente uns cem dólares.

— Isto é *meu*?

Ela balança a cabeça.

— Nós dividimos as gorjetas. Todo mundo recebe um pouco.

Passo os dedos pelo dinheiro. As notas se enroscam em minhas unhas ásperas. Minhas mãos estão para lá de estragadas, mas não me importo, pois estão estragadas por causa do meu trabalho. Que me rendeu esse dinheiro. Sinto algo vir à tona dentro de mim que não tem nada a ver com passagens aéreas ou viagens a Paris ou dinheiro, sinceramente.

— Elas aumentam no outono — diz Babs. — O verão é nossa baixa estação.

Hesito.

— Isto é fantástico. Mas eu não estarei aqui no outono.

Ela franze as sobrancelhas vermelhas.

— Mas eu acabei de colocar você para dentro.

Eu me sinto mal, culpada, mas estava bem ali no meu currículo, na primeira linha — Objetivo: conseguir emprego temporário. Claro que Babs nunca leu meu currículo.

— Eu estou na faculdade — explico.

— Trabalharemos de acordo com a sua agenda. Gillian também é estudante. E Nathaniel vai e vem.

— Em Boston.

— Ah! — Ela faz uma pausa. — Ah, tudo bem. Acho que Gordon estará de volta depois do Dia do Trabalho.

— Tenho planos de ir embora no fim de julho. Mas só se conseguir guardar dois mil dólares até lá. — E, ao dizer isso, faço as contas. Mais de cem paus por semana em gorjetas, mais o salário, acho que, na verdade, vou dar conta do recado.

— Guardando para comprar um carro? — pergunta ela, distraída. Toma outro gole de vodca. — Pode comprar o meu. Aquela besta ainda me trará a morte. — Babs tem um antigo Thunderbird.

— Não. Estou guardando para ir a Paris.

Ela abaixa a garrafa.

— Paris?

Concordo com a cabeça.

— O que tem em Paris?

Olho para ela. Penso nele pela primeira vez em algum tempo. Na loucura da cozinha, ele se torna um pouco abstrato.

— Respostas.

Ela balança a cabeça com tanta veemência que seus cachos vermelhos se soltam do lenço.

— Você não pode ir a Paris em busca de respostas. Tem que ir a Paris em busca de perguntas, ou, no mínimo, de *macarons*.

— *Macaroons*? Aquelas coisas de coco? — Penso nos biscoitos nojentos que comemos no lugar deles durante o Pessach.

— Não *macaroons*. *Macarons*. São biscoitos de merengue em tons pastel. São beijos de anjos comestíveis. — Ela olha para mim. — Precisa de dois mil dólares até quando?

— Agosto.

Ela semicerra os olhos para mim. Estão sempre meio avermelhados, apesar de, estranhamente, mais avermelhados no início do trabalho do que no final, quando têm um brilho meio maníaco.

— Faço um trato com você. Se não se importar em fazer jornada dupla para o brunch do fim de semana, garanto que terá seus dois mil até o dia 25 de julho, que é quando eu fecho o restaurante por duas semanas para as *minhas* férias de verão. Sob uma condição.

— Que é?

— Todo dia em Paris você tem que comer um *macaron*. Eles têm que ser frescos, então você não pode comprar um pacote e comer um por dia. — Ela para e fecha os olhos. — Comi meu primeiro *macaron* em Paris, na minha lua de mel. Agora estou divorciada, mas alguns amores duram para sempre. Especialmente se acontecem em Paris.

Um friozinho sobe até meu pescoço.

— Acredita mesmo nisso? — pergunto a ela.

Ela toma outro gole de vodca, seus olhos brilhando de certeza.

— Ah, esse é o tipo de resposta que você está buscando. Bem, não posso ajudá-la com isso, mas, se entrar rapidinho na geladeira e encontrar a manteiga e o creme, posso dar a resposta à famosa pergunta de como fazer o *crème fraîche* perfeito.

27 

junho

Em casa

O curso de **Introdução ao Francês** acontece três dias por semana, durante seis semanas, das onze e meia à uma, me dando mais uma razão para sair da Casa da Desaprovação. Apesar de estar no Café Finlay cinco noites por semana nesses dias, e o dia todo durante os fins de semana, de segunda a sexta eu entro às cinco. E o restaurante está fechado às segundas e terças, assim tenho muito tempo sem fazer nada para mamãe e eu nos evitarmos.

No primeiro dia de aula, chego meia hora mais cedo e pego um chá gelado do pequeno quiosque, encontro a sala de aula e começo a folhear meu livro. Há muitas fotos da França, muitas de Paris.

Os outros alunos começam a chegar. Eu esperava universitários, mas todo mundo, exceto eu, é da idade dos meus pais. Uma mulher loura com mechas brancas se joga na cadeira perto da minha, apresenta-se como Carol e me oferece um chiclete. Aceito o aperto de mão com alegria, mas recuso o chiclete: não me parece muito francês mascar chiclete na aula.

Uma mulher miúda como um passarinho, com cabelo grisalho curto, entra na sala. Ela parece ter saído de uma revista, com sua saia lápis e uma blusinha de seda, ambas perfeitamente passadas, o que parece impossível, considerando os noventa por cento de umidade do lado de fora. Além disso, ela está usando um lenço, também estranho, considerando os noventa por cento de umidade.

Ela é claramente francesa. Se o lenço por si só não a entregasse, há o fato de ela marchar até a frente da sala e começar a falar. Em

francês.

— Estamos na sala errada? — sussurra Carol. — Então a professora vai até o quadro e escreve seu nome, madame Lambert, e o nome da aula, introdução ao francês. Ela também escreve em francês. — Ah, infelizmente, não — diz Carol.

Madame Lambert se vira para nós e nos diz em inglês, com o sotaque mais pesado que se possa imaginar, que isso é francês inicial, mas que a melhor maneira de aprender francês é falando e ouvindo. E esse é todo o inglês que ouço durante a próxima hora e meia.

— *Je m'appelle Thérèse Lambert* — diz ela, fazendo soar como: Te-rrez. Lomb-ehr. — *Comment vous appelez-vous?*

A classe olha fixamente para ela. Ela repete a pergunta, gesticulando para si mesma, depois aponta para nós. Ainda assim, sem resposta. Ela vira os olhos e faz um barulhinho com os dentes. Aponta para mim. Clica os dentes de novo, gesticula para que eu me levante.

— *Je m'appelle Thérèse Lambert* — repete, enunciando lentamente e dando um tapinha no peito. — *Comment t'appelles tu?*

Fico em pé ali, paralisada por um segundo, sentindo como se Céline estivesse tagarelado comigo com desdém. Madame Lambert repete a pergunta. Eu acho que ela está perguntando meu nome. Mas eu não falo francês. Se falasse, não estaria aqui. Em introdução ao francês.

Mas agora ela está esperando. Não me deixará sentar.

— *Je m'appelle Allyson?* — tento.

Ela resplandece, como se eu tivesse acabado de explicar a origem da Revolução Francesa em francês.

— *Bravo! Enchantée, Allyson.*

E dá a volta na sala de aula, perguntando o nome de todo mundo do mesmo jeito.

Aquilo foi o primeiro round. Então vem o segundo:

— *Porquoi voulez-vous apprendre le français?*

Ela repete a pergunta, escrevendo-a no quadro, circulando certas palavras e escrevendo as traduções em inglês. *Porquoi*: por que. *Apprendre*: aprender. *Voulez-vous*: você quer. Ah, agora entendo. Está perguntando por que queremos aprender francês.

Não faço ideia de como começar a responder. É por isso que estou aqui.

Mas, então, ela continua.

— *Je veux apprendre le français parce que...* — Ela circula *Je veux*: eu quero. *Parce que*: porque. Ela repete três vezes. Então aponta para nós.

— Consigo fazer esta. Sei essa palavra de um filme — sussurra Carol. Ergue a mão. — *Je veux apprendre le français parce que* — ela tropeça nas palavras e seu sotaque é horrível, mas madame apenas a observa ansiosamente. — *Parce que le divorce!*

— *Excellent* — diz madame Lambert, só que diz do jeito francês, o que deixa o som ainda melhor. *Le divorce*, ela escreve no quadro. — *Divorce. La même* — diz ela. *O mesmo*, escreve. Então escreve *le mariage* e explica que é o antônimo.

Carol se inclina para a frente.

— Quando me divorciei do meu marido, eu disse a mim mesma que me deixaria engordar e que aprenderia francês. Se me sair tão bem no francês quanto estou me saindo na engorda, serei fluente em setembro!

Madame Lambert dá a volta na sala de aula, e as pessoas tropeçam para explicar por que querem aprender francês. Duas pessoas vão passar férias na França. Uma vai estudar história e precisa ter alguma noção de francês. Uma acha que é uma língua

bonita. Em cada caso, madame escreve a palavra, a tradução e seu antônimo. Férias: *vacances*. trabalho: *travail*.

Fui a primeira da última vez e agora sou a última. Neste momento estou um pouco assustada, tentando pensar no que vou dizer. Como se diz *acazos* em francês? Ou porque acho que posso ter cometido um erro. Ou *Romeu e Julieta*. Ou para encontrar uma coisa perdida. Ou porque não quero competir, apenas quero falar francês. Mas não sei dizer aquilo em francês. Se soubesse, não estaria ali.

Então me lembro de Willem. Da Nutella. Apaixonar-se versus ficar apaixonado. Como ele disse? *Mancha* em francês? *Sash? Tache?*

— Allyson — diz ela. — *Pourquoi veux-tu apprendre le français?*

— *Je veux apprendre le français* — começo, repetindo o que acabei de ouvir todos dizerem. Essa parte eu consigo. — *Parce que...* — Paro para pensar. — *Le tache* — digo finalmente.

É uma coisa tão estranha de dizer, se isso é o que eu realmente disse. Uma mancha. Não faz o menor sentido. Mas madame Lambert balança a cabeça firmemente e escreve *la tache* no quadro. Então escreve *objectif*. Eu me pergunto se me lembrei da palavra errada. Ela me olha, e eu fico confusa. E então escreve outra palavra no quadro: *la tache*: mancha.

Assinto. Sim, é isso. Ela não escreve o oposto. Não há oposto de mancha.

Quando todos acabam, madame sorri e bate palmas.

— *C'est courageux d'aller dans l'inconnu* — ela diz e escreve no quadro. Ela nos faz escrever e desconstruir a frase usando um dicionário. *Courageux* nós sabemos que é corajoso. *Dans* é dentro. *L'inconnu* é desconhecido. Levamos vinte minutos, mas finalmente descobrimos: "É corajoso entrar em território desconhecido". Quando descobrimos isso, a classe está tão orgulhosa quanto madame.

Mesmo assim, passo a primeira semana de aula vivendo em estado de pavor de ser chamada, pois todos são muito chamados; somos somente seis, e madame é uma grande fã da participação em classe. Toda vez que ficamos envergonhados, ela nos lembra que *C'est courageux d'aller dans l'inconnu*. Algum tempo depois, eu simplesmente me supero. Cometo erros crassos toda vez que falo, e sei que estou assassinando a gramática, e minha pronúncia é terrível, mas estamos todos no mesmo barco. Quanto mais eu faço, menos insegura fico e cada vez fica mais fácil simplesmente tentar.

— Eu me sinto como uma maldita idiota, mas acho que isso pode estar funcionando — diz Carol uma tarde depois da aula.

Ela, eu e alguns poucos alunos começamos a nos reunir para tomar café ou almoçar depois da aula para praticarmos, para nos recuperarmos do bombardeio verbal de madame Lambert, e para tentarmos descobrir o que ela realmente quer dizer quando faz “pff” e solta ar pelos lábios. Há toda uma linguagem nos “pffs” dela.

— Acho que tive um sonho em francês — conta Carol. — Eu estava falando coisas terríveis ao meu ex. — Ela dá um sorriso forçado ao se lembrar disso.

— Não sei se estou tão avançada assim, mas estou definitivamente pegando o jeito — comento. — Ou talvez esteja pegando o jeito de me sentir uma idiota.

— *Un idiot* — diz Carol em francês. — Metade do tempo, acrescento um sotaque francês que funciona. Mas superar o fato de se sentir *un idiot* pode ser metade da batalha.

Imagino-me sozinha em Paris. Haverá tantas batalhas que terei que enfrentar, viajando sozinha, encarando Céline, falando francês... É tudo tão assustador que alguns dias eu não consigo acreditar que esteja tentando fazê-lo. Mas acho que Carol talvez esteja certa com relação a isso, e, quanto mais eu cometo erros e, de alguma maneira, passo por cima deles, mais bem preparada eu me sinto para a viagem. Não só com o francês. Com tudo. *C'est courageux d'aller dans l'inconnu*.



No restaurante, Babs solta para toda a equipe que eu estou economizando para ir a Paris encontrar meu amante, e que estou aprendendo francês porque ele não fala inglês, então agora Gillian e Nathaniel assumiram a responsabilidade de serem meus tutores. Babs está fazendo a parte dela acrescentando vários itens em francês ao cardápio de pratos especiais, inclusive *macarons*, os quais, aparentemente, demoram horas para ser feitos, mas, quando eu os como — meu Deus, consigo entender o motivo de tanta comoção. Rosa pálido, duro do lado de fora, mas esponjoso, leve e delicado do lado de dentro, deliciosamente recheado com framboesa.

Entre uma aula e outra, matando o tempo com meus amigos estudantes e no trabalho, passo um bom tempo se não falando francês, ao menos pensando nele. Quando Gillian traz os pratos para a cozinha, me faz praticar os verbos.

— Comer — grita ela.

— *Je mange, tu manges, il mange, nous mangeons, vous mangez, ils mangent* — respondo. Nathaniel, que na verdade não fala francês, mas tinha uma namorada francesa, me ensina a xingar. Mais especificamente, a brigar com a namorada.

T'es toujours aussi salope? Você é sempre essa megera?

T'as tes règles ou quoi? Você está doido ou o quê?

E ferme ta gueule! O que ele diz significar: Cale a boca!

— Eles não podem dizer “feche essa matraca” na França — digo.

— Bem, talvez não seja a tradução literal, mas chega bem perto — responde ele.

— Mas isso é tão grosseiro. Os franceses têm bom gosto.

— Cara, aquele povo adorava o Jerry Lewis. Eles são humanos, assim como eu e você. — Ele faz uma pausa, depois dá um sorrisinho malicioso. — Exceto pelas mulheres. Elas são de outro planeta.

Penso em Céline e tenho uma sensação ruim no estômago.

Outro dos garçons me empresta os CDs da Rosetta Stone e eu começo a praticar com eles também. Dentro de algumas semanas, começo a notar que meu francês está melhorando, que, quando madame Lambert me chama na aula para descrever o que comi no almoço, consigo dar conta do recado. Começo a falar em frases, depois em sentenças, sentenças que não preciso decifrar antecipadamente, como faço com o mandarim. De alguma maneira, está acontecendo. Estou conseguindo.



Uma manhã, quase no fim do mês, eu desço as escadas e encontro mamãe à mesa da cozinha. Na frente dela está o catálogo da faculdade comunitária e o talão de cheques. Digo bom-dia e vou até a geladeira pegar um pouco de suco de laranja. Mamãe apenas me observa. Estou a ponto de levar meu suco para o pátio de trás, que é basicamente o que temos feito quando papai não está em casa funcionando como mediador — se ela está num cômodo, eu vou para outro. Mas ela me pede para sentar.

— Seu pai e eu resolvemos lhe reembolsar as aulas de francês — diz ela, destacando a folha de cheque. — Isso não quer dizer que estamos recompensando qualquer parte dessa viagem. Ou que recompensamos sua duplicidade. Nós absolutamente não estamos fazendo isso. Mas as aulas de francês fazem parte de sua educação, e obviamente você está levando a sério, então não deveria ter que pagar por elas.

Ela me passa o cheque. É de 400 dólares. Muito dinheiro. Mas eu já consegui guardar perto de mil dólares, mesmo com o dinheiro que paguei pelas aulas, e acabei de dar entrada numa passagem para Paris, e Babs vai me adiantar o salário da semana, assim posso comprá-la na semana que vem. E ainda tenho um mês inteiro para economizar. Os 400 dólares me tirariam da força. Mas o fato é que talvez eu não precise ser tirada da força.

— Não tem problema — digo a mamãe, devolvendo o cheque. — Mesmo assim, obrigada.

— O que, você não quer?

— Não é isso. Eu não preciso.

— É claro que precisa — retruca ela. — Paris custa caro.

— Eu sei, mas venho economizando muito dinheiro do trabalho e não estou gastando quase nada neste verão. Não tenho nem mesmo que pagar a gasolina. — Tento fazer uma piada.

— Isso é outra coisa. Se continuar trabalhando até altas horas, é melhor pegar o carro à noite.

— Não tem problema. Não quero deixá-la presa.

— Bom, você pode me ligar pedindo carona.

— É muito tarde. E eu geralmente pego carona com alguém.

Ela pega o cheque de volta e, com uma violência que me surpreende, pica-o em pedacinhos.

— Bem, não posso fazer mais nada por você, não é?

— O que quer dizer com isso?

— Você não quer nem meu dinheiro, nem meu carro, nem minha carona. Tentei ajudá-la a conseguir um emprego, e você não precisa mais de mim para isso.

— Tenho dezenove anos — digo.

— Sei quantos anos você tem, Allyson. Eu pari você! — A voz dela estala como um chicote, e o estalo parece assustar até ela própria.

Às vezes, só se pode sentir algo quando se perde. Pelo espaço vazio deixado para trás. Ao olhar para mamãe, toda irritada e ofendida, finalmente compreendo que ela não está apenas zangada. Está magoada. Uma onda de compaixão toma conta de mim, dissipando um pouquinho a minha fúria. Assim que ela passa, me dou conta de quanto a tenho em mim. Do quanto estou furiosa

com ela. Do quanto estive furiosa durante o último ano. Talvez muito mais tempo.

— Sei que você me pariu — digo.

— Passei dezenove anos criando você, e agora estou sendo deixada de fora da sua vida. Não posso saber de nada sobre você. Não sei quais as matérias que tem. Não sei mais quem são seus amigos. Não sei por que está indo para Paris. — Ela deixa escapar algo entre um tremor e um suspiro.

— Mas eu sei — digo a ela. — E, por ora, será que isso não basta?

— Não, não basta — retruca.

— Bem, terá que bastar — respondo de volta.

— Quer dizer que você dita as regras agora, é isso?

— Não há nenhuma regra. Não estou ditando nada. Só estou dizendo que você precisa confiar na criação que me deu.

— *Dei*. Passado. Gostaria que você parasse de falar como se já estivesse me dispensando do meu trabalho.

Fico chocada com isso, não por ela pensar em mim como um trabalho, mas por considerar que estou na posição de dispensá-la.

— Achei que você fosse voltar para algum tipo de trabalho de RP.

— Eu ia, não é? — Ela gargalha. — Eu disse que faria isso quando você começasse a escola primária. Quando começasse a escola secundária. Quando tirasse a carteira de motorista. — Ela esfrega os olhos com a parte de baixo das mãos. — Você não acha que, se eu quisesse fazer isso, a esta altura já teria feito?

— Então por que não voltou?

— Não era o que eu queria.

— E o que você quer?

— Que as coisas sejam como eram antes.

Por alguma razão, aquilo me deixa furiosa. Porque aquilo é tanto uma verdade — que ela me queira fossilizada — quanto uma mentira.

— Mesmo quando as coisas “eram como eram”, nunca era suficiente. Eu nunca fui suficiente.

Mamãe olha para cima, os olhos cansados e surpresos ao mesmo tempo.

— Claro que era — diz. — Era, sim.

— Sabe o que me incomoda? Você e papai sempre disseram que desistiram enquanto estavam ganhando. Não existe essa coisa de *desistir enquanto se está ganhando*. Desiste-se quando se está perdendo. É por *isso* que se desiste!

Mamãe franze o cenho, exasperada; é a expressão de “ter que lidar com uma adolescente”, que eu já me acostumei a ver durante o último ano, meu último ano como adolescente. Por incrível que pareça, não era algo que ela precisasse fazer comigo com muita frequência antes. O que, eu agora percebo, talvez fosse parte do problema.

— Você queria mais filhos — continuo. — E teve que se contentar só comigo. E passou minha vida inteira tentando me fazer ser o bastante.

Isso chama a atenção dela.

— Do que você está falando? Você é o bastante!

— Não, não sou. Como posso ser? Sou o único tiro, a herdeira e a gastadeira, então você tem que ter a maldita certeza de que seu único investimento valha a pena, porque não existe *backup*.

— Isso é ridículo. Você não é um investimento.

— Você me trata como se eu fosse. Você descarregou todas as suas expectativas em cima de mim. É como se eu tivesse que carregar a carga de esperanças e sonhos por todos os filhos que você não conseguiu ter.

Ela balança a cabeça.

— Você não sabe do que está falando — diz ela em voz baixa.

— É mesmo? Escola de medicina com treze anos. Ah, por favor! Quem aos treze anos de idade quer ir para a escola de medicina?

Por um momento, mamãe parece ter levado um soco no estômago. Então coloca a mão sobre a barriga, como se cobrisse o lugar do impacto.

— Esta adolescente de treze anos.

— O quê? — Agora eu estou absolutamente confusa. Mas então lembro que, na escola secundária, papai sempre me mandava falar com mamãe quando precisava de ajuda com química ou biologia, ainda que ele fosse o médico. E consigo ouvir mamãe recitando de memória os pré-requisitos da escola de medicina quando o catálogo da faculdade chegou. E penso no trabalho que ela teve uma vez, fazendo relações públicas, mas para uma empresa de remédios. Então me lembro do que vovó disse no Seder desastroso: *Esse sempre foi o seu sonho.*

— Você? — pergunto. — *Você* queria ser médica?

Ela concorda.

— Eu estava estudando para o MCAT quando conheci seu pai. Ele estava começando o primeiro ano na escola de medicina e, de algum modo, encontrava tempo livre para ser tutor. Tentei entrar em dez escolas, e não entrei em nenhuma. Seu pai disse que foi porque eu não tinha experiência com laboratório. Então fui trabalhar na Glaxo, e pensei em tentar novamente, mas depois seu pai e eu nos casamos, e acabei mudando. Alguns anos se passaram e resolvemos começar uma família, e eu não queria que seu pai e eu estivéssemos ambos no meio da faculdade e fazendo residência com um bebezinho, e então tivemos os problemas de fertilidade. Quando desistimos de ter outro filho, parei de trabalhar, pois conseguíamos viver com o salário do seu pai. Pensei em me

inscrever na faculdade novamente, mas então descobri que gostava de passar o tempo com você. Não queria ficar longe.

Minha cabeça está girando.

— Você sempre disse que você e papai tiveram um encontro às cegas.

— E tivemos. Foi arranjado pelo centro tutorial do campus. Eu nunca quis lhe contar tudo porque não queria que se sentisse como se eu tivesse desistido por sua causa.

— Você não queria que eu soubesse que você desistiu quando estava perdendo — esclareço. Pois não foi exatamente isso o que ela fez?

Mamãe estica o braço para agarrar meus pulsos.

— Não, Allyson! Você está enganada sobre desistir enquanto se está ganhando. Isso significa ser agradecida. Parar quando se percebe que o que tem já é o suficiente.

Não acredito totalmente nela.

— Se isso é verdade, talvez você devesse desistir enquanto está ganhando agora, antes que as coisas entre nós fiquem ruins de verdade.

— Está me pedindo para desistir de ser sua mãe?

A princípio, acho que a pergunta é retórica, mas então a vejo olhando para mim, os olhos arregalados e amedrontados, e um pedacinho de meu coração se parte ao pensar que ela pudesse, de fato, achar isso.

— Não — digo baixinho. Há um momento de silêncio enquanto me fortaleço para dizer a próxima coisa. Mamãe enrijece, como se talvez estivesse se fortalecendo também. — Mas estou lhe pedindo para ser um tipo diferente de mãe.

Ela se joga de volta na cadeira, não consigo dizer se aliviada ou arrasada.

— E o que eu ganho com isso?

Por um breve segundo consigo nos imaginar um dia, tomando chá, eu contando a ela tudo o que aconteceu em Paris no último verão, o que acontecerá nesta viagem na qual estou prestes a embarcar. Um dia. Ainda, não.

— Um tipo diferente de filha — respondo.

28 

julho

Em casa

Comprei minha passagem aérea. Paguei as aulas de francês e, mesmo com esses dois gastos, ainda tenho 500 dólares guardados depois de um fim de semana de 4 de Julho surpreendentemente movimentado e lucrativo. O Café Finlay fecha no dia 25 de julho e, a menos que as coisas sejam desastrosas nas próximas três semanas, devo ter dinheiro suficiente até lá.

Logo depois do 4 de Julho, Melanie vem para casa. Meus pais me disseram que ela estaria de volta do acampamento por uma semana antes de seguir viagem para fazer canoagem no Colorado. Quando ela voltar dessa, eu já terei ido embora. E, quando eu voltar da Europa, já estará na hora de as aulas recomeçarem. Eu me pergunto se o verão inteiro passará, assim como se passaram os últimos seis meses, como se nossa amizade nunca tivesse existido. Quando vejo o carro de Melanie na entrada da garagem dela, não digo nada. Mamãe também não, e é assim que eu sei que ela e Susan já conversaram sobre nosso distanciamento.

As aulas de francês caminham para o final. Durante a última semana, cada um de nós tem que fazer uma apresentação oral sobre algo particularmente francês. Faço a minha sobre *macarons*, explicando sua origem e como são feitos. Eu uso um dos aventais de chef da Babs e uma boina, e, quando acabo, distribuo *macarons* que Babs fez especialmente para a classe, junto com cartões-postais do Café Finlay.

Estou voltando da aula para casa no carro de minha mãe, que peguei emprestado para carregar toda as coisas da apresentação, quando vejo Melanie na entrada da garagem. Ela me vê também, e nós nos olhamos por um momento. É como se ambas perguntássemos: “Será que vamos fingir uma para a outra que não existimos? Que *nós* não existimos?”.

Mas nós existimos. Pelo menos existimos um dia. Aceno para ela. Então caminho em direção ao território neutro da calçada. Melanie também. Ao chegar mais perto, os olhos dela se arregalam. Olho para minha fantasia boba.

— Aula de francês — explico. — Aqui, quer um *macaron*? — Tiro um dos extras que estava trazendo para casa, para mamãe e papai.

— Ah, obrigada — Ela dá uma mordida e abre bem os olhos. Quero dizer “eu sei”. Mas, diante de todos os meses que se passaram, não digo. Porque talvez eu não saiba. Não mais.

— Aulas de francês? — pergunta. — Nós duas fizemos essa coisa de curso de verão este ano, hein?

— É mesmo, você estava em Portland. Num programa de música?

Os olhos dela se iluminam.

— Sim. Foi intenso. Não só tocando, mas compondo e aprendendo as diferentes facetas da indústria. Tivemos alguns profissionais trabalhando conosco. Eu compus uma peça experimental que vou produzir na escola no ano que vem. — Todo o rosto dela se ilumina. — Acho que vou me formar em teoria da música. E você?

Balanço a cabeça.

— Não tenho certeza. Acho que gosto de idiomas. — Além do mandarim, neste semestre vou fazer francês, junto com outra aula de Shakespeare com o professor Glenn. Introdução à semiótica. E dança africana.

Ela ergue os olhos, hesita por um segundo.

— E então, sem Rehoboth Beach este verão?

Nós vamos para a mesma casa de veraneio desde que eu tinha cinco anos de idade. Mas não este ano.

— Papai foi convidado para uma conferência no Havaí e convenceu mamãe a ir com ele. Para mim será um favor.

— Porque você vai para Paris.

— É. Vou para Paris.

Há uma pausa. Ao fundo, posso ouvir as crianças do vizinho se refrescando nos irrigadores de jardim. Como Melanie e eu fazíamos.

— Para procurá-lo.

— Tenho que saber. Se alguma coisa aconteceu. Simplesmente tenho que descobrir.

Preparo-me para o desprezo de Melanie, para ela rir de mim. No entanto, ela apenas pondera sobre o que acabei de dizer. E, quando diz a próxima fala, não é tão depreciativa quanto objetiva:

— Mesmo que o encontre. Mesmo que ele não a tenha abandonado de propósito, ele nunca poderá viver de acordo com a pessoa que você fez dele.

Não que esse pensamento não tenha me ocorrido. Sei que as chances de encontrá-lo são pequenas, mas as chances de encontrá-lo como eu me lembro dele são ainda menores. Fico, porém, pensando no que meu pai sempre diz: quando se perde algo, é preciso visualizar o último lugar onde estava. E eu encontrei — e então perdi — tantas coisas em Paris.

— Eu sei — digo a Melanie. E é estranho porque não me sinto na defensiva. Sinto-me um pouco aliviada, pois quase parece que Melanie está se preocupando comigo novamente. E aliviada também, porque *eu* não estou preocupada comigo mesma. Pelo menos não com relação a isso. — Eu não sei se faz diferença.

Os olhos dela se escancaram diante disso. Então ela os semicerra, olha para mim de cima a baixo.

— Você está diferente.

Eu rio.

— Não. Ainda pareço eu mesma. É só esta roupa.

— Não é a roupa — diz Melanie, quase veemente. — Você apenas parece diferente.

— Ah! Bom... *obrigada?*

Olho para Melanie e, pela primeira vez, me dou conta de como ela está. Absolutamente familiar. Como Melanie de novo. O cabelo está crescendo e de volta à cor natural. Ela está usando short cortado e uma camiseta bordada bonitinha. Sem elos no nariz. Sem tatuagem. Sem cabelo multicolorido. Sem roupas de “periguete”. Claro, só porque ela parece a mesma não quer dizer que realmente seja a mesma. Ocorre-me que o ano de Melanie provavelmente foi tão tumultuado quanto o meu, de maneira que eu não consigo entender.

Melanie ainda está olhando fixamente para mim.

— Desculpe — diz finalmente.

— Pelo quê? — pergunto.

— Por forçá-la a cortar o cabelo em Londres, quando você ainda não estava preparada. Me senti tão mal quando você chorou daquele jeito.

— Tudo bem. Eu gostei de ter cortado. — E realmente gostei. Talvez ele nunca tivesse me parado se eu não tivesse um cabelo parecido com o de Louise Brooks. Ou talvez tivesse, e teríamos falado nossos verdadeiros nomes. Nunca saberei. Uma vez que os acasos acontecem, não se pode voltar atrás.

Ficamos as duas na calçada, com as mãos de lado, sem saber o que dizer. Ouço as crianças do vizinho gritarem nos regadores. Penso em Melanie e eu quando éramos mais novas, no trampolim da piscina do México. Sempre dávamos as mãos ao pular, mas, quando nadávamos de volta à superfície, tínhamos que soltá-las.

Independentemente do quanto tentássemos, assim que começávamos a nadar, sempre tínhamos que nos largar. E, quando emergíamos, saíamos da piscina, escalávamos a enorme escada do trampolim, enroscávamos as mãos e fazíamos tudo de novo.

Estamos nadando sozinhas agora. Eu entendo. Talvez seja o que se tem que fazer para se manter na superfície. Mas quem sabe? Talvez um dia possamos emergir, dar as mãos e pular novamente.

cidade de Nova York

Meus pais querem me levar de carro até o JFK, mas eu fiz planos de passar o dia com Dee antes de ir, então eles me deixam na estação da Rua 30, na Filadélfia. Vou tomar o trem, meu primeiro em um ano, até Manhattan, e Dee me encontrará na Penn Station. Amanhã à noite pegarei meu voo para Londres e, de lá, para Paris.

Quando anunciam meu trem, caminhamos em direção à plataforma. Papai bate os dedões impacientemente, visões dos campos de golfe de Maui dançando em sua cabeça. Eles embarcam na segunda-feira. Minha mãe apenas anda de um lado para o outro. Então, quando o letreiro do meu trem é avistado a distância, ela tira uma caixa da bolsa.

— Pensei que não trocaríamos presentes desta vez. — Ano passado saímos para jantar fora, vários acessórios de última hora. A noite passada foi mais tranquila. Lasanha feita em casa na sala de jantar. Tanto mamãe quanto eu jogando a comida no prato de um lado para o outro.

— É mais para mim do que para você.

Abro a caixa. Dentro dela está um pequeno celular com um carregador e um adaptador de tomada.

— Você comprou um celular novo para mim?

— Não. Quer dizer, sim. Quer dizer, do seu celular velho, nós suspenderemos o plano até você voltar. Mas este aqui é um telefone de quatro bandas. Definitivamente funciona na Europa. Só precisa comprar um... como chamam aquilo? — ela pergunta a papai.

— Um chip.

— Certo. — Ela se apressa para abrir a parte de trás. —
Aparentemente, eles são bem baratos. Assim você pode conseguir um número local em qualquer lugar que estiver e ter um telefone caso precise, e pode nos ligar em caso de emergência ou nos enviar uma mensagem de texto, mas só se quiser. É mais para você, para ter um jeito de falar conosco. Se precisar. Mas você não precisa...

— Mãe — interrompo —, está tudo bem. Vou mandar mensagens de texto.

— Verdade?

— Claro que sim! E você pode me mandar mensagens lá, do Havaí. E essa coisa tira foto? — Dou uma espiada na câmera. — Vou mandar fotos.

— Vai?

— Claro que vou.

Pela expressão no rosto dela, alguém poderia pensar que eu é que havia lhe dado o presente.



A Penn Station está lotada, mas eu encontro Dee logo de cara, embaixo do quadro de saídas, vestindo um short de náilon verde-limão e uma camiseta curta com os dizeres UNICÓRNIOS EXISTEM MESMO. Ele me envolve num grande abraço.

— Onde está sua mala? — pergunta.

Eu me viro e exibo a mochila cor de oliva que comprei na loja de excedentes do Exército e da Marinha na Filadélfia.

Dee assovia.

— Como conseguiu guardar seu vestido de baile?

— Dobrei bem pequenininho.

— Achei que fosse ter uma mala maior, e disse à minha mãe que voltaríamos para casa antes de sairmos para nossa exploração, então ela fez almoço.

— Eu gosto de almoço.

Dee joga as mãos para cima.

— Na verdade, minha mãe planejou uma festa surpresa para você. Não diga que lhe contei.

— Uma festa? Ela nem me conhece.

— A esta altura ela acha que já conhece, de tanto que eu falo em você, e aproveita qualquer desculpa para cozinhar. Minha família vem, inclusive minha prima Tanya. Já falei dela?

— Aquela que é cabeleireira

Dee concorda.

— Perguntei a ela se poderia fazer o seu. Ela faz cabelo de garota branca também, trabalha num salão chique em Manhattan. Pensei que você talvez pudesse cortar o seu curto de novo, ir toda Louise Brooks. Ficar exatamente como estava quando se conheceram. Precisa fazer alguma coisa com essa vassoura. — Ele aponta para o meu cabelo, para cima, como sempre, com uma presilha.

Tomamos o metrô em direção à parte norte da cidade, até a última estação. Saímos e pegamos um ônibus. Olho pela janela, esperando as ruas desorganizadas e violentas do Sul do Bronx. No entanto, o ônibus passa por uma fila de lindos prédios de tijolos, todos sombreados por árvores antigas.

— *Isto é o Sul do Bronx?* — pergunto a Dee.

— Eu nunca disse que morava no Sul do Bronx.

Olho para ele.

— Está falando sério? Ouvi você dizer várias vezes que era do Sul do Bronx.

— Eu disse que era do Bronx. Tecnicamente, isto é o Bronx. É Riverdale.

— Mas você disse a Kendra que era do Sul do Bronx. Disse a ela que frequentou a Escola Secundária do Sul do Bronx... — eu paro, lembrando aquela primeira conversa. — Que nem mesmo existe.

— Eu deixei que a garota tirasse as próprias conclusões precipitadas. — Ele me dá um sorrisinho arrogante. Toca a campainha para sairmos do ônibus. A rua é movimentada, cheia de prédios altos de apartamentos. Nada sofisticado, mas agradável.

— Você é o mestre dos mentirosos, D'Angelo Harrison.

— É preciso ser um mentiroso para reconhecer outro. Eu sou do Bronx. E eu sou pobre. Se as pessoas querem traduzir isso como um garoto do gueto, a escolha é delas. — Ele sorri. — Principalmente se querem jogar o dinheiro da bolsa de estudos em cima de mim.

Chegamos a um lindo prédio de tijolos com gárgulas trincadas penduradas na porta da frente. Dee toca a campainha “para que soubessem que estávamos chegando”, e então tomamos um daqueles elevadores antigos, que parecem uma gaiola, até o quinto andar. Do lado de fora da porta, ele olha para mim e coloca algumas mechas de cabelo desarrumadas atrás da minha orelha.

— Aja com se estivesse surpresa — sussurra ele, e abre a porta.

Entramos na festa; aproximadamente doze pessoas amontoadas numa pequena sala de estar onde há uma placa BON VOYAGE, ALLYSON pregada sobre a mesa abarrotada de comida. Olho para Dee com os olhos bem abertos, em choque.

— Surpresa! — diz ele, abrindo mãos de jazz.

A mãe de Dee, Sandra, vem até mim e me envolve num abraço de urso com perfume de gardênia.

— Ele te contou, não foi? Foi a pior expressão de surpresa que já vi na vida. Meu bebê não conseguiria manter um segredo nem que

tivesse pregado nele. Bem, venha então, conheça as pessoas, coma um pouco.

Sandra me apresenta a várias tias e tios e primos e me dá um prato de frango assado e macarrão com queijo e algumas verduras e me senta à mesa.

— Agora você tem toda a nossa atenção.

Dee basicamente contou a todo mundo sobre Willem, então todos têm algum conselho sobre como encontrá-lo. Começam a me encher de perguntas sobre a viagem. Como vou chegar lá — um voo de Nova York para Londres e de lá até Paris —, onde ficarei — num albergue na região de Villette, onde Willem e eu passamos um tempo juntos, 25 dólares por noite —, como vou me virar — com a ajuda de um guia e eu me aventurando pelo metrô. E eles perguntam sobre Paris, e eu digo o que vi no ano passado, e estão interessados em ouvir o quanto era diferente, sobre os bairros cheios de africanos, e então isso dá início a um grande debate sobre os países africanos colonizados pela França, até que alguém vai buscar um mapa para descobrir.

Quase todo mundo se debruça sobre o atlas, e Sandra chega com um prato de torta de pêsego.

— Tenho uma coisinha para você — diz ela, oferecendo-me um pacote fininho.

— Ah, você não precisava...

Ela abana minhas objeções como se fossem ar fedorento. Abro o pacote. Dentro há um mapa laminado de Paris.

— O homem da loja disse que isso seria “indispensável”. Ela abre o mapa para me mostrar. — E D’Angelo e eu passamos tantas horas olhando para ele que ficou com nossas bênçãos.

— Então eu nunca vou me perder de novo.

Ela dobra o mapa e o coloca na minha mão. Tem os mesmos olhos de Dee.

— Quero lhe agradecer por ajudar meu garoto neste ano.

— Eu ajudando Dee? — Balanço minha cabeça. — Acho que você está confundindo as coisas.

— Sei exatamente do que estou falando — diz ela.

— Não, é sério. Tudo o que Dee tem feito é me ajudar. É quase vergonhoso.

— Pare com tanta bobagem. D'Angelo é ao mesmo tempo brilhante e abençoado pelo caminho que a vida lhe traçou. Mas não tem sido fácil para ele. Nos quatro anos de escola secundária e um ano de faculdade, você é a primeira amiga da escola de quem ele falou, ainda a trouxe aqui em casa.

— Vocês duas estão falando de mim, não estão? — pergunta Dee, e coloca um braço em volta de cada uma. — Exaltando meu esplendor?

— Exaltando alguma coisa sua — respondo.

— Nenhuma das duas acredite em nada! — Ele se vira para apresentar uma garota alta, majestosa, com a cabeça cheia de trancinhas intrincadas. — Estava falando de Tanya com você.

Trocamos um olá, e Sandra sai para pegar mais torta de fruta. Tanya estica o braço para soltar meu cabelo da presilha. Ela passa os dedos nas pontas e balança a cabeça, estalando a língua do mesmo jeito desaprovador que Dee sempre faz.

— Eu sei. Eu sei. Já faz um ano — explico. E então percebo que realmente faz. Um ano.

— Era curto ou comprido? — pergunta Dee. Ele se vira para Tanya. — Você tem que deixá-la como estava antes. Para quando ela o encontrar.

— Se eu o encontrar — esclareço. — Estava mais ou menos aqui. — Aponto para a base da minha nuca, onde o cabeleireiro em Londres cortou meu cabelo no ano passado. Então deixo a mão cair. — Mas, sabe, não sei se quero o corte curto.

— Você não quer cortar o cabelo? — pergunta Tanya.

— Não, eu adoraria cortar — respondo a ela. — Mas não curtinho. Quero tentar algo totalmente novo.

Paris

Levo aproximadamente 13 horas e seis fusos horários para surtar.

Isso acontece quando tropeço para dentro dos saguões de desembarque do aeroporto Charles de Gaulle. Tudo à minha volta, os outros passageiros sendo cumprimentados pelos parentes com abraços, os motoristas com placas. Não sou cumprimentada por ninguém. Ninguém está me esperando. Ninguém está cuidando de mim. Sei que tenho pessoas no mundo que me amam, mas nunca me senti tão sozinha como neste momento. Sinto aquela placa se acender sobre minha cabeça, aquela que dá sinal de que sou TURISTA. Só que agora ela também diz O QUE VOCÊ FEZ?

Aperto as alças da mochila em volta do peito, como se elas pudessem me abraçar. Respiro profundamente. Coloco uma perna na frente da outra. Um passo. Outro. E outro. Pego a lista de afazeres que fiz no avião. Número um: trocar dinheiro.

Vou a uma das muitas casas de câmbio e, num francês sofrível, pergunto se posso trocar meus dólares.

— Claro, isto é um banco — responde o homem atrás do balcão. Entrego uma nota de cem dólares e estou aliviada demais para me dar ao trabalho de contar os euros que recebo de volta.

Próximo item da lista: encontrar um albergue. Eu já tracei a rota: um trem até a cidade, depois o metrô até a estação Jaurès. Sigo as placas para a RER, o trem para o centro de Paris, mas, ao final, descubro que tenho que pegar um trem do aeroporto para chegar à estação RER, e vou pelo caminho errado, acabo num terminal diferente e tenho que voltar todo o trajeto, o que me faz perder

quase uma hora só para chegar até a estação de trem do aeroporto.

Quando paro em frente das máquinas automáticas de bilhetes, é como encarar o inimigo. Mesmo escolhendo inglês como idioma, as instruções são confusas. Será que preciso de um bilhete de metrô? Uma passagem de trem? Dois bilhetes? Sinto a placa de néon brilhar ainda mais. Agora ela diz: QUE DIABOS VOCÊ FEZ?

Abro meu guia de novo na seção sobre como chegar a Paris. Tudo bem, um bilhete me levará até Paris e eu poderei mudar para o metrô. Olho para o mapa do metrô de Paris. As linhas se enroscam como cobras. Finalmente, localizo minha estação, Jaurès. Com o dedo, faço o trajeto da linha RER até o aeroporto, depois até o ponto de baldeação, e percebo, num sobressalto, que é a Gare du Nord. Um lugar conhecido, um lugar que me conecta àquele dia.

— Tudo bem, Ally, não tem outro jeito a não ser encarar a situação — digo a mim mesma. E então olho para a máquina de bilhetes, ombros para trás, como se fôssemos os combatentes de um duelo. Aperto a tela *touch*, enfio uma nota de dez euros e, em seguida, a máquina cospe de volta o troco e um pequeno bilhete. Uma vitoriazinha contra o oponente impassível, mas fico vermelha de satisfação.

Sigo a multidão até os portões, que funcionam como os portões do metrô, mas, ao final, descubro que é muito mais fácil atravessá-los quando não se está carregando uma mala enorme! Aha! Outro inimigo abatido!

Na baldeação do metrô/RER embaixo da Gare du Nord, me perco novamente tentando encontrar a linha correta do metrô, então faço confusão com o bilhete, que não é necessário apenas para sair da RER, mas também para entrar no metrô. Em seguida quase entro no trem do metrô indo na direção errada, mas me dou conta antes de as portas se fecharem e saio. Quando finalmente chego à minha estação, estou completamente exausta e desorientada. Levo mais ou menos quinze minutos debruçada em cima do mapa para

descobrir onde estou. Pego pelo menos uma dúzia de caminhos errados até chegar aos canais, que são os primeiros sinais de que estou no lugar certo.

No entanto, ainda não faço ideia de onde é o albergue e estou exaustada, frustrada e a ponto de chorar. Não consigo nem mesmo encontrar o albergue. Isso porque tenho um endereço. E um mapa. Como posso imaginar que poderei encontrá-lo?

Mas, no momento em que estou chegando ao meu limite, paro, olho para os canais e apenas respiro. E o meu pânico desaparece. Porque este lugar, eu sinto, parece familiar para mim. Ele é familiar para mim, pois eu já estive aqui antes.

Dobro e guardo o mapa. Respiro mais um pouco. Olho ao redor. Lá estão as mesmas bicicletas cinza. Lá estão as mesmas mulheres cheias de estilo caminhando de salto alto sobre os paralelepípedos. Os cafés, lotados, como se ninguém tivesse que trabalhar. Respiro fundo novamente, e uma sensação de lembrança toma conta de mim. E, de alguma forma, simplesmente sei onde estou. À esquerda está o parque com o lago onde conhecemos Jacques e os dinamarqueses. À minha direita, alguns quarteirões para trás, fica o café onde comemos os crepes. Pego meu mapa novamente. Situo-me. Cinco minutos depois, estou no albergue.

Meu quarto fica no sexto andar, e o elevador está quebrado, então subo pela escadaria espiralada. Um cara com uma tatuagem de algum tipo de deus grego no braço aponta para a sala do café da manhã, os banheiros comuns (mistos) e depois para meu quarto, com sete camas. Ele me dá um cadeado e me mostra onde posso guardar minhas coisas ao sair. Então se despede com um *bonne chance*, o que significa boa sorte, e eu me pergunto se ele diz isso a todo mundo ou se sentiu que eu precisarei de sorte.

Sento-me na cama e desamarro o saco de dormir de cima da minha mochila e, ao me jogar em cima do colchão de molas, imagino se Willem já ficou aqui. Se já dormiu nesta mesma cama. É improvável, mas não impossível. Este é o bairro que ele me

apresentou. E tudo parece possível agora, essa sensação de certeza pulsando juntamente com meu batimento cardíaco, me fazendo pegar no sono.

Acordo algumas horas depois com baba no travesseiro e estática na cabeça. Tomo uma chuveirada morna, lavando o cabelo para tirar o *jet lag*. Em seguida, seco-o com a toalha e coloco gel como Tanya me ensinou — “lavou, está pronto”, disse ela. Meu cabelo está bem diferente, todo repicado e cheio de camadas, e eu gosto.

No andar de baixo, o relógio na parede da recepção, atrás da placa gigante com o símbolo da paz pintado com spray, marca sete horas; não comi nada desde o pão duro e o iogurte que me deram no avião vindo de Londres, e estou tonta de fome. O pequeno café na recepção serve apenas bebidas. Sei que parte de viajar sozinha significa comer sozinha e fazer os pedidos em francês, e eu pratiquei muito com madame Lambert. E não que eu não tenha comido sozinha muitas vezes no refeitório no último ano. Mas decido que já fiz conquistas suficientes por um dia. Esta noite posso pegar um sanduíche e comer no quarto.

Em frente ao albergue, um grupo de pessoas está se divertindo. Estão falando inglês, no que imagino ser um sotaque australiano. Respiro fundo, caminho até lá e pergunto se conhecem algum lugar por perto onde se possa conseguir um bom sanduíche.

Uma garota musculosa com o cabelo com mechas castanhas e de rosto avermelhado vira-se para mim e dá um sorriso aberto:

— Ah, tem um lugar perto do canal que faz sanduíches maravilhosos de salmão defumado. Ela aponta para o caminho e então volta a conversar com a amiga sobre um bistrô que, supostamente, tem um cardápio a preço fixo por 12 euros, 15 com um copo de vinho.

Minha boca se enche de água só de pensar naquilo, na comida, na companhia. Parece-me incrivelmente arrogante me convidar, o tipo de coisa que eu nunca faria.

No entanto, estou sozinha em Paris. Assim, esse é um território completamente virgem. Dou uma batidinha no ombro bronzeado da garota australiana e pergunto se posso ir jantar com eles.

— É meu primeiro dia de viagem, então não sei muito bem aonde ir — explico.

— Que bom para você — ela responde. — Nós todos já estamos viajando faz tempo. Estamos na nossa AI.

— AI?

— Aventura Internacional. É tão caro sair da Austrália que, quando se consegue, é preciso ficar por muito tempo. Por falar nisso, eu sou Kelly. Este é Mick, este é Nick, esta é Nico, abreviação de Nicola, e esta é Shazzer. Ela é da Inglaterra, mas gostamos dela mesmo assim.

Shazzer mostra a língua para Kelly e sorri para mim.

— Eu sou Allyson.

— É o nome da minha mãe! — diz Kelly. — E acabei de dizer que estava com saudade da minha mãe! Não é mesmo? É carma!

— Destino — corrige Nico.

— Isso também.

Kelly olha para mim, e, por um segundo, eu fico lá parada, pois ela ainda não disse sim, e vou me sentir uma idiota se ela disser não. Mesmo assim, talvez seja toda aquela preparação na aula de francês, mas eu não me incomodo em me sentir uma idiota. Então, Kelly se vira.

— Venha — diz ela para mim. — Não sei você, mas eu sou capaz de comer um cavalo.

— Talvez até consiga. Eles comem cavalo aqui — diz Shazzer.

— Não, não comem — comenta um dos garotos. — Mick ou Nick. Não tenho certeza de quem é quem.

— Isso é no Japão — explica Nico. — Lá o cavalo é uma iguaria.

Começamos a andar, e eu ouço enquanto o restante do grupo discute se os franceses comem ou não carne de cavalo e, ao caminhar vagarosamente, me dou conta de que estou realmente fazendo aquilo. Indo jantar. Em Paris. Com pessoas que conheci há cinco minutos. De alguma forma, mais do que qualquer outra coisa que tenha acontecido no último ano, isso me surpreende.

A caminho do restaurante paramos para eu comprar um chip para o meu celular. Então, depois de nos perdermos um pouquinho, encontramos o lugar e esperamos por uma mesa grande o bastante para sentarmos todos juntos. O cardápio está em francês, mas eu consigo entendê-lo. Peço uma salada deliciosa com uma beterraba tão linda que tiro uma foto para enviar à minha mãe. Ela imediatamente me manda de volta o visual menos artístico do *loco moco* que papai está comendo no café da manhã. De entrada, é algum tipo misterioso de peixe num molho apimentado. Está tudo tão gostoso, praticamente só ouvindo as histórias de viagens mirabolantes, que só quando chega a hora da sobremesa é que me lembro da promessa que fiz a Babs. Dou uma olhada no cardápio, mas não há *macarons*. Já são dez horas e todas as lojas estão fechadas. Primeiro dia e já não cumpri minha promessa.

— Merda — digo. — Ou melhor, *merde!*

— O que aconteceu? — pergunta Mick/Nick.

Explico sobre os *macarons*, e todos ouvem concentrados.

— Você deveria pedir ao garçom — sugere Nico. — Eu trabalhei em um lugar em Sydney onde tínhamos um cardápio inteirinho que não estava no cardápio. Para VIPs. — Todos nós olhamos para ela. — Não custa nada perguntar.

Então, eu pergunto. Explico, num francês que daria orgulho a madame Lambert, sobre *ma promesse du manger des macarons tous les jours*. O garçom ouve com atenção, como se aquilo fosse um assunto muito sério, e entra de novo na cozinha. Volta com as sobremesas de todos — *crèmes brûlées e mousses au chocolat* — e, milagrosamente, um perfeito *macaron* de creme, só para mim. Está

salpicado com açúcar de confeitiro de um jeito tão artístico que parece uma pintura. Tiro outra foto. Então o como.

Às onze horas estou caindo de sono dentro do prato. O restante do grupo me deixa no albergue antes de sair para ir ao show de alguma banda francesa só de meninas. Pego no sono pesado e, ao acordar na manhã seguinte, descubro que Kelly, Nico e Shazzer são minhas colegas de quarto.

— Que horas são? — pergunto.

— Tarde. Dez horas — diz Kelly. — Você dormiu muito. E com tanto barulho. Tem uma garota russa que liga o secador todo dia. Esperei para ver se você queria ir com a gente. Hoje vamos ao Cemitério Père Lachaise. Vamos fazer um piquenique. O que parece terrivelmente mórbido para mim, mas, aparentemente, os franceses fazem isso o tempo todo.

É tentador: ir com Kelly e as amigas dela e passar duas semanas em Paris sendo uma turista, me divertindo. Eu não teria que ir a boates úmidas e escuras. Não teria que encarar Céline. Não teria que arriscar ter meu coração despedaçado novamente.

— Talvez eu me encontre com vocês mais tarde — digo a ela. — Tenho uma coisa que preciso fazer hoje.

— Certo. Está numa jornada épica atrás de *macaroons*.

— Isso — respondo. — Exatamente.

No café da manhã, passo um tempo com meu mapa, descobrindo o caminho entre o albergue e a Gare du Nord. Dá para ir a pé, então eu saio. O caminho parece familiar, o grande bulevar largo com as pistas para bicicletas e as calçadas no meio. No entanto, conforme chego mais perto da estação, começo a me sentir nauseada; o chá que tomei um tempo atrás fica voltando à minha boca, azedo de medo.

Na Gare du Nord paro para dar um tempo. Entro na estação. Ando vagorosamente até os trilhos do Eurostar. Há um trem lá parado, como um cavalo esperando para sair pelo portão. Penso em

quando estive aqui há um ano, arrasada, assustada, correndo de volta para a Sra. Foley.

Forço-me a sair da estação, deixando que minha memória me guie de novo. Viro-me. Viro-me novamente. Viro-me mais uma vez. Por cima dos trilhos do trem e para dentro do bairro industrial. E então lá está ela. É meio chocante, depois de toda a busca na internet, quão fácil é encontrá-la. Eu me pergunto se esta aqui não estava listada no Google, ou se talvez meu francês estivesse tão horrível que ninguém me entendeu.

Ou talvez não fosse nada disso. Talvez eu fosse perfeitamente inteligível e Céline e o Gigante simplesmente não trabalhem mais aqui. Um ano é bastante tempo. Muita coisa pode mudar!

Quando abro a porta e vejo um homem mais novo com um rabo de cavalo atrás do balcão, quase choro de decepção. Onde está o Gigante? E se ele não estiver aqui? E se ela não estiver aqui?

— *Excusez moi, je cherche Céline ou un barman qui vient du Sénégal.*

Ele não fala nada. Nem mesmo reage. Apenas continua a lavar os copos com água cheia de sabão.

Será que eu falei? Foi em francês? Tento novamente: acrescento *s'il vous plaît* desta vez. Ele me olha de relance, puxa o celular, passa uma mensagem de texto, depois volta à louça.

Con, murmuro em francês, outro dos ensinamentos de Nathaniel. Abro a porta com violência, adrenalina pulsando dentro de mim. Estou tão brava com o idiota atrás do balcão que nem se deu ao trabalho de me responder, brava comigo mesma por vir até aqui para nada.

— Volte aqui!

Eu levanto os olhos. E é ele.

— Eu sabia que você voltaria. — O Gigante pega minha mão e me dá um beijo em cada bochecha, exatamente como da última vez. —

Atrás da mala, *non?*

Não tenho palavras. Apenas balanço a cabeça. Então jogo meus braços em volta dele. Porque estou tão feliz em vê-lo. E lhe digo isso.

— Eu também. Estou tão feliz por guardar sua mala. Céline insiste em levar embora, mas eu digo não, ela volta para Paris e vai querer as coisas dela.

Encontro minha voz.

— Espere aí. Como sabia que eu estava aqui? Quer dizer, hoje.

— Marco acabou de me passar uma mensagem dizendo que uma garota americana estava me procurando. Eu sabia que era você. Venha.

Sigo-o de volta para dentro da boate, onde o tal de Marco agora está varrendo o chão e se recusando a olhar para mim. Tenho dificuldade em olhar para ele depois de tê-lo chamado de babaca em francês.

— *Je suis très désolé* — digo, me desculpando, ao passar apressadamente por ele.

— Ele é da Letônia. O francês é novo para ele, então ele é meio tímido para falar — explica Yves. — Ele é o faxineiro. Venha para baixo, onde sua mala está. — Olho para Marco e penso em Dee, e Shakespeare, e me lembro de que as coisas raramente são o que parecem ser. Espero que ele não tenha entendido meu xingamento em francês. Peço desculpas de novo. O Gigante se arrasta escada abaixo até o quatinho de despejo. Num canto, atrás de uma pilha de caixas, está minha mala.

Tudo está como eu deixei. O saquinho de plástico Ziploc com a lista. Os suvenires. Meu diário de viagem com a bolsa cheia de cartões-postais em branco. Eu meio que esperei que tudo estivesse coberto com uma camada de poeira. Folheio o diário. Os suvenires da viagem do ano passado. Eles não são as lembranças importantes, as que ficaram.

— É uma mala muito boa — comenta o Gigante.

— Quer ela para você? — pergunto. Não quero carregá-la por todo lado comigo. Posso despachar os suvenires de volta para casa. A mala é apenas bagagem extra.

— Ah, não, não, não. É para você.

— Não posso levá-la. Levarei as coisas importantes, mas não posso carregar tudo comigo.

Ele olha seriamente para mim.

— Mas eu a guardei para você.

— O fato de você tê-la guardado é a melhor parte, mas eu sinceramente não preciso mais dela.

Ele sorri, o branco dos dentes brilhando.

— Eu *vou* para *Roché Estair* na primavera, para comemorar a formatura do meu irmão.

Eu resgato as coisas importantes — meu diário, minha camiseta favorita, os brincos, dos quais senti falta — e as coloco na mochila. Coloco todos os suvenires e os cartões-postais não escritos numa caixa de papelão para despachar para casa.

— Leve isso para *Roché Estair* para a formatura — digo a ele. — Me faria muito feliz.

Ele balança a cabeça solenemente.

— Você não veio atrás da mala.

Balanço a cabeça.

— Você o viu? — pergunto.

Ele olha para mim durante um longo momento. Balança a cabeça novamente.

— Uma vez. Um dia depois que conheci você.

— Sabe onde eu poderia encontrá-lo?

Ele passa a mão no cavanhaque e olha para mim com uma pena de que eu realmente não precisava. Depois de um longo momento, ele diz:

— Talvez seja melhor você falar com Céline.

E a maneira como ele diz já contém todas as coisas que eu sei. Que Willem e Céline têm uma história. Que eu talvez estivesse certa em ter duvidado dele o tempo todo. Mas, se o Gigante sabe de alguma coisa, não diz.

— Ela está de folga hoje, mas às vezes vem para os shows à noite. Androgynie vai tocar, e ela é muito amiga deles. Vou checar se ela vem hoje e aviso você. Assim pode encontrar o que precisa. Pode me ligar mais tarde, e eu lhe digo se ela estará aqui.

— Tudo bem. — Tiro meu telefone de Paris, e trocamos os números. — Por falar nisso, você nunca me disse seu nome.

Ele ri do comentário.

— Não, nunca falei. Sou Modou Mjodi. E eu também nunca soube seu nome. Olhei na sua mala, mas não havia nada.

— Eu sei. Meu nome é Allyson, mas Céline me conhecerá por Lulu.

Ele parece perplexo.

— Qual dos dois está correto?

— Estou começando a achar que os dois estão.

Ele levanta sutilmente os ombros, pega minha mão, me beija duas vezes e então se despede com um *adieu*.



Ainda é só o horário do almoço quando deixo Modou, e, sem ideia de quando verei Céline, sinto-me estranhamente aliviada, como se tivesse levado uma bronca. Na verdade, não planejei ser uma turista em Paris, mas resolvi fazê-lo. Desbravo o metrô, desço na

região do Marais e vou a um dos cafés perto da linda Place des Vosges, onde peço uma salada e um *citron pressé*, desta vez colocando bastante açúcar. Fico sentada durante horas, esperando que o garçom me mande embora, mas ele não me perturba até eu pedir a conta. Na *pâtisserie*, compro um *macaron* absurdamente caro, este de um tom tangerina pálido, como os últimos sussurros do pôr do sol. Eu como e ando ao mesmo tempo, entro e saio das ruelas estreitas, por uma parte judia vibrante cheia de ortodoxos com chapéus pretos e ternos sequinhos bem cortados. Tiro algumas fotos para minha mãe e as envio por mensagem de texto, e peço a ela que as envie para minha avó, que se divertirá muito com isso. Então vagueio olhando as butikues, admirando roupas que mal posso tocar. Quando a vendedora me pergunta em francês se pode me ajudar, eu respondo em francês que estou apenas dando uma olhadinha.

Compro alguns cartões-postais, volto à Place des Vosges e me sento no parque dentro da praça. Entre as mães que brincam com seus bebês e os velhos que leem jornal e fumam cigarros, escrevo-os. Tenho muitos para mandar. Um para meus pais, um para minha avó, um para Dee, um para Kali, um para Jenn, um para o Café Finlay, um para Carol. E então, no último minuto, resolvo escrever um para Melanie também.

É um dia perfeito. Sinto-me totalmente relaxada e, apesar de ser sem dúvida uma turista, também me sinto uma parisiense. Estou quase aliviada por não ter recebido notícias de Modou. Kelly me envia uma mensagem de texto para nos encontrarmos para o jantar, e estou me preparando para fazer o caminho de volta até o albergue quando meu telefone apita. É Modou. Céline estará na boate depois das dez.

Sinto como se a vibração relaxante e suave da tarde desaparecesse atrás de uma nuvem tempestuosa. Ainda são sete horas. Tenho muitas horas para matar, e poderia ir me encontrar com a gangue australiana para jantar, mas estou nervosa demais. Então, nervosa, caminho pela cidade. Chego à boate às nove e

meia e fico parada do lado de fora, o barulho de metal pesado da música ao vivo fazendo meu coração bater forte. Ela provavelmente já está lá, mas, de algum modo, sinto que estar adiantada é meio que um *faux pas*. Assim, fico esperando do lado de fora, observando os parisienses modernos e cheios de estilo, com cabelos cortados à navalha e roupas pontudas, se infiltrarem na boate. Abaixo os olhos para me olhar: saia cáqui, camiseta preta, chinelos de dedo de couro. Por que não me vesti para uma batalha?

Às dez e quinze, pago minha entrada (de dez euros) e entro. A boate está lotada e há uma banda no palco, com guitarras pesadas e um violino rangendo ao fundo, e uma garota asiática minúscula cantando com uma voz alta e estridente. Completamente sozinha, cercada por esse bando de *hipsters*, acho que nunca me senti tão deslocada, e cada parte de mim está me pedindo para ir embora antes de fazer papel de boba. Mas eu não vou. Não vim até aqui para desistir na última hora. Brigo para chegar até o bar, e, quando vejo Modou, cumprimento-o como se fosse um irmão perdido há muito tempo. Ele sorri e me serve um copo de vinho. Quando tento pagar, ele retira a conta, e eu imediatamente me sinto melhor.

— Ah, Céline está aqui — diz ele, apontando para a mesa na frente. Ela está sentada, sozinha, assistindo à banda com uma estranha intensidade, a fumaça do cigarro rodopiando enfeitadamente ao redor dela.

Caminho até a mesa. Ela não nota minha presença, apesar de eu não conseguir saber se é por estar me esnobando ou por estar concentrada na banda. Fico ao lado da cadeira vazia esperando que ela me convide para sentar, mas então desisto. Puxo a cadeira e me sento. Ela balança a cabeça bem de leve, dá uma tragada no cigarro e assopra a fumaça em cima de mim, o que imagino contar como um cumprimento. Então ela volta para a banda.

Ficamos sentadas ali, ouvindo. Estamos bem perto dos alto-falantes, de forma que o som é extraensurdecedor; meus ouvidos já estão começando a latejar. É difícil saber se ela está gostando da

música. Ela não bate os dedos, não balança de um lado para o outro nem nada. Apenas olha fixamente e fuma.

Finalmente, quando a banda faz uma pausa, ela olha para mim.

— Seu nome é Allyson — ela pronuncia *Aliioson*, o que, de alguma forma, o faz parecer ridículo, um nome americano com muitas sílabas.

Assinto.

— Então, nada a ver com francês?

Balanço a cabeça. Eu nunca disse que tinha a ver.

Olhamos fixamente uma para a outra e percebo que ela não me dará nada de graça. Terei que arrancar dela.

— Estou procurando Willem. Sabe onde posso encontrá-lo? — planejei chegar aqui com as armas saindo fumaça, esbanjando francês, mas meus nervos me mandaram de volta ao conforto de minha língua nativa.

Ela acende outro cigarro e solta mais fumaça em cima de mim.

— Não.

— Mas ele me disse que vocês eram bons amigos.

— Ele disse isso? Não. Sou apenas como você.

Não consigo imaginar de que forma ela se imagina ser remotamente parecida comigo, além de ambas possuímos dois cromossomos X.

— De que maneira somos parecidas?

— Sou apenas mais uma das garotas. Há muitas de nós.

Não que eu não soubesse disso sobre ele. Não que ele tenha escondido. Mas ouvir em voz alta, vindo dela, me deixa exausta, o fuso horário caindo sobre mim como um elevador em queda livre.

— Então você não sabe onde ele está.

Ela balança a cabeça.

— E sabe onde posso encontrá-lo?

— Não.

— Se você soubesse, me diria?

As sobrancelhas dela se levantam naquele arco perfeito enquanto a fumaça sai de sua boca.

— Pode pelo menos me dizer o último nome dele? Pode me dizer pelo menos isso?

E neste ponto ela sorri. Nesse joguinho que jogamos, que estamos jogando desde o último verão, eu simplesmente acabei de mostrar as cartas. E que cartas podres elas são. Ela pega uma caneta e um pedaço de papel e escreve alguma coisa. Passa o pedaço de papel para mim. O nome dele está lá. O nome completo! Mas não darei a ela a satisfação de minha ansiedade, então, casualmente, enfio o papel no bolso sem nem mesmo dar uma olhada nele.

— Precisa de mais alguma coisa? — O tom dela, esnobe e malicioso, consegue sobressair aos sons da banda, que começou a tocar novamente. Já consigo ouvi-la rindo de mim com seus amigos moderninhos.

— Não, você já fez o suficiente.

Ela me olha por um longo segundo. Os olhos dela são mais violeta do que azuis.

— O que você vai fazer agora?

Forço um sorriso arrogante, mas imagino que pareça mais estar com dor de barriga do que ser arrogante.

— Ah, você sabe, ver os lugares.

Ela assopra mais fumaça em cima de mim.

— É, você pode ser uma *touriste* — afirma ela, como se turista fosse um título. Então começa a listar todos os lugares a que as

peças mais baixas como nós vão. Torre Eiffel. Sacré-Cœur. Louvre.

Analiso o rosto dela procurando uma razão escondida. Será que ele contou sobre o nosso dia? Consigo vê-los rindo de mim ao jogar o livro nos skinheads, dizendo a Willem que cuidaria dele.

Céline continua falando sobre todas as coisas que posso fazer em Paris.

— Pode fazer compras — diz. — Comprar uma bolsa nova. Alguma joia. Outro relógio. Sapatos. — Não consigo compreender muito bem como alguém derramando conselhos do tipo da Sra. Foley pode ser tão condescendente.

— Obrigada pelo seu tempo — digo. Em francês. A irritação me deixou bilíngue.

Willem de Ruiter.

O nome dele é Willem de Ruiter. Corro até um café com internet e começo a procurá-lo no Google. No entanto, descubro que Willem de Ruiter é um nome bem popular na Holanda. Há um cinegrafista holandês com esse nome. Há alguns diplomatas famosos. E centenas de pessoas desconhecidas, que, apesar disso, têm alguma razão para estar na internet. Passo por centenas de páginas, em inglês, em holandês, e não descubro nenhum link que me leve até ele, nenhum pedaço de evidência de que ele, de fato, existe. Pesquiso o nome de seus pais, Bram de Ruiter. Yael de Ruiter. Naturopata. Ator. Qualquer coisa em que consiga pensar. Todas essas combinações. Fico vagamente animada quando algo esquisito sobre teatro aparece, mas, quando clico no link, o site está fora do ar.

Como pode ser tão difícil encontrar alguém? Eu penso que talvez Céline tenha me dado o nome errado de propósito.

Mas então pesquiso meu próprio nome, Allyson Healey, no Google, e nada aparece também. É preciso acrescentar o nome de minha faculdade antes de conseguir entrar na minha página do Facebook.

Percebo, então, que não é suficiente saber como uma pessoa se chama.

É preciso saber quem ela é.

Na manhã seguinte, Kelly e suas amigas me perguntam se eu quero me juntar a elas para uma visita ao Museu Rodin e, depois, para fazer compras. Eu quase digo sim. Porque isso é o que eu gostaria de fazer. Mas ainda há mais uma parada. Não é que eu ache que vá encontrar alguma coisa; é que, encarando os demônios, também preciso ir até lá.

Não tenho certeza de onde é exatamente, mas sei qual é o cruzamento onde a Srta. Foley me buscou. Está gravado no meu cérebro. Avenue Simon Bolivar e Rue de l'Equerre, o cruzamento da Humilhação e da Derrota.

Ao sair do metrô, nada me parece familiar. Talvez porque da última vez que estive aqui eu estivesse ricocheteando de pânico. Mas eu sei que não corri tanto para encontrar um telefone público, então sei que o *squat* de arte não pode estar muito longe. Subo metodicamente um quarteirão. Desço outro. Para cima e de volta. Mas nada me parece familiar. Fico tentada a pedir informações, mas como digo "squat de arte" em francês? Prédio antigo com artistas? Isso não funciona. Lembro-me dos restaurantes chineses na redondeza e pergunto sobre eles. Um cara jovem fica todo animado e, acho, faz uma indicação para um lugar supostamente bom do outro lado na Rue de Belleville. Eu o encontro. E, de lá, encontro uma placa da dupla felicidade. Poderia ser uma de muitas, mas tenho a sensação de que é exatamente a que estou procurando.

Ando para lá e para cá durante quinze minutos e, numa triangulação de ruas, encontro o *squat*. Tem o mesmo andaime, as mesmas pinturas distorcidas, talvez um pouco mais danificadas pelo tempo. Bato na porta de aço. Ninguém responde, mas obviamente há gente lá dentro. A música sai pelas janelas abertas. Dou um empurrão na porta. Ela se abre com um rangido. Empurro-a um

pouco mais. Entro. Ninguém nota minha presença. Subo pela escadaria barulhenta, para o lugar onde tudo aconteceu.

A princípio vejo o gesso, branco brilhante, mas, ao mesmo tempo, dourado e morno. Do lado de dentro, um homem está trabalhando. Ele é pequeno, asiático, um estudo em contrastes: o cabelo é branco com raízes pretas, as roupas são pretas e estranhamente antiquadas, como se ele tivesse saído de um romance de Charles Dickens, e está todo coberto com o mesmo pó branco que me encobriu naquela noite.

Ele está esculpindo um pedaço de argila com um escalpelo, sua atenção tão focada que tenho medo que dê um salto ao menor som. Limpo a garganta e bato suavemente na porta.

Ele olha para cima e esfrega os olhos, inebriados de concentração.

— *Oui.*

— *Bonjour* — começo. E, então, gaguejo. Meu francês limitado não é suficiente para o que preciso explicar a ele. Invadi seu *squat* com um cara. Tive a noite mais íntima da minha vida e acordei absolutamente sozinha. — Hummm, estou procurando um amigo que acho que você deve conhecer. Ah, me desculpe, *parlez-vous anglais?*

Ele ergue a cabeça e assente, levemente, com a delicadeza e o controle de um bailarino.

— Sim — responde.

— Estou procurando um amigo e gostaria de saber se o conhece. O nome dele é Willem de Ruiter. Ele é holandês. — Procuo uma ponta de reconhecimento no rosto dele, mas ele permanece impassível, tão liso quando as esculturas que nos cercam.

— Não? Bem, ele e eu passamos uma noite aqui. Não *ficamos* aqui exatamente... — Eu me recolho, olhando ao redor do estúdio, e tudo vem de volta: o cheiro da chuva no chão sujo, o rodopio da

poeira, a madeira lisa da mesa de trabalho pressionando minhas costas. Willem em cima de mim.

— Como disse que era seu nome?

— Allyson — Ouço a mim mesma, como se estivesse a distância.

— Van — diz ele, apresentando-se enquanto mexe num velho relógio de bolso pendurado numa corrente.

Estou olhando fixamente para a mesa, me lembrando da intensa dureza dela contra minhas costas, a facilidade com a qual Willem me levantou e me colocou sobre ela. A mesa está, assim como naquele dia, meticulosamente limpa, a pilha de papéis organizada, as peças ainda não finalizadas num canto, a cesta de cordas com carvão e lápis. Espere aí. O quê? Pego as canetas.

— Esta caneta é minha!

— Como? — pergunta Van.

Estico a mão para tirar a caneta da cesta. A caneta esferográfica com os dizeres RESPIRE MAIS FACILMENTE COM PULMOCLEAR.

— Esta é a minha caneta! Do consultório do meu pai.

Van está olhando para mim, perplexo. Ele não compreende. A caneta estava na minha mochila. Nunca a tirei de lá. Ela simplesmente desapareceu. Eu estava com ela no barco. Escrevi *dupla felicidade* com ela. E, então, no dia seguinte, quando estava ao telefone com a Srta. Foley, ela tinha sumido.

— No verão passado, meu amigo Willem e eu, bem, viemos aqui esperando que alguém pudesse nos acolher por uma noite. Ele disse que os *squats* faziam isso. — Faço uma pausa. Van balança levemente a cabeça. — No entanto, não havia ninguém aqui. Mas a janela estava aberta. Então nós dormimos aqui, em seu estúdio, e, quando eu acordei na manhã seguinte, meu amigo Willem tinha desaparecido.

Espero que Van fique bravo com a invasão, mas ele está olhando para mim, ainda tentando entender por que eu estou segurando

minha caneta da Pulmoclear na mão como se fosse uma espada.

— Esta caneta estava na minha bolsa e depois desapareceu e agora está aqui, e eu fico imaginando que talvez houvesse um bilhete, ou algo do tipo...

O rosto de Van permanece inalterado, e eu estou prestes a me desculpar pela invasão de antes, e agora de novo. Mas então vejo algo, como pequenas faíscas de luz antes do nascer do sol, como se algum tipo de reconhecimento lhe iluminasse o rosto. Ele bate a ponta do dedo indicador no osso do nariz.

— Eu encontrei alguma coisa; achei que fosse uma lista de compras.

— Uma lista de compras?

— Diz algo sobre, sobre... eu não me lembro, talvez chocolate e pão?

— Chocolate e pão? — Essas eram as comidas favoritas de Willem. Meu coração dispara.

— Não me lembro. Achei que tivesse vindo do lixo. Eu saí de férias e, quando voltei, estava tudo desarrumado. Eu joguei fora. Sinto muito. — Ele parece desolado.

Nós nos enfiámos no estúdio dele, fizemos uma bagunça, e ele é quem se sente culpado.

— Não, não se preocupe. Isso foi útil demais. Haveria uma razão para qualquer lista de compras estar aqui? Quero dizer, será que você poderia tê-la escrito?

— Não. E, se tivesse, não teria pão nem chocolate.

Sorrio diante do comentário.

— Será que a lista poderia ser, talvez, um bilhete?

— É possível.

— Era para termos pão e chocolate no café da manhã. E minha caneta está aqui.

— Por favor, leve sua caneta.

— Não, pode ficar com a caneta — digo, e deixo escapar uma gargalhada. Um bilhete. Será que ele poderia ter me deixado um bilhete?

Atiro meus braços em volta de Van, que, por um momento, fica tenso de surpresa, mas depois relaxa dentro do meu gesto e levanta os braços para me abraçar também. É gostoso, e ele cheira bem, como tinta a óleo e terebintina e poeira e madeira antiga; cheiros que, como tudo mais daquele dia, agora estão incrustados em minha própria pele. Pela primeira vez em muito tempo isso não parece uma maldição.



Ao deixar Van, já é o meio da tarde. A turma australiana provavelmente ainda está no Museu Rodin; eu poderia me encontrar com eles. Mas, em vez disso, resolvo tentar outra coisa. Vou até a estação de metrô mais próxima, fecho os olhos e giro e depois escolho uma estação. Aterrisso na Jules Joffrin e então descubro os vários trens que me levarão até lá.

Acabo chegando a um bairro tipicamente parisiense, muitas ruas estreitas e inclinadas e lojas de dia a dia: sapatarias, barbearias, pequenos bares de bairro. Embrenho-me pelos caminhos, sem ideia de onde estou, mas curtindo surpreendentemente a sensação de estar perdida. Mais tarde, encontro uma escadaria larga, esculpida numa ladeira íngreme, formando um pequeno cânion entre os prédios de apartamentos e a folhagem verde pendurada dos dois lados. Não faço ideia para onde levam os degraus. Praticamente consigo ouvir a voz de Willem: *Um motivo ainda melhor para segui-los.*

E então sigo. E sigo, e sigo. Assim que acabo de chegar a algum lugar, encontro outro grupo de degraus. No topo deles, encontro uma ruazinha medieval de paralelepípedos e então, *bum*, é como eu estivesse de volta ao mundo do tour. Há ônibus vazios e cafés

lotados como latas de sardinha, e um tocador de acordeão fazendo covers de Edith Piaf.

Sigo a multidão até o outro lado e, ao final da rua cheia de cafés exibindo cardápios em inglês, espanhol, francês e alemão, há uma enorme catedral de domo branco.

— *Excusez-moi, qu'est-ce que c'est?* — pergunto a um homem em pé do lado de fora de um dos cafés.

Ele rola os olhos.

— *C'est Sacré-Cœur!*

Ah, Sacré-Cœur. Claro. Chego mais perto e vejo três domos, dois menores apertando o grande no meio, reinando majestoso sobre os tetos de Paris. Em frente à catedral, que tem um brilho dourado no sol da tarde, há uma esplanada inclinada, repartida em duas por degraus de mármore que levam ao outro lado da colina. Há gente por todo lado: os turistas com suas câmeras ligadas, mochileiros largados sob o sol, artistas com seus cavaletes, jovens casais debruçando-se um sobre o outro, cochichando segredos. Paris! Vida!

Ao final do tour, jurei nunca mais colocar os pés em outra igreja caindo aos pedaços. No entanto, por algum motivo, sigo a multidão até lá dentro. Apesar dos mosaicos de ouro, das estátuas gigantes e da multidão cada vez maior, de algum modo ainda se pode se sentir numa igreja de bairro, com as pessoas rezando baixinho, com o rosário nas mãos ou apenas perdidas em seus pensamentos.

Há um pequeno estande de velas, e se pode pagar alguns euros e acender sua própria vela. Eu não sou católica, e não tenho muita certeza sobre esse ritual, mas sinto necessidade de comemorar esse feito de alguma forma. Dou algum dinheiro trocado e recebo uma vela e quando a acendo me ocorre que deveria fazer uma prece. Será que deveria rezar por alguém que já morreu, como meu avô? Ou deveria rezar para Dee? Pela minha mãe? Será que deveria rezar para encontrar Willem?

Mas nada disso parece estar certo. O que parece certo é simplesmente *isto*. Estar aqui. De novo. Desta vez, sozinha. Não tenho certeza de qual a palavra para *isto*, mas faço uma prece de qualquer forma.

Estou ficando com fome, e o longo entardecer está começando. Resolvo descer pelos degraus de trás, para dentro do bairro típico, e tentar encontrar um bistrô barato para o jantar. Mas primeiro preciso encontrar um *macaron* antes que todas as *pâtisseries* fechem.

Na base dos degraus, caminho alguns quarteirões antes de encontrar uma *pâtisserie*. A princípio penso que ela está fechada por causa da cortina na porta, puxada para baixo, mas ouço vozes, muitas e muitas vozes, do lado de dentro e então, hesitante, empurro para abrir a porta.

Parece que está acontecendo uma festa. O ar está úmido com tantas pessoas juntas, e há garrafas de bebida e buquês de flores. Começo a querer voltar para fora, mas há um grande vozerio vindo de dentro, então eu abro a porta de novo, e eles me absorvem. Lá dentro há pelo menos dez pessoas, algumas delas ainda com seus aventais de cozinheiro, outras em trajes de rua. Todos têm copos nas mãos e o rosto enrubescido de euforia.

Em um francês hesitante, pergunto se seria possível comprar um *macaron*. Há uma pequena confusão e então surge um *macaron*. Ao alcançar minha carteira, recusam meu dinheiro. Começo a seguir em direção à porta, mas, antes de chegar até ela, me oferecem champanhe num copo de papel. Ergo o copo e todos brindam comigo e bebem. Então um cara musculoso com um bigode francês, com as pontas viradas para cima, começa a chorar e todos lhe dão um tapinha nas costas.

Não faço ideia do que está acontecendo. Olho ao redor com ar de interrogação, e uma das mulheres começa a falar bem rápido, com um sotaque forte, assim não pego muita coisa, mas entendo a palavra *bébé*.

— Bebê? — exclamo em inglês.

O cara com o bigode francês me passa o celular. Nele vejo a foto de uma coisinha de cara vermelha e amassada, com um gorro azul.

— Rémy! — informa ele.

— Seu filho? — pergunto. — *Votre fils?*

O cara de bigode francês balança a cabeça, e então seus olhos se enchem de lágrimas.

— *Félicitations!* — digo. E então o cara de bigode me dá um abraço enorme, e a multidão bate palmas e grita.

Passam uma garrafa de bebida cor de âmbar. Quando todos os copos de papel são servidos, as pessoas os erguem e oferecem brindes diferentes ou apenas dizem algumas versões de "saúde". Todo mundo tem sua vez e, quando chega a minha, grito aquilo que os judeus dizem em momentos como esses: "*L'chaim!*".

— Quer dizer "à vida" — explico. E, ao dizê-lo, penso que talvez seja a isso que estava rezando lá na catedral. À vida.

— *L'chaim* — repetem os padeiros barulhentos para mim. E então bebemos.

No dia seguinte, aceito o convite de Kelly para me juntar à trupe australiana. Hoje eles vão desbravar o Louvre. Amanhã vão a Versalhes. No dia seguinte, pegarão o trem para Nice. Sou convidada para ir com eles a todos esses lugares. Ainda tenho dez dias antes de ir embora, e é como se tivesse encontrado tudo o que poderia encontrar. Descobri que ele me deixou um bilhete. O que é quase mais do que eu poderia esperar. Estou considerando ir com eles a Nice. E, depois do meu dia maravilhoso de ontem, também estou considerando ir sozinha a outro lugar.

Depois do café da manhã, todos nós entramos no metrô em direção ao Louvre. Nico e Shazzer estão exibindo algumas das roupas novas que compraram na feira de rua, e Kelly está tirando sarro delas por virem a Paris comprar roupas feitas na China.

— Pelo menos comprei alguma coisa. — Ela ergue o pulso para mostrar o novo relógio digital high-tech feito na França. — Tem uma loja enorme perto de Vendôme que só vende relógios.

— Para que você precisa de um relógio quando está viajando? — pergunta Nick.

— Quantos malditos trens nós já perdemos porque o despertador de alguém não tocou?

Nick deu o ponto para ela.

— Você deveria ver esse lugar. É um absurdo de grande! Eles vendem relógios de todo lugar; alguns custam cem mil euros. Imagine gastar isso num relógio.

Kelly continua, mas eu parei de ouvir porque subitamente estou pensando em Céline. Sobre o que ela disse antes. Sobre como eu

poderia comprar *outro* relógio. Outro. Como se soubesse que eu tinha perdido o último.

O metrô está parando na estação.

— Sinto muito — digo a Kelly e à trupe. — Preciso ir.



— Onde está meu relógio? E onde está Willem?

Encontro Céline no escritório da boate, rodeada por pilhas de relatórios, usando óculos grossos que, de alguma forma, a deixam menos intimidante.

Ela levanta os olhos dos papéis, sonolenta e incrivelmente impassível.

— Você disse que eu deveria comprar *outro* relógio, o que significa que sabia que Willem estava com o *meu* relógio — continuo.

Espero que ela negue tudo, que acabe comigo. Em vez disso, ela dá de ombros, zombeteiramente.

— Por que fez isso? Dar a ele um relógio tão caro depois de apenas um dia? É um pouco desesperador, não?

— Tão desesperador quanto mentir para mim?

Ela dá de ombros novamente, digitando preguiçosamente no computador.

— Não menti. Você perguntou se eu sabia onde encontrá-lo. Eu não sei.

— Mas também não me contou tudo. Você o viu, depois... depois de ele ter me deixado.

Ela tipo nem assente, nem nega, algo entre as duas coisas. Uma expressão perfeita de ambiguidade. Uma parede de pedra incrustada de diamantes.

E, naquele exato momento, outra das lições de francês de Nathaniel me vem à cabeça:

— *T'es toujours aussi salope?* — pergunto.

Uma sobancelha sobe, mas o cigarro dela vai parar no cinzeiro.

— Você fala francês agora? — ela pergunta, em francês.

— *Un petit peu.* — Um pouquinho.

Ela mexe nos relatórios, amassa o cigarro aceso.

— *Il faut mieux être salope que lâche* — diz ela.

Não faço ideia do que ela disse. Faço o melhor que posso para conseguir manter a expressão impassível enquanto tento encontrar as palavras-chave para desvendar a frase como madame nos ensinara, *salope*, megera; *mieux*, melhor. *Lâche*. Leite? Não, isso é *lait*. Mas então me lembro do refrão de madame sobre se aventurar para dentro do desconhecido ser um ato de coragem e ela nos ensinando, como sempre, o oposto de *courageux*: *lâche*.

Será que Céline acabou de me chamar de covarde? Sinto a indignação percorrendo a parte de trás do pescoço até minhas orelhas, e depois até minha cabeça.

— Você não pode me chamar disso — retruco em inglês. — Não tem o direito de me chamar disso. Você nem me conhece!

— Conheço o suficiente — responde em inglês. — Sei que foi você quem desistiu.

— Desisti? Como desisti?

— Você fugiu.

— O que dizia o bilhete? — Estou praticamente gritando agora.

No entanto, quanto mais exaltada eu fico, mais ela se fecha.

— Não sei de nada disso.

— Mas você sabe *alguma coisa*.

Ela acende outro cigarro e assopra a fumaça em cima de mim. Eu abano.

— Por favor, Céline, durante um ano inteiro eu pensei no pior, e agora fico pensando se pensei no pior errado.

Mais silêncio. Então:

— Ele tinha, como se diz, *sue-tours*.

— *Sue-tours*?

— Tipo uma costura na pele. — Ela aponta para a bochecha.

— Suturas? Pontos? Ele estava com pontos?

— Sim, e o rosto estava todo inchado, e o olho, preto.

— O que aconteceu?

— Ele não me contou.

— Por que não me falou isso ontem?

— Você não me perguntou.

Quero ficar furiosa com ela. Não só por causa disso, mas também por ter sido uma cadela naquele primeiro dia em Paris, por me acusar de covardia. Mas finalmente entendo que nada disso tem a ver com Céline; nunca teve. Fui eu quem disse a Willem que estava apaixonada por ele. Fui eu quem disse que cuidaria dele. Fui eu quem pagou para ver.

Olho para Céline, que me observa com aquela expressão cautelosa de gato ao olhar para um cachorro dormente.

— *Je suis désolé* — digo, me desculpando. E então tiro o *macaron* da bolsa e dou a ela. É de framboesa, e eu o estava guardando como um prêmio por confrontar Céline. Dar para outra pessoa é violar a regra de Babs, mas acho que, de alguma forma, ela aprovaria isso.

Ela olha para o *macaron* com desconfiança, em seguida o aceita, pegando-o entre a ponta dos dedos como se fosse algo contagioso.

Coloca-o com cuidado em cima de uma pilha de capinhas de CD.

— Então, o que aconteceu? — pergunto. — Ele voltou aqui todo estourado?

Ela concorda, discretamente.

— Por quê?

Céline franze o cenho.

— Ele não disse.

Silêncio. Ela abaixa os olhos, depois olha rapidamente para mim.

— Ele mexeu na sua mala.

O que havia lá? Uma lista de coisas para colocar na mala. Roupas. Suvenires. Cartões-postais em branco. Minha etiqueta de bagagem? Não, esta arrebentara na estação de metrô em Londres. Meu diário? Que agora está comigo. Tiro-o da bolsa, folheio as páginas, olhando algumas anotações. Há algo sobre Roma e gatos ferozes. Viena e o Palácio Schönbrunn. A ópera em Praga. Mas não há nada, nada de mim. Nem meu nome. Nem meu endereço. Nem meu e-mail. Nem o endereço de qualquer pessoa que conheci no tour. Nem nos demos ao trabalho de fingir que manteríamos contato. Enfio o diário de volta na mochila. Céline está espiando tudo com olhos semicerrados, observando enquanto finge não fazê-lo.

— Ele pegou alguma coisa da minha mala? Encontrou alguma coisa?

— Não. Ele só cheirava... — Ela para, como se estivesse sentindo dor.

— Ele cheirava o quê?

— Ele tinha um cheiro horrível. — Ela afirma solenemente. — Ele levou seu relógio. Eu pedi para deixá-lo. Meu tio é joalheiro, então sei que é caro. Mas ele se recusou.

Eu suspiro.

— Onde posso encontrá-lo, Céline? Por favor. Você pode me ajudar pelo menos com isso.

— Pelo menos com isso? Já ajudei você com tanta coisa — retruca ela, toda insolente, toda indignada. — E não sei onde encontrá-lo. Não minto. — Ela olha firme para mim. — Digo a verdade, e a verdade é que Willem é o tipo de homem que aparece quando aparece. E, na maioria das vezes, não aparece.

Gostaria de poder dizer que ela está errada. Que entre nós foi diferente. Mas, se ele não ficou apaixonado por Céline, o que me faz achar que depois de um dia, mesmo que ele tenha gostado de mim, eu não tenha sido usada?

— Quer dizer que não teve sorte? Na internet? — pergunta ela.
Começo a juntar minhas coisas.

— Não.

— Willem de Ruiten é um nome comum, *n'est-cepas?* — diz ela. Em seguida faz uma coisa que nunca imaginei que fosse capaz de fazer. Ela fica vermelha. E é assim que eu sei que ela também já procurou por ele. E que também não o encontrou. E, de repente, me pergunto se eu não teria julgado Céline, não de todo, mas ao menos um pouquinho errado.

Pego um dos meus cartões-postais de Paris. Escrevo meu nome, endereço, todos os meus detalhes, e entrego a ela.

— Se vir Willem. Ou se algum dia estiver em Boston e precisar de um lugar para ficar, ou para guardar suas coisas.

Ela pega o cartão-postal e o olha. Então o enfia na gaveta.

— Boss-tone. Acho que prefiro Nova York. — Ela funga. Fico quase aliviada por ela voltar a ser a Céline esnobe de sempre.

Penso em Dee. Ele daria conta de Céline.

— Isso provavelmente pode ser arranjado.

Quando chego à porta, Céline chama meu nome. Eu me viro. Vejo que ela deu uma mordida no *macaron*; o biscoito redondo é agora uma meia-lua.

— Desculpe por tê-la chamado de covarde — diz ela.

— Tudo bem — digo. — Às vezes eu sou mesmo. Mas estou tentando ser mais corajosa.

— *Bon.* — Ela faz uma pausa, e, se eu não a conhecesse, diria que talvez estivesse considerando dar um sorriso. — Se encontrar Willem de novo, precisará de coragem.



Sento-me na beirada de uma fonte para ponderar sobre o que Céline disse. Não consigo compreender exatamente se aquilo foi apoio ou aviso, ou talvez as duas coisas. Mas, de qualquer forma, tudo parece teoria, pois cheguei a um beco sem saída. Ela não sabe onde ele está. Posso tentar fazer mais pesquisa na internet e enviar outra carta ao Will Guerrilheiro, mas, fora isso, estou de mãos atadas.

Precisará de coragem.

Talvez seja melhor. Talvez eu termine aqui. Amanhã vou a Versalhes com a trupe australiana. E tudo bem. Tiro o mapa que Dee e Sandra me deram para descobrir minha rota de volta para o hotel. Não está muito longe. Posso andar. Traço a rota com o dedo. Ao fazê-lo, meu dedo passa sobre não um, mas dois grandes quadrados cor-de-rosa. Os grandes quadrados cor-de-rosa neste mapa são hospitais. Coloco o mapa mais perto do rosto. Há quadrados rosa espalhados por todo lugar. Paris é cheia de hospitais. Passo meu dedo até o *squat* de arte. Também há vários hospitais na área encoberta pela ponta do meu dedão, ao redor do *squat*.

Se Willem se machucou perto do *squat* de arte e levou pontos, há uma boa chance de que tenha acontecido num desses hospitais.

— Obrigada, Dee! — grito na tarde de Paris. — E obrigada, Céline — acrescento um pouco mais baixo. Então me levanto e saio andando.



No dia seguinte, Kelly me cumprimenta friamente, e eu posso ver quanto é difícil para ela. Eu me desculpo por ter “desaparecido em combate” ontem.

— Tudo bem — diz ela —, mas você vem conosco hoje a Versalhes?

Faço uma careta.

— Não posso.

A expressão endurece com mágoa.

— Se não quer ficar com a gente, não tem problema, mas não faça planos para desperdiçar nossos sentimentos.

Não tenho certeza de por que não contei a ela. Parece meio bobo estar aqui, passar por tudo isso por um cara com quem passei apenas um dia. Mas, ao contar a Kelly uma versão resumida de uma longa história, incluindo a busca maluca de hoje, o rosto dela fica cada vez mais sério. Quando termino, ela simplesmente balança a cabeça.

— Eu compreendo — diz solenemente. — Encontro você lá embaixo no café.

Quando chego à sala do café da manhã, Kelly e o grupo estão amontoados em volta de uma daquelas grandes mesas de madeira, mapas espalhados em frente a eles. Pego meu croissant, o chá e o iogurte e me junto a eles.

— Vamos com você — declara ela. — Todos nós.

— O quê? Por quê?

— Porque vai precisar de um exército para isso. — O restante do grupo me cumprimenta distraidamente e depois todos começam a falar de uma vez só. Bem alto. As pessoas olham para nós, mas esse pessoal é incorrigível. Só a garota pálida na ponta de nossa mesa nos ignora, mantendo o nariz enfiado num livro.

— Têm certeza de que querem perder Versalhes?

— Versalhes é uma relíquia — insiste Kelly. — Não vai sair dali. Mas isto é vida real. Romance de verdade. O que poderia ser mais francês do que isso?

— Vamos com você, quer goste, quer não. Mesmo que tenhamos que seguir você a cada hospital francês daqui até Nice — declara Shazzer.

— Não acho que isso será necessário — digo. — Olhei no mapa. Reduzi as opções a três hospitais prováveis.

A garota-duende levanta os olhos. Os olhos dela são tão pálidos que parecem feitos de água.

— Desculpe, vocês disseram que vão a um hospital? — pergunta ela.

Olho para os australianos, meu exército maltrapilho, todos elas animadíssimos.

— Aparentemente, sim.

A garota-duende olha para mim com uma intensidade estranha.

— Eu conheço hospitais — diz ela em voz baixa.

Olho de volta para ela. Sinceramente, não consigo imaginar nada mais chato do que isso, exceto talvez uma visita ao departamento de desemprego francês. Não consigo imaginar que ela queira vir conosco. Exceto, talvez, por estar sozinha. E isso eu consigo entender.

— Você, você gostaria de vir conosco? — pergunto.

— Não particularmente — responde ela —, mas acho que deveria.

O primeiro do mapa acaba sendo algum tipo de hospital particular onde, depois de uma hora sendo mandada de um setor para outro, descubro que, ainda que tenha uma sala de emergência, ela não recebe a maioria dos casos que vêm da rua; em vez disso, encaminha-os para os hospitais públicos. Eles nos mandam ao Hôpital Lariboisière. Vamos direto para o *urgences*, a versão francesa dos prontos-socorros, e, depois de nos darem um número e nos pedirem para esperar, nos sentamos durante horas em cadeiras desconfortáveis, juntamente com todas as pessoas com cotovelos quebrados e tosses que parecem realmente feias e contagiosas.

O entusiasmo inicial do grupo começa a diminuir quando eles percebem que ir a prontos-socorros é tão chato na França quanto em qualquer outro lugar do mundo. Estão fadados a se divertir com bolinhas de papel com saliva e jogos de baralho de *War*, o que não os faz benquistos pelas enfermeiras. Wren, a garota-duende estranha e pálida que trouxemos conosco, não participa de nenhuma bobagem. Apenas continua lendo seu livro.

Quando somos chamados ao balcão da recepção, as enfermeiras estão nos odiando, e o sentimento é praticamente mútuo. Shazzer, que aparentemente fala o melhor francês, é nomeada embaixadora, e não sei se por falta de habilidade com o francês ou por falta de habilidades diplomáticas, em cinco minutos ela está discutindo furiosamente com a enfermeira, e, em dez, somos acompanhadas até a rua.

Agora são três da tarde. Metade do dia já se passou e eu posso ver que o grupo está impaciente, cansado, faminto e desejando que tivessem ido a Versalhes. Agora que reflito sobre isso percebo quanto é ridículo. A recepção do consultório do meu pai é administrada por uma enfermeira chamada Leona, que não permite nem que eu mesma entre no consultório, a não ser que meu pai esteja lá dentro esperando por mim. Leona nunca daria um arquivo a mim, a filha de seu patrão que fala a mesma língua que ela, quanto mais a uma estrangeira desconhecida.

— Foi um fiasco — digo a eles quando saímos na calçada. A camada nebulosa que esteve sobre Paris nos últimos dias desapareceu enquanto estávamos sentados do lado de dentro, e o dia agora está quente e claro. — Pelo menos vocês ainda podem salvar o restante da tarde. Comprem comida e vão fazer um piquenique nos Jardins de Luxemburgo.

Posso perceber que a ideia é tentadora. Ninguém a contesta.

— Mas prometemos ser sua equipe de apoio — diz Kelly. — Não podemos deixá-la fazer isso sozinha.

Levanto as mãos em sinal de desistência.

— Não vão. Já acabei. Esta é uma causa perdida.

Pegam-se os mapas. Debatem-se as rotas de metrô. Discutem-se os itens para o piquenique.

— As pessoas misturam os santos padroeiros, sabiam?

Levanto os olhos. Wren, nossa duende carona, que ficou em silêncio o dia inteiro, finalmente fala.

— Misturam?

Ela balança a cabeça.

— Santo Antônio é o padroeiro das coisas perdidas. Mas São Judas é o padroeiro das causas perdidas. Você precisa ter certeza de que está pedindo ajuda ao santo certo.

Há um momento em que todos olham para Wren. Será que ela é um algum tipo de maluca religiosa?

— Quem seria o responsável por uma pessoa perdida? — pergunto.

Wren faz uma pausa para pensar.

— Isso depende. Que tipo de perda?

Não sei. Não sei nem se ele está perdido. Talvez esteja exatamente onde quer estar. Talvez a perda seja eu, procurando

alguém que não tem nenhuma vontade de ser encontrado.

— Não tenho certeza.

Wren gira o bracelete, passando os dedos pelos pingentes.

— Talvez você devesse simplesmente rezar para os dois. — Ela me mostra os pequenos pingentes com cada santo padroeiro. Há vários outros deles, um com uma data, outro com um trevo, um com um pássaro.

— Mas eu sou judia.

— Ah, eles não se importam. — Wren olha para mim. Os olhos dela não parecem azuis, mas ter uma falta de azul. Como o céu um pouco antes do amanhecer. — Apenas peça ajuda aos santos. E você deveria ir àquele terceiro hospital.



O Hôpital Saint-Louis tem 400 anos. Wren e eu entramos no anexo moderno. Mande os outros para os Jardins de Luxemburgo sem muita discussão. O átrio de vidro filtra a luz do sol, jogando prismas de luz sobre o chão.

O pronto-socorro está silencioso; apenas algumas pessoas sentadas por entre as filas de cadeiras vazias. Wren vai direto aos dois enfermeiros atrás do balcão, e aquela voz estranhamente melodiosa dela sai num francês perfeito. Fico em pé atrás dela, pegando o suficiente do que ela diz para saber que está contando minha história, encantando-os com ela. Até as pessoas nas cadeiras se inclinam para ouvir a voz suave de Wren. Não faço nem ideia de como ela sabe da história; eu não lhe contei. Talvez tenha ouvido no café da manhã ou entre as outras garotas. Ela termina, e o silêncio se instala. Os enfermeiros olham firmes para ela, então abaixam os olhos e começam a digitar.

— Como sabe falar francês tão bem? — sussurro.

— Sou de Quebec.

— Por que não traduziu no outro hospital?

— Porque não era o hospital certo.

Os enfermeiros me perguntam o nome dele. Eu digo. Soletro. Ouço o barulho das teclas do computador conforme eles o digitam.

— *Non* — diz um dos enfermeiros — *pas ici*. — Ele balança a cabeça.

— *Attendez* — diz o outro. Espere.

Ele digita mais alguma coisa. Diz um monte de coisas para Wren, e eu perco o fio da meada, mas então uma palavra vem à tona: uma data. O dia depois do dia que Willem e eu passamos juntos. O dia em que nos separamos.

Minha respiração para. Ele levanta os olhos, repete a data para mim.

— Sim — confirmo. Esse seria o dia em que ele esteve aqui. — *Oui*.

O enfermeiro diz uma e outra coisa que eu não entendo. Viro-me para Wren.

— Eles podem nos dizer onde encontrá-lo?

Wren faz a pergunta, então traduz a resposta.

— Os arquivos são confidenciais.

— Mas eles não precisam nos dar nada por escrito. Devem ter alguma informação sobre ele.

— Estão dizendo que está tudo no departamento de cobrança agora. Não ficam com muita coisa aqui.

— Tem que haver alguma coisa. Agora é a hora de pedir ajuda a São Judas.

Wren pega o pingente em seu bracelete. Dois médicos com aventais e jalecos de laboratório atravessam as portas vaivém com

copos de café na mão. Wren e eu olhamos uma para a outra. São Judas aparentemente resolvendo conceder dupla inspiração.

— Posso falar com um médico? — pergunto aos enfermeiros com meu francês horroroso. — Talvez o... — Viro-me para Wren. — Como se diz “médico de plantão” em francês? Ou o médico que tratou de Willem?

O enfermeiro deve entender um pouco de inglês, porque esfrega o queixo e volta para o computador.

— Ah, Doutor Robinet — informa e pega o telefone.

Alguns minutos depois, as portas basculantes se abrem e é como se desta vez São Judas resolvesse nos mandar um bônus, porque o médico é lindo como um astro de TV: cabelo grisalho encaracolado, rosto ao mesmo tempo delicado e irregular. Wren começa a explicar a situação, mas então percebo que, causa perdida ou não, tenho que construir meu próprio caso. No francês mais elaborado possível, tento explicar: *Amigo machucado. Neste hospital. Amigo perdido. Preciso encontrar.* Estou esgotada e, com minhas frases bem básicas, devo parecer uma mulher das cavernas.

O Dr. Robinet me olha por um momento. Então acena para que o sigamos pelas portas vaivém até a sala de exames, onde pede para nos sentarmos na maca enquanto ele se acomoda num banco com rodinhas.

— Entendo seu dilema — ele responde num inglês com sotaque britânico perfeito. — Mas simplesmente não podemos abrir nossos arquivos sobre os pacientes. — Ele se vira diretamente para mim. Os olhos são de um verde brilhante, aguçados e bondosos ao mesmo tempo. — Entendo que tenha vindo dos Estados Unidos, mas sinto muito.

— Pode pelo menos me *dizer* o que aconteceu com ele? Sem ter que, de fato, olhar a ficha dele? Isso seria quebrar o protocolo?

O Dr. Robinet sorri pacientemente.

— Vejo centenas de pacientes por dia. E isso foi, você diz, um ano atrás?

Balanço a cabeça.

— Foi. — Enfio a cabeça entre as mãos. A loucura dos eventos toma conta de mim novamente. Um dia. Um ano.

— Talvez se você o descrevesse. — O Dr. Robinet me dá um pouco de corda.

Eu agarro a oportunidade.

— Ele é holandês. Muito alto, seis ponto três pés, isso é um metro e noventa. Setenta e cinco quilos. Tem o cabelo bem claro, quase como palha, mas olhos bem escuros, quase como carvão. Bem magro. Os dedos são longos. Tem uma cicatriz como um ziguezague bem em cima do peito do pé. Enquanto continuo a descrevê-lo, detalhes que pensava ter esquecido me voltam à mente e uma imagem dele sobe à superfície.

No entanto, o Dr. Robinet não consegue visualizá-la. Ele parece confuso e eu percebo que, do ponto de vista dele, eu acabei de descrever um cara alto e louro, uma pessoa entre milhares.

— Talvez se você tivesse uma fotografia.

Sinto como se a imagem que eu criei de Willem estivesse viva na sala. Ele estava certo com relação a não precisar de uma câmera para gravar as coisas importantes da vida. Ele esteve dentro de mim todo esse tempo.

— Não tenho — digo. — Ah, mas ele levou pontos. E tinha um olho roxo.

— Isso descreve a maioria das pessoas que tratamos — diz o Dr. Robinet. — Sinto muito. — Ele se levanta do banquinho; alguma coisa metálica cai no chão. Wren pega uma moeda de euro do chão e começa a dar de volta a ele.

— Espere! Ele fazia essa coisa com moedas — digo. — Ele equilibrava a moeda entre os ossinhos da mão. Desse jeito. Posso?

— Alcanço a moeda de euro e mostro como ele virava a moeda pelos ossinhos das mãos.

Devolvo o euro ao Dr. Robinet, e ele o segura na mão, examinando-a como se fosse uma moeda rara. Então a atira, rodopiando pelos ares, e a pega de volta.

— *Commotion cérébrale!* — fala.

— O quê?

— Traumatismo craniano — traduz Wren.

— Traumatismo craniano?

Ele levanta o dedo indicador e se vira lentamente, como se estivesse arrancando a informação de um poço profundo.

— Ele teve um traumatismo craniano. E, se me lembro bem, uma laceração facial. Queríamos que ele ficasse em observação, pois o traumatismo craniano pode ser sério, e queríamos reportar à polícia, pois ele tinha sido agredido.

— Agredido? Por quê? Por quem?

— Não sabemos. A praxe é prestar queixa à polícia, mas ele se recusou. Estava muito agitado. Agora eu me lembro! Ele ficou poucas horas. Queria ir embora logo, mas insistimos que ficasse para uma tomografia computadorizada. Assim que demos os pontos e vimos que não havia sangramento cerebral, ele insistiu que precisava ir. Ele disse que era muito importante. Alguém que ele perderia. — Ele se vira para mim, os olhos agora arregalados. — Você?

— Você — diz Wren.

— Eu — confirmo. Pontos pretos dançam em minha visão, e minha cabeça parece derreter.

— Acho que ela vai desmaiar — avisa Wren.

— Coloque a cabeça entre as pernas — aconselha o Dr. Robinet. Ele grita no corredor, e uma enfermeira me traz um copo de água.

Tomo a água. O mundo para de rodar. Lentamente, volto à posição ereta de novo. O Dr. Robinet está me olhando neste momento e é como se a máscara do profissionalismo tivesse caído.

— Mas isso foi há um ano? — pergunta ele, com a voz macia como um cobertor. — Vocês se perderam há um ano?

Balanço a cabeça.

— E você ficou procurando esse tempo todo?

Balanço a cabeça novamente. De algum modo, fiquei.

— E acha que ele também ficou procurando você?

— Não sei. — E realmente não sei. Só porque ele tentou me encontrar há um ano não quer dizer que queira me encontrar agora. Ou que queira que eu o encontre.

— Mas você precisa saber — afirma ele. E por um minuto acho que está me repreendendo, mas então pega o telefone e faz uma ligação. Quando acaba, vira-se para mim. — Você precisa saber — repete. — Vá até a cabine dois no departamento de cobrança agora. Eles não podem liberar a ficha, mas eu os instruí para que lhe dessem o endereço dele.

— Eles têm? Eles têm o endereço dele?

— Eles têm um endereço. Vá pegá-lo agora. E depois o encontre. — Ele me olha novamente. — Independentemente de qualquer coisa, você precisa saber.

Saio do hospital, passo por onde os pacientes de câncer estão recebendo seus tratamentos de quimioterapia sob o sol do final de tarde. O papel com o endereço de Willem está apertado em minhas mãos. Ainda não olhei para ele. Digo a Wren que preciso ficar sozinha por um momento e caminho em direção aos muros do antigo hospital.

Sento-me num banco ao lado do quadrilátero de grama, entre os antigos prédios de tijolos. As abelhas dançam por entre os arbustos de flores, e as crianças brincam; há tanta vida nas paredes deste

antigo hospital. Olho para o papel em minha mão. Poderia ter qualquer endereço. Ele poderia estar em qualquer lugar do mundo. Até onde eu vou com isso?

Penso em Willem, machucado — machucado! — e ainda tentando me encontrar. Respiro fundo. O cheiro de grama recém-cortada se mistura ao pólen e à fumaça dos caminhões parados na rua. Olho para a marca de nascença em meu pulso.

Abro o papel, sem muita certeza de para onde vou depois, só com a certeza de que vou.

34 

agosto

Utrecht, Holanda

Meu guia tem apenas duas páginas sobre Utrecht, então espero que ela seja pequena ou feia ou industrial, mas ao final o lugar acaba sendo uma cidade medieval maravilhosa e contorcida, repleta de casas geminadas com telhados triangulares, canais com casas flutuantes e ruazinhas estreitas que parecem poder abrigar tanto humanos como bonecas. Não há muitos albergues, mas, quando apareço no único que posso pagar, fico sabendo que, antes de ser um albergue, ele já foi um *squat*. E tenho aquela sensação, quase como um radar comunicando de algum lugar secreto do mundo só para mim: *Sim, é aqui que você deve estar.*

As pessoas no albergue da juventude são amigáveis e solícitas e falam inglês perfeitamente, assim como Willem falava. Um deles até se parece com ele — o mesmo rosto anguloso, aqueles lábios vermelhos carnudos. Pergunto se ele conhece Willem; ele não o conhece e, quando explico que ele se parece com alguém que estou procurando, ele ri e diz que ele e metade da Holanda se parecem. Ele me dá um mapa de Utrecht e me mostra como chegar ao endereço que o hospital me deu, a alguns quilômetros daqui; sugere que eu alugue uma bicicleta.

Opto pelo ônibus. A casa fica fora do centro, numa área cheia de lojas de discos, restaurantes étnicos com carne girando no espeto e grafite. Depois de algumas viradas erradas, encontro a rua, do lado oposto a alguns trilhos de trem, sobre o qual está um vagão de carga abandonado, quase completamente grafitado. Bem do outro

lado da rua há um sobrado estreito que, de acordo com a anotação que tenho, é o último endereço conhecido de Willem de Ruiter.

Tenho que abrir caminho entre seis bicicletas presas na grade da frente para chegar à porta, que é pintada de azul brilhante. Hesito antes de apertar a campainha, que parece um olho. Sinto-me estranhamente calma ao apertá-la. Ouço o toque. Em seguida a batida pesada de pés. Só conheci Willem por um dia, mas reconheço que aquelas passadas não são dele. As dele, de algum modo, seriam mais leves. Uma garota alta e bonita, com uma trança castanha comprida, abre a porta.

— Oi. Você fala inglês? — pergunto.

— Sim, claro — responde ela.

— Estou procurando Willem de Ruiter. Me disseram que ele mora aqui. — Seguro o pedaço de papel como prova.

De alguma forma eu sei que ele não está aqui. Talvez porque eu não esteja nervosa o bastante. Então, quando a expressão dela não dá nenhum sinal, não fico tão surpresa assim.

— Eu não o conheço. Só estou alugando aqui durante o verão — explica. — Sinto muito. — E começa a fechar a porta.

A esta altura, já aprendi que *não* ou *sinto muito* ou *não posso ajudar* são ofertas de abertura.

— Tem mais alguém aqui que poderia conhecê-lo?

— Saskia — chama ela. Na ponta de uma escadaria estreita aparece uma garota. Ela desce os degraus. Tem cabelo louro, bochechas rosadas e olhos azuis, e há algo vagamente camponês nela, como se, neste exato minuto, tivesse acabado de cavalgar ou arar a terra, ainda que seu cabelo esteja cortado em pontas e ela esteja vestida com um suéter preto de lã que é qualquer coisa exceto tradicional.

Mais uma vez explico que estou procurando Willem de Ruiter. Então, mesmo não me conhecendo, Saskia me convida para entrar

e me oferece uma xícara de café ou chá.

Nós três nos sentamos a uma mesa de madeira bagunçada, cheia de pilhas de revistas e envelopes. Há roupas espalhadas por todo lado. É evidente que muitas pessoas vivem aqui. Mas, aparentemente, não Willem.

— Ele nunca morou aqui de verdade — explica Saskia depois de me servir chá e chocolates.

— Mas você o conhece? — pergunto.

— Encontrei-o algumas vezes. Eu era amiga de Lien, que era a namorada de um dos amigos de Robert-Jan. Mas não conheço Willem de verdade. Assim como Anamiek, me mudei para cá no verão.

— Sabe por que ele usaria este lugar como endereço dele?

— Provavelmente por causa de Robert-Jan — responde Saskia.

— Quem é Robert-Jan?

— Ele frequenta a Universidade de Utrecht, como eu. Morava aqui — explica Saskia —, mas se mudou. Eu fiquei com o quarto dele.

— É claro — murmurei para mim mesma.

— Em repúblicas, as pessoas vêm e vão. Mas Robert-Jan voltará a Utrecht. Não para cá, mas para um novo apartamento. Infelizmente, não sei onde será. Eu apenas fiquei com o quarto dele. — Ela dá de ombros como se dissesse *isso é tudo*.

Bato os dedos sobre a velha mesa de madeira. Olho para a pilha de correspondências.

— Talvez eu pudesse dar uma olhada na correspondência. Ver se há alguma coisa com uma pista.

— Fique à vontade — concorda Saskia.

Dou uma olhada nos envelopes. São, na maioria, contas, revistas e catálogos, endereçados a várias pessoas que moram ou moraram neste endereço. Conto pelo menos meia dúzia de nomes, incluindo

o de Robert-Jan. Mas para Willem não há uma única correspondência.

— Willem *algum dia* recebeu correspondência aqui?

— Costumava haver alguma coisa — responde Saskia. — Mas alguém organizou tudo alguns dias atrás, então talvez tenha jogado fora as correspondências dele. Como eu disse, ele não aparece há meses.

— Espere aí — diz Anamiek. — Acho que vi uma correspondência nova com o nome dele. Ainda está na caixa perto da porta.

Ela volta com um envelope. Este não é uma porcaria qualquer. É uma carta, com um endereço escrito à mão. Os selos são holandeses. Quero encontrá-lo, mas não o bastante para abrir sua correspondência pessoal. Coloco o envelope em cima das pilhas, mas então olho de novo. Porque a letra serpenteada desconhecida, com o endereço de retorno no canto superior direito do envelope, é minha.

Pego o envelope e o seguro na frente do abajur. Há outro envelope dentro. Abro o envelope de fora e dele sai minha carta, a que enviei ao Will Guerrilheiro na Inglaterra, procurando por Willem. Pela aparência dos selos, dos endereços riscados e da fita adesiva sobre o envelope, ela já fora reenviada algumas vezes. Abro a carta original para ver se alguém adicionara algo a ela, mas não. Apenas foi lida e passada para a frente.

Mesmo assim, por alguma razão, sinto-me tomada de felicidade. Durante todo esse tempo, minha cartinha malfeita também tem tentado encontrá-lo. Quero beijá-la por ter sido tão persistente.

Mostro a carta a Saskia e Anamiek. Elas a leem e olham para mim, confusas.

— Eu escrevi esta carta — explico. — Cinco meses atrás. Quando comecei a tentar encontrá-lo. Eu a enviei para um endereço na Inglaterra e, de alguma forma, ela veio parar aqui. Assim como eu. — Ao dizer isso, tenho aquela sensação novamente. Estou no

caminho certo. Minha carta e eu aterrissamos no mesmo lugar, ainda que seja o lugar errado.

Saskia e Anamiek se entreolham.

— Vamos fazer algumas ligações — diz Saskia. — Com certeza, podemos ajudá-la a encontrar Robert-Jan.

As garotas desaparecem escadaria acima. Ouço o barulho do computador sendo ligado. Ouço os sons de conversas de um lado só, Saskia ao telefone. Mais ou menos vinte minutos depois elas descem de volta.

— É agosto e quase todo mundo está viajando, mas tenho certeza de que posso conseguir o contato de Robert-Jan em um ou dois dias.

— Obrigada — digo.

Os olhos dela piscam rapidamente. Não gosto do jeito como elas me olham.

— Mas acho que tenho um jeito mais rápido para encontrar Willem.

— É mesmo? Qual?

Ela hesita.

— A namorada dele.

Ana Lucia Aureliano. Esse é o nome dela. A namorada de Willem. Ela frequenta alguma faculdade especial ligada à Universidade de Utrecht.

Durante todo o tempo em que estive procurando, nunca me imaginei chegando a este ponto. Assim, nunca me imaginei encontrando-o de verdade. E, ainda que o imaginasse tendo muitas garotas, nunca pensei nele com uma só. O que, em retrospecto, parece absolutamente ridículo.

Não que eu tenha vindo aqui para ficarmos juntos de novo. Não que haja algo para o que voltar. Mas chegar tão perto e desistir me causaria arrependimento para o resto da vida.

Ironicamente, são as palavras de Céline que finalmente me convencem a ir atrás da namorada: *Precisará de coragem.*

Saskia me explicou que o campus da universidade é pequeno e independente, diferente da Universidade de Utrecht, que se espalha pelo centro da cidade. Fica no subúrbio, e, ao me dirigir até lá numa bicicleta cor-de-rosa que Saskia insistiu em me emprestar, pratico o que vou dizer se encontrá-la. Ou encontrá-lo.

A escola tem alguns poucos alunos, e todos moram no campus; é também uma escola internacional, que atrai estudantes de todas as partes do mundo, com todas as aulas sendo ministradas em inglês. O que significa que preciso perguntar a apenas duas pessoas sobre Ana Lucia para descobrir onde é o dormitório dela.

Um dormitório que parece mais um showroom da Ikea do que uma moradia de faculdade. Dou uma espiada para dentro da porta de vidro de correr; toda a mobília é de madeira elegante e moderna, um milhão de milhas de distância da porcaria industrial do quarto que divido com Kali. As luzes estão apagadas, e, quando

bato à porta, ninguém responde. Há um pedaço de cimento do lado de fora da porta com algumas almofadas bordadas, então eu me sento e espero.

Devo ter pegado no sono, pois acordo caindo para trás. Alguém abriu a porta atrás de mim. Ergo os olhos. A garota — Ana Lucia, presumo — é bonita, com cabelos castanhos compridos e ondulados e lábios rosados, acentuados pelo batom vermelho. Entre ela e Céline, eu deveria me sentir lisonjeada por estar em tal companhia, mas não é isso que estou sentindo neste momento.

— Posso ajudá-la? — pergunta ela, me olhando de cima a baixo, daquele jeito que se olha para um vagabundo encontrado dormindo na varanda.

O sol saiu de trás das nuvens e reflete na janela de vidro, criando uma claridade. Cubro os olhos com as mãos e me ergo.

— Desculpe. Devo ter pegado no sono. Estou procurando Ana Lucia Aureliano.

— Eu sou Ana Lucia — confirma ela, enfatizando a pronúncia correta com a força da sua língua espanhola apoiada nos dentes: Ana Lu-ci-a. Ela semicerra os olhos, me analisando. — Já nos conhecemos?

— Ah, não. Sou Allyson Healey. Eu... me desculpe. Sou dos Estados Unidos e estou tentando encontrar alguém.

— Este é seu primeiro semestre aqui? Há um diretório de estudantes na internet.

— O quê? Ah, não. Eu não estudo aqui. Estudo em Boston.

— Quem está procurando?

Quase não quero dizer o nome dele. Poderia inventar um nome, e ela nunca descobriria. Não teria que ouvi-la me perguntar naquele sotaque adorável por que eu quero saber onde está o namorado dela. Mas, então, eu iria para casa e teria vindo até aqui e nunca saberia. Então, digo o nome.

— Willem de Ruiten.

Ela me olha por um longo momento, e seu lindo rosto se contrai, seus lábios pintados se abrem. E então daqueles lábios sai uma enxurrada do que presumo serem injúrias. Não tenho certeza. Está em espanhol. No entanto, ela está abanando os braços e falando um monte por minuto, e seu rosto está vermelho. *Vate! Déjame, puta!* E ela me pega pelos ombros e me joga para fora da varanda, como um segurança que expulsa um bêbado. Ela joga minha mochila atrás de mim, e tudo se esparrama. Em seguida bate a porta, tanto quanto se pode bater uma porta de vidro de correr. Tranca-a. E abaixa as cortinas.

Sento-me por um momento, boquiaberta. Num transe, começo a colocar minhas coisas de volta dentro da mochila. Examino meu cotovelo, que tem um arranhão onde eu bati ao cair, e meu braço, com as marcas de meia-lua das unhas dela.

— Você está bem? — Ergo os olhos e vejo uma linda garota com cabelo rastafári que se ajoelha ao meu lado e está me passando meus óculos de sol.

Eu balanço a cabeça.

— Precisa de gelo ou qualquer coisa? Tenho um pouco no meu quarto. — Ela começa a caminhar de volta à varanda.

Toco minha cabeça. Há um galo também, mas nada sério.

— Acho que estou bem. Obrigada.

Ela olha para mim e balança a cabeça.

— Você não estava, por acaso, perguntando sobre Willem?

— Você o conhece? — pergunto. — Conhece Willem? — Vou até a varanda. Há um laptop e um livro largados lá. É um livro de física. Está aberto na seção de entrelaçamento quântico.

— Já o vi por aqui. Este é só o meu segundo ano, então não o conheci quando ele estudou aqui. Mas só uma pessoa deixa Ana Lucia maluca desse jeito.

— Espere um pouco. Aqui? Ele fazia faculdade? Aqui? — Tentei conciliar o Willem que conheci, o ator itinerante e viajante, com um estudante de uma faculdade com honorarias, e, mais uma vez, me dou conta do pouco que conheço essa pessoa.

— Durante um ano. Antes de eu vir para cá. Ele estudava economia, acho.

— E o que aconteceu? — Quero dizer com a faculdade, mas ela começa a me contar sobre Ana Lucia. Que ela e Willem reataram no ano passado, mas então ela descobriu que, o tempo todo, ele a estava traindo com uma garota francesa. Ela é muito casual sobre o assunto, como se nada disso fosse muita surpresa.

No entanto, minha cabeça está rodando. Willem fazia faculdade aqui. Estudava economia. Assim, levo alguns minutos para digerir a última parte. A parte de trair Ana Lucia com uma garota francesa.

— Uma garota francesa? — repito.

— É. Aparentemente, Willem se encontraria com ela em algum lugar secreto na Espanha, eu acho. Ana Lucia o viu comprando passagens no computador dela, e achou que estivesse planejando levá-la de surpresa, pois ela tem parentes lá. Então ela cancelou as férias na Suíça e contou à família sobre isso, e daí eles planejaram uma grande festa para, no final, descobrirem que as passagens não eram para ela. Eram para a garota francesa. Ela surtou, confrontou-o bem no meio do campus; foi uma cena e tanto. Desde então ele não apareceu mais, obviamente. Tem certeza de que não precisa de gelo para sua cabeça?

Afundo na varanda ao lado dela. Céline? Ela alegou que não o via desde o ano passado. Mas ela disse muitas coisas. Incluindo que nós duas éramos apenas portos que Willem visitava de vez em quando. Talvez houvesse muitas de nós por aí. Uma garota francesa. Ou duas, ou três. Uma espanhola. Uma americana. Uma ONU de garotas acenando de seus portos. Penso nas palavras de despedida de Céline para mim, e agora elas parecem ameaçadoras.

Eu sempre soube que Willem era um jogador e que eu era uma entre muitas. Mas agora também sei que ele não me abandonou naquele dia. Ele me escreveu um bilhete. Ele tentou me encontrar, por mais indiferente que fosse.

Penso no que minha mãe disse. Sobre ser grata pelo que se tem em vez de desejar aquilo que se imagina querer. Aqui, no campus por onde um dia ele caminhou, acho que finalmente entendo do que ela estava falando. Acho que finalmente compreendo o verdadeiro significado de desistir quando se está ganhando.

Amsterdã

Momento de seguir em frente. Esse é o meu lema. Sem arrependimentos. E sem voltar atrás.

Cancelo o trecho Paris-Londres do meu voo para casa, a fim de poder voar direto de Londres. Não quero voltar a Paris. Quero ir a outro lugar. Tenho mais cinco dias na Europa, e há todas essas companhias aéreas de baixo custo. Eu poderia ir para a Irlanda. Ou a Romênia. Poderia pegar um trem para Nice e passar um tempo com a trupe australiana. Poderia ir a qualquer lugar.

Mas, para ir a qualquer desses lugares, preciso ir a Amsterdã. Então, é para lá que eu vou primeiro. De bicicleta cor-de-rosa.

Quando fui devolver a bicicleta a Saskia, juntamente com uma caixa de chocolates para dizer obrigada, disse a ela que não precisava que me desse a informação de contato de Robert-Jan.

— Encontrou o que precisava? — perguntou.

— Sim e não.

Ela pareceu compreender. Pegou os chocolates, mas me pediu para ficar com a bicicleta. Não pertencia a ninguém, e eu precisaria dela em Amsterdã, e poderia levá-la comigo no trem ou repassá-la para alguém.

— A Bicicleta Branca cor-de-rosa — disse eu.

Ela sorriu.

— Sabe sobre a Bicicleta Branca?

Confirmei com um balanço de cabeça.

— Gostaria que ela ainda existisse.

Pensei em minhas viagens, sobre todas as coisas que as pessoas me repassaram: amizade, ajuda, ideias, coragem, *macarons*.

— Acho que ainda existe — disse a ela.

Anamiek escreveu instruções para ir de bicicleta de Utrecht até Amsterdã. São apenas 40 quilômetros, e há pistas para bicicletas pelo caminho inteiro e plano. Assim que chegar à parte leste da cidade, vou esperar pela linha de bonde nove e posso simplesmente segui-lo durante todo o trajeto até a estação central, onde a maioria dos albergues baratos está localizada.

Assim que saio de Utrecht, a paisagem se torna industrial e então se transforma em fazendas. As vacas pastando preguiçosamente nos campos verdes, grandes moinhos de pedra; vejo até um fazendeiro usando os tamancos de madeira. Todavia, não demora muito para o bucólico se misturar com os estacionamentos de escritórios, e então estou nas redondezas de Amsterdã, passando por um estádio enorme onde há um letreiro com o nome Ajax, e então a pista de bicicleta me faz ir parar na rua e as coisas ficam um pouco confusas. Ouço o *bring-bring* de um bonde, e é o número nove, exatamente como Anamiek garantira. Sigo as longas faixas passando pelo Oosterpark e o que presumo ser o zoológico — um bando de flamingos cor-de-rosa no meio da cidade —, e então as coisas se embaralham num cruzamento com um grande mercado de pulgas, e eu perco o bonde. Atrás de mim, motocicletas estão buzinando e o tráfego de bicicletas parece duas vezes maior que o de carros, e eu continuo tentando encontrar o bonde, mas os canais parecem todos fazer círculos, cada um se parecendo exatamente como o último, com beiradas altas de pedra e todo tipo de embarcação — de casa flutuante a barco a remo até barcos turísticos cobertos de vidro — em suas águas salgadas. Passo por casas inacreditavelmente estreitas e de telhas triangulares e pequenos cafés aconchegantes, as portas totalmente abertas para revelar as paredes marrons de centenas de anos. Viro à direita e

dou num mercado de flores, os buquês coloridos se abrindo na manhã cinza.

Pego meu mapa e o viro. Esta cidade inteira parece girar em círculos, e os nomes das ruas são como se todas as letras do alfabeto tivessem sofrido um acidente de carro: Oudezijds Voorburgwal. Nieuwebrugsteeg. Completamente perdida, eu pedalo até um cara alto de jaqueta de couro que está colocando o cinto de segurança numa criança loura no banco da bicicleta. Quando olho para o rosto dele, observo melhor, pois ele é outro, apesar de mais velho, clone de Willem.

Peço as direções, e ele me diz para segui-lo até a Praça Dam e de lá me indica para pegar o tráfego estonteante em círculos até Warmoesstraat. Pedalo por uma rua cheia de sex shops provocadores, com suas vitrines sedutoras e chamativas. Ao final do quarteirão, um dos albergues mais baratos da cidade.

O saguão está vibrante de atividades: as pessoas estão jogando bilhar e pingue-pongue, e está acontecendo um jogo de cartas, e todos parecem ter cerveja na mão, apesar de ainda mal ser a hora do almoço. Peço por um dormitório e, sem falar nada, a garota de olhos escuros na recepção pega minhas informações do passaporte e meu dinheiro. No andar de cima, no meu quarto, apesar da placa de PROIBIDO O USO DE DROGAS NOS QUARTOS, o ar está espesso com fumaça de maconha e o cara de olhos turvos está fumando algo com um tubo em um pedaço de papel-alumínio, que tenho certeza de que não é maconha nem algo permitido. Tranco minha mochila no armário, desço as escadas e saio para a rua em direção a um café com acesso à internet.

Pago por meia hora e dou uma olhada nos sites das companhias aéreas baratas. Agora é quinta-feira. Voo para casa, saindo de Londres, na segunda. Há um voo de Lisboa por 46 euros. Um de Milão, e um de algum lugar na Croácia! Dou um busca pela Croácia e olho para fotos de praias rochosas e velhos faróis. Há até hotéis baratos nos faróis. Eu poderia me hospedar num farol. Poderia fazer qualquer coisa.

Não sei quase nada sobre a Croácia, então resolvo ir até lá. Pego meu cartão de débito para pagar a passagem, mas percebo que um novo e-mail aparece na outra janela que abri. Dou uma olhada. É de Wren. A linha do assunto diz ONDE VOCÊ ESTÁ?

Respondo rapidamente que estou em Amsterdã. Quando disse adeus a Wren e à gangue australiana em Paris, na semana passada, ela estava planejando pegar um trem para Madri, enquanto Kelly e a trupe iam para Nice, e conversavam sobre talvez se encontrarem em Barcelona, de modo que fico um pouco surpresa quando, trinta segundos depois, recebo um e-mail dela de volta que diz: NÃO ACREDITO! EU TAMBÉM! A mensagem tem o número do celular dela.

Estou fazendo uma careta ao ligar para ela.

— Eu sabia que você estava aqui — diz ela. — Podia sentir! Onde você está?

— Num café na Warmoesstraat. Onde você está? Achei que estivesse indo para a Espanha!

— Mudei meus planos. Winston, estamos muito longe de Warmoeestraat? — grita ela. — Winston é o cara bonitinho que trabalha aqui — sussurra para mim. Ouço uma voz masculina ao fundo. Então Wren dá um gritinho. — Estamos, tipo, a cinco minutos uma da outra. Encontre-se comigo na Praça Dam, em frente à torre branca que se parece com um pênis.

Fecho a janela do navegador e dez minutos depois estou abraçando Wren como se ela fosse uma parente de quem perdi contato há muito tempo.

— Cara, esse Santo Antônio trabalha rápido — diz ela.

— Eu é que o diga!

— Então, o que aconteceu?

Conto rapidamente a história de encontrar Ana Lucia, quase encontrar Willem e resolver não encontrá-lo.

— Então agora vou para a Croácia.

Ela parece decepcionada.

— Vai? Quando?

— Ia voar amanhã de manhã. Estava para reservar a passagem quando você ligou.

— Ah, fique mais alguns dias. Podemos nos aventurar juntas. Podemos alugar bicicletas. Ou uma só bicicleta, e uma de nós vai sentada de lado na garupa, como as garotas holandesas fazem.

— Eu já tenho a *minha* bicicleta — informo. — É cor-de-rosa.

— Tem uma garupa atrás onde posso me sentar?

O sorriso dela é contagiante demais para resistir.

— Tem.

— Ah. Você tem que ficar. Estou num albergue perto de Jordaan. Meu quarto é do tamanho de uma banheira, mas é bonitinho e a cama é dupla. Venha dividi-la comigo.

Levanto os olhos. Está ameaçando chover de novo, e está congelando para agosto e a internet informa que na Croácia está fazendo em torno dos 20 graus e ensolarado. Mas Wren está aqui, e quais são as chances de isso acontecer? Ela acredita em santos. Eu acredito em acaso. Acho que, basicamente, acreditamos nas mesmas coisas.

Tiramos as coisas do meu quarto no albergue, onde aquele cara a esta altura já desmaiou, e as transferimos para o outro albergue. É muito mais aconchegante que o meu, principalmente pelo fato de aquele Winston alto, moreno e sorridente estar lá para cuidar de nós. No andar de cima, a cama dela está coberta de guias, não só da Europa, mas do mundo todo.

— O que é tudo isso?

— Winston me emprestou. São para minha lista de desejos.

— Lista de desejos?

— Todas as coisas que eu quero fazer antes de morrer.

Aquela coisa obscura e curiosa que Wren disse assim que nos conhecemos em Paris me vem à cabeça novamente: *eu conheço hospitais*. Só conheço Wren há um dia e meio, mas isso é suficiente para que a ideia de perdê-la seja inconcebível. Ela deve ver algo em meu rosto, pois toca meu braço suavemente.

— Não se preocupe. Tenho planos para viver muito tempo — diz ela.

— Por que está fazendo uma lista de desejos, então?

— Porque, se esperar até estar realmente morrendo, será tarde demais.

Olho para ela. *Conheço hospitais*. Os santos.

— Quem? — pergunto gentilmente.

— Minha irmã, Francesca. — Ela puxa um pedaço de papel. Ele tem vários títulos e localizações, *La Belle Angèle* (Paris), *The Music Lesson* (Londres), *The Resurrection* (Madri). E por aí vai.

— Não entendo — devolvo o papel a ela.

— Francesca não teve muita chance de ser boa em várias coisas, mas era uma artista absolutamente dedicada. Ela ficava no hospital, com um cateter de químio num braço, um bloco de desenho no outro. Ela fez centenas de pinturas e desenhos, seu legado, e gostava de dizer que, quando morresse, pelo menos eles viveriam, mesmo que fosse no sótão.

— Nunca se sabe — digo, pensando em todas as pinturas e esculturas naquele *squat* de arte que um dia poderiam estar no Louvre.

— Bem, é exatamente isso. Ela encontrou muito conforto no fato de artistas como Van Gogh e Vermeer serem obscuros na vida, mas famosos na morte. E queria ver a pintura deles pessoalmente, então, da última vez que estava em remissão, fizemos uma viagem

até Toronto e Nova York para ver várias delas. Depois disso, ela fez uma lista ainda maior.

Dou uma olhada de novo na lista.

— Qual pintura está aqui? Um Van Gogh?

— Havia um Van Gogh na lista dela. *A Noite Estrelada*, que vimos juntas em Nova York, e tem alguns Vermeers aqui, apesar de ela gostar mesmo de estar em Londres. Mas esta é a lista dela, e ficou em posição secundária desde Paris.

— Não entendo.

— Amo Francesca e verei essas pinturas para ela um dia. Passei grande parte da minha vida à sombra dela. Tinha que ser assim. Mas agora ela se foi e é como se eu ainda vivesse à sombra dela, sabe?

Estranhamente, eu meio que sei. Concordo.

— Aconteceu alguma coisa quando a vi em Paris. Você é uma garota normal fazendo algo meio maluco. Você me inspirou. Eu mudei meus planos. E agora comecei a me perguntar se conhecer você não seria o principal propósito de eu estar fazendo esta viagem. Que talvez Francesca, os santos, todos eles quisessem que nos encontrássemos.

Fico arrepiada com isso.

— Você acha mesmo?

— Acho que sim. Não se preocupe, não vou contar aos meus pais que você é o motivo de eu voltar para casa um mês depois. Eles já estão um pouquinho bravos.

Eu rio. Entendo isso também.

— E então, o que tem na sua lista?

— É muito menos nobre do que a de Francesca. — Ela pega o diário de viagem e tira um pedaço de papel amassado. — *Beijar um garoto no topo da Torre Eiffel. Rolar num campo de tulipas. Nadar*

com golfinhos. Ver as luzes do Norte. Escalar um vulcão. Cantar numa banda de rock. Costurar minhas próprias botas. Cozinhar um banquete para 25 amigos. É um trabalho contínuo. Continuo adicionando coisas a ela, e já tive alguns obstáculos. Vim aqui por causa dos campos de tulipa, mas elas só florescem na primavera. Então agora vou ter que fazer outra coisa. Ah, bem. Acho que consigo ver as luzes do Norte num lugar chamado Bodø, na Noruega.

— Conseguiu beijar um garoto no topo da Torre Eiffel?

Os lábios dela se curvam para cima, num sorrisinho de duende levemente enfeitiçado.

— Beije. Subi lá na manhã em que você foi embora. Havia um grupo de italianos. Eles são bem prestativos, esses italianos. — Ela abaixa a voz até o tom de murmúrio. — Eu nem peguei o nome dele.

— Às vezes não é necessário — murmurei de volta.

Almoçamos em um restaurante indonésio que serve aquelas refeições *rijsttafel* enormes, comemos até ficar tontas, e, enquanto estamos nos equilibrando na bicicleta, tenho uma ideia. Não são os campos de flores de Keukenhof, mas talvez sirva. Ficamos perdidas por mais ou menos vinte minutos até eu encontrar o mercado de flores pelo qual tinha passado esta manhã. Os vendedores estão fechando os quiosques e deixando para trás um monte de sobras. Wren e eu pegamos várias delas e as colocamos sobre a calçada curvada acima da beira do canal. Ela rola por cima delas, feliz da vida. Eu rio e tiro algumas fotos com a câmera dela e com meu celular e mando para minha mãe por mensagens de texto.

Os vendedores olham para ela com um leve encantamento, como se esse tipo de coisa acontecesse pelo menos duas vezes por semana. Então um cara grande e barbado, usando suspensórios sobre o início de uma barriga protuberante, aparece com um pouco de lavanda seca.

— Ela pode ficar com isto também.

— Aqui, Wren. — Jogo as flores roxas cheirosas na direção dela.

— Obrigada — digo ao homem. Então explico a ele sobre Wren e sua lista de desejos e os grandes campos de tulipa que agora estão fora da estação, por isso temos que nos contentar com aquilo.

Ele olha para Wren, que está tentando tirar as pétalas e folhas de seu suéter. Enfia a mão no bolso e tira um cartão.

— Tulipas em agosto não são fáceis de encontrar. Mas, se você e sua amiga não se importarem de acordar cedo, talvez eu consiga um pequeno campo cheio delas.



Na manhã seguinte, Wren e eu colocamos o relógio para despertar às quatro da manhã e, quinze minutos depois, descemos as escadas até a rua deserta para encontrar Wolfgang nos esperando em seu minicaminhão. Todos os avisos que meus pais já tinham me dado sobre não entrar em carros com estranhos vieram à tona, mas percebo, por mais improvável que seja, que Wolfgang não é um estranho. Nós três nos esprememos no banco da frente enquanto seguimos em direção a uma estufa em Aalsmeer. Wren está praticamente pulando de animação, o que parece incomum para as quatro e quinze da manhã, e ela ainda não comeu nada, apesar de Wolfgang, atenciosamente, ter trazido uma garrafa térmica com café, além de ovos cozidos e pão.

Passamos a viagem ouvindo música popular europeia brega e as histórias de Wolfgang ter passado trinta anos na Marinha Mercante antes de se mudar para o bairro de Jordaan, em Amsterdã.

— Sou alemão de nascimento, mas serei holandês quando morrer — diz ele, com um grande sorriso cheio de dentes tortos.

Às cinco da manhã, chegamos a Bioflor, que não tem nada a ver com as fotos dos jardins de Keukenhof, com seus tapetes coloridos, mas, em vez disso, se parece com algum tipo de fazenda industrial. Olho para Wren e dou de ombros. Wolfgang entra e estaciona ao lado de uma estufa do tamanho de um campo de futebol com uma fileira de painéis solares em cima. Um cara de rosto avermelhado chamado Jos nos cumprimenta. E então ele destranca a porta, e Wren e eu perdemos o fôlego.

Há fileiras e fileiras de flores de todas as cores. Muitos metros delas. Andamos por caminhos estreitos entre os canteiros, o ar espesso com umidade e esterco, até Wolfgang apontar para uma seção de tulipas em tons fúcsia, cor de sol e uma mistura cítrica maravilhosa parecida com uma laranja-de-sangue. Eu me afasto, deixando Wren com suas flores.

Ela fica lá durante um tempo. Então a ouço dizer:

— *Incrível*. Consegue *ver* isto? — Wolfgang olha para mim, mas não respondo porque acho que não é conosco que ela está falando.

Wren anda por esta estufa, e por outra cheia de junquinhos cheirosos, e eu tiro várias fotos. E então Wolfgang tem que ir embora. Berramos canções do Abba durante todo o caminho de volta, Wolfgang dizendo que Abba significa felicidade em esperanto, e que a ONU deveria tocar as músicas deles nas assembleias gerais.

Só quando chegamos ao depósito fora de Amsterdã é que percebo que a traseira do caminhão de Wolfgang ainda está vazia.

— Não comprou flores para o seu quiosque?

Ele balança a cabeça.

— Ah, não compro flores diretamente dos agricultores. Compro em leilão, através de atacadistas que entregam aqui. Ele aponta para onde as pessoas estão carregando os caminhões com flores.

— Quer dizer que teve todo esse trabalho de ir até lá por nós? — pergunto.

Ele levanta os ombros de leve, como se dissesse “obviamente, e por que mais?”. E, a esta altura, eu definitivamente não tinha o direito de me surpreender com a generosidade e a bondade das pessoas, mas, mesmo assim, me surpreendo. Fico chocada toda vez.

— Podemos levá-lo para jantar hoje à noite? — pergunto.

Ele balança a cabeça.

— Hoje à noite, não. Vou ver uma peça no Vondelpark. — Ele olha para nós. — Deveriam vir. É em inglês.

— Por que uma peça de teatro na Holanda seria em inglês? — pergunta Wren.

— Essa é a diferença entre os alemães e os holandeses. — responde ele. — Os alemães traduzem Shakespeare. Os holandeses o deixam em inglês.

— Shakespeare? — pergunto, sentindo todos os pelos do meu corpo se arrepiarem. — Qual a peça?

E, antes de Wolfgang terminar de me dizer o título, começo a rir. Porque é simplesmente impossível. É menos provável do que encontrar uma agulha num palheiro. Menos provável do que encontrar uma estrela numa constelação. É menos provável do que encontrar aquela pessoa entre os bilhões de pessoas às quais você poderá amar.

Esta noite, porém, em cartaz no Vondelpark, está *Como Gostais*. E sei, com uma certeza absoluta para a qual não tenho explicação, mas pelo que poderia apostar minha vida, que ele fará parte dela.

E então, um ano depois, encontro-o como o encontrei da primeira vez: num parque, no mormaço do entardecer, declamando as palavras de William Shakespeare.

Mas esta noite, depois desse ano inteiro, tudo está diferente. Não é Will Guerrilheiro. Esta é uma produção de verdade, com um palco, poltronas, luzes e público. Um grande público. Tão grande que, quando chegamos lá, somos desviados para uma parede baixa na ponta de um pequeno anfiteatro.

E este ano ele não está mais fazendo algum papel coadjuvante. Este ano ele é o astro. Ele é Orlando, como eu sabia que seria. Ele é o primeiro ator a entrar no palco, e, a partir daquele momento, domina tudo. Ele fascina. Não só a mim. A todos. O silêncio cai sobre a multidão assim que ele faz o primeiro monólogo e continua por todo o restante da apresentação. O céu escurece, e as mariposas e os mosquitos dançam nos holofotes, e o Vondelpark de Amsterdã é transformado na Floresta das Ardenas, um lugar mágico onde o que se perdeu pode ser encontrado.

Enquanto assisto a ele, é como se houvesse só nós dois. Apenas Willem e eu. Tudo o mais desaparece. O som das campainhas das bicicletas e dos apitos dos bondes desaparece. Os mosquitos zunindo ao redor da fonte do lago desaparecem. Os outros atores desaparecem. O último ano desaparece. Todas as minhas dúvidas desaparecem. O sentimento de estar no caminho certo me preenche. Eu o encontrei. Aqui. Como Orlando. Tudo me trouxe a este ponto.

O Orlando dele é diferente daquele que interpretamos na aula ou da maneira como o ator de Boston representou. O dele é sexy e vulnerável, o desejo por Rosalinda é tão palpável que se torna físico, o feromônio que exala dele e se espalha pelo redemoinho

dos refletores, aterrissando sobre minha pele úmida e receptiva. Sinto meu desejo, minha saudade, e, sim, meu amor saindo de mim em pulsações, nadando em direção ao palco, onde as imagino alimentando-o, como fios condutores.

Ele não tem como saber que estou aqui. Mas, por mais louco que isso possa parecer, sinto que sabe. Tenho a sensação de que ele me sente nas palavras que diz, da mesma maneira que o senti quando as recitei na aula do professor Glenny.

Eu me lembro de tantas das frases de Rosalinda, e de Orlando também, que posso balbuciá-las junto com os atores. É como se fosse um coro particular de pergunta-e-resposta entre Willem e eu.

Desejo que estejas convosco a pouca força que tenho.

Boa sorte; peças ao céu que eu tenha me enganado sobre tua sorte.

Nesse caso, dê a mim o teu amor, Rosalinda.

E me aceitarias como esposo?

Tu és um bom homem?

Creio que sim.

Diga-me, quanto tempo pretendes ficar com ela depois que ela for tua?

Para sempre e mais um dia.

Para sempre e mais um dia.

Seguro a mão de Wren numa das minhas mãos e a de Wolfgang na outra. Fazemos uma corrente, nós três. Ficamos lá desse jeito até a peça terminar. Até todos terem seu final feliz: Rosalinda se casa com Orlando, e Célia se casa com Olivério, que faz as pazes com Orlando, e Febe se casa com Sílvio, e o duque malvado é afastado, e o duque exilado volta para casa.

Depois de Rosalinda fazer seu monólogo final, a peça termina e as pessoas estão enlouquecidas, absolutamente malucas, batendo palmas e assoviando, e eu me viro e jogo meus braços ao redor de Wren e, em seguida, de Wolfgang, pressionando minha bochecha contra o tecido áspero de algodão da camisa dele, inalando o cheiro da fumaça do tabaco misturado ao néctar das flores e à sujeira. E então alguém está me abraçando, os caras barulhentos ao nosso lado.

— Aquele é meu melhor amigo! — grita um dos caras. Ele tem olhos azuis travessos e uma cabeça menor do que os outros, mais um *hobbit* do que um holandês.

— Quem? — pergunta Wren. Ela agora é passada pela roda de abraços dos caras holandeses barulhentos e, aparentemente, bêbados.

— Orlando! — diz o *hobbit*.

— Ah! — diz Wren, os olhos tão arregalados e pálidos que brilham como pérolas. — Ah! — diz para mim.

— Por acaso você não seria Robert-Jan, seria? — pergunto.

O *hobbit* parece surpreso por um segundo. Então simplesmente sorri.

— Broodje para meus amigos.

— Broodje — Wolfgang gargalha. Ele se volta para mim. — É um tipo de sanduíche.

— Que o Broodje adora comer — diz um dos amigos dele, batendo na barriga.

Broodje/Robert-Jan afasta a mão da barriga.

— Vocês deveriam vir à nossa festa hoje à noite. Será uma festa para arrasar todas as festas. Ele estava fantástico, não estava?

Wren e eu balançamos a cabeça. Broodje/Robert-Jan começa a falar do quanto Willem estava maravilhoso, e então seus amigos

dizem algo para ele em holandês, alguma coisa, acho, sobre Willem.

— O que ele disse? — cochicho para Wolfgang.

— Ele disse que não via Orlando tão feliz desde, não ouvi direito, algo sobre o pai dele.

Wolfgang tira um pacote de tabaco de uma bolsa de couro e começa a enrolar um cigarro. Sem olhar para mim, ele diz, com uma voz grave:

— Acho que os atores saem por lá. — Ele aponta para um portãozinho de metal ao lado do palco.

Ele acende o cigarro. Seus olhos brilham. Aponta para o portão de novo.

Sinto como se meu corpo não fosse mais uma matéria sólida. É uma partícula de poeira. É pura eletricidade. Ele me faz atravessar dançando pelo teatro, em direção ao lado do palco. Há uma multidão de fãs esperando pelos atores. Pessoas segurando buquês de flores, garrafas de champanhe. A atriz que interpretou Célia sai para os cumprimentos e abraços. Em seguida vem Jacques, depois Rosalinda, que recebe uma porção de buquês. Meu coração começa a bater com força. Será que chegaria tão perto e o perderia de vista?

Mas, então, eu o escuto. Ele está, como sempre, rindo de alguma coisa que alguém disse. E então vejo o cabelo dele, mais curto do que antes, seus olhos, escuros e claros ao mesmo tempo, seu rosto, uma pequena cicatriz na bochecha, o que apenas o torna ainda mais absurdamente lindo.

Minha respiração fica presa na garganta. Achei que fosse eu que o embelezasse. Mas, de fato, o oposto é verdadeiro. Tinha me esquecido do quanto ele é verdadeiramente lindo. Intrinsecamente Willem.

Willem. O nome dele se forma em minha garganta.

— Willem! — O nome dele sai alto e claro.

Mas não foi minha voz que o pronunciou.

— Willem!

Ouçó a voz de novo. E então vejo a mancha de um movimento. Uma garota sai correndo de dentro da multidão. As flores que está carregando caem no chão no momento em que ela se joga nos braços dele. E ele a abraça. Ele a ergue do chão, a segura com força. Os braços dele se enroscam nos cabelos vermelhos dela, e ele ri de seja lá o que for que ela está cochichando no ouvido dele. Eles rodopiam, um laço de felicidade. De amor.

Fico lá pregada no chão, assistindo a essa manifestação pública de amor. Finalmente, alguém vem até Willem e bate em seu ombro, e a garota escorrega até o chão. Ela pega as flores — girassóis, exatamente o que eu teria escolhido para ele — e tira a poeira. Willem escorrega um braço bobo em volta da cintura dela e lhe beija a mão. Ela enrosca o braço em volta da cintura dele. E, então, eu me dou conta de que não estava errada com relação ao amor que emanava dele durante a apresentação. Só estava errada sobre para quem era.

Saem caminhando, tão perto que posso até sentir a brisa quando ele passa ao meu lado. Estamos muito perto, mas ele está olhando para ela, então, nem me vê. Eles saem, de mãos dadas, em direção a um mirante, longe da baderna. Eu simplesmente permaneço lá.

Sinto um tapinha gentil em meu ombro. É Wolfgang. Ele olha para mim, meneia a cabeça.

— Acabou? — pergunta.

Olho de volta para Willem e a garota. Talvez esta seja a garota francesa. Ou alguém totalmente novo. Estão sentados olhando um para o outro, joelhos encostados, conversando, de mãos dadas. É como se o restante do mundo não existisse. Era assim que eu me sentia quando estava com ele no ano passado. Talvez, se alguém de fora tivesse nos visto na ocasião, fosse exatamente assim que

parecêssemos. Mas agora sou eu a pessoa de fora. Olho para eles novamente. Mesmo daqui, posso dizer que ela é alguém especial para ele. Alguém que ele ama.

Espero pelo primeiro golpe de destruição, pelo colapso de um ano de esperanças, pelo rugido da tristeza. E então sinto a dor de perdê-lo. Ou a ideia dele. Mas juntamente com a dor há algo mais, a princípio silencioso, de modo que tenho que me esforçar para segurá-lo. Ao fazê-lo, ouço o som de uma porta se fechando suavemente. E a coisa mais surpreendente de todas acontece: a noite está calma, mas sinto um fluxo de vento, como se milhares de outras portas tivessem acabado de se abrir de uma só vez.

Dou uma última olhada em direção a Willem e a garota. Então me viro para Wolfgang.

— Acabei! — respondo.

Mas suspeito que o oposto seja verdade. Que, de fato, eu esteja apenas começando.

Acordo com o sol brilhante e intenso. Dou uma olhada rápida no despertador. É quase meio-dia. Em quatro horas, vou embora. Wren resolveu ficar mais alguns dias. Há um monte de museus esquisitos que ela acabou de descobrir e quer ver, um dedicado à tortura medieval, outro a bolsas de mão, e Winston lhe contou que conhece alguém que pode ensiná-la a costurar sapatos, o que poderá mantê-la aqui por mais uma semana. Mas eu tenho só mais três dias e resolvi ir à Croácia.

Só chegarei lá à noite e terei que partir logo cedo na segunda-feira para conseguir pegar meu voo de volta para casa. Assim, terei só um dia inteiro lá. Mas agora sei o que pode acontecer em apenas um dia. Absolutamente qualquer coisa.

Wren acha que estou cometendo um erro. Ela não viu Willem com a garota, e fica argumentando que ela poderia ser qualquer uma: a irmã dele, por exemplo. Não digo a ela que Willem, assim como eu, assim como a própria Wren agora, é filho único. Ontem, durante a noite toda, ela me implorou para ir à festa, para ver o que aconteceria.

— Sei onde é. Robert-Jan me disse. É na, ah, não consigo lembrar o nome da rua, mas ele disse que significa “cinto” em holandês. Número um oito nove.

Levantei a mão.

— Pare! Não quero ir.

— Mas só imagine — disse ela. — E se você nunca tivesse conhecido Willem, e Broodje nos convidasse para a festa, e nós fôssemos, e vocês dois se encontrassem lá pela primeira vez e se apaixonassem? Talvez seja isso que aconteça.

É uma boa teoria. E não consigo deixar de pensar em como seria se isso acontecesse. Será que nos apaixonaríamos se nos conhecêssemos hoje? Será que, para começar, eu realmente o amo? Ou foi somente paixão cega alimentada pelo mistério?

Mas estou começando a me perguntar outra coisa. Se talvez a razão de toda essa busca maluca na qual estou envolvida não fosse me ajudar a encontrar Willem. Talvez fosse me ajudar a encontrar alguém totalmente diferente.



Estou me vestindo quando Wren abre a porta, segurando uma sacola de papel.

— Oi, dorminhoca. Fiz café da manhã para você. Ou melhor, Winston fez. Ele disse que é bem holandês.

Pego a sacola.

— Obrigada. — Olho para Wren, que está sorrindo como uma boba. — Winston, hein?

Agora ela está ruborizada.

— Ele acabou de sair do trabalho e vai me levar para dar uma volta de bicicleta e me apresentar ao amigo sapateiro assim que você partir — diz ela, o sorriso agora ameaçando cortar seu rosto ao meio. — E amanhã ele diz que tenho que ir ver um jogo do Ajax com ele. — Ela faz uma pausa para pensar. — Não estava na minha lista, mas nunca se sabe.

— Não, nunca se sabe. Bem, devo ir logo. Deixar você ir até o seu, humm, sapateiro.

— Mas seu voo ainda vai demorar muito.

— Tudo bem. Quero ter bastante tempo, e ouvi dizer que o aeroporto é fantástico.

Empacoto o restante das minhas coisas e desço com Wren. Winston aponta na direção da estação de trem.

— Tem certeza de que não quer que eu vá com você até a estação ou ao aeroporto? — pergunta Wren.

Balanço a cabeça. Quero ver Wren sair de bicicleta cor-de-rosa como se eu fosse vê-la de novo amanhã. Ela me dá um abraço apertado e então me beija três vezes, como os holandeses fazem.

— *Tot ziens* — diz ela. — Quer dizer “até mais tarde” em holandês, pois não estamos dizendo adeus.

Eu engulo o nó na garganta. E então Winston sobe em sua bicicleta preta e Wren na cor-de-rosa e ambos saem pedalando.

Ajeito minha mochila e faço o caminho mais curto até a estação. Há trens mais ou menos a cada quinze minutos para Schiphol, então eu compro um bilhete e um copo de chá e vou me sentar embaixo do quadro de destinos barulhento para tomar meu café da manhã. Quando vejo o que tem dentro, tenho que rir. Porque Winston me fez um sanduíche de *hagelslag*. Apesar de toda a conversa, nunca experimentei essa iguaria específica.

Dou uma mordida. O *hagelslag* se despedaça, então se derrete dentro da manteiga e do pão ainda morno. E o que fica tem exatamente o gosto dele.

De uma vez por todas, finalmente compreendo o que significa o tempo ser fluido. De repente, todo o ano anterior passa diante de mim, se condensando e se expandindo, de forma que estou aqui em Amsterdã comendo *hagelslag* e, ao mesmo tempo, estou em Paris, a mão dele no meu quadril, e, ao mesmo tempo, estou naquele primeiro trem para Londres, observando o campo passar, e também estou na fila de *Hamlet*. Vejo Willem. Na baía do canal, olhando para mim. No trem, o jeans ainda manchado, eu ainda manchada. No trem para Paris, os milhares de nuances de sua risada.

O quadro de avisos gira, e eu ergo os olhos para ele, e, ao fazê-lo, imagino uma versão diferente do tempo. Uma em que Willem desiste enquanto está ganhando. Uma em que ele nunca faz aquele comentário sobre o meu café da manhã. Uma em que ele apenas se despede na plataforma em Londres em vez de me convidar para ir a

Paris. Uma em que ele nunca faz uma pausa para falar comigo em Stratford-upon-Avon.

E é neste momento que entendo que eu fiquei marcada para sempre. Independentemente de se ainda estou apaixonada por ele, se ele algum dia foi apaixonado por mim e está apaixonado por outra pessoa agora, Willem mudou minha vida. Ele me mostrou como me perder, e então eu mostrei a mim mesma como me encontrar.

Talvez *acaso* não seja a palavra certa, ao final. Talvez seja *milagre*.

Ou talvez não seja um milagre. Talvez seja simplesmente a vida. Quando a gente se abre para ela. Quando se coloca no caminho dela. Quando diz sim.

Como posso chegar até aqui e não dizer isso a ele — ele, que compreenderia perfeitamente —, que, ao me dar aquele panfleto, ao me convidar para desistir de *Hamlet*, me ajudou a perceber que não é *ser* que importa, mas *como ser*?

Como posso chegar até aqui e não ser corajosa?

— Com licença. — digo a uma mulher com um vestido de poá e botas de cowboy. — Existe alguma rua em Amsterdã com nome de cinto?

— *Ceintuurbaan* — responde ela. — Linha de bonde vinte e nove. Bem do lado de fora da estação.

Saio correndo da estação e pulo para dentro do bonde, perguntando ao maquinista onde descer na *Ceintuurbaan* número um oito nove.

— Perto de *Sarphatipark* — responde ele. — Eu lhe mostrarei.

Vinte e nove minutos depois, desço no parque. Dentro, há um pequeno playground com uma grande caixa de areia, e eu me sento embaixo de uma árvore para criar coragem. Algumas crianças estão

dando o toque final num castelo de areia elaborado, com muitos metros de altura, com torres altas, minaretes e fosso.

Levanto-me e começo a caminhar até o prédio. Não estou certa de que ele mora aqui, mas aquela sensação de certeza nunca esteve tão forte. Há três campainhas. Toco a de baixo. Um interfone chia com uma voz de mulher.

— Olá — digo. Antes de dizer qualquer coisa, a porta se abre com um clique.

Entro no saguão escuro e úmido. Uma porta se abre e meu coração dá um sobressalto, mas não é ele. É uma mulher mais velha com um cachorro vira-lata a seus pés.

— Willem? — pergunto a ela. Ela aponta o dedo para cima e fecha a porta.

Subo os degraus íngremes até o segundo andar. Há dois outros apartamentos no prédio, então o dele poderia ser este ou o de cima. Fico parada na soleira da porta por um momento, ouvindo os barulhos vindos do lado de dentro. Está tudo em silêncio, exceto por uma fraca melodia. Meu coração está batendo rápido e forte, como um radar zunindo: sim, sim, sim.

Minha mão treme um pouco ao bater na porta, e, a princípio, o som é fraco, como se estivesse batendo num tronco oco. Então fecho a mão com mais força e bato de novo. Ouço passadas. Lembro-me da cicatriz no pé dele. Era no pé direito ou no esquerdo? Os passos chegam mais perto. Sinto meu coração disparar, duas vezes mais rápido que os passos.

E então a porta se abre e lá está ele.

Willem.

Seu corpo alto faz sombra em mim, assim como fez naquele primeiro dia, naquele único dia, na verdade, quando nos conhecemos. Seus olhos, aqueles olhos escuros, escondendo um espectro de segredos, se arregalam e seu queixo cai. Ouço-o engasgar, chocado.

Ele simplesmente fica ali, seu corpo tomando todo o espaço da porta, olhando para mim como se eu fosse um fantasma, o que suponho que eu seja mesmo. Mas, se há alguma coisa que se sabe sobre Shakespeare, é que os fantasmas sempre voltam para assombrar.

Olho para ele enquanto as perguntas e respostas colidem em seu rosto. Há tanta coisa que quero dizer. Por onde começar?

— Oi, Willem — digo. — Meu nome é Allyson.

Ele não diz nada. Apenas fica lá por um minuto, olhando para mim. E então dá um passo para o lado, abre ainda mais a porta, o suficiente para que eu possa entrar.

E eu entro.

agradecimentos

Este livro começa com Shakespeare, e meus agradecimentos começam com Tamara Glenny, que, assim que contei que estava escrevendo algo contendo Shakespeare, prontamente fez anotações sobre peças para serem analisadas, comprou ingressos para algumas dessas peças, incluindo aquela produção providencial de *Como Gostais*, e respondeu a dúzias de perguntas ridiculamente obscuras com seu bom humor e entusiasmo de costume.

O livro então vai para a França, e eu gostaria de agradecer a Céline Faure e Phillip Robinet, por me ajudarem a descobrir a Paris de Allyson e Willem, e por nem piscarem quando lhes pedi traduções para *shut your piehole*. Laurence Checler graciosamente me ajudou com tantas outras traduções no livro. Marie-Elisa Gramain me ajudou a encontrar o nome perfeito para a banda. Meus agradecimentos também a Taly Meas, pelo tour no hospital; Willy Levitanus, Patricia Roth e Julie Roth, por orquestrarem tudo.

Em seguida vamos à Holanda, e meu agradecimento vai para Heleen Buth e Emke Spauwen, que me ofereceram um tour fantástico por Utrecht e me forneceram detalhes que deram tanta cor às histórias de Allyson e Willem. Meu cunhado, Robert Schambart, me ajudou com muitas legendas em holandês e me permitiu roubar alguns aspectos de sua personalidade, inclusive seu próprio apelido. *Hartelijk bedankt!*

De volta aos Estados Unidos, minha inimitável editora, Julie Strauss-Gabel, mais uma vez me ajudou a descobrir o livro que eu realmente *queria* escrever, e foi uma força constante e otimista em todas as vezes que desanimei, duvidando se conseguiria mesmo escrevê-lo. “Não me preocupo com você”, ela diz frequentemente essas palavras encorajadoras quando fico tão ansiosa que não consigo agir racionalmente. Obrigada por não se preocupar, e por se

preocupar. Obrigada também a outro membro extraordinário do time Dutton: Liza Kaplan, bem como Scottie Bowditch, Danielle Delaney, Deborah Kaplan, Rosanne Lauer, Elyse Marshall, Emily Romero, Don Weisberg; e a toda a equipe da Penguin Young Readers Group: ao surpreendente time de marketing e vendas, ao maravilhoso departamento escolar e bibliotecário, o sempre brilhante departamento de internet, e a todos os fantásticos representantes de área, que acreditam tanto nos autores que publicam.

Sarah Burnes é minha agente, minha advogada, minha "consultora de realidade", minha Mamãe Ursa e, acima de tudo, minha amiga generosa e sábia. Sou grata por ter alguém que entenda todos os meus lados e também meus personagens e livros. A força motriz da equipe de Logan Garrison, Rebecca Gardner e Will Roberts levou meus livros a lugares com que nunca sonhei. Não poderia imaginar uma matilha mais esperta e maravilhosa de buldogues!

Gostaria de agradecer a Isabel Kyriacou, por, entre outras coisas, me ajudar a ser mais proficiente no espanhol. Gostaria de agradecer a toda a minha legião de YA, particularmente Libba Bray e Stephanie Perkins, que me ofereceram terapia "de escritor" em doses suficientes: ouvir muito, combinado com algumas perguntas e comentários criteriosos (acho que eles aceitam a maioria dos seguros). Obrigada também a Nina LaCour, E. Lockhart, Sandy London, Margaret Stohl, Robin Wasserman e quem mais tenha me ouvido falar bobagens sobre o entrelaçamento de tramas complicadas. Obrigada a Onome Edodi-Disowe, Victoria Hill e a todas as mulheres das equipes do BK/BNS, por tomar as rédeas para que eu pudesse soltá-las. Obrigada a Veronica Brodsky, por me ajudar a entender sobre o que este livro realmente é. E a Rebecca Haworth, por fazer a primeira viagem comigo. Tivemos nossos momentos Melanie e sobrevivemos a eles. Obrigada, Marjorie Ingall, por ler, segurar na minha mão e enlouquecer comigo por causa de Shakespeare.

Falando nisso, sei que ele morreu há muito tempo e que não há como receber royalties ou elogios no túmulo, mas devo agradecer a Shakespeare de todo modo, por me dar a surpresa deste livro e por me oferecer a peça que continua funcionando em níveis tão diferentes. Obrigada à Royal Shakespeare Company, por trazer *Como Gostais* a Nova York no momento em que eu estava começando a escrever. Agradeço à Fiasco *Theater Company*, por me fazer olhar para *Cimbelino*, e por toda a ajuda com este livro e com o próximo.

Obrigada a meus pais, por me ensinarem o amor pelas viagens, por sentirem-se orgulhosos quando, uma semana após a formatura na escola secundária, eu parti com uma passagem de ida para a Europa para frequentar a "Universidade da Vida", e por me ensinarem a ser independente o bastante para viajar sozinha, com meu próprio dinheiro, durante os muitos anos seguintes. Obrigada a meus irmãos, Tamar e Greg, por torcerem e apoiarem a irmãzinha e por, cada um a seu modo, me ensinarem a dizer sim. Obrigada a Karen e Detta, Rebecca, Hannah, Liam, Lucy, e a toda a minha família estendida.

Obrigada a todas as pessoas que conheci durante minhas viagens ao longo dos anos, algumas com quem mantive contato, algumas que coloquei neste livro e algumas que mudaram minha trajetória de vida. Sem vocês eu não estaria aqui agora, escrevendo estas palavras.

Agradeço a meus leitores, por fazerem suas malas mentais e virem comigo em mais uma viagem. Sem vocês eu também não estaria aqui agora.

Finalmente, quero agradecer a Nick, Willa e Denbele: é com vocês que viajo agora. E como é louca e maravilhosa esta jornada!

notas

[1] Os Jedi (pronuncia-se *Jedaí*) são personagens da série americana *Star Wars* (*Guerra nas Estrelas*). Constituem uma ordem de guardiões do lado "luminoso" da força. (N. E.)

[2] "Piedade" em inglês. (N. E.)